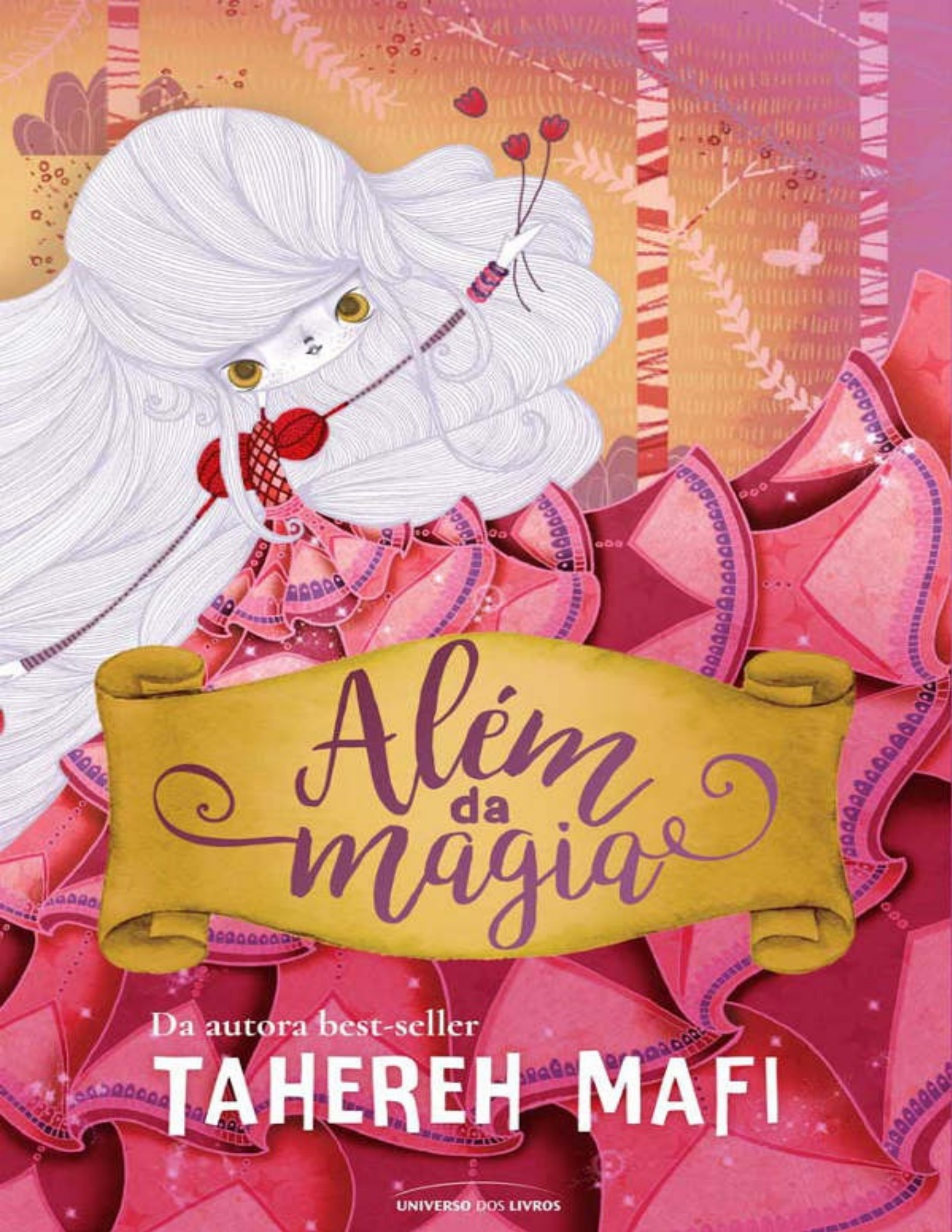
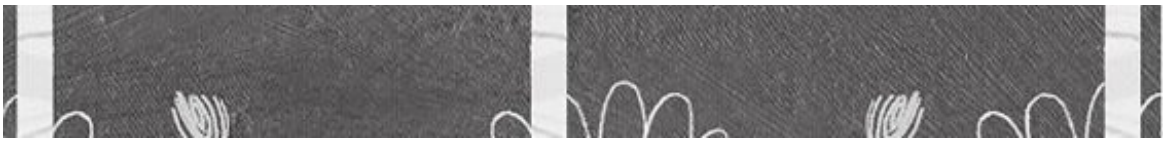


Da autora best-seller

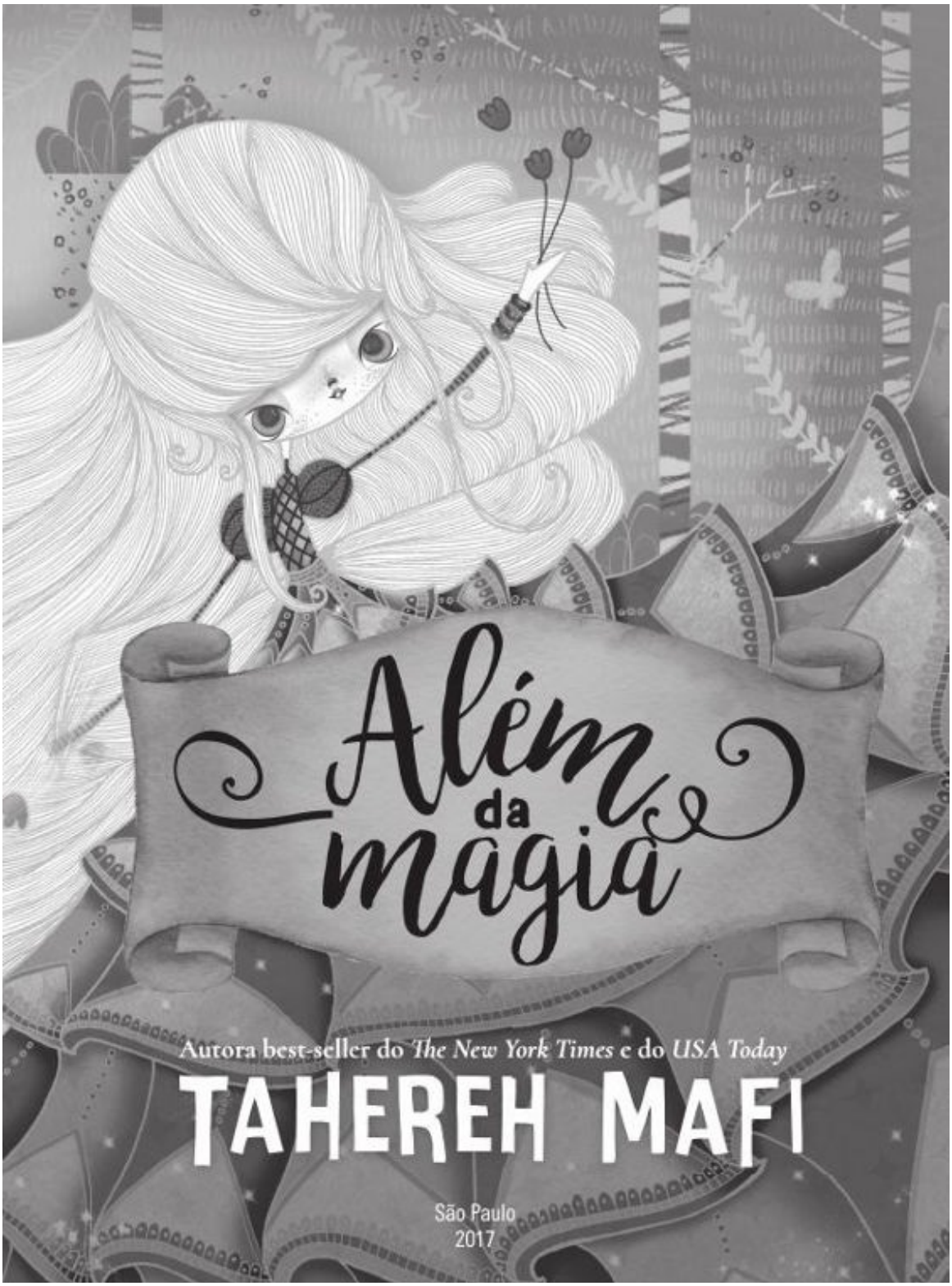
TAHEREH MAFI

UNIVERSO DOS LIVROS


Além
da
magia



Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros


Além da magia
Autora best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*
TAHEREH MAFI
São Paulo
2017


UNIVERSO DOS LIVROS

Furthermore
Copyright © 2016 by Tahereh Mafi
All Rights Reserved.

© 2017 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**
Editora-chefe: **Marcia Batista**
Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**
Tradução: **Mauricio Tamboni**
Preparação: **Luís Protásio**
Revisão: **Mariane Genaro e Cely Couto**
Arte: **Aline Maria e Francine C. Silva**
Projeto gráfico: **Valdinei Gomes**
Diagramação: **Vanúcia Santos (AS Edições)**
Capa: **Marina Ávila**
Ilustrações de capa e miolo: **Juliana Fioresi**
Leitura de Original: **Rayanna Pereira**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M162a

Mafi, Tahereh

Além da magia / Tahereh Mafi ; tradução de Mauricio Tamboni; ilustrações de Juliana Fioresi. – São Paulo : Universo dos Livros, 2017.

368 p. : il.

ISBN 978-85-503-0151-8

Título original: *Furthermore*

1. Literatura infanto-juvenil 2. Contos de fadas I. Título II. Tamboni, Mauricio III. Fioresi, Juliana

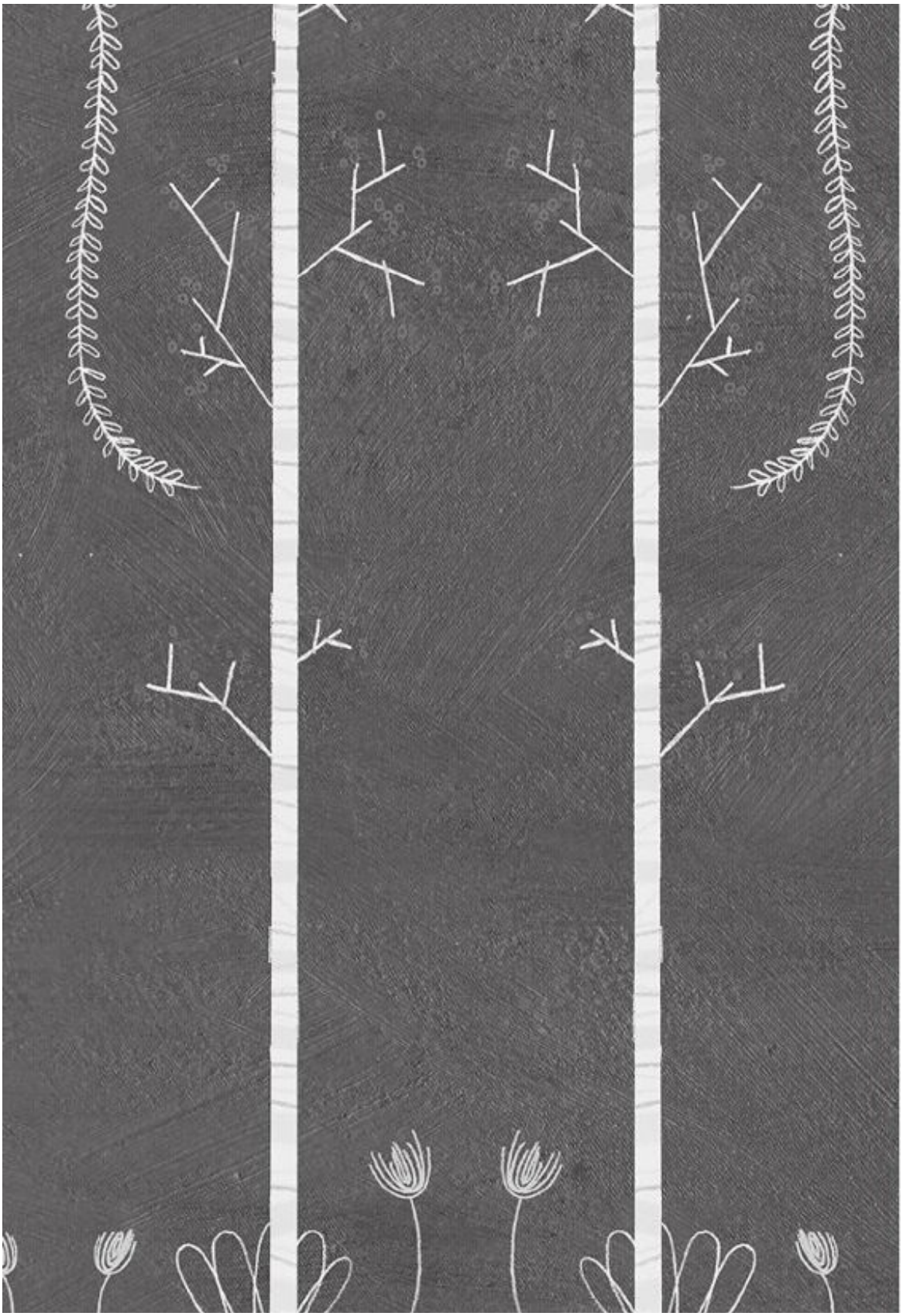
17-0733 CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil


A Ransom,
para sempre





Em algum lugar do tempo*, *uma menina nasceu.

Foi um evento bastante rotineiro.

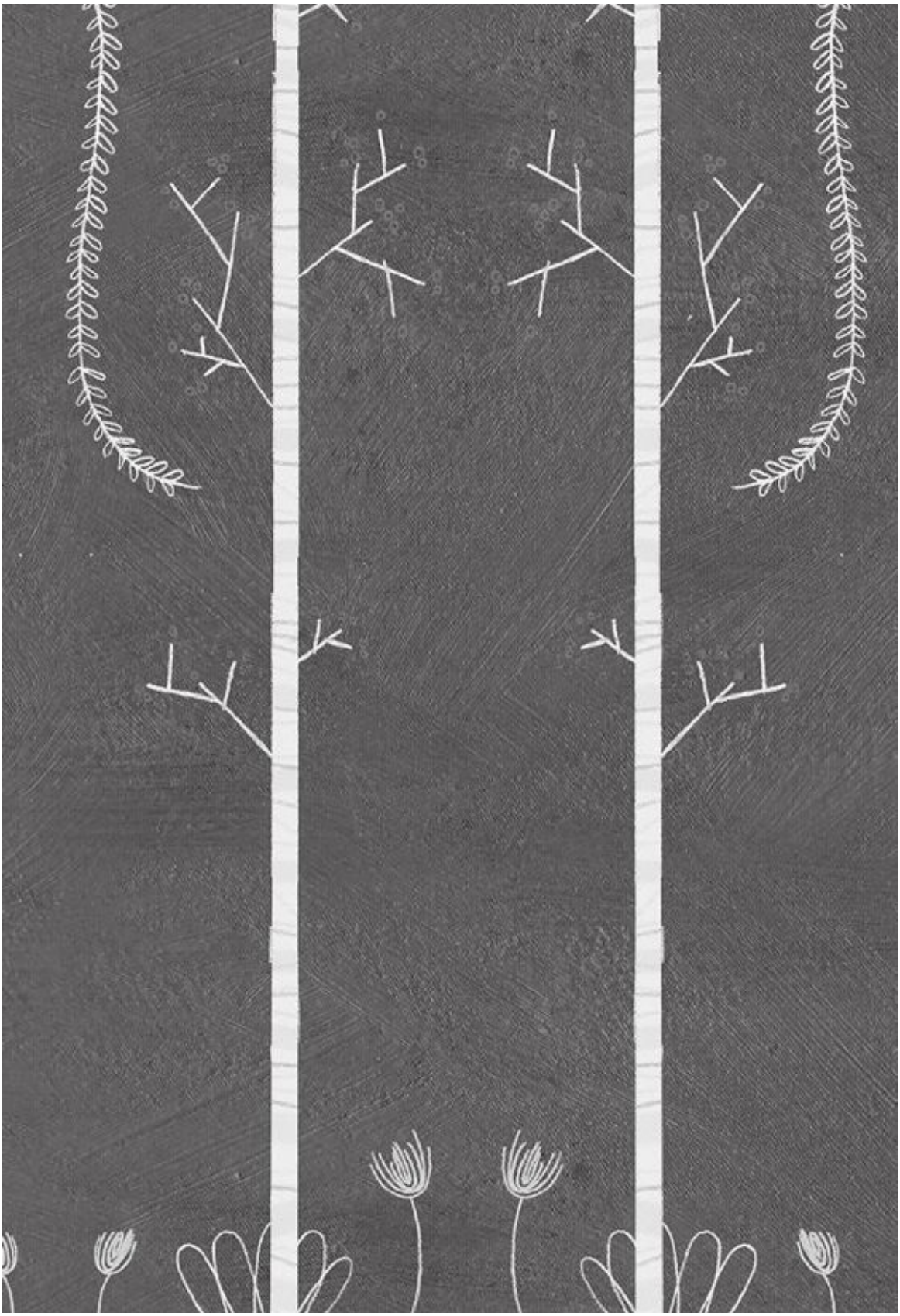
Seus pais ficaram felizes, como costuma acontecer; a mãe contente por ter passado pela gravidez e o pai contente por todo o mistério terminar. Mas, certo dia, eles perceberam que sua filha, à quem haviam dado o nome de Alice, não tinha nenhuma pigmentação. Seus cabelos e pele eram brancos como leite; o coração e a alma leves como seda. Os olhos haviam praticamente sido poupados de cores, traziam apenas o mais discreto toque de mel. Era o tipo de criança que seu mundo seria incapaz de apreciar.

Ferenwood tinha sido construída com base nas cores. Explosões de cores, faixas de cores, cores para dar profundidade, cores para trazer amplitude. Seu povo era conhecido como o mais brilhante de todos – sua criação fora inspirada nos planetas, eles diziam – e a jovem Alice era considerada fraca demais, muito embora não fosse nada fraca.

Em algum lugar do tempo, uma menina foi esquecida.

E assim começa





O sol chovia outra vez.

Suave e forte, sua luz escorria pelo céu, cada gota escavando uma lacuna na estação. O inverno fora constante e previsível, mas agora havia praticamente ficado para trás e a primavera tentava ganhar seu espaço. O mundo estava pronto para uma transformação. O povo de Ferenwood estava animado com a chegada da primavera, mas esse comportamento já era esperado, pois eles sempre gostaram de mudanças previsíveis, palpáveis. Não queriam, por exemplo, que a noite se transformasse em um bolo ou que a chuva se transformasse em um cadarço, porque esse tipo de coisa não faria sentido, e fazer sentido era terrivelmente importante para essa sociedade que havia construído a vida em torno da magia. E, por mais que o povo de Ferenwood tentasse, era difícil para eles compreender a existência de Alice.

Alice era uma menininha e, naturalmente, tudo o que se espera de uma menininha: esperta e cheia de vida e apaixonada pelos mais diversos assuntos. Contudo, faltava-lhe uma coisa muito importante, e era justamente isso – essa falta de alguma coisa importante – que a tornava tão interessante e tão incomum. Vamos tratar melhor desse assunto mais adiante.



Na tarde em que nossa história começa, as coisas mais quietas sobre estar vivo eram as mais agitadas: o vento fazendo as janelas baterem, a luz do dia escorrendo pelas cortinas abertas, a grama recém-cortada fazendo cócegas em pés descalços e sem meias. Dias assim faziam Alice querer dar início a uma grande aventura e – agora com quase 12 anos – ela já tinha quase descoberto como criar uma grande aventura. A cerimônia da Entrega, que acontecia todos os anos, chegaria em poucos dias, e Alice, decidida a vencer, sabia que essa era sua chance de embarcar em uma experiência nova.

Agora ela estava a caminho de casa, ocasionalmente espiando por sobre o ombro para ver a cidade cintilando ao longe. A praça do vilarejo vinha passando por uma pequena transformação nos preparativos para a festividade que estava por chegar, e o clamor das instruções gritadas e das construções erguidas ecoava

pelas colinas. Alice saltava de lajota em lajota, seu rosto banhado pela luz do sol, as mãos tentando segurar aquela luz dourada. A animação na cidade era contagiante e o ar estava tão carregado de promessas que Alice quase conseguia mordê-las. Ela sorriu, bochechas saltadas de alegria, e olhou para o céu. A luz começava a sumir, as nuvens continuavam trabalhando duro para se reunirem, espalhando-se e reencontrando-se, como haviam feito a semana toda. Mais um dia assim, pensou Alice, e tudo mudaria.

Ela mal podia esperar.

Agora entrava na rua principal, um caminho de terra ladeado por vegetação. Segurava uma cesta junto ao corpo enquanto os vizinhos passavam, assentindo, cumprimentando, abanando a mão, e a menina ficou contente por ter se lembrado de se vestir hoje – sua mãe sempre a amolava pedindo para que se vestisse.

Alice puxou uma tulipa do bolso e a mordeu. Sentiu o toque das pétalas na língua, saboreou a textura aveludada, a matiz magenta. Fechou os olhos e lambiscou os lábios antes de morder a haste. Não era exatamente uma haste verde, mas de uma cor mais forte, mais vibrante; havia música naquela cor e Alice pôde sentir o cantarolar dentro de si. Inclinou-se para cumprimentar um fio de grama e sussurrou: “Oi, eu também, eu também, ainda estamos vivos”.

Alice era uma menina peculiar, mesmo para Ferenwood, onde o sol ocasionalmente chovia e as cores eram mais fortes do que o normal e a magia era tão comum quanto o franzir de testa de um pai ou de uma mãe. E sua peculiaridade ficava evidente mesmo nas coisas mais simples que ela fazia, embora essa peculiaridade transparecesse sobretudo em sua incapacidade de andar em linha reta até sua casa. Alice parava muitas vezes, desviando do caminho, respirando fundo e segurando a respiração, egoísta demais para libertar o ar de seus pulmões. Girava e rodopiava as saias com um sorriso tão enorme que chegava a pensar que seu rosto explodiria para desabrochar. Saltitava na pontinha dos pés e só quando não aguentava mais exalava o que não era seu.

Alice cresceria para se tornar uma flor silvestre, Pai certa vez lhe dissera. Uma flor silvestre com saia rodada, cabelos trançados, dançando da cabeça aos pés. Ela sempre torceu para Pai estar certo, para que talvez Mãe tivesse entendido tudo errado, que ela não tinha nascido para ser algo tão complicado, para ter tantas necessidades. Alice de tempos em tempos tinha vontade de se plantar outra vez na terra para ver se dessa vez nasceria algo melhor, talvez um dente-de-leão ou um carvalho ou uma nogueira que ninguém pudesse quebrar. Mas Mãe insistiu (como sempre costumava insistir) que Alice fosse uma menina, então uma menina Alice foi.

Ela não gostava muito de Mãe. Achava-a um pouco antiquada e confusa, e

não gostava de ver Mãe sempre preocupada com paredes e portas e o dinheiro que as mantinha dentro de paredes e portas. Mas Alice também amava Mãe, daquele jeito que as crianças amam. Mãe era doce e calorosa e seus sorrisos brotavam facilmente quando ela olhava para Alice. Raiva e lágrimas também, mas Alice nunca ligava para isso.

Segurou a cesta mais perto do corpo e dançarolou pela estrada com uma música que encontrou em seu ouvido; seus dedos dos pés aqueciam a terra enquanto seus cabelos, pesados demais para a cabeça, tentavam acompanhar o ritmo. Suas pulseiras imitavam a chuva na melodia simples que produziam ao sacolejarem no intervalo entre cotovelos e pulsos. Ela fechou os olhos. Conhecia essa dança como conhecia seu próprio nome; as sílabas a encontravam, empurravam seu quadril com uma intimidade que não podia ser ensinada.

Esse era seu dom, seu talento, seu grande presente a Ferenwood. Era sua passagem para a excelência. Ela vinha treinando fazia anos e anos e estava decidida que todo esse ensaio não seria em vão.

Não seria…

– Oiê! O que você está fazendo?

Alice tomou um belo de um susto. Alguma coisa tropeçou e caiu e ela olhou em volta toda desanimada ao se dar conta de que era ela mesma quem tinha tropeçado e caído. Saias amarrotadas e pulseiras caladas. A luz do sol já tinha ficado para trás. Alice estava atrasada. Mãe ficaria uma fera outra vez.

– Oi! – A mesma voz de antes. – O que você está…?

Enquanto o pânico se instalava, a menina puxou as saias e tateou cegamente na escuridão em busca da cesta. Não fale com estranhos, Mãe sempre dizia – em especial com homens estranhos. *Sentir medo significa que não tem problema nenhum em deixar as boas maneiras de lado. Se sentir medo, não precisa ser gentil, entendeu?*

Alice assentira.

E agora Mãe não estava aqui e Alice não sabia explicar exatamente por que, mas se pegou com medo. E não sentiu a menor necessidade de ser gentil.

No fim das contas, o estranho não era um homem. Parecia mais um menino. Alice queria dizer com muita firmeza para ele ir embora, mas, por algum motivo, pensou que ficar em silêncio significava ficar invisível, então torceu para que seu silêncio de alguma forma tornasse o garoto cego, em vez de mais falante.

Infelizmente, seu desejo pareceu funcionar para os dois.

O sol já havia ido embora e a lua não estava com a menor pressa de tomar seu lugar. A escuridão engolia Alice. Alice, que não conseguia encontrar sua cesta.

E que ficou muito preocupada.

De repente, ela entendeu o que é sentir preocupação e prometeu que nunca

mais julgaria Mãe por viver preocupada. De repente, ela entendeu que isso é muito difícil, isso de ter medo das coisas, e essa coisa de ter medo das coisas toma muito tempo. De repente, ela entendeu por que Mãe raramente conseguia lavar a louça.

– Isso aqui é seu?

Ela se virou um bocadinho e se deparou com um peito bem diante de seu rosto. Havia um peito bem diante de seu rosto e um coração batendo muito forte naquele peito. Ela podia ouvir os tum-tuns, o sangue avançando em fluxos e refluxos. *Não se distraia*, disse a si mesma, implorou a si mesma. *Pense em Mãe*.

Mas, ah…

…Que coração!

…Que sinfonia dentro daquele corpo!

Alice ficou de queixo caído.

O menino havia tocado em seu braço, por isso, de verdade, não restava à Alice escolha senão dar um belo de um soco nele. Suas pulseiras foram úteis nesse esforço. Ela socou e chutou, gritou um pouquinho e arrancou a cesta das mãos dele e correu para casa, sem fôlego e um pouco agitada, agradecendo pela lua enfim decidir aparecer para lhe fazer companhia.

Alice não teve a oportunidade de contar a história a Mãe.

Mãe ficou tão irritada com o atraso de Alice que quase arrancou a mordidas as mãos da filha. Não deu à menina a oportunidade de explicar *por que* sua saia estava suja ou *por que* a cesta voltou para casa rachada (só um pouquinho, de verdade). Mãe fez uma carranca terrível e apontou para uma cadeira à mesa e disse a Alice que, se ela voltasse a se atrasar, daria um nó em seus dedos. Outra vez.

Ah, Mãe vivia fazendo ameaças.

As ameaças faziam Mãe se sentir melhor, mas deixavam Alice entediada. A menina costumava ignorar as ameaças de Mãe (*Se você não tomar o café da manhã, eu vou enfiar você dentro da tromba de um elefante,* ela ameaçou um dia desses e, de certa forma, Alice queria que Mãe realmente fizesse isso), mas, certa vez, Alice tirou as roupas durante o jantar e Mãe ameaçou transformá-la em um menino, e a ameaça a deixou tão assustada que, depois desse dia, Alice passou uma semana inteira totalmente coberta por seus trapinhos. Desde então, a garota se perguntava se seus irmãos tinham nascido meninos ou se tinham sido arteiros o suficiente para merecerem ser transformados em meninos.



Mãe tirava com todo o cuidado as coisas da cesta de Alice, prestando muito mais atenção àqueles itens do que a qualquer um de seus quatro filhos sentados à velha mesa da cozinha. Alice corria as mãos no tampo desgastado, as tábuas alisadas pelos anos de uso. O próprio Pai havia feito essa mesa, e a menina com frequência fingia conseguir se lembrar do dia em que ele a construíra. Isso era bobagem, obviamente; Pai havia feito aquela mesa muito tempo antes de Alice nascer.

Ela olhou na direção do lugar onde ele sempre se sentava. A cadeira estava vazia – como costumava estar nos últimos tempos – e Alice se pegou cabisbaixa, porque a tristeza doía até os ossos. Com algum esforço, conseguiu levantar outra vez a cabeça e, quando fez isso, descobriu que seus irmãos, que tomavam os três outros assentos, olhavam com expectativa para ela, como se ela fosse capaz de

transformar suas túnicas em atum. Em qualquer outra ocasião, ela gostaria de fazer isso, mas agora Mãe estava muito nervosa e Alice não queria dormir com os porcos nesta noite.

Ela começava a perceber que, se por um lado não gostava muito de Mãe, por outro, Mãe tampouco gostava muito dela. Mãe não dava atenção às esquisitices de Alice, não tinha aquela predisposição para gostar dos filhos. Não achava o jeito peculiar deles interessante. Mãe via Alice como uma criança perfeitamente funcional, ocasionalmente absurda, mas, em uma tarde de sinceridade, admitiria que não se importava com os filhos, jamais havia se importado, não mesmo, mas eles ainda estavam ali. (Mãe já dissera muitas coisas boas sobre Alice também, mas nunca as dizia em voz muito alta.)

Alice pegou um broto de seu prato e o levou à boca, deliciando-se com o sabor que se espalhava em sua língua. Ela adorava brotos; na primeira mordida, já se sentiu renovada, pronta para recomeçar. Mãe gostava de mergulhá-los em mel, mas Alice preferia o sabor dos brotos puros. Gostava da verdade: em seus lábios e em sua boca.

A cozinha estava aquecida e aconchegante, mas não muito. Alice e Mãe faziam seu melhor para enfrentar a ausência de Pai, porém, em algumas noites, todas as dores não verbalizadas se empilhavam em seus pratos e a família jantava tristeza ao molho, embora jamais tocasse no assunto.

Mas esta noite não estava tão ruim assim. Nesta noite, o fogão se iluminava em tons de lavanda enquanto Mãe alimentava as chamas e preparava algumas ferenjas que Alice colhera. Não demorou para a casa toda cheirar a figo e hortelã, e Alice se viu certa de que, se tentasse, conseguiria sentir o sabor do ar assim que saísse de seu quarto. Mãe estava sorrindo, enfim contente. As ferenjas sempre conseguiam fazer Mãe lembrar os tempos felizes com Pai, quando tudo era seguro e tudo era bom, dias que há muito tempo ficaram para trás. As frutinhas eram um raro mimo àqueles com sorte suficiente para encontrá-las (as ferenjas eram um tipo de fruta muito difícil de achar), mas, na ausência de Pai, Mãe se tornara obcecada por elas. O problema era que Mãe precisava que *Alice* encontrasse as ferenjas (vou explicar o motivo mais adiante), e Alice sempre as encontrava, porque a vida em casa era tão melhor depois que ela passou a encontrar essas frutinhas…

Nesta noite, a menina se atrasou e agora estava com preguiça e toda desgrenhada, mas em hipótese alguma voltaria para casa sem as ferenjas.

Nesta noite, ela quase não voltou para casa.

Alice sempre teve a impressão de que Mãe a usava para conseguir as frutas. Sabia que elas eram o único remédio capaz de ajudar o coração de sua mãe na ausência de Pai. Alice sabia que Mãe precisava delas, mas não se sentia amada.

E, embora ficasse triste por Mãe, sentia mais pena do que tristeza. Queria que Mãe crescesse – ou talvez encolhesse – e se transformasse na mãe que ela e seus irmãos realmente precisavam. Mas Mãe não podia deixar de ser quem era, então Alice se resignou a amar e desgostar dela exatamente como era, enquanto pudesse suportar essa situação. Em breve, pensava Alice, muito em breve, ela estaria pronta para se tornar uma menina melhor. Uma menina maior. As estações estavam mudando em Ferenwood e Alice já tinha esperado tempo suficiente.

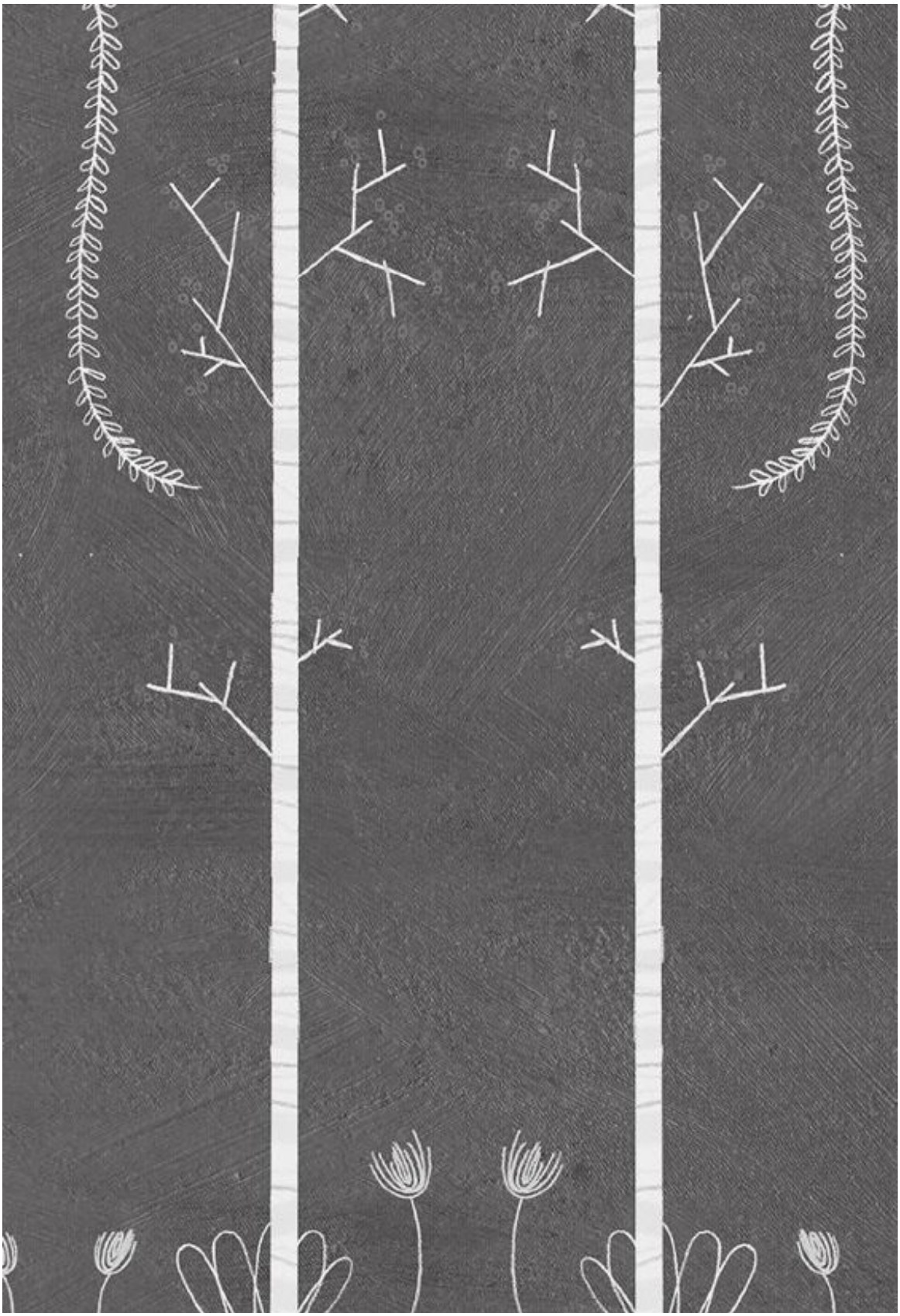
Ela venceria a Entrega e mostraria à Mãe que era capaz de trilhar seu próprio caminho pelo mundo e nunca mais precisaria usar meias. Ela seria uma desbravadora! Uma inventora! Não, uma pintora! E conseguiria retratar o mundo com apenas algumas pinceladas. Sua mão se mexia por vontade própria, levando as coisas a tomar forma em seu prato sujo de mel. Alice ergueu os braços em um momento de triunfo e seu garfo, que funcionava como pincel, voou de sua mão antes de pousar com toda a elegância nos cabelos de um dos irmãos.

Alice se abaixou na cadeira e deixou de pensar no futuro enquanto Mãe se aproximava segurando uma concha.

Ah, nesta noite Alice dormiria com os porcos.


Mais capítulos
por aqui





No fim das contas, os porcos não eram tão ruins assim. Eram calorosos e dividiam sua palha e faziam aqueles barulhinhos de porcos que ajudavam Alice a relaxar. Ela puxou os únicos dois finques que tinha no bolso e partiu um ao meio antes de guardar o outro. E, de repente, os porcos sentiram o cheiro de limão fresco e maçãs de vidro e logo não havia nada com que se incomodar. A noite foi quente e aromática, o céu visível pelas poucas tábuas quebradas do telhado. O firmamento parecia bastante contente, mas os planetas eram as verdadeiras estrelas nesta noite: pontos de cor forte seduzindo o céu. Seiscentos e trinta e dois planetas se espalhavam pela visão de Alice, girando seus anéis como ela girava suas pulseiras.

Seus dois braços eram tomados por pulseiras e mais pulseiras, do punho ao cotovelo, e os tornozelos também viviam adornados. Aquela coleção de pulseiras vinha de todos os cantos e da maioria das feiras de todas as vilas nas colinas que Alice já conseguira visitar. Alice viajou por toda Ferenwood depois que Pai se foi, batendo de porta em porta, perguntando a todos e a qualquer um se sabiam aonde ele poderia ter ido.

Todos e qualquer um tinham respostas diferentes.

Eles só sabiam que Pai não levou nada além de uma régua quando foi embora, então alguns diziam que ele viajou para medir o mar. Outros, que ele foi medir o céu. A Lua. Talvez Pai tivesse aprendido a voar e esquecido como fazer para voltar. Ela nunca comentou com Mãe, mas frequentemente se perguntava se ele havia se plantado outra vez no chão para ver se brotaria mais alto dessa vez.

Alice tocou suas pulseiras de ouro e prata e pedra. Mãe lhe dava três finques todos os meses e ela sempre trocava um por uma pulseira. Elas não valiam muito para as pessoas por aí, mas valiam para Alice, e isso as tornava ainda mais preciosas. Foi Pai quem lhe deu sua primeira pulseira – pouco antes de partir – e, a cada mês que se passava sem ele voltar, Alice acrescentava uma nova à coleção.

Essa semana ela teria um total de trinta e oito.

Talvez, pensou a menina com os olhos já pesados de sono, suas pulseiras ajudassem Pai a encontrá-la. Talvez ele a ouvisse procurando-o. Alice tinha certeza de que, se Pai prestasse atenção, em algum momento a ouviria dançando para ele voltar.

E então ela se virou para o lado e começou a sonhar.

Agora, enquanto nossa jovem Alice está dormindo, vamos analisar rapidamente alguns detalhes importantes.

Primeiro: a magia de Ferenwood não requer aquelas varinhas e poções que você talvez conheça. Nada de encantos, não, não. Ferenwood era, para explicar de forma simples, uma terra rica em recursos naturais. E os recursos naturais mais importantes eram cor e magia. Era um vilarejo muito pequenininho e muito antigo no interior de Fennelskein, e ninguém jamais ia a Fennelskein (uma pena, de verdade, porque o lugar é uma graça no verão). O povo de Ferenwood era muito reservado, colhia as cores e a magia do ar e da terra e havia criado todo um sistema financeiro com base nesses recursos. Há muito a ser dito sobre a história e a geografia de Ferenwood, mas não vou contar mais do que isso porque eu poderia estragar a nossa história cedo demais.

Segundo: todo cidadão de Ferenwood nasce com talento para a magia, mas qualquer coisa além desse talento inicial custa dinheiro e a família de Alice tinha pouco dinheiro sobrando. A própria Alice nunca teve mais do que alguns finques e sempre olhou com admiração para as outras crianças, cujos bolsos viviam cheios de parapicaretas, enquanto elas escolhiam entre toda uma gama de produtos nas vitrines.

Nesta noite, Alice sonhava com o picolito que compraria no dia seguinte. (Vamos deixar claro: Alice não sabia que compraria um picolito no dia seguinte, mas nós temos como saber essas coisas.) Os picolitos eram sua guloseima preferida – saturavam sua boca com ervas e favos de mel – e, dessa vez, só dessa vez, ela não se importaria em pagar por eles tudo o que restava de suas economias.

Foi ali, aninhada entre os porcos, sonhando com o sabor do açúcar, com a saia erguida até as orelhas, com os calcanhares cheios de pulseiras, descansando em um banquinho, que Alice ouviu a voz daquele menino do peito.

Ele disse algo como “oiê” ou “como você está?” (não lembro direito), e Alice ficou irritada demais com aquela interrupção para conseguir se lembrar de sentir medo. Suspirou alto, com o rosto ainda voltado para os planetas, e esfregou os dedos nos olhos fechados.

– Não quero socar e chutar você outra vez – foi logo avisando. – Então, se puder seguir seu caminho, vou ficar agradecida.

– Estou vendo a sua calcinha – ele avisou.

Que grosseiro!

Alice deu um pulo, vermelha feito uma beterraba, morrendo de vergonha. Quase chutou um porco pelo caminho e, quando enfim conseguiu se recompor, tropeçou em um balde de lama e caiu para trás, contra a parede.

– Quem é você? – ela exigiu saber enquanto tentava lembrar onde havia deixado a pá.

Ouviu um par de dedos estalar e logo o galpão estava todo iluminado, brilhando como se estivesse debaixo de um halo. Imediatamente avistou a pá, mas, ainda enquanto Alice bolava um plano para pegá-la, o menino ofereceu a ferramenta por livre e espontânea vontade.

Ela a segurou.

O rosto daquele rapazinho era estranhamente familiar. Alice apertou os olhos na direção do intruso e ergueu a pá, posicionando a ponta próxima ao queixo dele.

– Quem é você? – insistiu, nervosa. E prosseguiu: – E pode me ensinar como fez isso? Eu venho tentando acender a luz com um estalar de dedos há anos e nunca funcion…

– Alice – ele a interrompeu, rindo. Balançou a cabeça. – Sou eu.

Ela piscou os olhos antes de ficar boquiaberta.

– Pai? – arfou. Alice o olhou de cima a baixo, descendo a pá no processo. – Ah, mas, Pai, você ficou muito mais jovem desde que se foi… Tenho certeza de que Mãe vai ficar contente…

– Alice! – O talvez-estranho riu outra vez e segurou o braço dela, olhando-a fixamente.

Sua pele tinha um bronzeado caloroso e seus olhos eram de um tom alarmante de azul, quase violetas. O talvez-estranho tinha um nariz bem reto e uma boca muito bonita e sobrancelhas muito bonitas e bochechas muito lindas e cabelos prateados e não se parecia em nada com o pai de Alice.

Ela agarrou outra vez a pá.

– Impostor! – gritou.

Ergueu a pá, pronta para arrebentá-la na cabeça do menino, quando ele a segurou outra vez. O rapazinho era um pouco (muito) mais alto do que ela, o que facilitava a intimidação, mas Alice ainda não estava pronta para admitir uma derrota.

Então ela mordeu o braço dele.

Com muita força, creio eu.

O desconhecido grunhiu enquanto dava um passo para trás. Quando ele ergueu o olhar, Alice o acertou nas pernas com a pá, e ele caiu de joelhos. Ela subiu em cima de seu corpo, fazendo a pá pairar sobre a cabeça.

– Minha nossa, Alice, o que você está fazendo? – o garoto gritou, protegendo o rosto com os braços, já esperando o golpe final. – Sou eu, Oliver!

Alice baixou a pá, só um pouquinho, mas ainda não estava pronta para se envergonhar.

– Quem?

Ele ergueu lentamente o olhar.

– Oliver Newbanks. Lembra de mim?

Não, ela queria dizer, porque estava com muita vontade de acertá-lo bem na cabeça e levar o corpo morto para dentro de casa para Mãe ver (*Eu protegi a família de um intruso*, ela diria), mas Oliver parecia tão assustado que a animação de Alice não demorou a abrir caminho para a solidariedade e logo ela estava baixando a pá e olhando para Oliver Newbanks como se ele fosse alguém de quem ela se lembrava.

– Sério, Alice… A gente estudou junto!

Alice o observou atentamente. Oliver Newbanks era um nome que lhe soava familiar, mas ela tinha certeza de que não o conhecia. Até perceber a cicatriz acima da orelha esquerda.

Ela arfou, dessa vez mais alto do que antes.

Ah, sim, Alice o conhecia.

Ela pegou a pá e o acertou com tanta força na perna que as luzes se apagaram e o galpão ficou escuro. Os porcos grunhiram e Oliver grunhiu e ela o perseguiu para fora do galpão e sob a luz da noite e tratou de garantir que ele nunca mais voltasse ou então os irmãos dela o comeriam no recheio de um sanduíche, e foi nesse momento que Mãe saiu no quintal e anunciou que cozinharia *a própria Alice* no café da manhã e aí Alice começou a grunhir, e quando Mãe a alcançou, Oliver deu o fora.

Depois disso, Alice passou uma semana inteira com o bumbum dolorido.

A noite de Alice a deixou de mau humor.

De manhã, ela acordou com o cheiro de porcos saturando o ar e a palha agarrando seus cabelos e cutucando os dedos dos pés. Estava furiosa com Mãe e furiosa com Oliver e um dos porcos havia lambido seu rosto do queixo aos olhos e, *em nome de uma torta de amendoim!*, como ela precisava de um banho.

Alice sacudiu as saias (saias idiotas!) da melhor forma que conseguiu e foi andando até o lago. Estava tão preocupada com o tipo de pensamento que preocupa uma garota de quase 12 anos que nem mesmo uma manhã ensolarada e perfeita podia acalmá-la.

Aquele idiota do Oliver Newbanks – ela chutou um amontoado de terra – tinha a coragem de ir falar com ela – e chutou mais terra – aquele bestiota ignorasno!

Alice não via Oliver Newbanks desde que ele dissera a toda a classe que ela era a menina mais feiosa de toda Ferenwood. E seguiu falando e falando que ela tinha nariz grande e olhos muito pequenos e lábios muito finos e cabelo da cor de leite e ela pensou que choraria quando ele disse tudo isso. Oliver estava errado, ela insistira. Explicou que seu nariz era delicadamente rosado e seus olhos eram adoráveis e seus lábios perfeitamente carnudos e seus cabelos pareciam flores de algodão, mas ele não ouvia.

Ninguém ouvia.

Era péssimo Pai ter ido embora, era péssimo Mãe ter se tornado uma pessoa amarga, era péssimo as economias delas serem apenas vinte e cinco parapicaretas e dez tintões. Alice vinha enfrentando um ano difícil e não suportaria muito mais. Todos riram e riram quando ela torceu o tornozelo cheio de pulseiras enquanto se sentia furiosa e tentava esconder as lágrimas. Alice chegou à conclusão de que talvez impressionasse mais Oliver se usasse todos os seus finques e puxasse a orelha dele e o fizesse comer a própria orelha na frente de todo mundo. *Isso vai ensinar esse menino a me ouvir,* pensou. Mas aí Alice foi expulsa do colégio porque aparentemente o que *ela* fez foi pior do que o que *ele* disse, e isso pareceu terrivelmente cruel, já que palavras malvadas tinham um gosto muito mais amargo do que a orelha ridícula daquele menino, mas enfim… Depois disso, Mãe teve de educá-la em casa.

Alice começava a entender por que Mãe talvez não gostasse tanto assim dela.

Suspirou e tirou as saias, desatando os nós e deixando os tecidos caírem na grama. Roupas a deixavam exausta. Ela detestava calças muito mais do que detestava saias, então usava saias – enquanto sua mãe estava por perto. Era indecente, dizia Mãe, andar por aí com roupas de baixo, então Alice concluiu, naquele exato momento, que um dia teria um par de asas e sairia voando. Se dependesse dela, andaria para sempre por aí com suas roupas de baixo, descalça, usando as pulseiras, cabelos loiros-baunilha trançados até os joelhos.

A menina também tirou a blusa e também a jogou no chão e fechou os olhos enquanto erguia a cabeça na direção do sol. A luz do dia a banhou, espalhando um brilho etéreo por tudo. Ela abriu a boca para saborear, mas, independentemente de quanto tentasse, jamais conseguiria. A luz do sol não tocava as pessoas, pois era feita para a terra. Era ela que levava a magia ao mundo; era filtrada pelo ar e entrava no solo. Fazia as plantas e as árvores crescerem e acrescentava dimensão e vibração à explosão de cores que elas compunham. Vermelho era rubi, verde era fluorescente, amarelo era simplesmente incandescente. Cor era vida. Cor era *tudo*.

Cor, entenda, era o símbolo universal da magia.



Em Ferenwood, todos nasciam com sua própria centelha de magia e o alimento da terra sustentava essa pequena chama nas pessoas. Cada um tinha um dom. Um grande talento mágico. E eles apresentavam esse talento mágico – a Entrega, como era chamado – em troca da grande tarefa. Era uma tradição.

Alice abriu os olhos. Hoje, as nuvens pareciam ganhar vida com um sopro, expirações saídas da boca de um ser maior. Logo essas nuvens choveriam e a vida de Alice trovejaria em algo novo.

Propósito.

Ela completaria 12 anos. Este era o ano.

Amanhã, ela pensou. *Amanhã*.

E se permitiu respirar, afastando da mente os Olivers Newbankses do mundo, afastando as dores que Mãe lhe causava, afastando a dor que Pai lhes causara, afastando a inutilidade de seus três irmãos, novos demais para ajudar quando ela mais precisava. E daí que ela não era tão colorida quanto todo o mundo em Ferenwood? Alice era tão mágica quanto eles e finalmente teria a chance de provar.

Pegou um graveto caído e envolveu seu pescoço com aquela estrutura curvada, prendendo a peça com o polegar e o indicador enquanto murmurava

uma canção conhecida. De olhos fechados, pés dançarolando a caminho do lago, ela era sua própria música; seu corpo, a coisa preferida que ela já tivera.

Ah, a vida era solitária, mas Alice sabia aproveitar o tempo.



O lago era verde feito uma ametista verde. Tinha cheiro de néctar doce, mas sabor nenhum. Alice tirou as roupas de baixo e as deixou na grama, parando apenas para soltar a trança antes de pular na água.

Deixou seu corpo descer até o fundo. Ficou um tempinho sentada ali, permitindo que seus membros relaxassem. Logo começou a sentir o toque dos peixes beijadores e abriu os olhos por tempo suficiente para vê-los mordicando e beijocando sua pele. Sorriu e saiu nadando com eles, acompanhando todos os seus movimentos. Eles se sacudiam ao lado de Alice, cutucando seus cotovelos e joelhos naquelas tentativas de se manterem por perto.

Alice nadou até estar tão limpa que praticamente brilhava, e aí o ar quente secou seus cabelos e sua pele tão rápido que ainda sobrou tempo para dar uma voltinha antes de sair para colher ferenjas.

Ela sempre tentava viver aventuras enquanto as outras crianças estavam no colégio. Era para Mãe lhe dar aulas em casa, mas isso raramente acontecia. Dois anos atrás, quando ainda estava furiosa por Alice ter sido expulsa do colégio (e pelo que ela fizera a Oliver Newbanks), Mãe deixou uma pilha de livros na mesa da cozinha e disse a Alice para estudá-los, alertando que, se não estudasse, quando crescesse iria se tornar a garota mais burronilda de toda Ferenwood, além, é claro, de a mais feiosa.

De vez em quando, Alice tinha vontade de dizer umas boas grosserias à Mãe.

Mesmo assim, ela amava sua mãe. Amava, de verdade. Havia feito as pazes com seus pais há muito tempo. Mas deixemos claro: Alice sempre preferiu Pai e não tinha nenhum problema em admitir isso. Pai era mais do que o pai de Alice; era um amigo e um confidente. A vida com Pai tornava suportáveis todas as coisas difíceis; ele fazia de um tudo para que ela se sentisse amada, para que jamais conhecesse as profundezas de suas próprias inseguranças. Aliás, Pai tomava tanto espaço no coração de Alice que ela raramente percebia que não tinha outros amigos.

Foi somente quando Pai desapareceu que ela começou a ver e sentir as coisas das quais ele há tanto tempo a protegia. O choque da perda destruiu essa armadura, e logo os ventos frios e os sussurros de medo permearam sua pele. Ela chorou até a parte branca de seus olhos desidratarem e as pálpebras enferrujarem

abertas e se recusarem a fechar tempo suficiente para ela conseguir dormir.

A dor era um peso palpável que o corpinho delicado de Alice lentamente aprendeu a carregar. Ela só tinha 9 anos quando Pai se foi, mas tão pequena Alice acordava no meio da noite raspando o fundo do coração em busca dele, e toda vez saía com dor e vazio.

Querido leitor, saiba desde já que Alice, uma garota decididamente orgulhosa, não aprovaria o fato de eu dividir essas informações tão pessoais com você. Reconheço que os detalhes de sua dor são privados. Mas é necessário, na minha humilde opinião, que você saiba o quanto ela amava Pai. Perdê-lo a rasgou de cima a baixo e, ainda assim, seu amor por ele se solidificou no espírito dela. Alice ficou arrasada e não arrasada ao mesmo tempo e, quanto mais tempo passava sem Pai em Ferenwood, mais solitária se tornava.

Para Alice Alexis Queensmeadow, algumas coisas eram muito simples: seu pai tinha ido embora, então ela também iria embora, porque o que Alice sempre quis, mais do que qualquer outra coisa, era seguir o exemplo dele.

Entenda: conquistar o sucesso na Entrega era a única saída para ela.

Mãe esperava no quintal quando Alice voltou. Seus olhos âmbares estavam resplandecentes contra a pele bronzeada e estreitados na direção da menina. Mãe sustentava uma mão no quadril e segurava um cesto na outra. Usava saia, como Alice, mas preferia saias lisas e simples, de cores e camadas sólidas, combinadas com blusas enfiadas por dentro e com as mangas longas dobradas até os cotovelos. As saias de Alice eram intrincadas, pesadas com miçangas e joias e lantejoulas, repletas de desenhos elaborados bordados no tecido.

Tecidos lisos davam dor de cabeça em Alice.

Ela observou Mãe atentamente, estudou os cabelos verdes feito feno espalhados por toda a face e pensou que Mãe estava se tornando mais gentil e mais cheia de amor a cada dia. Às vezes, olhar para Mãe a levava a sentir ainda mais saudade de Pai. Se ele tivesse ideia de quanta beleza o esperava em casa, pensava Alice, certamente teria voltado.

Os olhos de Mãe se suavizaram enquanto Alice se aproximava. Ela mudou o apoio do corpo de uma perna para a outra e deixou, com cuidado, a cesta na grama, estendendo a mão agora vazia na direção da filha.

Alice segurou aquela mão.

As duas andaram em silêncio até o casebre de quatro cômodos onde viviam, o exterior de pedras cor de mel formando uma imagem familiar. Um cômodo para cozinhar e fazer as refeições, uma sala de visita, um quarto para Mãe e um quarto para Alice e os trigêmeos. Não era suficiente, mas, de certa forma, era.

As telhas de barro eram sufocadas pela hera, que se dependurava e se trançava tão apertada junto ao telhado que era quase impossível removê-la. Algumas gavinhas tinham escapado pela lateral da casa, e Mãe arrancou essas folhinhas perdidas enquanto as duas se aproximavam da porta.

A casa estava silenciosa. Os irmãos não tinham chegado da escola.

Mãe apontou para uma cadeira vazia. Alice correu o olho na mesma direção.

A garota se sentou e Mãe se sentou ao seu lado e a prendeu com um olhar tão feroz que só então Alice percebeu que estava encrencada. Seu coração, pobrezinha, havia criado pés e agora lhe chutava o peito. Ela uniu as mãos e, apesar do momento repentino de pânico, perguntou a si mesma, em silêncio, o que teria de almoço.

Mãe suspirou.

– Recebi uma visita da senhora Newbanks hoje de manhã.

A idiota da senhora Newbanks, Alice quase falou em voz alta. Mas Mãe logo prosseguiu:

– Ela disse que Oliver tem tentado entrar em contato com você. Você se lembra de Oliver, é claro.

Mais silêncio de Alice.

– Alice – Mãe falou baixinho, agora olhando para a parede. – Oliver passou pela Entrega no ano passado. Ele está com treze anos agora.

Alice já sabia disso.

Alice sabia que Oliver era um ano mais velho do que ela, que não era para ele estar no mesmo ano que ela na escola. Mas Alice também sabia que Oliver tinha tirado um ano de licença para cuidar do senhor Newbanks quando o senhor Newbanks ficou doente, então Oliver teve que ficar um ano atrasado e acabou indo parar na classe de Alice. O idiota e doente do senhor Newbanks arruinou toda a vida idiota de Alice. A idiota da senhora Newbanks tinha que ter tido um filho tão idiota. Os idiotas dos Newbankses são totalmente idiotas.

Alice não dava a mínima se Oliver tinha ou não participado da Entrega. Quem se importava? Ela é que não! Não ligava para ele. Ligava só para si mesma.

Amanhã seria o dia em que sua vida toda se transformaria.

Alice tinha certeza disso.

E cruzou os braços. E os descruzou.

– Não sei por que estamos tendo essa conversa – enfim expôs. – Não ligo a mínima para Oliver Newbanks. Por mim, esse menino pode engolir um sapo e se engasgar.

Mãe tentou conter o sorriso. Levantou-se para ir até o fogão e mexer a comida numa panela.

– Você não fica curiosa para saber qual foi a tarefa que ele recebeu na Entrega? – Mãe perguntou, agora de costas para Alice.

– Não.

Alice se levantou para sair, empurrando a cadeira para trás no processo, madeira esfregando em madeira.

– Sente-se, Alice. – Agora a voz de Mãe não era mais doce.

A menina hesitou na passagem da porta, cerrou os punhos.

– Não – desafiou.

– Alice Alexis Queensmeadow, a senhorita vai se sentar agorinha mesmo.

– Não.

– *Alice…*

Ela então saiu correndo.

Passou pela porta e desceu a trilha e atravessou o gramado e chegou ao campo

e passou pelo lago e atravessou a ponte e subiu a colina e subiu e subiu e subiu na árvore mais alta de toda Ferenwood. E ficou sentada ali, o coração martelando as costelas, e chegou à conclusão de que não sairia daquela árvore até morrer.

Ou até ficar entediada.

O que viesse primeiro.

Ninguém foi atrás dela.

E Alice duvidava que alguém fosse. Mãe sem dúvida não iria, nem os trigêmeos de 10 anos, que estavam mais interessados em transformar suas meias em estilingue do que em saber onde sua irmã havia passado o dia.

Alice se sentia amargurada, é verdade.

Tinha certa esperança de que uma expedição de socorro viria resgatá-la. Talvez a vila se reunisse em uma demonstração de apoio à menina mais feiosa de Ferenwood.

Tinha esperanças de que Mãe se preocuparia.

Porém, Alice havia dormido tantas vezes em árvores e bosques e campos e choupanas que Mãe já sabia que sua filha ficaria bem; aliás, Mãe provavelmente estava aliviada por não precisar lidar com a filha até mais tarde. De todo modo, hoje Alice não havia colhido ferenjas, mas ontem colhera mais do que o suficiente, então imaginou ter muito tempo para ter um ataque e deixar de lado as tarefas práticas planejadas para esta tarde.

Suspirou.

Estar viva, percebeu, era muito cansativo.

Deixou as pernas soltas, dependuradas em um galho, e inclinou o corpo para ouvir, para ver, para absorver o mundo. Dali, podia observar toda Ferenwood: as colinas, a explosão infinita de cores se espalhando por toda a exuberante paisagem. Vermelhos e azuis; castanhos e cerúleos. Verdes e rosas; trevos e pêssegos. Amarelo e tangerina e violeta e água-marinha. Cada nuance guardava um sabor, uma batida do coração, uma vida. Ela respirou fundo, absorvendo tudo aquilo.

Avistou fileiras e mais fileiras de casinhas, cujas janelas brilhavam douradas com a luz do sol, que já começava a se despedir. As chaminés soltavam fumaça e os pássaros se apaixonavam e a combinação de cheiros que os botões das flores exalavam adocicava o ar. Agora a luz do sol já havia quase desaparecido e isso significava que o sol não choveria por doze meses. Parte de Alice sentiu luto porque, por um tempo, não dançaria mais a dança do sol. Sentiria falta das semanas em que o sol chovia na cidade, do brilho que dava dignidade a tudo que tocava. Porém, ela não podia se entristecer demais, não neste ano.

Amanhã era o dia de Alice. O primeiro dia da primavera.

Depois que Pai foi embora, Alice passou a esperar ansiosamente a Entrega, que agora estava para chegar. Amanhã as nuvens se abririam com uma promessa e um propósito. Amanhã, ela atravessaria dançando seu caminho rumo à fama. Rumo a um futuro que precisava dela, que a esperava, que a requeria. Vencer a Entrega significava provar-se um verdadeiro cidadão de Ferenwood – e essa seria sua única chance de escapar da vida que não incluía mais seu pai.

O coração quase explodia de ansiedade com tudo isso.

Ela se levantou, equilibrou-se cuidadosamente no galho da árvore e saltou, agarrando-se a outros galhos pelo caminho para suavizar a queda. Os pés descalços tocaram a grama e ela cambaleou até se sentar, sem ar e cheia de alegria. Restavam poucas horas de luz do sol e Alice já tinha passado tempo suficiente de mau humor, então estava pronta para ser otimista outra vez.

E logo percebeu que sentia fome.

Colheu algumas flores pelo caminho e as guardou com todo o cuidado no bolso. Flores eram seu lanchinho favorito. Ela gostava de castanhas, frutinhas e plantas (que ficavam mais saborosas quando cozidas em uma sopa), mas as flores… Ah, as flores eram suas favoritas.

Alice mordiscava pétalas e hastes, saboreando e, ao mesmo tempo, matando a fome. Encontrou um riacho e bebeu um demorado gole, dedicou algum tempo a mergulhar os pés e, quando terminou, sentiu-se revigorada e pronta para terminar o dia. Agora precisava ir para casa. Pedir desculpas à Mãe. Ouvir o que Mãe queria lhe dizer mais cedo. *Eu devia ser madura*, Alice censurou a si mesma.

Mesmo assim, hesitou.

Em casa, Alice não tinha seu próprio quarto. Nenhum lugar, nenhuma sensação de pertencimento. E ela precisava pertencer a algum lugar. Porém, uma menina como ela – uma filha que em nada se parecia com a mãe, uma irmã que em nada se parecia com os irmãos – tinha poucas opções. Sentia-se mais à vontade na natureza, onde as coisas não precisavam se parecer com outras coisas para viverem juntas e em harmonia.

Não que Alice *precisasse* de alguém como ela…

É só que ela já gostava tanto de si mesma e se achava tão, tão interessante (e inteligente e criativa e gentil e engraçada e amigável e sincera) que não conseguia entender por que era tão difícil se encaixar na sociedade.

Além de tudo isso, Alice se achava muito bonita.

Seus cabelos não tinham cor nem forma, mas não havia nada de *errado* nisso. Eles não falavam nem cuspiam nas pessoas nem pisavam por acidente nos dedões das crianças.

E sua pele não tinha cor ou brilho, mas cobria e protegia seus órgãos internos e não era bolorenta nem fedia nem se parecia com a de um animal.

E talvez seus olhos não fossem espetacularmente castanhos – talvez só tivessem um leve toque de cor – mas eram iluminados e grandes e, bem, talvez nem sempre tivessem funcionado como o esperado, mas Pai buscou garantir que Alice consertasse a visão e, enfim, ela sempre fingiu muito bem que não dava um rabo de gato para o que as pessoas pensavam.

Tudo ficaria bem.

Aliás, as coisas já tinham voltado a ficar bem outra vez – ela estava treinando sua dança pela milésima vez quando, como era de se esperar, Oliver Newbanks decidiu estragar tudo. E pela terceira vez em apenas dois dias.

Alice bem que queria estar com sua pá naquela hora.

– Sua mãe me falou que talvez eu a encontrasse por aqui – foi a primeira coisa que ele anunciou.

Alice contava mentalmente os tempos do compasso, os pés descendo e o quadril rebolando e os braços levantados e as saias rodopiando em todos os lugares certos. As pulseiras sacolejavam em harmonia perfeita com os passos; ela sentia ser parte de tudo, parte do mundo.

A música lhe dava acesso à terra.

Seus pés criavam raízes, plantando-a no chão a cada passo. Alice sentia as reverberações dentro de si, além de si. Não queria parar nunca mais. Nunca mais queria esquecer essa sensação.

– Alice, desculpa – ele insistiu.

Ela continuou rodopiando.

– Eu sinto muito, de verdade. Por favor, me dê uma chance para explicar…

Alice parou. Sua saia ricocheteou à sua volta, a inércia fez o tecido bater nas pernas. Ela estava sem fôlego e sem paciência e não dava a mínima, nem uma minimazinha mesmo para essa conversa.

Parou ao lado de Oliver Newbanks e usou a mão para agarrar a camisa dele. Puxou-o para baixo até que os dois se olhassem olho no olho. (Ele era tão inexplicavelmente alto; era justo que ela agisse assim.)

– O que você quer? – ela exigiu saber.

Oliver ficou espantando, mas conseguiu disfarçar. Alice ouviu outra vez o coração do menino e ficou imediatamente hipnotizada com a beleza daquela canção. Já ouvira essa sinfonia antes, quando bateu pela primeira vez o punho no peito dele, mas, naquela ocasião, estava preocupada com outras coisas e não entendeu o que aquilo significava.

Soltou a camisa dele e seu próprio maxilar e deu alguns passos para trás. Não queria voltar a se aproximar daquele menino.

– Por favor – ele pediu, unindo as mãos em um gesto de súplica. – Já faz tanto tempo, Alice. Eu fui um idiota. Não estava falando sério.

Alice o encarou pelo que pareceu ser um tempo abominavelmente longo. Depois:

– Tudo bem.

E deu meia-volta e foi embora.

Ela já tinha atravessado metade da campina quando ele a alcançou, quase sem fôlego.

– O que você quer dizer com “tudo bem”? – quis saber.

Alice virou os olhos, mas ele não viu.

– Isso quer dizer que podemos ser amigos? – Oliver prosseguiu.

– É lógico que não – ela rebateu.

– Por que não?

– Porque eu nunca vou conseguir confiar em você.

– Ah, qual é, Alice? Eu não estava…

Alice deu as costas para ele. Estreitou os olhos.

– Você não me acha a menina mais feiosa de toda Ferenwood?

– Não! É claro que nã…

– Então por que falou isso?

Oliver não tinha resposta.

– Você é um menino cruel e idiota – ela ralhou enquanto já saía andando. – E eu não gosto nadinha de você. Então, dê o fora e, por favor, pare de falar comigo.

Pronto. Agora ele iria embora.

– Não posso.

Alice ficou paralisada.

– O quê?

– Não posso – ele repetiu, dessa vez com um suspiro.

Oliver olhou para as próprias mãos, depois desviou o olhar.

Então era disso que Mãe estava sorrindo. Era disso. Ela achava graça. Provavelmente achava hilário.

– Alice – Oliver sussurrou.

– Não diga nada.

– Alice…

Ela cobriu as orelhas e começou a cantarolar.

– Alice! – Oliver puxou os braços dela para baixo, segurou suas mãos. – Alice, o meu desafio… Eu estou apaixonado por… você.

– Ai, Oliver… – Alice olhou para o céu. Queria dar um belo de um chute nesse menino. – Você é um mentiroso terrível.

– Eu estou apaixonado por você.

– Minha nossa!

Alice continuou andando. Oliver ficou atordoado. Piscou algumas vezes.

– Mas, Alice…

– Apaixonado por mim? Desde quando? Um ano atrás? E precisou desse tempo todo para deixar de ser um banana e me contar?

– Eu… Eu fiquei nervoso – gaguejou. – Não esperava isso. Precisei passar um ano pensando no assunto… para entender…

– Você está tão apaixonado por mim quanto eu estou apaixonada pelo tronco daquela árvore ali – Alice ironizou, apontando para o caule. – Agora, vou seguir meu caminho, muito obrigada. Foi um horror conversar com você.

– Está bem – ele falou, alcançando-a e sentindo frustração. Frustração e impaciência. – Está bem… Desculpa. – Apertou o maxilar e olhou fixamente para ela. – Eu menti, tá? Eu menti.

Ela também o encarou.

– O que você quer comigo, hein, garoto?

Confuso, ele balançou a cabeça.

– Como é que você descobriu? Ninguém jamais descobriu que eu estava mentindo… É a única coisa que sei fazer bem…

– O que você quer comigo? – ela insistiu.

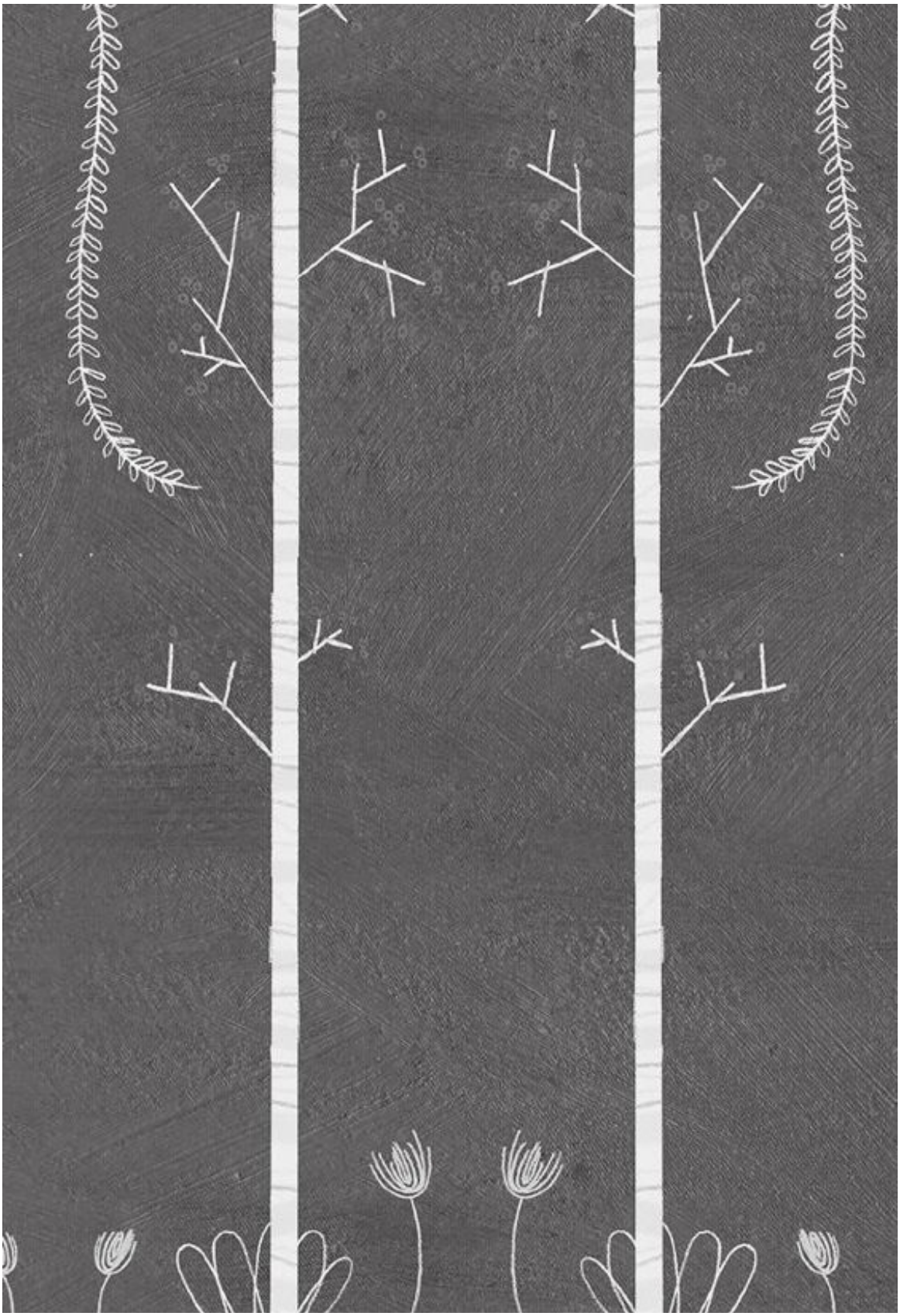
– Alice… – Oliver parou diante dela. – Eu preciso da sua ajuda.

A garota tirou uma flor do bolso. Mordeu as pétalas.

– É claro que precisa – respondeu de boca cheia, negando com a cabeça. – É bem a sua cara.


Vire a página
para mais
capítulos





Alice encontrou uma área gramada e se sentou, espalhando a saia em volta de si. Inclinou o corpo para trás, apoiou seu peso nas duas mãos, cruzou as pernas na altura do tornozelo e manteve a haste de uma margarida ainda não totalmente devorada dependurada para fora da boca.

– Explique essa história direito, então – foi logo dizendo, estreitando os olhos na direção de Oliver para protegê-los da luz.

Ele era um tipo de menino bonito, ela pensou, mas seria mais bonito se trocasse sua personalidade por algo melhor.

Oliver correu a mão por seus cabelos prateados e alguns fios caíram em frente ao olho, contrastando fortemente com o castanho de sua pele. Seus cabelos definitivamente eram da cor de arenque e Alice por um instante se perguntou se ele por acaso havia comido peixe quando era criança.

E fez de tudo para começar a tremer.

Oliver recostou-se a uma árvore ali perto, cruzou os braços. Analisou-a com um olhar perfurante. Ela retribuiu esse olhar perfurante.

– Isso vai ser muito mais complicado do que eu esperava – ele murmurou.

– Como assim? – Alice perguntou, mordiscando a haste da margarida.

– Como você pode ser tão indiferente à persuasão?

Alice deu de ombros.

– Como você pode ser uma pessoa tão horrorosa?

– Eu não sou nenhuma pessoa horrorosa – ele retrucou, franzindo o cenho.

– Você ainda me acha a menina mais feiosa de toda Ferenwood, não acha?

Oliver a estudou. E hesitou. Alice foi logo dizendo:

– Saiba desde já que não vou nem chutar um graveto para ajudar se você não for sincero comigo.

Enfiou a mão no bolso, puxou uma tulipa e ofereceu a ele. Oliver fez cara de nojo, negou com a cabeça e desviou o olhar.

– Não sei como você consegue comer essas coisas – ela o ouviu dizer.

Alice fechou uma carranca e enfiou a tulipa inteira de uma só vez na boca.

– Então? – ela prosseguiu, ainda mastigando. – Você ainda me acha feiosa?

Oliver a olhou de cima a baixo. Fez que não com a cabeça.

Ela ficou congelada.

– Não? – praticamente sussurrou, coração palpitando forte.

Até agora, Alice não tinha se dado conta do quanto esperava que ele tivesse mudado de ideia. Não queria ser feiosa. Não queria, de jeito nenhum, ser feiosa.

– Você não me acha feiosa? – perguntou outra vez.

Oliver deu de ombros.

– Eu não te acho nada.

– Eita!

Alice ficou cabisbaixa. As palavras dele doíam, cada sílaba era uma bofetadinha em seu rosto.

"Nada" era muito pior do que "feiosa".

As bochechas dela tinham corado, tinham ganhado toques rosados e vermelhos quentes. Oliver percebeu.

– Ou! – ele falou em um tom suave. – Eu só estava sendo sincero, exatamente como você me pediu para ser…

– Tudo bem – ela respondeu alto, piscando rapidamente os olhos.

Alice não queria que ele sentisse pena. Olhou bem nos olhos dele, toda bochechas coradas e coração acelerado, e disse a si mesma que o que Oliver Newbanks pensava dela não tinha a menor importância, muito embora de certa forma tivesse importância.

– Então seja sincero e vá logo dizendo o que quer – ela ordenou. – Por que está aqui?

Oliver suspirou. Olhou as próprias mãos e depois olhou para Alice. Depois olhou de novo para as mãos e aí finalmente, firmemente, de volta para ela.

– Eu sei o que você consegue fazer.

Uma pétala já mordiscada caiu da boca aberta de Alice.

– Sei muito bem que não sei de nada do que você está falando.

– Você não é a única que conhece verdades, Alice.

– O quê?! – Ela arregalou os olhos e sussurrou: – Então é assim que você sabe? Você consegue… ler mentes?

– Não – ele respondeu rindo. – Eu tenho o dom da persuasão. Com o benefício extra de saber uma coisa de cada pessoa que conheço.

– Ah, é?

Ele assentiu.

– E o que você consegue saber? – Alice indagou.

– O segredo mais bem guardado de todo mundo.

Se já não estivesse sentada, ela teria precisado se sentar naquele exato momento.

Fazia todo o sentido. O coração e os ossos dele – a beleza da qual ela tinha ouvido falar antes. Então, naquele momento, Alice entendeu que esse era o motivo pelo qual Oliver vinha colecionando as canções secretas e os sussurros

mais bem guardados de cada alma que ele encontrava. Por treze anos.

Era incrível.

– E aí? – ele falou, agora mais à vontade. – Agora eu fui sincero com você. Em troca, vou precisar da sua ajuda.

– Sente-se – disse a ele.

E apontou para o lugar ao seu lado.

Ele obedeceu.

– Faz quanto tempo que você sabe? – ela indagou.

– Sabe do quê?

– Do meu… você sabe…

Alice fez um gesto que significava precisamente nada.

Mesmo assim, Oliver pareceu entender.

– Desde o dia em que conheci você – ele respondeu.

– E por que agora? Por que veio me dizer isso justamente agora?

– Porque… – Ele suspirou antes de prosseguir: – Já se passou um ano inteiro desde a minha Entrega e eu ainda não consegui completar a minha tarefa. Ela é quase impossível.

– Mas me usar para isso… seria trapaça, né?

– Ué! Mas ninguém precisa saber.

– Todo o mundo vai saber se eu contar – Alice esclareceu.

– Mas você não vai contar para ninguém.

Ela imediatamente se levantou.

– Oliver Newbanks! – ralhou espantada. – Eu só contei três mentiras na minha vida toda, e certamente não vou contar a quarta por você. E se pensa que pode me forçar usando essa magia na qual eu nem acredito, pode ir tirando seu cavalinho da chuva.

– Bem, ninguém *pediu* para você fazer nenhuma mágica, pediu? – ele rebateu, também se levantando.

Alice ficou de olhos arregalados.

Oliver deu de ombros.

– De todo modo, acho que você mudaria de ideia sobre me ajudar se ouvisse o que tenho a dizer.

– Não mudaria coisíssima nenhuma!

– Ah, mudaria, sim – ele retrucou. – Porque posso oferecer uma recompensa em troca da sua cooperação.

– Não tem nada que possa me oferecer que seria do meu interesse, seu abacaxizão.

Oliver hesitou. Olhou cuidadosamente para ela.

– Alice… Eu sei onde seu pai está.

– ***Eita***!

Alice se sentiu estranhamente desprendida do mundo enquanto flutuava de volta até o chão. Deslizou o olhar pelos arredores como se não soubesse onde estava.

– Ai, minha nossa!

Oliver se agachou diante dela.

– Você me ajuda, e eu te ajudo – propôs. – É simples assim.

Alice nunca conseguiu provar, mas sempre soube que Pai ainda estava vivo. Sentia luto por sua ausência, sim, mas nunca luto por sua morte, porque tinha certeza – certeza absoluta – de que um dia, de algum jeito, voltaria a encontrá-lo. Pai estava por aí. Em algum lugar. Ô, se estava!

Ela só precisava ter certeza.

– *E se você estiver mentindo?* – Alice sussurrou com olhos do tamanho de dois girassóis.

– Você saberia, não saberia?

Oliver parecia não gostar nada dessa ideia.

Mas era verdade. Ela saberia.

Na semana depois que Pai foi embora, Alice fez a maior compra da sua vida. Naquela época, suas economias somavam um total de sete finques – ou seja, faltava um finque para completar um parapicareta – e ela os usou para cumprir uma promessa que se estenderia por toda a vida: enquanto ela não contasse nenhuma mentira, ninguém poderia enganá-la. Era o único jeito de Alice ter certeza de que encontraria Pai um dia. Jamais se permitir ser enganada.

(Um parêntese: embora seja uma prática comum em Ferenwood gastar finques e parapicaretas em vários truques e promessas permanentes, eu pessoalmente acredito que o gesto de Alice, embora excessivamente romântico, era, de modo geral, impraticável. Um desperdício de sete finques, sem dúvida; por outro lado, não podemos culpar a menina por querer exercer algum tipo de controle sobre a situação, podemos? Mas já estou divagando.)

– Ai, Oliver, onde ele está? – Alice perguntou de repente, coração acelerado e esperança explodindo e mãos tremendo. – Aonde ele foi?

– Ainda é cedo demais para contar – o menino respondeu, erguendo a mão. – Primeiro resolvemos o meu desafio, depois vamos atrás do seu pai.

– Mas não me parece justo…

– É o único acordo que vou oferecer.

– Nós dois temos algo a perder – ela protestou. – Se você não concluir o seu desafio…

– Eu sei – ele respondeu, interrompendo-a com um olhar nada gentil. – Eu já sei o que vai acontecer comigo se eu não concluir o meu desafio. Não precisa ficar repetindo em voz alta.

E Alice estava justamente prestes a dizer em voz alta quando se lembrou de uma coisa horrível. Deixou o corpo encostar na árvore enquanto arfava.

– Ah, não! Ah, não! – repetiu várias e várias vezes.

– O que foi? – Oliver perguntou tentando não parecer preocupado. – O que foi?

Ela ergueu o olhar.

– Amanhã… – ela começou. – Amanhã é o primeiro dia da primavera.

– E daí?

– E daí? – ela repetiu, super irritada. – Amanhã eu vou receber o *meu* desafio!

– Você já fez 12 anos? – Oliver constatou de queixo caído, esfregando as duas mãos nos cabelos. – Pensei que tivesse uns 9.

Alice escolheu ignorá-lo. E apenas falou:

– E se eu tiver que caçar um dragão como mandaram Fenny Birdfinsk fazer? E se me mandarem para as estrelas, como fizeram com Sellie Sodcryer? E se eu tiver de passar um ano inteiro consertando vacas com nada além de uma moedinha de prata?

– Não seja ridícula – Oliver a censurou. – Ninguém nunca teve de consertar uma vaca com uma moeda de prata. No mínimo, vão deixar você usar uma moeda de ouro.

– Ai, porcos voadores! Oliver, não vou poder ajudar você.

– Tudo bem – ele falou, esfregando a mão no rosto. – Certo, não tem problema.

As esperanças de Alice se despedaçaram. Caíram em uma pilha bem do ladinho de seu pé.

– A não ser que… – Oliver de repente arriscou.

Alice ergueu o olhar.

– A não ser que… – ele falou outra vez antes de voltar a hesitar.

– Diga logo.

Ele olhou de canto de olho para Alice.

– A não ser que você renuncie à sua Entrega.

Alice ficou boquiaberta.

Renunciar à Entrega era uma opção que jamais fora uma opção. A Entrega era

uma passagem para algo novo – uma tarefa que colocaria a vida de Alice em movimento. Toda criança em Ferenwood crescia morrendo de vontade de receber seu desafio – de ter acesso à aventura e ao frio na barriga que vinham com o desafio.

Alice passou a vida toda sonhando com isso.

Por mais que ela tivesse uma aparência diferente, seu coração era um coração de Ferenwood, e ela tinha direito ao seu desafio, como qualquer outro cidadão. Esperava essa oportunidade desde a escola infantil e a escola intermediária e enquanto sua mãe lhe dava aula em casa… Essa esperança, essa verdade… de que algum dia, por mais que ela fosse diferente, seria como todos os outros.

Perder essa oportunidade partiria seu coração.

Assim como perder Pai havia partido seu coração.

Bola de carambola! Alice não sabia o que fazer.

Ela perambulava confusa pela cidade. Não sabia direito por que tinha seguido aquele caminho, mas hoje era um dia esquisito e Alice não podia ir para casa – ainda não. De todo modo, raramente vinha a esse lugar, porque ir à cidade era um prazer doloroso. Havia tanta coisa a explorar (e comprar!), mas, com nada além de um finque no bolso, ela tinha pouquíssimas opções.

Andava a passos lentos, sem sua animação costumeira, pelos caminhos gramados em direção às ruas de paralelepípedos; várias vezes tropeçou em raízes e em pássaros sonolentos e teve de parar de tempos em tempos para descansar a cabeça contra um tronco de árvore. Estava tão concentrada em si mesma que quase não sobrava espaço para coisas como equilíbrio e coordenação olho-mão. Suspirou e preparou-se para seguir seu caminho, mas aí ouviu um farfalhar de papel e logo avistou o culpado: o jornal da cidade preso nos galhos de uma árvore. Conseguiu puxar o papel e deu uma olhada com pouco interesse na primeira página. Um saco de batatas cozidas custava cinco finques. A praça da cidade estaria em manutenção, sendo preparada para a cerimônia da Entrega, por favor, desculpem pelo incômodo. Alguém teria visto a cabra-pigmeu do senhor Perciful? Zeynab Tinkser estava vendendo uma canoa de limão por quinze tintões.

Alice arregalou os olhos ao ler essa última linha.

Quinze tintões eram muito mais magia do que ela jamais vira. Alice sequer conseguia imaginar o que faria com tudo isso. (Bobagem, é claro, né? É óbvio que ela sabia. Usaria tudo para encontrar Pai.) Não pela primeira vez, quis ter idade suficiente para ganhar seus próprios parapicaretas e não depender do jeito nada confiável de Mãe.

Ela enfiou o jornal debaixo do braço.

Ferenwood nunca tinha muita notícia para contar; as coisas eram sempre previsivelmente adoráveis. O maior problema recente da cidadezinha tinha sido a perda de alguns porcos durante uma ventania forte, mas isso foi há alguns dias. A pior coisa que já acontecera a Ferenwood foi perder Pai, obviamente. Foi a coisa mais esquisita, porque deixar Ferenwood era uma coisa que ninguém jamais fizera. Sério.

Alice certamente nunca tinha saído de Ferenwood. Nenhuma criança tinha. Receber o desafio era a única grande exceção – era uma aventura na qual se

esperava que todos os cidadãos de Ferenwood embarcassem –, mas, no final, todos voltavam para casa. Além disso, a vila era cercada pelo mar de todos os lados – todos menos um, e, para deixar Ferenwood rumo ao desconhecido, todo cidadão tinha de passar por Fennelskein, que, conforme já expliquei antes, ninguém jamais visitara, por motivos óbvios. (Devo apontar aqui que esses motivos nunca foram tão óbvios para mim, como estrangeira, mas, por mais que eu tentasse, nunca consegui que ninguém me explicasse por que exatamente eles nunca visitavam a cidade de Fennelskein. Penso que a resposta nada animadora é que eles achavam a cidade um tédio enorme, mas talvez jamais saibamos ao certo.)

Todavia, o motivo simples pelo qual ninguém jamais deixava Ferenwood por muito tempo era que o povo de Ferenwood precisava de magia para viver. Pai tinha ido embora há mais de três anos, um período de tempo considerado maior do que o corpo suportava. As crianças de Ferenwood aprendiam – desde que aprendiam a falar – que era impossível ficar muito tempo longe. Aquele povo comia e respirava magia; era a essência deles. Seu relacionamento com a terra era totalmente simbiótico: eles viviam pacificamente entre plantas e árvores e, em troca, a terra os ajudava a prosperar. A semente da magia dentro de todo o povo de Ferenwood era alimentada e sustentada pela terra que eles cultivavam e da qual colhiam.

Sem ela, estariam perdidos.

E esse era o verdadeiro problema, o verdadeiro cerne da dor, a verdade que tornava a perda de Pai tão mais dolorosa: não existia magia fora de Ferenwood. Certamente não existia magia em nenhum outro lugar do qual aquele povo já tivesse ouvido falar. Existiam rumores, é claro, de outras terras distantes e mágicas, mas os rumores sempre existem, não é? Rumores alimentados por tédio e bobagens, nascidos da falta de cuidado das pessoas. E todo mundo em Ferenwood sabia que era melhor não acreditar nessas bobagens. Ferenwood não suportava bobagens. Pelo menos era isso que Alice pensava, mas também nunca teve muita certeza. Perder Pai para o grande desconhecido a fizera acreditar em todo tipo de bobagem, e ela nem ligava que isso a fizesse parecer esquisita. Talvez Pai tivesse encontrado um pouco de magia em algum outro lugar e talvez estivesse levando a vida assim. Talvez, ela pensava, Pai ainda estivesse tentando encontrar seu caminho de volta para casa.

Alice vivia em uma época antes do surgimento dos mapas “de verdade”, antes de as ruas terem placas e as casas terem números. Vivia em um tempo em que sair de casa significava se despedir e levar consigo a esperança de conseguir encontrar o caminho de volta.

Esperança, entenda, era tudo o que Alice tinha, e ela se apegaria a essa

esperança, chovesse chuva ou chovesse sol.

Para Alice*, *o centro da cidade era sempre um choque, independentemente de quantas vezes ela vagasse por ali. E não posso dizer que a culpo. De fato, o centro causa um choque à primeira vista. As sequências infinitas de construções arrojadas pareciam encaixadas no que dava a impressão de ser uma bela demonstração da geometria bem pensada: curvas transformavam-se em linhas retas e os topos das construções eram cobertos com estruturas triangulares ou abobadadas ou parecidas com sorvete (dependendo da fachada da loja), ao passo que paredes brancas recebiam texturas de octógonos, triângulos e tijolinhos colocados de modo a formar estrelas. As chaminés eram espirais de tijolos tentando alcançar o céu, as portas eram altas e quase do tamanho das paredes e – como você já deve ter imaginado – as cores eram fortes e intensas e infinitas. (Aliás, qualquer um poderia pensar que a estética de Ferenwood era uma resposta direta à pergunta "quantas cores podemos fazer caber em um único lugar?"). Ali havia um emaranhado de ruas dispostas em nenhuma ordem específica e por nenhum motivo específico senão acomodar as construções que pareciam ter brotado direto do chão.

A família de Alice era uma das poucas que viviam longe da cidade e, embora às vezes fosse difícil morar lá em cima na colina tão distante do coração das coisas, a garota raramente tinha de se incomodar vendo antigos colegas de escola ou adultos intrometidos que prosperavam no barulho e buzuzu das multidões. De modo geral, Alice gostava de seus passeios no meio da agitação, mas, embora se sentisse ansiosa por dar uma olhada em todo aquele movimento, era rapidamente forçada a lembrar seu lugar no meio de tudo aquilo.

Ela ficou parada bem no limite onde tudo aquilo começava e se permitiu ser engolida pelos barulhos e odores da vida na cidade. A chuva de luz garantia que o dia fosse aquecido e as flores estivessem frescas e sinos tocavam enquanto os amigos chamavam uns aos outros. Pais andavam de mãos dadas com mães que gritavam para seus filhos *por favor, quietos!* enquanto os vendedores subiam em tocos e faziam suas trocas. Alice sentiu o peso de ter um único finque no bolso enquanto observava tudo aquilo e, como sempre, desejou que Pai estivesse ali para segurar sua mão.

Mas tudo bem.

Ela segurou a própria mão, uma apertando fortemente a outra, e seguiu seu

caminho em meio à multidão. Não era alta o bastante para enxergar lá na frente, mas sem dúvida era baixa o suficiente para ser derrubada pelos desconhecidos e ocasionalmente estapeada na bochecha por uma saia agitada pelo vento. Os espaços vazios eram preenchidos pelas mãos dos cuidadosos vendedores de especiarias e Alice sentia o sabor de menta e raspas de coco e quase tudo em que tocava a deixava com cheiro de açafrão.

Um bando de crianças havia se reunido em volta da Asal Masal & Chai, todas superanimadas enquanto provavam amostras de um chá que prometia fazer crescer um centímetro durante a noite. Os adolescentes buscavam frascos ornamentados que guardavam encantamentos temporários…

CINCO FINQUES PARA SE APAIXONAR
SETE FINQUES PARA CRESCER CABELO
UM PARAPICARETA PARA DESAPARECER

… enquanto os mais velhos eram encontrados relaxando diante de uma série de mesas e cadeiras decoradas com vitrais compostos por imagens intrincadas. As senhoras e os senhores com idade suficiente se permitiam fumar cachimbos trabalhados em ouro e sorriam, permitindo que a fumaça azul e vermelha e roxa escapasse por seus lábios. Enquanto passava por ali toda discreta, Alice sorrateiramente absorveu o cheiro da fumaça e sentiu sua cabeça inclinar-se para o lado. Sorriu contrariada e, não pela primeira vez, pegou-se desejando já ter idade para fazer coisas mais interessantes.

Então, seguiu andando decidida a caminho da Shirini Firini, sem dúvida o melhor armazém de doces da cidade. Passou entre montanhas de tapetes feitos à mão, todos cheios de cores e detalhes. Diminuiu o passo apenas para observar impressionada uma tenda cheia de pães recém-assados, quentinhos, todos de um marrom dourado, perigosamente empilhados. A pobre Alice ficou tão distraída com o aroma dos pãezinhos que quase colidiu com uma multidão de homens cantando na rua. Mesmo assim, conseguiu fugir sem ser vista por Danyal Rubin, que atravessava a rua para se unir aos cantores sentimentais. Alice se esforçou para não fechar a cara.

Ah, sempre havia alguém a se invejar, não é?

Para a Alice de Pouca-Cor, Danyal Rubin era um pesadelo. Era o menino de 12 anos mais radiante que ela conhecia, com cabelos ricamente negros e olhos que mais pareciam manchas de nanquim. Sua pele era da cor do crepúsculo: castanho-avermelhada e magenta e canela e tudo isso ao mesmo tempo. Danyal tinha cores e as usava bem, e ainda contornava seus olhos já resplandecentes com kajal, o que só fazia Alice se sentir ainda pior. Ela tinha ouvido as fofocas,

conhecia os rumores. A cidade apostava que Danyal venceria a Entrega neste ano – afinal, um menino tão colorido devia ser, sem dúvida, o mais mágico de todos. No fundo do coração, o povo de Ferenwood achava que Alice não tinha a menor chance.

Mas ela provaria que todos estavam errados.

Cerrou os punhos e seguiu em frente no meio da multidão, dando passos com tanta força que quase trombou com um grupo de garotas pintando as unhas com hena. Por um instante, ficou congelada, desejou poder participar daquele evento com as meninas, mas logo deixou o pensamento de lado, mantendo a cabeça baixa enquanto passava, sempre consciente das limitações impostas por seu orçamento. Quando finalmente chegou ao armazém Shirini Firini, estava sem fôlego e exausta. Ir à cidade era sempre uma longa jornada, mas ela deveria ter pensado duas vezes antes de se aventurar hoje, na véspera da Entrega. Toda Ferenwood estava nas ruas para celebrar, e as festividades provavelmente se estenderiam por toda a semana. Ao entrar na venda, Alice deu uma olhadinha no sol e percebeu que tinha pouquíssimo tempo para chegar em casa antes de escurecer.



Assim que passou pela soleira, foi dominada pelo perfume de açúcar. Três segundos depois, estava atordoadamente feliz, todos os seus pensamentos eram doces, seu coração parecia leve e doce e suas mãos seguravam contentes tudo o que podiam. Alice sabia que não podia deixar o açúcar dominá-la, mas estava feliz por descansar só um momentinho mais antes de encontrar forças para voltar a lutar. Assim que se livrou do entorpecimento, viu-se analisando os doces com uma mente mais estável. Um finque não lhe renderia muitas opções, mas ela gostava de dar uma olhadinha mesmo assim.

Maçãs de vidro se dependuravam no teto, três bengalinhas de mel embrulhadas formavam um lindo presente, potes de geleia de figo empilhavam-se nas vitrines e balas de madressilva enchiam barris de madeira em todos os cantos. As paredes eram decoradas com ameixas e romãs cristalizadas e cestos repletos de folhas de chocolate dourado e dezenas de potes de mel de damasco que derretia na boca. Alice olhava e olhava e nunca se cansava de olhar aquele esplendor, mas quase ficou boquiaberta como uma menina boba quando viu as bandejas de zulzuls. Zulzuls eram espirais de massa frita mergulhados em mel e cobertos com pétalas de rosas cristalizadas. Alice diria prontamente que eram sua massa favorita. (Note que essa confissão seria completamente absurda,

afinal, a garota jamais provou um zulzul na vida. Mas ela *imaginava* que amava os zulzuls e isso acabava sendo suficiente.)

Por fim, embora relutante, Alice escolheu um único picolito em um pequeno cesto plástico e prometeu a si mesma que um dia, *ah*!, um dia, ela voltaria com o bolso cheio de finques e levaria todos os doces que quisesse.

Um dia.

Com sua tarefa agora concluída, apressou-se em voltar para casa. A essa altura, restava pouca luz do sol e, se ela se atrasasse mais uma vez, não tinha ideia do que Mãe faria.

Apressou-se pelas calçadas e passou pelas tendas de especiarias e pelos tecidos das saias. Passou ao lado dos vendedores e quase tropeçou em pessoas e só ergueu o olhar uma ou três vezes para ver as fachadas de suas vendas favoritas enquanto corria para casa. A Knot & Tug vendia agulhas de costura por apenas três finques a peça, e Alice guardou essa informação. Sabzi, o feirante, vendia raspas de limão, dois finques o quilo, e Alice tomou nota para contar à Mãe. Mas a The Danger & The Granger, a melhor livraria da cidade, exibia novas obras na vitrine, e Alice teve de desviar de seu curso. Parou tão abruptamente que quase caiu e, contra o que seu julgamento lhe dizia, aproximou-se para encostar o nariz ao vidro. Uma vez bem próxima à vitrine, ela logo notou uma pequena multidão conversando animadamente em volta de um homem ostentando uma barba muito bem aparada. Ele tinha vários óculos e uma túnica enorme e Alice se deu conta de que era um escritor que estava ali para uma leitura de seu livro. Apertou os olhos para ler o título do volume nas mãos dele…

O surgimento do parapicareta: no interior da mente de Fenjoon Heartweather e Salda Millerdon, os maiores colhedores de magia da história de Ferenwood

… e suspirou desapontada. Alice não ligava muito para a história das colheitas. Aliás, achava a atividade um tédio enorme e, se fosse sincera, diria que ressentia a possibilidade de um dia esse se tornar seu destino. Durante toda a vida, a garota se preocupou, afinal, podia acabar não servindo para nada além de lavrar o solo. Lavrar era uma tarefa honrável, mas excepcionalmente desglamourosa, e ela preferiria estar do outro lado das coisas: pegando a magia em estado bruto e transformando-a em algo útil.

Mas, enfim, Alice estava prestes a seguir seu caminho quando se lembrou do motivo que a fez parar ali. Havia dois livros expostos na vitrine.

A Entrega, o desafio e o longo caminho histórico: como agir quando seus

filhos saem de casa

e, logo ao lado:

Campeões do passado recente: relembrando os heróis de Ferenwood.

Seus olhos quase se rasgaram em quatro enquanto ela se arrastava para dentro da livraria e avançava na direção das obras na vitrine. Com pernas e braços trêmulos e coração acelerado, pegou uma cópia de *Campeões do passado recente* e passou a mão na capa. Ali, em meio a uma seleção de vários outros heróis, estava uma foto de Pai, glorioso aos 12 anos, o vencedor da edição da Entrega de sua época, trinta anos atrás.

Alice sempre soube que Pai fora um campeão. Ele conquistou o título por sua destreza mental e capacidade de reter e recriar imagens quando quisesse. Sua tarefa consistia em viajar pelo território e trabalhar com os Anciãos da cidade para se tornar o verdadeiro primeiro cartógrafo de Ferenwood. Pai e os Anciãos tinham trabalhado juntos para criar mapas tão precisos e tão fáceis de usar que um dia todos os habitantes de Ferenwood teriam sua própria cópia, o que lhes permitiria viajar de um bairro a outro sem complicações e sem confusões. E, aliás, a tarefa de Pai tinha sido tão notável a ponto de ele ser convidado a viver com os Anciãos mesmo depois de cumpri-la. Esse tipo de tratamento era costumeiro para os Campeões, considerados os cidadãos mais talentosos de seus anos. Mas Pai fora mais do que apenas um Campeão. Pai fora um amigo de Ferenwood. Era adorado por todos. Aliás, diziam por aí que um dia Pai também seria designado um Ancião da Cidade. Em vez disso, Pai foi embora e nenhuma alma sabia o porquê.

Mãe estava preparando chá quando Alice finalmente chegou em casa, pouco antes do escurecer. A garota abriu a porta e entrou guardando seu pequeno segredo nas saias: ali no bolso estava um picolito cuidadosamente embrulhado, que seria reservado para uma ocasião especial. Alice teria de esperar semanas para colocar as mãos em outro finque, mas já tinha feito as pazes com a perda de suas últimas economias. Os trigêmeos comiam geleia de maçã direto do pote e passavam os dedinhos cobertos do doce avermelhado no rosto. Mãe cantarolava uma melodia enquanto ia de um lado a outro da cozinha e, muito embora Alice estivesse bem à sua frente, ela esfregava as mãos recém-lavadas no avental e parecia nem notar a presença da filha.

Ah, pouco importava.

Alice estava cansada, estava despedaçada, então se sentou e soltou o queixo nas mãos. Que dia tinha sido aquele! Nada tiraria o peso do mundo de seus ombros nesta noite, nem mesmo um bocado de doce. Alice queria era que o mundo perdesse alguns quilinhos. Queria desesperadamente encontrar Pai, mas também queria desesperadamente receber seu desafio; e ela não tinha chegado a nenhuma conclusão, o que deixava Oliver tão perdido quanto.

Encontrar Pai significava confiar em Oliver. Significava sacrificar seu próprio futuro para ajudá-lo com o futuro *dele* e, ainda assim, não havia garantia de nada. Ademais, o simples fato de ela ser capaz de perceber uma mentira não significava haver qualquer motivo para confiar em Oliver Newbanks.

Alice deixou a mesa e foi para o quarto, grata pela chance de ficar sozinha enquanto seus irmãos estavam ocupados na cozinha. Havia uma pequena parte do cômodo que era dela e só dela, e essa parte ficava escondida debaixo das tábuas que cobriam o chão.

Alice escondia sua vida debaixo daquelas tábuas. Livros e pulseiras, roupas e flores: tudo o que ela tinha de precioso.

Cuidadosamente puxou algumas tábuas e desenterrou seus apetrechos de amanhã. Vinha trabalhando naquelas peças há dois anos, cuidadosamente costurando-as, tecido a tecido. Quatro saias, uma blusa de meia manga, um colete e um bolerinho, tudo para ser usado junto e de uma vez. O detalhe final era a peça que usaria na cabeça, crochê feito à mão, decorado com tule amarelo e preso com medalhas de lata marteladas. Alice passara meses tingindo os tecidos

lisos, trabalhando em flores bordadas, costurando miçangas e lantejoulas em estampas intrincadas e acrescentando pequenos espelhos à bainha para fazer a saia brilhar a cada passo. Era uma explosão de cores que carregava o peso de todo o seu trabalho. Ela até sabia quais flores prenderia em sua trança.

E sabia que estaria incrível.

E sabia que deixaria os Anciãos da Cidade totalmente impressionados e que eles não teriam escolha a não ser dar-lhe o melhor desafio – o *maior* desafio. E ela se tornaria uma heroína do vilarejo, como seu pai fora, e deixaria a família toda cheia de orgulho. Tudo já estava planejado.

As crianças de Ferenwood passavam toda a vida se preparando para a Entrega. Cada uma nascia com um talento mágico singular e era obrigação de seus pais e professores reconhecer e estimular esse talento e, por fim, desenvolver a apresentação da Entrega. Essa apresentação era crucial porque expunha um potencial inexplorado; era fundamental mostrar o quão útil o talento mágico podia ser, afinal, os maiores talentos receberiam melhores desafios, quer dizer, as mais incríveis aventuras.

E era com isso que Alice sonhava.

Mas ela não precisara de nenhuma ajuda de ninguém, afinal, tinha descoberto tudo sozinha. Pai havia lhe dito, muitas luas atrás, o que ela precisava fazer. Talvez ele não tivesse se dado conta do que estava fazendo na ocasião, mas Alice logo entendeu.

“Você quer mesmo ouvir?”, ele perguntou a ela certa noite. Os dois estavam sob o céu estrelado.

“Ouvir o quê?”, Alice questionou.

“A música.”

“Qual música?”

Pai fechou os olhos e sorriu para a lua.

“Ah, Alice…” sussurrou. “Abra o coração. Afine os ouvidos. E nunca diga não ao mundo quando ele pedir para você dançar.”

Naquela noite, eles dormiram na relva, ela e Pai, e não disseram nenhuma outra palavra. E Alice ouviu a terra ganhar vida: o vento cantarolando, a grama remexendo, os lagos nadando. E os galhos das árvores espreguiçando, as flores bocejando para dormir e as estrelas piscando rapidamente enquanto se entregavam a um cochilo. E ela testemunhou tudo aquilo, ouvindo atentamente o tempo todo. E nunca em sua vida tinha parecido tão real.

Depois disso, depois daquela noite, quando Pai lhe pedia para ouvir a música, Alice sempre sabia o que ele queria dizer. E, quando todo o mundo pedia a ela para dançar, ela nunca dizia não.

Alice ergueu o olhar e encontrou Mãe parada na passagem da porta. Mãe não parecia brava, mas estava de braços cruzados mesmo assim. Assentiu para as saias que descansavam no colo de Alice.

– Está pronta? – Mãe quis saber.

– Acho que sim – Alice respondeu baixinho, curiosa pelo que Mãe diria se soubesse o quão egoísta sua filha era.

Egoísta a ponto de pensar em cumprir seu desafio só para encontrar Pai.

Mãe jamais a perdoaria.

– E se eu tiver que deixar Ferenwood? – Alice indagou, sentindo-se surpreendentemente emotiva. – A senhora vai ficar bem sem mim? Como vai fazer para levar a vida?

– Ah, a gente dá um jeito de conciliar as coisas – Mãe respondeu, olhando para as mãos enquanto alisava o avental. – Eu venho guardando frutas há algum tempo.

Alice se perguntava se Mãe algum dia saberia o quão profundamente aquelas palavras a feriram naquela noite. Mãe tinha respondido a uma pergunta que Alice não perguntara. A garota queria que sua mãe falasse da saudade que sentiria, que ficaria triste ao vê-la partir. Alice não estava, de maneira nenhuma, perguntando sobre as ferenjas.

Foi só então que Alice se deu conta de como sua mãe não precisava dela.

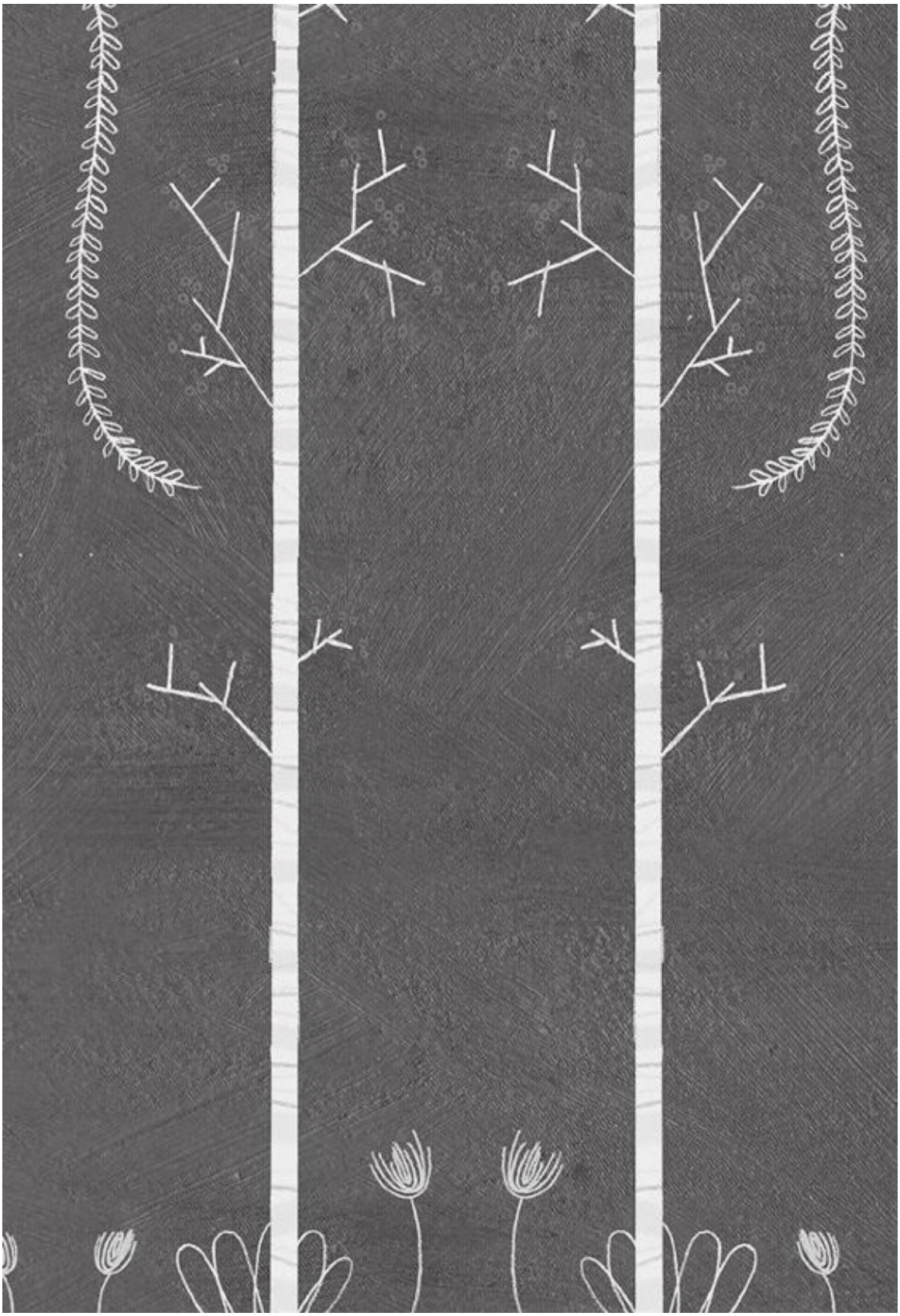
Ela não pertencia a essa casinha onde sequer tinha seu próprio quarto, onde suas posses tinham de ficar enterradas. Agora sabia que ninguém sentiria sua falta se Mãe tivesse as frutinhas medicinais estocadas, e isso a fez sentir-se terrivelmente solitária. Pai já a tinha deixado, e agora, à sua própria maneira, Mãe também a deixava. Alice estava sozinha e, naquele momento, teve certeza de que, independentemente do que acontecesse, ela se arrependeria para sempre da decisão de renunciar à sua Entrega. Ela jamais se perdoaria se não seguisse seu próprio caminho.

Então estava decidido. Amanhã ela dançaria.

(E Oliver Newbanks que mastigasse um porco-espinho inteiro. Alice encontraria Pai sozinha.)


Eu não tenho
a menor ideia
de quantos
capítulos mais
este livro tem





A manhã chegou exatamente como Alice imaginava que um sussurro chegava: gavinhas cinzas com fios dourados, quietinha, quietinha. O céu havia clareado com muito cuidado e reflexão, e ela se recostou para observar a alvorada.

Alice encontrava-se sentada no topo de uma montanha muito alta, com toda Ferenwood cochilando lá embaixo. As casas dormiam e as chaminés soltavam fumaça delicadamente, até as janelas brilhavam douradas com a chegada do sol. O orvalho havia tocado a terra e a terra havia retribuído: os fiapos de grama acordavam e tentavam alcançar o sol, recém-banhados e ligeiramente úmidos. As abelhas vagavam, os pães assavam, os pássaros cantavam para as árvores. Tudo tinha cheiro de chá quentinho e aveludado ou de um rosto recém-lavado ou de alguma coisa muito, muito doce. Alice sorriu e abriu os braços para a brisa.

O ar era frio em alguns lugares, mas se aquecia conforme o sol o tocava, então Alice se virou para encontrar um raio de sol. Suas saias brilhavam com a luz do amanhecer e ela ajeitou as pernas e, sentindo um leve tremor no estômago, pegou um dente-de-leão ali perto e o levou à boca.

Havia chegado o dia.

Hoje ela competiria com todo o pessoal de 12 anos da vila. Todos os 86 ficariam diante dos Anciãos da Cidade e entregariam seus grandes talentos. Em troca, esperavam ser reconhecidos e receber um desafio capaz de mudar a história.

Na verdade, o simples fato de receber uma tarefa já era uma grande realização. Ferenwood nunca falava das crianças que eram imediatamente rejeitadas, deixadas de lado por serem tão incapazes a ponto de sequer terem condições de encarar um desafio. Em vez disso, as conversas sempre giravam em torno do grande desafio e de qual criança o enfrentaria. O dia auspicioso era uma grande celebração da magia; e, para Alice, que queria desesperadamente ser qualquer coisa melhor do que *nada,* a Entrega significava tudo.

Significava redenção.

Ela se levantou e alisou as pregas da saia. Estava muitíssimo orgulhosa daquela roupa e de todo o trabalho que havia colocado nela. Aliás, hoje era a primeira vez que ela se sentia feliz por usar roupas pesadas.

Não que houvesse alguém por perto para ver…

Alice saiu de casa enquanto Mãe e os trigêmeos ainda dormiam. Nada de

bom-dia, nada de até mais, era apenas Alice se movimentando. Essa manhã silenciosa talvez fosse sua última manhã silenciosa em muito tempo e Alice a queria toda para si.

Parabéns para mim, pensou. Alice agora tinha oficialmente 12 anos.

Foi saltitando a caminho da praça da cidade, saias amontoadas nas mãos, pulseiras criando uma melodia própria, uma melodia alegre. O caminho até a praça era um de seus favoritos.

A vegetação ficava de sentinela dos dois lados.

Os pés de aipo e de maçã e de lima eram tão altos quanto a própria Alice e se remexiam em um ritmo que ela reconheceu. A terra era macia e acolhedora debaixo de seus pés descalços. E, quando parecia certo, Alice parava, afundava os dedos dos pés no chão e virava o rosto para o céu. Daquele ponto ela podia ver toda a praça, e aquela imagem a deixou paralisada, como sempre deixava.

Ferenwood tinha muitas árvores altas, mas só alguns *lugares* altos, e a praça era o ponto mais elevado da cidade. E, apesar de as árvores (pés de nanquim e árvores da noite e árvores de subir e pés de ferenjas e de castanhas e árvores vermelhas e árvores selvagens) serem ricas em cores (cor de milho caboclo com manchas de framboesa e até um azul vivo e profundo) e extremamente variadas (algumas davam pedras rosadas e outras gotejavam tinta laranja durante a noite), a praça era alta e colorida e variada de maneiras que as árvores não eram.

As construções da praça pareciam (compreensivelmente) reunidas por magia, golpes de um pincel que lhes dava vida. Redemoinhos e redemoinhos de cores reunidas por um artista cuidadoso. Essas cores uniam, com ares de improviso, paredes e portas, laranja e lavanda girando como uma cebola roliça em um telhado posicionado em cima de uma estrutura pintada de dourado; essa era a unidade de saúde. Verde e amarelo se misturavam a safira e prata para criar um domo saturado de cores sobre o colégio. Pinceladas de azul vibrante e rosa claro se reuniam, formando um sorvete italiano de ponta-cabeça – assim era o telhado do tribunal.

Vendo por esse ângulo, Ferenwood parecia deliciosa.

Alice fechou os olhos e respirou fundo. Pai lhe havia ensinado a amar esta cidade e ela não conseguia evitar o desejo de fazer seu povo feliz.

O céu estava lindo nesta manhã, pronto para o grande momento. As nuvens estourariam assim que a cerimônia chegasse ao fim, banhando o vilarejo com as felicitações enviadas pelo céu. Chuva significava renovação e o povo de Ferenwood a recebia bem. Era disso que suas almas eram feitas.

Quando o mundo daquele povo foi construído, era tão impressionantemente lindo – tão rico e colorido – que o céu passou cem anos chorando. Lágrimas de felicidade e dor causaram uma enchente na Terra, rachou-a e, nesse processo,

criou rios e lagos e oceanos que existem ainda hoje. Aquela beleza gerava alegria, mas também gerava muita tristeza – tristeza por não haver ninguém por perto para apreciar a grandiosidade de tudo. E, como conta a história, o povo de Ferenwood nasceu das lágrimas que regaram a terra e os transformaram em seres.

A Entrega era a oportunidade de agradecer.

Aos 12 anos, eles se entregavam, entregavam seus dons, e, em troca, recebiam um desafio – cujo propósito sempre consistia em ajudar alguém enfrentando necessidades em algum lugar. Os jovens de Ferenwood retribuíam ao mundo e, fazendo isso, cresciam.

E era então que suas vidas realmente começavam.

Eu não quis tocar no assunto antes, mas Oliver Newbanks ficou bem à esquerda de nossa Alice por mais de quatorze minutos antes de finalmente dar um passo para a frente e puxar a trança dela. Também me sinto na obrigação de citar que Alice respondeu beliscando-o com muita, mas muita força mesmo.

Oliver gritou e vacilou, quase perdendo o equilíbrio. Levantou a camisa para inspecionar os danos e ofereceu a Alice uma ou outra palavra azeda para expressar o que pensava daquilo. Ela deu meia-volta, muito decidida a evitar ver o torso exposto dele e a ouvir aquela voz que continuava resmungando.

– Dá para ficar quieto? – Alice enfim pediu. – Você está arruinando um momento perfeitamente maravilhoso.

A garota assentiu para o sol, que parecia cada vez mais grudadinho no céu.

– Alice… – Oliver chamou todo impaciente. – Você precisa me dar uma resposta. Prometeu que me daria uma posição hoje de manhã, antes da Entrega, e já está chegando a hora.

Alice manteve os olhos apertados, voltados para o horizonte, ainda evitando encarar Oliver. Não sabia por que, mas se importava com aquele menino. E, só por um segundinho, uma parte bem pequenininha dela quase sentiu uma pontadinha de dó de desapontá-lo. Mas Alice logo afastou esse sentimento.

– Acho que não posso ajudar você – ela respondeu baixinho. – Hoje é um dia muito importante, Oliver. Sei que Pai entenderia a minha decisão.

Oliver pareceu sinceramente surpreso. Aliás, seus olhos arregalados e sobrancelhas arqueadas e boca aberta se reuniram para expressar o enorme choque sem que ele precisasse dizer uma única palavra.

– Você não pode estar falando sério – ele sussurrou. – Alice, por favor… você não pode estar falando sério.

– Bem sério, mesmo.

– Mas o seu pai…

– Não se preocupe com ele, eu vou dar um jeito de encontrá-lo sozinha.

– Mas eu já sei onde ele está! – Oliver quase gritou. – Eu poderia falar com ele agorinha mesmo, se quisesse!

Alice lançou um olhar fumegante para ele.

– E por que não faz isso, então?

Oliver ficou de queixo caído.

– Você é uma pessoa podre – ela o insultou. – Essa sua atitude de dependurar o meu pai como se fosse um pedaço de doce na minha frente… Para você, trazê-lo de volta à família sem nenhuma expectativa de receber nada em troca não é suficiente…

– Ei! Espere aí!

– Não existe acordo nenhum entre nós, Oliver – ela o interrompeu. – Se você tiver pelo menos metade de um coração, vai me dizer onde meu pai está. Caso contrário, eu tenho uma vida, a minha própria, para cuidar.

– Você é inacreditável! – ele gaguejou.

– Passar bem, Oliver Newbanks. E boa sorte com o seu desafio.

E, com isso, Alice desceu correndo a colina a caminho da praça da vila.

Oliver Newbanks saiu correndo atrás.

Alice tinha a sensacão de que seu estômago estava cheio de gravetos e, a cada passo nervoso que dava, um deles se partia ao meio. A manhã estava alegre e amanteigada e fez um calafrio percorrer a espinha da garota. Ela permanecia na fila com seus iguais, mantendo-se muito reservada. Alguns usavam fantasias; outros, roupas simples. Alguns pareciam nervosos; outros, pomposos. Era impossível saber o significado de suas expressões. As crianças de 12 anos já tinham recebido seus números; agora, restava esperar, o que se provava quase impossível. Alice teve a necessidade repentina e infeliz de usar o banheiro feminino e, por mais que tentasse, não conseguia abafar as vozes à sua volta.

Os ferenwoodianos usavam suas melhores roupas ferenwoodianas. Mantos feitos com seda de aranha e chapéus de papoula, cores vibrando e sons ecoando e aplausos se espalhando por nenhum motivo. O público começava a tomar seus assentos, todos de olhos arregalados e animados com o cheiro da primavera saturando o ar.

Todos os anos o palco ficava lindo, mas neste ano parecia especialmente fantástico. Para hoje, tinha sido decorado de modo a parecer uma extensão do oceano, com a água azul-ameixa ricocheteando aos pés dos competidores e caindo como uma cascata no chão. Logo abaixo estava uma área verde abrigando um emaranhado de mesas e cadeiras feitas com os braços e pernas de árvores caídas. Parreiras formavam um verdadeiro tricô nos encostos dos assentos e as mesas estavam decoradas com cestas de ouro contendo maçãs de vidro e bastões de mel e palitinhos cobertos de chocolate, além de jarros de cidra e gelo doce. A orquestra preparava seus instrumentos; o céu trovejava em agradecimento; as flores se abriam em centenas de globos de vidro suspensos no ar. Para completar, o sol ateava fogo no céu, colorindo o pano de fundo com uma explosão de rubor e tangerina e mel azul.

Era realmente de tirar o fôlego.

Quase literalmente.

Quem quer que tivesse feito a decoração havia colocado açúcar demais no ar e agora Alice sentia vontade de espirrar. Tentou sufocar o impulso e acabou tossindo – e assustando a garota à sua esquerda. Alice balançava para a frente e para trás e apertou as próprias mãos, oferecendo um sorriso trêmulo para a menina que a encarava. A desconhecida retribuiu o sorriso e pareceu

arrependida. Alice olhou para os pés dela.

Dos 86 participantes, Alice era a quarta na fila. E estaria mentindo se dissesse que não tinha vontade de vomitar o que havia em seu estômago, só um pouquinho.

Ela avistou Mãe e os trigêmeos, que procuravam seus lugares, e não conseguiu não sentir o calor que se espalhava dentro de si, acalmando os nervos. A garota imaginara que eles não viriam, mas, para dizer a verdade, não sabia ao certo. Quando o assunto era Mãe, não dava para ter certeza de nada, no mínimo porque Mãe vinha se mostrando muito inconstante ao longo desses últimos anos. Mesmo assim, apesar da relação confusa e com frequência difícil, Alice não tinha como evitar: queria deixar sua mãe orgulhosa.

E esperava deixá-la orgulhosa hoje.

Aliás, a amargura que Alice sentia por Mãe esteve prestes a ser esquecida até ela ver Mãe sentar-se ao lado dos Newbanks. Oliver a encarou e ficou de olhos arregalados (e Alice arregalou os olhos em resposta) quando Mãe começou a rir e a trocar apertos de mão e dividir uma fruta com a família do menino que fora tão cruel com ela. Mãe parecia não dar a mínima para os sentimentos de Alice.

Mas a garota não queria pensar nisso agora, pois a verdade estava olhando diretamente em seus olhos e ela não podia mais negar: Mãe parecia nunca estar ao seu lado.

Cabisbaixa, Alice respirou fundo, decidida a seguir em frente, independentemente do que surgisse em seu caminho. Um dia, disse a si mesma, um dia ela voltaria para casa trazendo Pai consigo, e Mãe finalmente passaria a valorizá-la.

E foi então que os trompetes soaram e uma explosão repentina de cores se espalhou pelo ar.

Era o anúncio oficial. O começo do resto de sua vida.

O senhor Lottingale subiu ao palco.

O silêncio tomou conta da multidão e todos os 86 competidores – parados em uma lateral – ficaram tão nervosos que Alice quase conseguia ouvir os corações batendo em uníssono.

O senhor Lottingale era um dos Anciãos da cidade e viera para fazer um discurso. Era uma coisa óbvia, fazer um discurso antes do evento principal, mas Alice nunca conseguia levar o senhor Lottingale a sério. Ele mais parecia um pistache. Era redondo e bege, aberto na parte de cima, a cabeça espreitando para fora do corpo, e os cabelos verde-acastanhados voando com a brisa. Ela sabia que não era certo concentrar-se apenas na aparência daquele senhor, afinal, ele certamente era uma pessoa bondosa, mas, toda vez que olhava para ele, só conseguia se lembrar de uma ocasião em que o vira lamber uma centopeia que andava em seu lábio superior.

– Amigos de Ferenwood – ele começou a falar com a voz de centopeia saindo pelos lábios de centopeia. – Cumprimento a todos no primeiro dia da primavera.

A multidão vibrou e se agitou e ergueu suas taças de cidra.

– Hoje é a ocasião mais auspiciosa… – Lottingale continuou.

E continuou, e continuou, e continuou.

Passou os dez minutos seguintes fazendo um discurso sobre o grande dia que é o dia da Entrega, e eu não me atentei a lembrar todos os detalhes (se quer saber minha opinião, dos dez, nove minutos foram completamente desnecessários). Mas é suficiente dizer que foi um discurso emotivo, que animou a multidão e fez o nervosismo subir pelas saias de Alice e, enfim, espero que você não se importe, mas eu gostaria de pular direto para a parte na qual as coisas realmente acontecem.



Todos eles fariam suas apresentações. Todos os oitenta e seis.

Somente depois que todos os meninos e meninas de 12 anos entregassem seus dons é que eles poderiam sentar-se com suas famílias, e ali tentariam fazer uma refeição enquanto os Anciãos pensavam e tomavam suas decisões. Quando eles chegassem à conclusão final, um envelope apareceria nos pratos e dentro do

envelope estaria guardado o desafio.

De todo o grupo, apenas um desafio seria anunciado para toda Ferenwood; apenas uma criança seria celebrada.

Apenas a melhor.

Alice apegou-se a essa informação quando viu Valentina Milly subir ao palco. Valentina era a primeira, e Alice a admirava por isso. A menina posicionou-se no meio da praça, demonstrando uma dignidade enorme e silenciosa, sem jamais deixar transparecer que estivera chorando nos arbustos poucos minutos antes.

E então ela cantou.

Tinha uma voz de linho, encantando a todos sem fazer muito esforço. Valentina cantou uma música que Alice jamais ouvira antes, e as palavras envolveram a todos, fazendo o caule das árvores se arrepiarem e os pássaros se calarem de um jeito que Alice jamais vira antes. A canção era tão linda que Alice teve de secar as lágrimas ao final, certa de que alguma coisa desconhecida e assustadora estava ganhando vida dentro de si.

Alice sabia que Valentina Milly não tinha uma voz comum e, muito embora sentisse uma tremenda inveja, ela se viu aplaudindo a concorrente.

Depois foi a vez de Haider Zanotti, o menino dos cabelos mais azuis que Alice já vira na vida. Um azul elétrico, violento, pesado e forte e tão lindo a ponto de deixá-la tentada a passar a mão naqueles fios. Haider foi até o centro da praça, fez uma reverência e pulou. Alto. Alto. Acelerando na direção do céu. Suas mãos agarraram alguma coisa que Alice não conseguiu ver, e ele ficou suspenso no ar, segurando o que parecia ser uma escada invisível. Manteve-se suspenso ali e depois subiu até estar mais alto do que a mais alta das árvores, uma manchinha lá em cima, sustentando-se sem a ajuda de nada nem ninguém.

A multidão ficou boquiaberta e alguns se colocaram em pé, usando as mãos para proteger os olhos da luz do sol enquanto tentavam enxergar melhor aonde ele tinha ido.

Depois, Haider pulou.

Caiu rapidíssimo rumo ao chão, fazendo algumas pessoas gritar, mas ele estava preparado. Estendeu os dois braços enquanto descia, a poucos metros do chão, prendeu-se ao ar, com as mãos cerradas em volta de um pedacinho do céu. Ficou ali, parado, por um instante antes de pousar sobre um joelho.

Quando finalmente nos levantamos, toda Ferenwood também estava em pé. Estavam tão animados e impressionados que o senhor Lottingale teve de implorar para que parassem de aplaudir, a fim de que pudéssemos prosseguir.

Parecendo muito satisfeito consigo mesmo, Haider voltou para a fila. Alice sabia que deveria se sentir feliz por ele, mas o nó em seu estômago se apertou e ela mordeu o lábio enquanto abraçava a si mesma para tentar se proteger do

calafrio que subia por sua nuca.

A próxima foi Olympia Choo.

Olympia era uma menina grande, alta e redonda e seus cabelos estavam tão severamente puxados para trás a ponto de fazê-la parecer ter muito mais do que seus 12 anos. Subiu ao palco como quem não tinha tempo a perder com bobagens. E, quando olhou para a multidão, todos pareciam quase ter medo de olhar para ela.

Olympia bateu as palmas das mãos.

E tudo se quebrou.

Cadeiras, mesas, copos, jarras, pratos e até mesmo a calça de um pobre homem. Tudo caiu no chão, e os cidadãos de Ferenwood foram junto. Porém, quando eles estavam prestes a gritar sua desaprovação, Olympia assobiou e tudo voltou ao normal. As mesas se consertaram, as cadeiras se levantaram, os pedaços de vidro se reuniram e as calças rasgadas de repente ficaram novas de novo.

Alice deslizou o olhar por seu próprio corpo; um fiapo solto em sua saia havia voltado ao lugar certo. A mancha em seu joelho havia desparecido. Até sua trança de repente parecia mais bem arrumada, sem nenhum fio de cabelo fora do lugar.

Alice ficou de fato impressionada.

Olympia estava prestes a bater palmas outra vez quando a multidão gritou *NÃO!* e se abaixou amedrontada. O senhor Lottingale correu para tirar Olympia do palco.

O que significava que Alice seria a próxima.

E ah, ela estava morrendo de medo!

Somente três tinham se apresentado antes da sua vez e Alice já sabia que tinha cometido um enorme erro. Ninguém estivera ao seu lado para prepará-la, nem Mãe, que parecia não dar a mínima, nem os professores que ela há tempos não tinha. Alice pensou que Pai tivera lhe dado esse dom antes de partir – alimentado essa necessidade que ela tinha de dançar. Ela achava que esse era seu talento. O dom que entregaria.

Só agora se dava conta de que esse era um show de talentos *de verdade*. E ela, bem, ela não tinha talento algum. Não podia tocar as almas com seu canto, não conseguia subir pelo ar, não sabia consertar o que estava quebrado. Só podia oferecer uma dança – e agora se dava conta de que isso não seria suficiente.

Alice quis chorar. Mas não, chorar não resolveria seu problema.

O senhor Lottingale já chamava seu nome e era tarde demais para desistir. Tarde demais para admitir a Oliver que ela cometera um erro, que deveria ter escolhido Pai em vez de apostar nesse momento de humilhação.

De repente, Alice sentiu o pesar.

Estava sozinha no palco, totalmente sozinha, olhando para mais ou menos uma dezena de milhares de rostos, mas não conseguiu olhar para Mãe.

Então, fechou os olhos.

A música a encontrou, como sempre acontecia, e ela se entregou. Sentiu o ritmo em seus ossos e se movimentou como se movimentara mil vezes antes.

Alice dançava da mesma forma como respirava: por instinto. Era um reflexo interno, uma coisa que seu corpo precisava fazer para se manter vivo. Seus braços e pernas conheciam as regras e sabiam remexer e girar e baixar e rodopiar. Alice girava e rodava, quadril requebrando, movimentando-se com uma melodia que só ela conseguia ouvir. Os movimentos vinham mais rápidos, mais ágeis, mais elegantes, mais grandiosos. Seus pés batiam na terra, tocavam o chão em um clamor que rugia dentro do corpo. Os braços agora estavam erguidos, braços com pulseiras que vibravam com ela, e Alice soltou a cabeça para trás, olhando para o céu. Mais rápido, mais rápido, cotovelos mexendo, joelhos remexendo, pulseiras chovendo música à sua volta. Ela se movimentava como jamais se movimentara antes, leve e devagar, intensa e rápida, tornozelos e calcanhares ágeis e dedos nadando no ar. Suas saias formavam um borrão de cores, todo o corpo era capturado pela necessidade de encontrar os elementos e,

quando Alice enfim terminou, soltou o corpo no chão.

Cabeça baixa.

Mãos cruzadas no colo.

Saias ajeitando-se à sua volta.

Alice era uma flor caída. E esperava parecer uma flor linda.



Lentamente ergueu a cabeça.

O público continuava olhando, apenas educadamente assistindo, ainda à espera do *grand finale*. Ainda esperando Alice mostrar seu talento. Ela se levantou e o sol explodiu em suas bochechas.

– Você terminou, minha bonitinha? – As palavras saíram da boca do senhor Lottingale.

Alice assentiu.

– Ah, certo – ele falou, o queixo caído rapidamente se ajeitando em um sorriso. – Claro. Por favor, volte para a fila, senhorita Queensmeadow.

Alguns aplausos ecoaram enquanto os convidados olhavam uns para os outros, tentando descobrir como agir. Alice engoliu em seco o nó em sua garganta e voltou ao seu lugar na fila, olhando firmemente para seus pés e quase nem se atrevendo sequer a respirar.

Oitenta e duas outras crianças se apresentariam depois dela, mas Alice não conseguiria se lembrar de nenhuma. Havia muitos talentos sendo exibidos naquele dia, e o dela, no fim das contas, foi a força de não explodir em lágrimas diante de todo o mundo.

Alice não conseguiu se sentar com Mãe.

Depois da cerimônia, ela encontrou um galho silencioso em uma árvore muito alta e tentou desesperadamente manter-se calma. Inspirava e expirava em lufadas curtas enquanto se repreendia pelo que tinha acontecido, refletindo sobre todos os motivos pelos quais estava sendo ridícula. É claro, pensou, estava sendo dura demais consigo mesma. Sentia-se intimidada por seus concorrentes, isso era normal. Ademais, ela não esperava que os talentos fossem tão impressionantes, então fora pega de surpresa. E, no fim das contas, todos os outros deviam estar sentindo as mesmas inseguranças que ela estava. Mais importante: Alice tinha parado de prestar atenção às performances, então alguém certamente devia ter se saído pior.

E assim ela passou algum tempo pensando.

Puxou os joelhos para perto do peito e os abraçou bem apertado. Decidiu que não choraria. Que não precisava chorar. No fim das contas, talvez (provavelmente) (bem, melhor dizendo, sem dúvida) não recebesse o melhor desafio de toda Ferenwood – mas tudo bem! Talvez, se suas expectativas não tivessem sido tão altas, sua decepção também não fosse tão grande, mas ela aprenderia com isso e se sairia melhor da próxima vez. E, fosse lá qual fosse o desafio que recebesse, ela o realizaria bem. Ficaria grata por isso. Talvez não fosse uma tarefa cobiçada – talvez não tivesse que sair de Ferenwood, mas ainda assim seria um desafio, e ela enfim ficaria contente por ter um propósito. Seria o início da algo novo.

E tudo daria certo.

Alice havia enfim se acalmado a ponto de conseguir descer da árvore. E ali ela ficou, com o corpo parcialmente escorado ao tronco, e prometeu a si mesma, várias e várias vezes, que tudo ficaria bem. Tinha feito o seu melhor e não poderia exigir mais de si mesma.

Tinha feito o seu melhor.

Os Anciãos enfim reapareceram. Estavam todos sorrindo (bom sinal!), o que dava a Alice grandes esperanças. Seus ombros cederam aliviados e ela conseguiu espiar de trás da árvore.

O senhor Lottingale foi o primeiro dos dez Anciãos a falar, e cada um deles tomou um momento para dizer palavras inspiradoras de encorajamento.

Pronunciavam-nas com tamanha sinceridade que, por um instante, Alice sentiu-se boba por ter reagido como acabara de reagir. Eles olhavam para a multidão com muito orgulho, então é claro que ela tinha se saído melhor do que imaginava.

Alice foi um pouquinho mais para a frente, agora já não mais se escondendo. No entanto, enquanto pensava na ideia de sentar-se à mesa de Mãe, a atmosfera mudou. Um trompete soou e uma chuva de purpurina caiu e envelopes espessos e lustrosos apareceram nos pratos do café da manhã diante de seus concorrentes. A animação era palpável. Todos sabiam que os envelopes traziam um cartão de uma cor específica, e que cada cor representava uma nota diferente. No total, havia cinco categorias, e Alice as memorizara desde que aprendera a contar.

NOTA 5 || VERDE = *Espetacular*
NOTA 4 || AZUL = *Excelente trabalho*
NOTA 3 || VERMELHO = *Perfeitamente adequado*
NOTA 2 || AMARELO = *Razoável*
NOTA 1 || BRANCO = *Bem infeliz*

As crianças rasgavam seus envelopes – algumas com grande confiança, outras bastante hesitantes – enquanto Alice ainda tentava ver se alguma coisa havia aparecido na mesa de Mãe.

De fato, havia algo ali.

O coração de Alice estava agitado.

De onde estava, ela não conseguia ler o rosto de Mãe, mas podia ver que Mãe estava segurando o envelope como quem não sabia ao certo o que fazer com aquilo; e, embora tivesse deslizado o olhar apenas uma vez pela praça, Mãe pareceu nem dar a mínima para o fato de Alice não estar ali para pegá-lo. Mãe dizia com frequência que não entendia por que Alice perdia tempo fazendo as coisas que fazia e, agora, mais do que nunca, a menina pensou que não entender era uma maneira muito preguiçosa de amar alguém.

Oliver estava de costas para ela, então Alice não conseguia ver o rosto dele. Mas Mãe sorria para Oliver, então ele devia estar dizendo alguma coisa. Possivelmente usava seu dom da persuasão para arruinar a vida dela. É claro que, depois de apenas alguns segundos, Mãe entregou o envelope para ele. Simplesmente entregou. Toda a vida de Alice dobrada em um pedaço de papel e Mãe entregou isso justamente ao garoto cujos dentes Alice tinha vontade de chutar.

Aliás, ela quase foi até lá para fazer precisamente isso.

Mas, verdade seja dita, Alice ainda estava com medo. Queria voltar à

multidão de Ferenwood, mesclar-se a ela. Já era ruim o suficiente ter nascido quase sem cor nenhuma, ter uma pele cor de neve e cabelos cor de açúcar e cílios cor de leite. Alice nunca gostou de admitir, mas a verdade era suficientemente verdadeira: segundo os padrões de Ferenwood, ela era mesmo a mais feiosa. Aquele mundo onde ela vivia prosperava com as cores, e ela não tinha nenhuma.

Mas as cores não importavam para o desafio, pois ele dependia apenas de talento mágico e talento era uma coisa que Alice pensava ter. Os corações de Ferenwood nasciam com um talento. Ela, Alice Alexis Queensmeadow, havia nascido com um coração de Ferenwood, e seu talento precisava de um desafio.

Ela não podia andar em meio à multidão sem um desafio.

Alice não quis olhar para Oliver enquanto seguia seu caminho. Não dava a mínima para o jeito pomposo dele e certamente não queria ouvi-lo dizer que seu talento era um horror. Não sabia o que Oliver entregara, mas tinha certeza de que era alguma coisa ridícula.

Oliver raspou a garganta. Alice percebeu que ele tinha uma bolsa chique dependurada no corpo. Devia estar a caminho de algum lugar, e Alice alimentou a esperança de que ele enfim a deixaria em paz.

– Oi, Oliver – ela cumprimentou rapidamente, pegando o envelope da mão estendida.

– Alice – ele assentiu.

– Agora você já pode ir – ela foi logo dizendo, já estreitando os olhos.

Oliver cruzou os braços e apoiou o corpo em um tronco de árvore.

– Abra – sugeriu.

– Não quero abrir na sua frente – ela bufou.

Ele virou os olhos.

– Não seja tão rigorosa. Só porque você não vai receber o melhor desafio não significa que…

– E como você sabe que não vou receber? – Alice ralhou diante de toda aquela petulância. – Ninguém disse que eu ainda não posso…

– Porque Kate Zuhair já recebeu – ele respondeu em uma expiração. – Sério, Alice, fique calma. Ninguém está julgando você.

– Ai – ela respondeu, piscando rápido os olhos.

Era um pequeno consolo, mas Alice ficou aliviada ao descobrir que pelo menos Danyal Rubin não havia sido o melhor. Mesmo assim, seu orgulho não permitia que ela se acalmasse. Certamente não na frente de Oliver.

– A minha nota foi três, sabia?

Alice ergueu o olhar.

– Você tirou três?

Oliver confirmou acenando com a cabeça.

– E, mesmo assim, o desafio é a coisa mais difícil do mundo. Não sei se você iria querer um cinco, mesmo se ganhasse.

Alice engoliu em seco. Ela jamais admitira para ninguém, mas, depois daquela performance, esperava tirar dois. Qualquer coisa, menos um.

Seria humilhante.

– Vá em frente, então. – Oliver deu tapinhas no envelope, que ela segurava. – Vai ficar tudo claro como a luz do sol quando você abrir.

– Está bem – ela sussurrou, perguntando a si mesma por que aquele menino estava sendo tão gentil com ela.

Ele provavelmente ainda tinha esperança de que ela deixasse o próprio desafio de lado para ajudá-lo com o desafio dele.

O que jamais aconteceria.

As mãos de Alice ficaram trêmulas enquanto rasgavam o selo do envelope, e foi ali, como o destino quis, bem ali, diante de Oliver Newbanks, o garoto que a havia coroado como a menina mais feiosa de toda Ferenwood, que Alice se deparou com a pior das realidades.

Em seu envelope havia um cartão que ela jamais vira antes. Não era amarelo, nem branco. Era preto. Um retângulo preto de papel pesado e espesso.

Oliver ficou boquiaberto.

Alice virou o retângulo.

Nota 0

As nuvens escolheram para ganhar vida precisamente nesse momento. O céu se abriu e a chuva caiu com tanta força a ponto de quase machucar, banhando a todos com o que supostamente seriam lágrimas de felicidade. Alice sentiu frio e sentiu-se molhada e sentiu seus ossos se estilhaçando e finalmente perdeu a força para ser corajosa, a qual abriu espaço para o coração de uma covarde.

E aí ela saiu correndo.

Correu até seu peito doer, até seus pulmões queimarem, até tropeçar e rasgar suas saias e não conseguir mais conter as lágrimas.

Não sabia quem chorava mais: se o céu ou se ela própria.

Quando Oliver a encontrou, Alice estava perto da fronteira de Ferenwood, bem no limite com Fennelskein, escondendo-se debaixo de um pé de moedas. Ela soluçou em meio ao prado e as moedinhas estremeceram, soando como uma sineta que caçoava de sua dor. Alice fungou e engoliu o restante de suas lágrimas e virou-se para olhar para as nuvens. A chuva havia cessado e o sol brilhava forte no céu e centenas de arco-íris deslizavam sobre tudo, dando um brilho etéreo ao mundo. Alice achou aquela beleza toda inesperadamente cruel.

Ela não sabia o que acontecia com as crianças que não eram desafiadas. Somente três delas fracassaram na Entrega ao longo de centenas de anos, e Alice imaginou que as três simplesmente evaporaram de volta para debaixo da terra. Depois desse fracasso, voltar à vida normal em Ferenwood certamente parecia impossível.

Talvez ela seguisse os passos de Pai e simplesmente desaparecesse.

– Vá embora, Oliver – Alice falou baixinho.

Não queria ser grosseira com ele, afinal, ele não havia feito nada na última hora para merecer, mas, ao mesmo tempo, ela queria ficar sozinha.

Ele se agachou ao lado dela.

– Saia daí, Alice. Eu estou vendo o que tem debaixo das suas saias.

– Vá embora – ela insistiu, sem fazer qualquer esforço para cruzar as pernas.

Os dois passaram um bom tempo em silêncio.

– Você foi esplêndida hoje – Oliver enfim elogiou.

– Sim, muito.

– Ah, qual é, Alice?! Eu estou falando sério.

– Quer me dar licença? – ela ralhou duramente. – Eu tenho muita coisa a fazer.

Oliver puxou-a pelo tornozelo, puxou-a com tanta força que Alice quase caiu no riacho ali perto. Ela estava com a boca cheia de coisas horrorosas para dizer àquele garoto quando ele puxou o envelope de sua mão e ergueu o cartão preto na direção do céu.

– Você precisa abrir, sabia?

– As pessoas só abrem se tiverem recebido um desafio – ela rebateu, pulando para pegar o cartão da mão do garoto. – Não tem nada a descobrir aí dentro quando sua nota é zero.

– E como é que você sabe? – Oliver a encarou.

– É a minha plena convicção.

– Até parece – ele provocou. – Até parece que você tem tantas convicções plenas assim.

Alice deu meia-volta e cruzou os braços.

– O que vai fazer agora? – Oliver quis saber.

– Vou fazer você devolver o meu cartão, muito obrigada.

E segurou o braço dele até conseguir arrancar o papel de volta.

– E agora? – ele perguntou, ainda a encarando.

– Agora vou cavar um buraco bem fundo e viver lá dentro dele.

A risada de Oliver fez seu rosto ficar iluminado e suavizou a dureza em seus olhos.

– É claro que não vai fazer isso.

– Não é da sua conta. Posso muito bem viver em um buraco se eu quiser.

– Alice, eu não ligo para o que os Anciãos dizem. Sei o que você é capaz de fazer. Só porque você escolheu o talento errado para a Entrega…

– Não escolhi talento errado coisíssima nenhuma!

– Sem dúvida escolheu – ele rebateu com a sobrancelha arqueada. – Eu mesmo não consegui entender. Tinha certeza de que iria…

– Feche já essa sua matraca, Oliver Newbanks!

– O quê? Por quê?

– Isso que você está pensando não é talento coisíssima nenhuma – ela respondeu firmemente.

– *Não é talento!* – Oliver a arremedou. – Tem ideia do que eu daria para conseguir fazer o que você faz?

– Todo o mundo nasce com cor – Alice falou com cuidado. – As minhas simplesmente ficam contidas dentro de mim. Isso não é talento, é biologia.

– É um traço biológico que nenhum de nós tem – ele apontou.

– Eu danço – ela insistiu. – É isso que sei fazer. Esse é o meu dom, eu sinto que é, Oliver. Sinto em meu coração. É o que eu nasci para fazer.

– Pois eu discordo.

– Pois não é da sua conta para você ter opinião.

– Bem, a sua opinião claramente não funcionou a seu favor…

Alice deu-lhe um chute na canela.

– Minha nossa, Alice! – Oliver resmungou, passando a mão na perna. – Qual é o seu problema, hein?! Eu só estou tentando ajudar.

Alice mordiscou o lábio e desviou o olhar.

– Me desculpa – sussurrou. – Eu não queria ter sido malvada. Mas meu coração está tão dilacerado que temo que jamais vou conseguir consertá-lo.

Oliver pareceu ligeiramente mais calmo. E suspirou.

– Não precisa ser tão dramática – respondeu. – Além do mais, se estiver em busca de aventura, minha oferta continua valendo. Eu ainda preciso de sua ajuda.

– Eu não quero ajudar você.

– Por quê? – ele questionou, quase arfando. – Ora, ora, por que não? Seria tão terrível assim?

– Provavelmente seria.

– Mas e o seu pai? – Oliver falou todo desesperado. – Seria tão terrível também encontrar o seu pai?

– Eu continuo sem entender por que você não pode simplesmente trazê-lo de volta para casa – Alice insistiu, cerrando os punhos. – Se sabe onde ele está…

Oliver deixou escapar um grito de frustração e lançou as mãos para cima.

– Você não entende! – exclamou. – Não é tão simples assim… Eu simplesmente não posso trazê-lo de volta, não sem você!

– E por que não? – ela exigiu saber. – Se você o trouxesse de volta primeiro, talvez eu tivesse vontade de ajudar! Isso nunca passou pela sua cabeça? Que talvez bondade funcione melhor do que crueldade? Já chegou a pensar que pode ser que…

– Alice, por favor!

Oliver a agarrou pelo braço e a calou com um olhar tão duro que ela sequer conseguia mais lembrar o que estava para dizer.

– Alice – ele falou outra vez. – Trazer o seu pai para casa é o meu desafio.

O corpo de Alice arrepiava dos cabelos aos tornozelos. Um calafrio subiu por suas roupas e foi buscar calor em sua pele. O coração estava acelerado e as mãos cerradas e ela fechou os olhos e respirou o mais fundo que pôde.

Ai, minha nossa!, pensou.

Alice sabia que Oliver Newbanks estava dizendo a verdade.

Naquele momento, ela soltou um gemido – um gemido que poderia ser uma palavra, mas que foi basicamente só um som – e se afastou de Oliver, vacilando para o lado e para a frente até girar e cair sobre as saias, uma pilha de cores que a engolia.

Por fim, ergueu o olhar.

Oliver estava de braços cruzados, as sobrancelhas apertadas. Seus olhos focavam em uma casca de tronco que se soltava de uma árvore ali perto.

– Oliver – ela o chamou.

– O quê? – ele disse, ainda olhando fixamente para a árvore.

– Você está nervoso? – Alice quis saber.

– Sim, bastante.

E manteve os braços cruzados, aplicando ainda mais força.

– Não fique.

Ele raspou a garganta.

– Como você é insuportável!

– Bem… – ela falou, também cruzando os braços. – Igualzinha a você.

Por fim, Oliver virou-se para encará-la.

– E isso é tudo o que você tem a dizer? Depois de tudo o que contei para você? Ainda se recusa a…

– Não – Alice rebateu, esforçando-se para se levantar. – Não, eu não me recuso.

Ele descruzou os braços e também soltou o lábio inferior.

– O quê?

– Eu dizia que… que não recuso – Alice respondeu em voz alta.

– Então você *concorda*…

– É claro que não.

A boca de Oliver tinha congelado no meio da frase, mas agora seu maxilar se apertou. E seus olhos se estreitaram.

– Você é a menina mais confusa que eu já encontrei…

Alice sorriu.

– Bem, obrigada…

– Não comece! – um Oliver horrorizado a interrompeu. – Não era para ser um elogio!

Os olhos de Alice brilharam. Ela estava em uma posição delicada e Oliver acabou se transformando no alvo mais conveniente para sua angústia.

– De todas as coisas que há por aí para desgostar… – ela falou furiosa. – Acho que desgosto mais de você!

– Considere o sentimento como sendo recíproco – Oliver rebateu.

Eles passaram algum tempo ali, os dois, peitos cheios de ar, encaravam-se. Cada um enfrentava uma batalha pessoal diferente, e ambos eram orgulhosos demais para dividir sua dor.

Por fim, Alice se cansou de ficar brava (era uma tarefa exaustiva) e soltou o corpo no chão, mordiscando o lábio e a bochecha e a articulação do dedo para não explodir em lágrimas outra vez.

Isso Oliver pareceu entender.

Cuidadosamente, atentamente, sentou-se ao lado dela e, um instante depois, os dois falaram ao mesmo tempo.

Ele disse:

– Você realmente desgosta mais de mim do que de qualquer outra coisa?

E ela disse:

– Ai, Oliver, eu perdi tudo, não perdi?

Impressionado, Oliver piscou violentamente os olhos. Seu coração, tão endurecido ainda há poucos instantes, suavizou-se quando ele percebeu que, pelo menos hoje, a batalha de Alice era maior do que a sua. Então falou muito suavemente: – É claro que não perdeu.

Com os olhos cheios até a borda, Alice olhou para ele. E, nesse momento, conseguiu abrir um leve sorriso.

– Você é um péssimo mentiroso.

– Bem, então… – ele tentou, mas não conseguiu esconder o sorriso. – Então venha comigo. Venha encontrar o que você perdeu.

– Mas como é que eu vou conseguir confiar em você? – ela fungou e secou os olhos, decidida a não esmorecer. – Eu não tenho a menor vontade de ir a lugar nenhum com uma pessoa que me conta mais mentiras do que verdades.

Ao ouvir as palavras, Oliver arqueou uma sobrancelha e sorriu. Pode parecer absurdo, é verdade, mas o garoto parecia se sentir lisonjeado, e não vamos perder tempo tentando descobrir o porquê. De todo modo, ele estava agora fuçando em sua bolsa carteiro procurando uma coisa ou outra, e Alice se pegou

muitíssimo curiosa. Um instante depois, Oliver segurava nada menos do que cinco pergaminhos e exibia um sorriso triunfante.

– Eu tenho *mapas* – foi tudo o que disse.

Como era de se esperar, Alice ficou boquiaberta.

(Querido leitor, para você e para mim, mapas são uma coisa corriqueira, afinal, costumam ser abundantes e acessíveis a qualquer pessoa que deseje usá-los. Porém, temos que lembrar que, em Ferenwood, mapas são itens raros; e, para Alice, eles inevitavelmente lembravam Pai. Criar mapas, como você deve se lembrar, era o trabalho de toda a vida dele.)

E Oliver, obviamente, entendia isso.

Alice soltou um grunhido de susto, e ele assentiu.

– Exatamente – Oliver confirmou. – Eles são os mapas de seu pai. Os Anciãos me entregaram antes de eu dar início ao meu desafio.

Alice parecia incapaz de dizer qualquer palavra, então Oliver prosseguiu:

– Eles estão procurando seu pai desde que ele partiu, sabia?

Oliver parou de falar para dar a Alice mais uma oportunidade de responder. Ela mais uma vez não disse nada, então ele continuou:

– Mas não conseguiram encontrar a pessoa certa para o trabalho até o ano passado, na minha Entrega. Foi então que descobriram que as minhas habilidades eram a combinação perfeita. – E sorriu antes de concluir: – Impressionante, não acha?

– O que mais você tem aí nessa bolsa? – Alice enfim perguntou, olhos estreitados.

– Nada com que você precise se preocupar – ele se apressou em responder.

Alice chegou a abrir a boca para protestar, mas Oliver a interrompeu, guardando apressadamente os mapas.

– Certamente não – ele disse. – Não posso dividir mais detalhes se você não concordar em ajudar.

Ao ouvir as palavras, Alice respirou demorada e profunda e cuidadosamente.

Por fim, ela cedeu.

– Está bem – falou antes de expirar. – Eu vou com você. Eu ajudo.

Para seu crédito, Oliver pareceu tão surpreso que Alice pensou que ele fosse chorar. Mas ela não queria fazer nenhum favor a ele; sua decisão era totalmente motivada por interesse próprio. Em seu modo de ver, ela agora tinha apenas duas escolhas: encontrar Pai com Oliver ou ficar em Ferenwood e viver envergonhada para sempre.

Então, assentiu:

– Eu dou a minha palavra.

– Ah, Alice! – Oliver exclamou, estendendo a mão. – Obrigado…

– Não me agradeça ainda – ela respondeu, golpeando a mão dele enquanto se levantava, ansiosa por manter-se distante daquele menino. Alice não queria que Oliver pensasse que ela estava superfeliz com a situação. – Tem certeza de que você sabe onde Pai está?

– Sim – ele respondeu, também se levantando. – Sim, sim. Mas… Você não entende? Saber não significa nada quando há trabalho a ser feito. É *chegar* ao seu pai que eu não consigo.

Alice bateu as mãos e voltou o rosto ao firmamento, mantendo os lábios cerrados. Olhou diretamente nos olhos de Oliver, o tempo todo afundando os dedos do pé direito no chão.

– E você tem certeza de onde ele está?

Oliver parecia prestes a morrer de exasperação.

– Você ouviu alguma coisa do que eu falei? É claro que sei onde seu pai está, mas isso não…

– Sim, sim – Alice falou, dispensando as palavras do garoto. – Ouvi todos os poréns e etecéteras. Mas o fato de eu saber que você não está mentindo não torna mais fácil acreditar em você.

Oliver a estudou com todo o cuidado. Enfiou a mão na bolsa e puxou mais um pergaminho. E o abriu na palma da mão. Para um papel que estava enrolado, ele ficou impressionantemente reto feito uma tábua, mas, quando Oliver o tocou outra vez, o pergaminho ganhou vida. Cresceu lentamente, transformando-se de triângulo em uma caixa tridimensional mais alta do que a largura do próprio garoto. Ele tocou a parte superior com três dedos por três segundos e a tampa desapareceu.

– Então venha – disse a ela, acenando com a mão livre. – Venha ver onde seu pai foi parar.

Alice ficou horrorizada.

– Pai está nesta caixa? – arfou, levando a mão ao peito. – Ele está preso? Ou ferido? Temos que remendá-lo? Ai, Oliver, não sei nem por onde começar a remendar…

– Ele não está ferido – Oliver afirmou, apontando a cabeça para as nuvens. – Venha e veja com seus próprios olhos, ora bolas.

– Ah, está bem – ela disse, bochechas queimando.

Para Alice, era difícil gostar de Oliver – considerando que ele jamais gostara muito dela –, mas ela queria encontrar Pai mais do que lhe importava o fato de não gostar de Oliver, então tinha de engoli-lo. Chegou mais perto, perto o suficiente para conseguir olhar dentro da caixa.

E ali no interior havia uma porta.

Alice ficou outra vez de queixo caído.

– Sim, é muito inteligente, não é? – Oliver arriscou. – Mas a jornada vai nos custar uma boa quantidade de…

– Ah, eu não tenho dinheiro – Alice admitiu. – Gastei meu último finque comprando um picolito.

– … de tempo.

– Certo. Isso, de tempo.

Alice raspou a garganta.

– Uma vez que entrarmos aí, vai ser muito difícil voltar – Oliver explicou. – Pode ser que passemos um longo período longe.

– Longo feito uma centopeia? – ela questionou, arqueando a sobrancelha para o céu. – Ou longo feito um oceano? – E abriu os braços.

– Não sei – veio a resposta. – Da última vez, passei um ano fora.

– Um ano inteiro? – Alice indagou, baixando os braços. – Foi lá que você passou esse tempo todo? Tentando encontrar Pai?

Oliver confirmou com a cabeça.

Alice se sentou.

Ela estendeu a mão para pegar uma margarida sem nem olhar. Puxou-a do chão e imediatamente a enfiou na boca.

– Então, aonde isso leva? – perguntou, olhando para o horizonte enquanto mastigava. – A porta?

Oliver suspirou.

Alice apertou os olhos na direção dele, protegendo-os dos arco-íris. Por fim, colocou a caixa no chão e sentou-se ao lado dela.

– Ela nos leva a Furthermore.

Alice riu com a boca ainda cheia de margarida.

– Ah, qual é?! – ironizou. – Sério, fale para mim aonde ela leva.

– A Furthermore – ele repetiu com firmeza.

– Mas… – Alice gaguejou.

Oliver arqueou uma sobrancelha.

– Mas, não – Alice falou lentamente, baixinho. – Eu achei que… Todo mundo achava que… – E hesitou antes de prosseguir: – Oliver, Furthermore não é *de verdade*.

– Seu pai pensou que fosse. Ele recebeu o desafio de ir a Furthermore quando tinha a sua idade, você não sabia? Ele não desenhava mapas só de Ferenwood, Alice. Ele estava desenhando mapas de *todos* os lugares mágicos. Vinha fazendo trabalhos mais importantes do que qualquer outra pessoa de Ferenwood jamais fez. – Oliver deu dois tapinhas em sua bolsa. – Os mapas do seu pai salvaram a minha vida incontáveis vezes.

Os olhos de Alice agora estavam redondos como dois pratos. Ela não sabia de

nada disso. (Será que Mãe sabia?) Pai, a cidade, os Anciãos… eles mantinham essas verdades escondidas dela. E Alice sempre teve esperança de que havia algo mais por aí – outro lugar mágico no mundo –, mas, agora que a possibilidade estava bem diante dela, não sabia se conseguia acreditar. (Mesmo assim – e talvez infelizmente – Alice sabia que Oliver estava dizendo a verdade, o que a impossibilitava de desacreditar.)

– Como é lá? – ela sussurrou. – Em Furthermore?

Oliver desviou o olhar, mas não sem antes Alice perceber um ar de nervosismo vindo do garoto.

– Existem motivos para não falarmos sobre esse assunto – foi tudo o que ele ofereceu em resposta.

Boquiaberta, Alice enfim entendeu.

– Ah, Oliver – ela disse. – É perigoso? Pai está enfrentando dificuldades?

Oliver virou-se para encará-la, agora determinado. Apontou para a caixa entre eles.

– Está disposta a descobrir?

Alice estudou a caixa e sua portinhola minúscula. Pensou no medo e pensou em coragem; pensou em casa e na esperança e na chance de viver uma aventura.

Pensou em Mãe.

Mãe, que não sentiria sua falta. Três irmãos, que jamais a conheceram direito; e Pai, que sempre a amou.

Alice não tinha nada a perder e um pai a encontrar.

E aí estava: pela segunda vez, ela sabia o que tinha de fazer. Então, entrou na caixa e virou a fechadura.

Alice espreitou pela porta aberta e não viu nada.

– Parece não ter nada ali dentro – comentou com Oliver, sacudindo levemente a caixa. – Talvez tenhamos entrado pela porta errada.

– Não tem problema nenhum com minha porta – ele arrancou a caixa da mão de Alice e a levou um pouquinho mais longe. – Você precisa entrar em um mundo se quiser vê-lo de verdade. Uma olhadela de passagem não funciona para nada.

Alice queria dizer alguma grosseria a Oliver, mas preferiu passar algum tempo estudando-o, cada vez mais curiosa sobre esse garoto com a boca de um mentiroso e os cabelos da cor de arenque. Percebeu que ele usava uma túnica discreta, sem adornos. Não era muito estilosa. Aliás, a matiz era a única coisa interessante. Tinha a cor de berinjela verde.

Oliver percebeu que Alice o estava encarando e começou a ficar agitado.

– O que foi? – ele arriscou.

– Tem certeza de que a porta é o único jeito de entrar? – ela quis saber. – Talvez haja uma janela, alguma coisa que permita à gente dar uma olhadinha…

– Você vai ficar questionando tudo o que eu disser? – Oliver perguntou já agitando os ombros. – Vai ser sempre assim? – Pegou uma borboleta que passava por ali e sussurrou ao seu ouvido: – Eu devia arrancar a minha própria cabeça, não devia?

Alice engoliu uma risada.

– Ah, está bem – falou antes de se levantar. – Vá em frente, então. E me faça ficar pequena o suficiente para caber aí dentro.

– Não há necessidade disso – Oliver respondeu, soltando a borboleta, que voou em círculos em volta antes de pousar nos cabelos dele, onde prontamente adormeceu. – Tem bastante espaço para cabermos nós dois. Então, ande logo – prosseguiu, gentilmente tirando a borboleta da cabeça. – É grosseiro manter a porta esperando.

Alice espiou pela porta antes de olhar uma última vez para Oliver. O garoto estava enfrentando uma batalha perdida contra a borboleta, que claramente havia se apaixonado por ele. Apaixonar-se era a forma preferida de passar o tempo.

Alice colocou um pé dentro da caixa e quase berrou.

– Ora, ora, por que ela está *ensopada*? – gritou, tomada pelo pânico. Tentou

puxar seu pé para fora, mas ele estava preso dentro da porta. – Por que você não me disse que estaria *ensopada*…?

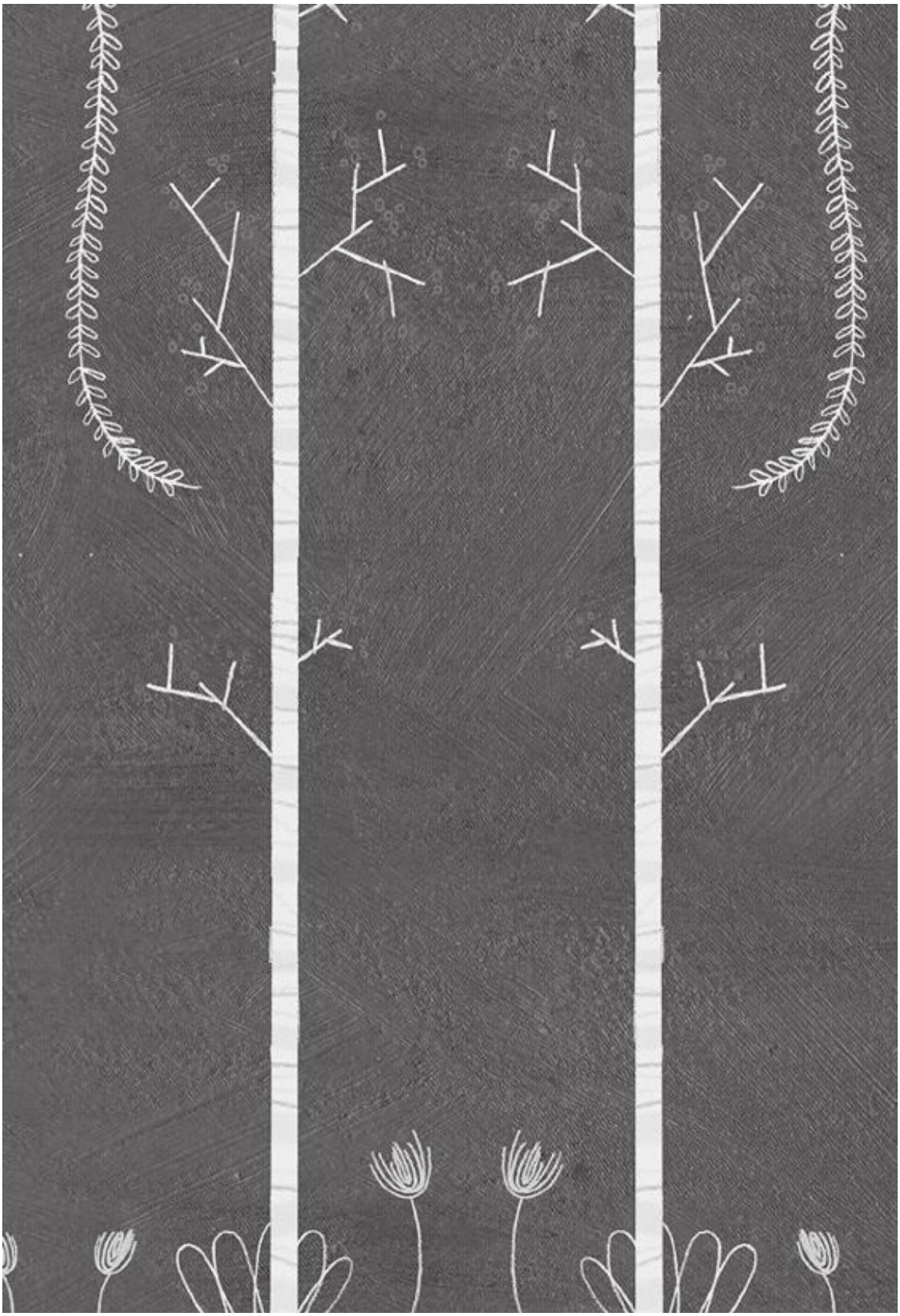
Alice não teve chance de protestar. Oliver logo a puxou pela cintura e a ergueu. E falou:

– Está ensopada por que tem água, sua bobinha.

E a soltou lá dentro.


Esta talvez
seja a minha
parte favorita





Alice caiu muito longe.

Caiu para trás por um instante, depois ligeiramente para a esquerda, depois em pé por muito tempo até finalmente pousar com um *plop,* toda ensopada e afundando.

Tentou gritar, mas de sua boca só saíam bolhas, estourando pelo mar no qual ela se afogava. Estava com medo e furiosa, mas mais furiosa do que com medo. Oliver não havia lhe contado que ela nadaria usando essas roupas pesadas, e agora ela morreria e tudo seria culpa dele e ela nem conseguiria dizer nada a ele. E isso a deixava ainda mais furiosa, e então ela chutava e chutava a água, o que fazia seu chapéu delicado e as pulseiras dos tornozelos escapulirem, o que era terrível também. Horrorizada, Alice enfim aceitou que só conseguiria sair viva se conseguisse se livrar da saia pesada – e *ah!*, como partia seu coração vê-la indo embora –, mas foi então, enquanto ela pensava na melhor maneira de matar Oliver Newbanks, que ele começou a puxar seu braço.

Assim que as cabeças dos dois chegaram à superfície, ela conseguiu ouvir o que ele estava dizendo.

– Oras bolas! O que você está fazendo? – ele gritou, tremendo, rosto vermelho. – Por que não saiu da água? Estava tentando se matar?

– Como assim? – ela cuspiu a água de sua boca e afastou os cabelos dos olhos. – Eu? Me matar? Do que você está falando? Eu estava só afogando, graças a…

– Afogando? – ele ecoou estupefato. – Alice, a água só bate no joelho!

Ah, tá.

Isso explicava o fato de agora ela estar viva.

Alice olhou para baixo e olhou em volta e avistou suas saias flutuando a poucos metros dali. Limpou a garganta e disse:

– Queira, por favor, me dar licença.

E seguiu na direção das roupas.

A água era limpa; sua cor, turquesa. Não estava fria e não estava quente, mas estava muito molhada e Alice não via a hora de sair dela. Pegou as saias e voltou para perto de Oliver, que a encarou e pareceu achar melhor nem comentar mais nada.

– Então? – ela disse, erguendo a cabeça enquanto estremecia com a brisa. – Aonde vamos agora?

– Reto, adiante, rumo à terra – ele respondeu, assentindo na direção da encosta.

"Terra" era apenas uma linha fina no horizonte, mas Alice conseguia enxergá-la, e disse a ele que conseguia. Seguiu Oliver e não fez mais nenhuma pergunta além das cinco que de fato fez, e parou só para espirrar quando seu nariz implorou.

Aliás, Alice estava justamente no meio de um espirro quando percebeu o tapete molhado debaixo de seus pés. Agora os dois encontravam-se bem perto da encosta, e ela podia ver claramente: havia dezenas de dúzias de tapetes antigos espalhados pela areia e dependurados em uma linha perfeitamente vertical. Todos eram de um vermelho cheio de vida, mas entrelaçados com fios de ouro e violeta e verde da espuma do mar, formando estampas florais intrincadas e abstratas.

Tudo parecia bastante apropriado.

Furthermore estava dando as boas-vindas, e de repente Alice ficou feliz por ter chegado. De repente, não estava nem com frio, nem molhada. Aliás, de repente ela sentia calor e suas saias pareciam torradas e seus cabelos secos e seus pés descalços andando nos tapetes persas macios que haviam sido colocados de revés na praia. Para ela, os dois não estavam indo a lugar nenhum, mas isso era pouco importante. O céu era muito rosa e as nuvens muito azuis e o ar doce como torta de limão e ela se sentia muito acolhida e muito preguiçosa e muito isso e muito aquilo e muito…

– Alice!

Oliver puxou seu braço e ela ouviu um estalo. Não era seu braço estalando, não. Mas alguma coisa. Alguma coisa estalou. De repente, eles estavam na areia e os belos tapetes não estavam e ela se pegou com muito frio e muito preocupada e muito faminta e muito…

Oliver estalava os dedos bem diante do rosto da garota.

– Alice? Alice? *Alice!*

– O quê? – ela respondeu, franzindo a testa. – O que foi? Qual é o problema?

– Você não pode passar muito tempo em cima dos tapetes – ele explicou em tom de urgência. – Furthermore pode ser perigosa se você não se mantiver atenta.

Oliver ajudou-a a se levantar. Só então Alice se deu conta de que havia se sentado.

– Onde estamos? – ela quis saber enquanto olhava em volta.

Oliver os havia levado de volta à praia, mas isso não mudava o que Alice via diante de si. Era uma paisagem estéril, nada além de areia e água, sem nenhuma pessoa sequer até onde a vista alcançava.

– Estamos no começo – foi tudo o que ele disse.

Os dois continuaram sob o sol, sem dizer mais nada, e Alice estava tão confusa que não conseguia lembrar como explicar que estava confusa. Além disso, sentia-se distraída. Agora Oliver segurava sua mão e, por mais que ela tentasse afastá-lo, ele não deixava.

– Você precisa tomar cuidado – ele asseverou. – Aqui estamos na entrada de Sonolência, uma das 68 vilas que precisamos atravessar, e cada uma tem suas próprias regras específicas. Não podemos quebrar uma única regra se quisermos encontrar seu pai.

– Nem uma regra sequer! – Alice repetiu. – Em 68 vilas!

– Nem uma regra sequer – Oliver reforçou. – Em 68 vilas.

– Mas como vamos saber todas as regras? – Alice indagou.

– Vou ensiná-las ao longo do caminho. Vivi em Furthermore durante um ano inteiro – contou. – Então, agora é tudo normal para mim, mas imagino que seja muito esquisito para você.

– Sim – ela confirmou, lançando uma olhadela na direção do garoto. – Muito esquisito, de fato.

Oliver olhava cuidadosamente em volta, apontando os olhos em todas as direções. Era como se ele enxergasse alguma coisa que ela não via, alguma coisa de que ele próprio sentisse medo.

– E agora? – Alice questionou. – Aonde vamos?

– Não vamos a lugar nenhum – ele respondeu. – Temos que esperar o sol dormir.

Alice queria acreditar que Oliver estivesse brincando, mas não conseguiu encontrar qualquer humor em sua voz.

– Como é?

O garoto assentiu.

– Mas espero que não tenhamos que esperar muito tempo. – E apertou os olhos para alguma coisa ao longe. – O sol é terrivelmente preguiçoso em Sonolência e sempre se esquece de ver a hora. Ele cochila tanto, mas tanto, que o povo daqui parou de esperá-lo nascer. A vila só aparece no escuro.

– Oliver – Alice o chamou. – Você está falando coisas absurdas de caso pensado?

Era estranho, mas, para uma garota nascida e criada em meio à magia, Alice conseguia ser decepcionantemente sem imaginação. Mas eu suponho que haja um bom motivo para sua reação. Afinal, o povo de Ferenwood sempre usava a magia das mesmas maneiras, sempre de forma previsível, e Alice jamais aprendeu que a magia podia ser manipulada com indiferença; ela não tinha ideia do que um pouco de imprudência era capaz de fazer. A magia de Furthermore

era totalmente desconhecida para ela.

De todo modo, Oliver ainda não havia oferecido uma resposta à sua pergunta. Ele fuçava outra vez na bolsa e, agora, Alice ouviu o tintilar inequívoco de moedas.

Ela estreitou os olhos e cutucou o ombro de seu colega de aventura.

– O que mais você tem aí?

Em vez de responder, ele soltou a mão dela e se sentou, relaxando para esperar. Alice, muito cuidadosamente, seguiu o exemplo e estava prestes a fazer outra pergunta quando Oliver puxou algo para fora da bolsa. Um pequeno caderno.

– Isso – falou, olhando as páginas. – Quase esqueci.

– O que é isso? – Alice quis saber. – Qual é o problema?

– Problema nenhum ainda – Oliver respondeu. – Só estou dando uma olhada geral nas coisas. Para ter certeza e tal.

– Ter certeza e tal de quê?

– Ah, só dos ciclos do sol e coisas assim – ele respondeu enquanto lia todo concentrado, acompanhando com o dedo as sentenças esboçadas nas páginas. – Hum. Só temos que esperar mais alguns instantes aqui. – E ergueu o olhar. – Que sorte sensacional. Se tivéssemos chegado mais tarde, teríamos que esperar pelo menos uma longa hora até o sol dormir, e essa seria a mais frustrante das recepções. – Voltou a se concentrar no caderno antes de prosseguir: – Essa primeira parte da jornada pode ser um tédio enorme, só para já deixá-la avisada.

Alice franziu a testa.

– Oliver, o que…

– Ah, não! – Ele deu um salto e apertou os olhos na direção do sol. – Lá vamos nós.

– O que foi? – Alice quis saber, levantando-se toda agitada e olhando em volta. – O que está acontecendo?

Oliver assentiu para o sol.

– Ali. Ele está prestes a dormir.

– Mas…

– Agora um segundo de silêncio, Alice – Oliver pediu, impaciente. – Ele precisa de um momento para se pôr.

Alice piscou os olhos e o mundo ficou negro.

Jamais em sua vida ela vira tamanha escuridão. Onde Alice vivia, eles tinham luas e planetas e tantas estrelas que a noite era realmente noite. Não era isso. Isso era uma coisa que ela não conseguiria descrever. Os dois haviam mergulhado em um céu do qual tudo havia sido arrancado. Alice piscou e piscou e a cegueira fez seu coração arrepiar. Um medo do desconhecido, do nunca visto, do que poderia

aguar-dá-los nesse novo mundo tomou-a por completo.

– Oliver? – Alice sussurrou.

– Sim?

– Por que não fizemos nosso caminho enquanto o sol estava *acordado?* Não teria sido mais seguro?

Oliver acenou uma negação com a cabeça.

– Sonolência é a porta de entrada para toda Furthermore e, como tal, as medidas de segurança por aqui são muito severas. Qualquer visitante tolo a ponto de entrar enquanto há sol é pego na mesma hora.

– Mas por quê? – Alice questionou. – Pego por quê?

– Pego por quê? Você está falando sério?

– Nossa, você está todo surpresinho, né? – Irritada, Alice cruzou os braços. – Todo surpresinho por eu não saber nada sobre essa terra cuja existência eu descobri poucos minutos atrás.

Oliver ficou ligeiramente sensibilizado.

– Está bem – falou, suspirando. – Desculpa. É que, para mim, parece tão óbvio.

– E quando vai ser óbvio *para mim?*

– Tenho certeza de que logo.

– Mas quão logo?

– Tenha paciência, Alice. É melhor procurar a paciência agora para que ela a encontre mais tarde, quando você precisar dela.

– Mas eu tenho tantas perguntas – ela alegou, dando tapas fortes no ombro dele. – Por que eles poderiam querer pegar os visitantes? Foi isso que aconteceu com Pai?

Em meio à escuridão, Oliver sorriu para ela.

– Não, não exatamente. Seu pai é dez vezes mais esperto do que tudo isso.

– Mas…

– Eu realmente adoraria responder a todas as suas perguntas, mas temos pouco tempo a perder e muitos apetites a evitar – ele falou com um tom leve. – E eu me recuso a ser o motivo de você ir parar na sopa de alguém nesta noite.

Alice não tinha ideia do que ele estava falando e deixou isso bem claro.

– Bem – Oliver falou. – Se você ainda não sabe o que temer em Furthermore, creio que não vá querer descobrir agora. Talvez seja melhor continuar ignorante por mais um momento.

E então ergueu um dedo e olhou para o céu.

Um momento, só foi necessário um momento, mesmo.

O céu explodiu em luz, tomado por tantas estrelas e luas e planetas brilhantes que parecia ofuscante. Era como se o céu da noite tivesse tentado negar, mas os

flocos tivessem caído para cima e grudado.

Era, em uma palavra, *mágico*.

Não apenas o céu, mas toda a vida. As pessoas surgiram do nada, lojas e empresas funcionando em um instante. A comida cozinhando e as chaminés soltando fumaça e as crianças e seus pais gritando e a agitação era tudo o que Alice precisava para seguir em frente e ela sentiu seu espírito cantarolar, mesmo com todas as suas preocupações. De olhos arregalados, absorveu tudo aqui. Era uma aventura *de verdade*, não era? Era com isso que ela sempre sonhara. E, ah, encontrar Pai no processo! Alice quase correu para os braços desse novo mundo.

Mas, antes de qualquer coisa, ela tinha prioridades.

– ***Alice, não!***

Oliver a puxou.

– Mas eu estou com fome! – Alice argumentou, olhando para a flor que quase tinha arrancado do chão.

– Não pode fazer isso – ele a censurou. – Não pode. Não deve e não pode.

– Mas…

– Não – ele insistiu com firmeza. – Os visitantes só podem comer em Furthermore em ocasiões muito especiais. E hoje não é uma delas.

– Só em ocasiões especiais? – ela repetiu para ele. E levou as mãos à cintura antes de prosseguir: – E o que os visitantes fazem até essas ocasiões chegarem? Passam fome?

– Sim – Oliver respondeu, e respondeu com toda a gentileza e com um sorriso que Alice não esperava. Então, esfregou as mãos e prosseguiu: – Agora me diga: você precisa usar o banheiro? Só tem um par de banheiros em toda Sonolência e eles ficam bem aqui na entrada, então é melhor usá-los se quiser. Sabe, vai ser uma longa viagem.

– Eu… Bem, sim. Está bem.

Alice baixou as mãos e desviou o olhar. Ser tratada como imbecil era péssimo para seu orgulho, e ela odiava o jeito de Oliver, que agia como se ele soubesse tanto e ela tão pouco. Alice estava se esforçando para cooperar, no mínimo em nome de Pai, mas jamais havia treinado demais sua paciência.

– Mas também estou com muita fome – ela prosseguiu, decidida a ser ouvida. – Eu não almocei.

– Que bom – Oliver falou. – Isso vai nos ajudar bastante.

– Como assim?

Ele apertou os olhos para o céu noturno e, mais uma vez, não apresentou quaisquer respostas. Alice olhou para as costas dele. O garoto estava silenciosamente adorando seu papel de líder dos dois e escondia, sob o manto de ser mais velho e mais inteligente, seus conhecimentos, entregando só uma ou três informações quando sentia que precisava entregá-las. Porém, Oliver havia subestimado sua companheira e a capacidade dela. Imaginou que ela seria sempre condescendente e ele sem dúvida pagaria o preço da sua arrogância juvenil. Alice era um copo meio vazio, mas a cada indiferença de seu parceiro

esse copo se enchia um pouquinho de ressentimento. Por enquanto, tudo estava suficientemente bem, enquanto ela se distraía com os esplendores desse novo ambiente, mas Oliver posteriormente teria muito a repensar sobre seus primeiros momentos com Alice Alexis Queensmeadow.

– Então… – ele falou, observando-a. – Agora só nos restam algumas horas até o sol acordar outra vez, e temos muito a fazer antes disso. É melhor começarmos a agir. – Deu alguns tapinhas nas costas de Alice, como se fosse pai dela. – E vamos levá-la ao banheiro feminino, está bem?

Alice fechou uma carranca e marchou atrás dele, ligeiramente constrangida e ignorando a vontade de dar-lhe um belo de um soco no nariz. Suspirava alto toda vez que os dois passavam por uma área gramada e ela avistava uma flor promissora e seu estômago roncava mais alto. Ela sabia que seria uma péssima companhia se pulasse muitas refeições, e isso a deixava preocupada; essa jornada era importante demais. Alice precisava estar em sua melhor forma – cheia de vigor e energia – e Oliver parecia não se importar. O menino ostentava um sorriso que ia de uma orelha a outra, feliz de um jeito que Alice nem imaginava que ele conseguisse ficar, e ela logo se deu conta de que Oliver gostava de Furthermore. Parecia feliz por voltar. Talvez feliz por estar em casa.

Estranho.

Alice saltitou um pouquinho quando eles chegaram perto do coração da cidade, deixando de lado a frustração e abrindo-se para o entusiasmo, ansiosa por ver e fazer coisas novas. Essa era uma jornada estimulante para uma garota jovem (e que tinha acabado de completar 12 anos, não nos esqueçamos) que jamais na vida havia deixado sua casa. Ainda mais animador era o fato de Sonolência ser bem diferente de Ferenwood, onde tudo era uma explosão de cores. Não, Sonolência era preta e brilhante, brilhava como tinta, amarela e alaranjada respingando nas esquinas, pontuando o céu, arrastando-se por debaixo dos pés deles. Era aconchegante e alegre e perfeitamente peculiar e, se Alice não estivesse tão ocupada pensando em Pai, talvez se sentisse mais inclinada a curtir aquela terra.

Havia comida – e em todos os lugares.

Castanhas em tigelas, potes e mais potes de mel nas vitrines das lojas, vidros cheios de flores sobre as mesas. Alice queria desesperadamente comer uma flor. Só umazinha, pensou, não poderia causar tantos problemas.

E falou isso a Oliver.

– Flores não são alimento – ele explicou. – São decoração. Em Furthermore, as pessoas não se alimentam com flores. Eles comem animais.

– Animais! – Alice gritou, estremeceu, pensando em todas as vacas e ovelhas e pássaros de sua vila.

O povo de Ferenwood vivia em paz com as coisas vivas, só de vez em quando pegavam leite ou ovos ou mel em troca de uma amizade duradoura com criaturas mais velhas e mais sábias do que eles próprios. Alice ficou realmente horrorizada e repentinamente lembrou-se dos cabelos de Oliver, que sempre a lembraram da cor dos arenques. Apontou um dedo acusatório em sua direção.

– Você também come animais, não come? *Não come?* Ah, aqueles peixes, pobrezinhos!

Oliver enrubesceu.

– Não sei do que você está falando – alegou, raspando a garganta. – Mas enfim, nenhuma comida deve tocar seus lábios, nem aqui, nem em lugar nenhum, até que eu diga o contrário.

Alice fechou uma carranca.

Ele fechou uma carranca em resposta.

– Lembra o que eu falei mais cedo? – ele repreendeu. – Que não podemos quebrar nenhuma regra aqui se quisermos encontrar seu pai?

Alice assentiu.

– Bem, essa é a primeira delas. Portanto, não a quebre – insistiu.

– Está bem – Alice concordou.

E franziu os lábios, odiando em silêncio aquele menino.



Eles andaram discretamente pela cidade, fazendo de tudo para não atrair atenção. Desconhecidos lançavam alguns olhares, mas só isso, o que Alice pensou ser gentileza da parte deles, considerando o quão feiosa ela devia estar com seus cabelos e roupas lavados pelo mar. Seu modelito tinha sido consideravelmente arruinado e seus cabelos mais pareciam um ninho de pomba e, embora ela não se assemelhasse em nada com ninguém de Sonolência, eles pareciam não se importar. Alice imaginou que eles não percebiam a diferença.

No escuro, todo mundo era igual.

– Chegamos – Oliver enfim anunciou, apontando para o que parecia ser um banheiro feminino.

Era pouco mais do que uma cabana de madeira sob a luz fraca. E, quando Alice ficou boquiaberta, Oliver só conseguiu dar de ombros.

Então, na cabana ela entrou – *tique-taque, tique-taque* – e da cabana saiu.

Sacudiu as saias e alisou a blusa antes de se aproximar de Oliver e fez seu melhor para parecer apresentável. Raspou levemente a garganta.

– Agora estou pronta – anunciou.

Oliver a encarou.

– E como está se sentindo? Ainda faminta?

– Sim – foi a resposta. – Muito.

– Bom. Muito bom. Vamos? – E apontou para o caminho principal.

– Aonde estamos indo? – ela perguntou enquanto apertava o passo para acompanhá-lo.

– Temos de pegar uma coisa importante enquanto estamos aqui. Espero que ela esteja no mesmo lugar onde a deixei.

– Ah, é? E o que seria essa coisa? – Alice sondou.

– Um livro de bolso.

Alice deu risada.

– Mas já temos um – argumentou, apontando para a bolsa dele.

Oliver a olhou torto.

– Eu certamente não tenho.

– Ai, Oliver… – Alice suspirou, virando os olhos. – Vamos arrumar dez livros para você, se gosta tanto deles.

Oliver ficou perplexo, mas deixou passar. Parecia distraído – até mesmo nervoso, enquanto atravessava a cidade, mas Alice não sentia o mesmo nervosismo. Ela o acompanhou pelas faixas estreitas de paralelepípedos e tentou estar presente o tempo todo, apreciando as fragrâncias e os cenários dessa nova terra. Havia lampiões acesos por todo o caminho e o firmamento se mostrava cheio de força, mas, mesmo assim, era difícil enxergar. A vida noturna fazia tudo ser grosseiramente visível, todas as silhuetas furtivas e holofotes ocasionais. Alice fez seu melhor para seguir o ritmo de Oliver, mas seus esforços requereram mais do que vários pedidos de desculpas aos corpos com os quais ela colidia. De todo modo, Sonolência cheirava a cardamomo e as bochechas rosadas dos desconhecidos a faziam querer ficar ali para sempre.

Oliver, contudo, não tinha a mesma opinião.

– Mas não é justo – ela tentou argumentar. – E se tiver alguma pista aqui? Alguma pista do paradeiro de Pai? Já que viemos até aqui… acho que realmente deveríamos investigar as pessoas! Se Pai esteve aqui, deveríamos comprar coisas nas lojas onde ele comprou coisas e subir nas árvores que ele subiu e ver como os homens penteiam os cabelos e, ah, Oliver, eu adoraria…

– Nem sonhando – ele respondeu, parando imediatamente onde estava. Baixou a voz e sussurrou: – Alice, por favor, pare de insistir para ficarmos. Eu já sei aonde seu pai foi. Não preciso de mais pistas. Além do mais, você não entende como é importante que a gente…

– Mas…

– Não é seguro! – ele ralhou, finalmente perdendo a paciência.

– Não é seguro? Entrar em uma loja? Não é seguro falar oi para um vizinho?

– Não é seguro, não! Não é seguro, de maneira nenhuma! Não podemos, sob nenhuma circunstância, ficar expostos à *luz* – chiou. – Entendeu?

– Não, *não entendi* – Alice esbravejou. Balançou a cabeça e soltou a mão dele. – Você está sendo insuportável! E estou tão cansada disso que poderia dormir em pé.

– Mas…

– Veja, eu não tenho a menor ideia de quais penas você puxa quando está sozinho (essa era uma expressão comumente usada em Ferenwood; tentarei explicar mais adiante), mas também nem consigo imaginar. E eu juro, juro por minha mão direita ao sol, Oliver Newbanks, se você seguir mais um centímetro com essa besteira de não responder a nenhuma das minhas perguntas, vou encontrar um lago e empurrar você lá dentro, e aí… – Alice cutucou o peito dele. – E aí você vai descobrir a única utilidade de ter uma cabeça tão cheia de ar quente.

Oliver agora estava vermelho.

Nessa jornada, a humildade havia perdido espaço para o ego dele, mas os dois enfim haviam se enfrentado, e esse enfrentamento parecia doloroso. Oliver engoliu em seco e desviou o olhar.

– Está bem – falou. – Está bem. Eu sinto muito. Mas vamos encontrar um lugar tranquilo. Um lugar com privacidade. Não teremos muito tempo a perder, mas farei o meu melhor para contar o que você precisa saber. – Seus olhos deslizaram da esquerda para a direita. Em seguida, ele implorou: – E por favor, em nome de Feren, fale mais baixo.

Alice suspirou.

"Ah, está bem", ela quase falou. "Tudo bem, vamos seguir em frente", ela quase falou. Ela quase falou que estava perfeitamente pronta para ser amigável.

Mas *quase* dizer não era suficiente. Alice continuava distraída, frustrada e constrangedoramente teimosa e tinha deixado de prestar atenção em todo o mundo – menos em Oliver. Portanto, você não deve se surpreender ao saber que, naquele momento, enquanto estava prestes a concordar com Oliver, Alice trombou em alguém.

Pedidos de desculpas se espalharam.

"Perdão" e "desculpa" e "ai, eu sinto muito" se espalharam pelo ar.

Alice estava esfregando a mão na roupa para se limpar e ajeitando a saia e se levantando (sem nenhuma ajuda de Oliver, vamos deixar claro) quando viu a primeira pessoa com quem seu corpo havia trombado.

Amigos, era o menino mais lindo que Alice já vira.

Era alto, mas não alto demais, perfeito, mas não perfeito demais, cabelos escuros, olhos escuros, pele escura. Era como se fosse feito de melaço.

Exatamente o oposto de Alice. A pele era como uma geleia de seda, os cabelos pretos como asfalto. Olhos emoldurados por cílios tão espessos e negros e ah, como eles batiam quando ele piscava. Aliás, estava piscando? Estava olhando. Para ela.

Para ela?

Enquanto ela tinha aparência de nada, ele tinha aparência de tudo, e ela nunca ficou tão sem palavras em toda a vida.

Fique parado, coração. O menino estava sorrindo para ela.

Depois de um momento ou dois, Alice se convenceu de que estava apaixonada por ele. Parecia a única expressão lógica pelo que estava sentindo. E foi só depois de Oliver (grosseiramente) apontar que ela estava boquiaberta (só um pouquinho, sério), que ela voltou a si.

Alice arfou, surpresa com o barulho que seu maxilar fez ao se fechar, e se perguntou qual seria a melhor forma de pedir àquele menino tão lindo para se casar com ela. Talvez tivesse a mesma idade de Oliver, o que significava que tinha mais ou menos a idade de Alice, o que significava que nenhum deles tinha o menor interesse em se casar, mas isso não alterou o que ela disse em seguida:

– Você quer… – começou, mas pensou duas vezes. – Você gostaria de… – então corrigiu e estendeu o braço para segurar a mão do menino.

Oliver puxou o braço de Alice e lançou um olhar muito maldoso para ela.

– O que você está fazendo? – ele chiou.

– Ah, fique quieto – Alice sussurrou, dispensando as palavras de Oliver.

– Bom sono para você – o garoto disse a ela com um sorriso enorme no rosto. – Sem dúvida é um prazer conhecê-la nesta noite.

Ele tinha um leve sotaque; sua voz era profunda e musical, como se talvez ele não fosse de verdade. Como se talvez estivesse falando uma língua que ela não sabia que conseguia entender.

E ela tampouco se importava.

– Também é um prazer enorme conhecê-lo – Alice disse bem rápido, ignorando Oliver, que tentava puxá-la para longe.

– Sim, sim – Oliver falou. – Um prazer. Mas agora precisamos ir. Obrigado, tchau.

– Espere! – o desconhecido falou em tom de urgência. Observou o rosto de Oliver um instante antes de se concentrar outra vez em Alice: – Você é nova aqui. Nunca vi ninguém como você antes – ele falou enquanto estendia a mão para tocar os infelizes cabelos brancos de Alice.

E ela quase desmaiou.

– Quer passar um tempo por aqui? – ele a convidou. Somente ela. – Eu posso mostrar a cidade…

Ela já estava concordando quando Oliver os interrompeu outra vez.

– Por favor – pediu baixinho. Seus olhos estavam iluminados e agitados e fixos nos dela. – Pode me dar um minutinho em particular?

Alice queria ignorá-lo, mas o semblante de seu companheiro de viagem a estava deixando preocupada. Pediu licença e prometeu ao lindo garoto que logo voltaria.

Oliver, por outro lado, bufava de raiva.

Ele agora tinha toda uma gama de coisas desagradáveis para dizer a ela, sobre quebrar as regras e não ouvir o que ele dizia e, embora Alice tentasse reassegurá-lo de que não tinha a intenção de fazer isso acontecer, Oliver manteve-se inflexível: eles tinham de seguir viagem.

– E, de qualquer jeito, eu não tenho a menor ideia do motivo de você ficar tão encantada por ele – Oliver argumentou. – Os moradores de Sonolência estão quase sempre cobertos de poeira.

(Poeira, devo explicar, era uma gíria para “magia”.)

Oliver cruzou os braços e prosseguiu:

– Ele a enganou, tenha certeza disso.

– Ah, mas Oliver… – Alice começou, olhando por sobre o ombro dele. – Você não viu? Ele é tão impressionantemente lindo. É que… ah… – Alice estava quase se derretendo. – Tão, tão lindo. Tenho certeza de que nunca vi ninguém tão lindo em toda a minha vida.

Ela puxou a manga da blusa de Oliver antes de concluir:

– Você não acha que ele é a pessoa mais linda que você já viu em toda a sua vida?

O rosto de Oliver agora estava roxo. Ele franziu os lábios e mexeu os braços e as palavras que disse em seguida quase explodiram para fora da boca. (Para dizer a verdade, ninguém entendeu nada do que ele disse, por isso não vou nem tentar reproduzir aqui.) Mas, enfim, Alice não queria chatear seu colega de aventura – ele parecia tão irritado com tudo aquilo –, então se preparou para dizer ao desconhecido que não podia aceitar sua generosa oferta. Porém, quando os dois voltaram a olhar para o menino, ele já tinha reunido uma multidão e, a essa altura… Bem, a essa altura, já era tarde demais.

E era tudo culpa de Alice.

***Oliver ficou completamente branco*.**

Como leite e papel e um fantasma assustado. Segurou a mão de Alice e agora apertava com tanta força que a garota não teve outra escolha senão puxar a própria mão para longe. E, em seguida, fechou uma carranca para ninguém em particular, percebendo tarde demais que havia causado um problemão. Olhou para Oliver. Ele estava congelado, os olhos arregalados, horrorizado pelo espetáculo que os dois haviam se tornado.

O lindo garoto e sua multidão chegavam mais perto, mais perto e, um piscar de olhos depois, o grupo os cercava por todos os lados. O mais alto segurava uma tocha e a segurava bem alto, bem acima da cabeça de Alice, de modo que todos pudessem ver bem direitinho o rosto dela. Os desconhecidos apontavam e gesticulavam e inclinavam as cabeças e lançavam olhares na direção dos cabelos, da pele, da saia surrada de Alice. Ela se sentia trancada em um armário de curiosidades e não gostava nada, nada disso.

Estreitou os olhos para o belo garoto, mas ele pareceu não perceber. O menino estava com um sorriso enorme, olhava em volta para os amigos como se sentisse orgulho, como se tivesse descoberto alguma coisa peculiar e estranha e, ah, não seria divertido zombar da menina que não significava nada? Bem, ela não toleraria nada disso.

Alice não estava interessada em ser observada e, além do mais, ela e Oliver tinham uma programação bastante apertada e estavam sem tempo para desperdiçar com bobagens.

O belo garoto deu um passo adiante.

– Meu nome é Seldom – apresentou-se.

E sorriu.

Alice queria muito falar, mas se viu abruptamente em meio a um silêncio dominado por medo. Seldom tinha se aproximado da tocha e seu rosto… Bem, seu rosto não se parecia em nada com o que Alice vira à luz da lua. Agora, com o brilho iluminando seus traços, ela podia vê-lo com muito mais clareza. Alto e largo, usava uma regata com gola V, shorts supercurtos e mocassim. Porém, o mais interessante era sua pele. Era uma pincelada de meia-noite – tão azul que chegava a ser quase preto – e coberto, da cabeça aos pés, com tatuagens. Estrelas, luas – galáxias – estampavam seu corpo desenhados em uma tinta tão

dourada a ponto de brilhar com a luz. Alice ficou ali, encarando-o, exatamente como ele ficou encarando-a.

Boquiabertos.

Ele era lindo de uma maneira extraordinária. Era lindo de um jeito que ela não entendia.

– Qual é o seu nome? – Seldom quis saber.

– Alice, não responda! – Oliver falou, estendendo a mão para tentar contê-la.

Ela sequer teve tempo de virar os olhos para Oliver.

– Seu nome é Alice? – Seldom perguntou.

Ela assentiu, desviando a atenção apenas por um instantezinho para olhar torto para Oliver, que agora estava com uma cor horrorosa de barata.

– Sim – ela respondeu, e suspirou. Afinal, Oliver já tinha contado qual era o nome dela. – Meu nome é Alice. Será que agora eu posso ir embora?

Seldom fez que não com a cabeça.

– Nós queremos mantê-la aqui.

– Ah! – exclamou surpresa. E olhou para a multidão, que sorria ansiosa, assentindo e acenando para cumprimentá-la. De repente, pareceram amigáveis, e Alice estava convencida de que havia algum truque no ar. – Bem, é muita gentileza – prosseguiu, olhando novamente para Seldom. – Mas eu realmente preciso seguir meu caminho.

Ela deu um passo para a frente.

Seldom parou bem diante dela.

– Tem que ir aonde?

Alice mordiscou o lábio e o olhou bem nos olhos dele enquanto avaliava quanto poderia lhe contar. Não sabia ao certo o quão perigosa essa situação era – sobretudo porque Oliver era um grande rato e não dizia nada –, mas não deixaria ninguém a manter ali. Sabia que, se quisesse encontrar Pai, teria que primeiro dar um jeito de escapar dessa situação.

(Sinto aqui a necessidade de mencionar que, não fosse por Pai, Alice talvez não tivesse tanta coragem. O amor a tornava destemida. E veja só… não é curioso? Era muito mais fácil lutar por outra pessoa do que lutar por si própria.)

Mas como?, pensou Alice. Escapar requereria uma mentira, e ela… Bem, ela tinha se prendido à verdade.

Mesmo assim, Alice reavaliou, suas verdades se limitavam a Ferenwood, não era? Tecnicamente – se pudermos falar tecnicamente –, a garota sequer sabia que Furthermore existia de verdade quando fez esse pacto. E ela logo se convenceu de que suas próximas palavras não constituíam uma mentira. Não exatamente. Então decidiu que contaria uma história. Uma fábula. Uma obra de ficção.

– Eu comando o sol – falou em voz alta. – E estou indo acordá-lo.

Seldom piscou agitadamente os olhos. Em choque.

Oliver inspirou duramente.

A multidão em volta deles ficou barulhenta, depois silenciosa, em uma sucessão rápida.

– Alice – Oliver sussurrou. Ele segurava outra vez a mão dela. Fazia isso o tempo todo. – O que você tem na cabeça?

– Não sei – ela murmurou em resposta. E continuou olhando para Seldom. – Estou tentando nos tirar daqui.

– Mas, Alice…

– Você controla o sol? – Seldom perguntou baixinho.

Suas sobrancelhas tinham se repuxado, deixando clara a sua confusão.

– Sim – ela confirmou enquanto assentia, para reforçar o efeito de sua resposta.

– Nossa! – O rosto de Seldom se repuxou. – Nunca imaginamos que uma pessoa pudesse subir tão alto.

– Eu sou muito talentosa – ela garantiu, e dessa vez não era mentira. – E posso fazer muitas coisas.

Seldom grunhiu.

Alice tentou sorrir.

– É por isso que é tão branca? – Seldom perguntou sem preâmbulos.

– Perdão?

– Por isso toda a sua cor desbotou – disse alguém na multidão. – Você é tão branca assim porque queimou toda a sua cor, não é?

– Bem, eu não diria que eu…

– Então… você não é nenhuma visitante? – Seldom quis saber. – É uma de nós, mas sua cor sumiu? Por causa do sol?

– Eu, hum… – Alice raspou a garganta e olhou para as expressões ansiosas. – Sim. Sim, foi exatamente isso o que aconteceu.

E, em silêncio, parabenizou-se a si mesma por sua capacidade de criar histórias.

– E ele? – Seldom apontava para Oliver.

– Ah, claro – Alice apressou-se em dizer. – Ele também. Ele também viu o sol muitíssimas vezes. Não tantas vezes quanto eu vi, é claro, mas, você entende, em algum momento, ele será tão branco quanto eu.

Seldom ficou cabisbaixo. Estava tão desapontado, aliás, que parecia quase bravo com Alice. Ele e seus amigos trocaram algumas palavras sobre o assunto e, um a um, todos lançaram olhares duros para ela.

Devagar, eles se separaram.

Quando todos tinham se distanciado, Alice e Oliver ficaram sozinhos para

lidar com seus sentimentos e, é claro, estavam muito furiosos um com o outro.

Oliver continuava segurando a mão de Alice e agora os dois andavam muito, muito rapidamente pela cidade, mas ele estava bufando e ela arfando e ele falou:

– Eu não consigo acreditar em você!

E ela disse:

– Você é um enorme covarde!

E ele disse:

– Sempre causando problemas, nunca ouve o que digo.

E ela falou:

– Simplesmente não fez nada para salvar a gente, ficou parado ali feito um toco de árvore.

E Oliver parou de forma tão repentina que eles dois quase caíram no chão.

– Não fiz nada para salvar a gente? – ele ecoou. – *Parado ali feito um toco de árvore?* Alice, você ficou lelé da cuca?

– Ora, não seja ridículo, Oliver! Fui eu quem teve que pensar rápido… Fui eu quem teve que…

– Você não fez absolutamente nada! – Oliver quase gritou. – Você não viu o quanto eu tive que trabalhar? Para nos tirar daquela bagunça?

– O quê? – ela falou. – Do que você está falando?

– Eu, Alice, *Eu!* – E bateu a mão no peito. – Enquanto você ficou lá respondendo a perguntas e inventando historinhas, eu tive que convencê-los a acreditar em você e minha cabeça quase explodiu, tamanho o meu esforço. Eu estou fazendo tanta coisa para ajudá-la, e você só sabe brigar comigo. Eu seguro a sua mão e você me evita, e aí eu fico no vácuo, furioso… – Bem, talvez eu não queira que você segure a minha mão – Alice esbravejou, bochechas corando. – E, a propósito, andei pensando em por que…

– Eu estou tentando garantir a nossa segurança! – Oliver gritou, agora tão furioso que quase tremia. – Eu preciso estar perto de você para discretamente convencer todo o mundo a nos deixar em paz. E o que eu recebo em agradecimento? Nada! Nadica de nada, mesmo. Você fica fugindo, provocando mais dificuldade!

Oliver jogou as mãos para cima.

Alice empurrou o peito dele. Duas vezes.

– Se você tivesse sido *sincero* comigo e dito o que *esperar,* aí talvez…

– Se você tivesse sido *paciente* ou mesmo se preocupado em pedir *educadamente,* aí talvez…

– Eu não sou nenhuma incapaz! – Alice berrou. – E não gosto nada de vê-lo me dando ordens. Aliás, não duvido nada que eu seja capaz de me virar em Furthermore sem precisar de nenhuma ajuda sua…

– Ah é?!

Os olhos de Oliver brilharam de raiva.

– Isso é claro como a luz do dia!

– Então você acha mesmo que consegue andar um metro sequer sem eu ter de salvá-la das suas historinhas ridículas? – Oliver começou, aproximando-se. – Acha mesmo que alguém acreditou em você?

A confiança de Alice vacilou. Seu estômago deu um nó de nervoso.

Oliver desviou o olhar, negando com a cabeça.

– *Mimimi eu controlo o sol* – ironizou, arremedando-a. – Sério. Que absurdo mais sem noção foi aquilo? De todas as outras coisas que você poderia dizer, foi falar justamente isso?

Ele deslizou as mãos pelos cabelos, perdendo o ânimo.

– Você não entende por que o meu desafio envolve o seu pai? Por que os Anciãos me enviaram aqui, a Furthermore, a uma terra cheia de truques e enigmas? Eu tenho o dom da persuasão, Alice. E, sim, esse dom me dá a habilidade de saber o segredo mais bem guardado de qualquer pessoa que eu encontre pelo meu caminho, mas o povo de Furthermore não se parece em nada com o de Ferenwood, e seus segredos mais bem guardados praticamente não me ajudam em nada, só tornam a tarefa infinitamente mais complicada. E, se você acha que andar por essas terras é difícil para *mim*, seria uma coisa quase impossível para *você*.

– Peço licença para discor…

– Perdão – ele falou exausto. – Eu não disse isso como um insulto. De verdade. Mas é que algumas coisas em Furthermore requerem mais do que apenas inteligência. Aliás, quase tudo envolve mentiras, truques e a sorte de simplesmente sobreviver. – Oliver ergueu o rosto e a olhou nos olhos. – Alice, esta terra não é generosa. Ela não perdoa. E ela mataria para devorar você. Só há um motivo pelo qual ainda não tive o destino do seu pai, e é a minha capacidade de convencer outras pessoas a acreditarem naquilo que quero que acreditem. Então, por favor… Por favor, confie em mim o suficiente para que eu possa fazer aquilo em que sou bom. Se não ficarmos juntos, estaremos perdidos para sempre.

Alice ficou cabisbaixa.

– Mas nem você conseguiu salvar Pai – ela constatou, olhando para a escuridão. – Nem a persuasão foi suficiente.

– Não – Oliver suspirou. – Pelo menos não da primeira vez. Mas vamos conseguir dessa vez. Eu juro.

Alice fechou os olhos e abraçou-se a si mesma, com mais medo do que nunca por Pai. Furthermore era brilhante e assustadora e, embora ela só tivesse visto

uma pequena fração do lugar, agora entendia perfeitamente por que Pai se sentira tão encantado. Porém, estava ficando claro para ela que Furthermore guardava muitos perigos escondidos e que não seria inteligente distrair-se com tanta facilidade. Alice tampouco havia se dado conta de que Oliver tinha cuidado dela todo esse tempo, silenciosamente convencendo esse mundo a deixá-la em paz e ilesa.

A verdade era que ela *não tinha* confiado em Oliver. Não, mesmo. Ele a havia ferido em um ponto profundo – ferido seu orgulho e vaidade – e isso a tornara fria e dura e teimosa. Porém, agora Alice enxergava que a situação era complicada e sentir medo de Oliver não ajudaria. Pai precisava dela, o que significava que ela teria de confiar em Oliver, independentemente do que ele pensasse a seu respeito.

O garoto usou o dedo para erguer o queixo de Alice e, quando seus olhos se encontraram, os dois pediram desculpas. Arrependimentos e reconciliações, tudo ao mesmo tempo.

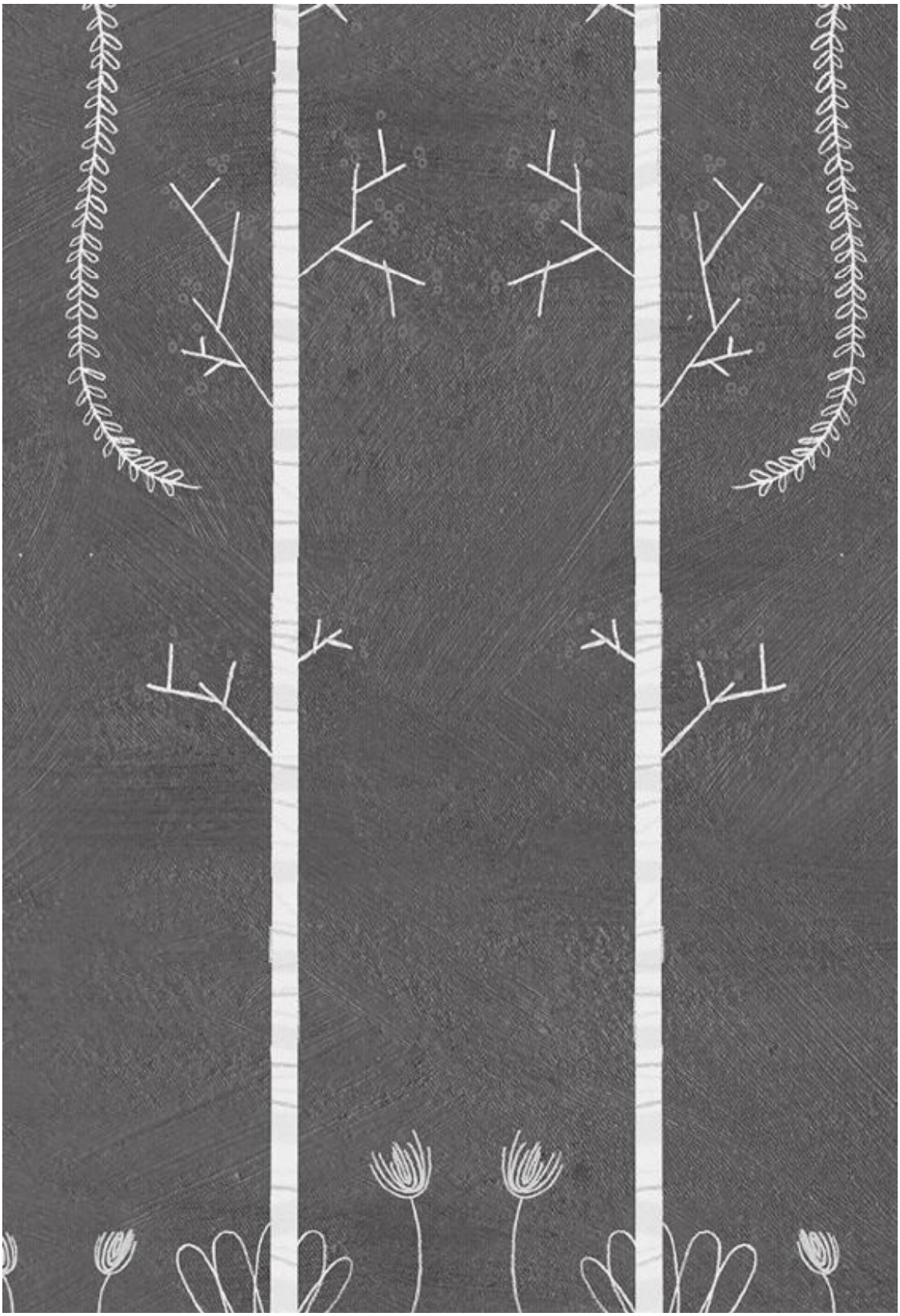
Oliver quase sorriu.

Alice também quase sorriu.

E aí ela encostou sua mão à dele e segurou bem forte.


Aqui
vamos
nós





Eles andaram durante dias. Semanas. Meses e anos.

– Não seja tão dramática – Oliver pediu. – Só se passaram quinze minutos.

– Mas eu estou com fome – Alice resmungou antes de espirrar.

Oliver parou e olhou para ela.

– Sim, parece mesmo que está.

Ele parecia um pouco derrotado ao olhá-la de cima a baixo. Os dois eram outra vez amigos e deixavam Sonolência, avançando pelo caminho de paralelepípedos.

– Está bem – ele falou, puxando-a para perto. – Não se preocupe. Estamos quase lá.

Mas quase lá ainda era longe demais e, quanto mais longe eles andavam, mais a cidade e suas luzes ficavam para trás. Já tinham passado pelo centro de Sonolência e, durante todo o tempo, os olhos de Alice devoravam o que seu estômago não podia devorar: o brilho que parecia fogo, o fundo negro, os chiados e barulhos que vinham com tudo. A cidade era fria, mas era viva, com a fumaça saindo das chaminés e as pessoas contando histórias e as conversas dos desconhecidos nas calçadas.

Eles estavam deixando tudo isso para trás.

– E aí, onde vamos? – Alice perguntou a Oliver. – Atrás do livro de bolso?

– Para cima – ele respondeu todo alegre.

– Minha nossa, Oliver, não aprendemos nada na última meia hora? “Para cima” não é resposta.

– Certo – ele concordou. – Certo, me perdoe. Eu quis dizer para cima, você sabe, na direção do céu. Eu escondi nas nuvens, entenda.

Alice começava a se dar conta de que as explicações que antes ela tanto desejava agora começavam a só criar mais confusão em sua cabeça. Não sabia mais se queria entender Furthermore.

De todo modo, sentiu outro espirro se aproximando, então soltou a mão e agarrou a túnica de Oliver, preparando-se para o impacto. Mas esse espirro não era nada além de um alarme falso e, quando passou, deixou-a fungando. Alice sentiu seu nariz começando a formigar. O que restava do calor do sol havia ido embora e o calor agora era uma coisa rara.

– Então, Oliver – ela chamou, ainda fungando. – Conte para mim: por que

você falhou?

– Como é que é? – ele respondeu com o corpo todo tenso.

– Falhou em libertar Pai – Alice explicou-se. – Por que você não conseguiu trazê-lo para casa da primeira vez? O que aconteceu?

– Eu… – a voz de Oliver falhou. – Bem… eu…

Ele parecia estar chegando a alguma conclusão enquanto falava; uma conclusão que revelaria muito sobre que direção a amizade dos dois deveria tomar. Oliver confiaria em Alice para revelar suas inseguranças? Conseguiria se atrever a ser vulnerável diante dela? O que seria essa hesitação? Verdade ou omissão, verdade ou omissão, verdade ou…

– Eu não fui bom o suficiente, só isso – enfim declarou.

(Ah, um pouco de verdade, então. Que novidade.)

Oliver prosseguiu:

– Eu cheguei a um beco sem saída. Os últimos passos me derrubaram e percebi que precisava da sua ajuda.

– E você precisava da minha ajuda? – Alice ecoou, ao mesmo tempo lisonjeada e desconfiada.

Oliver parou de andar e olhou-a diretamente nos olhos.

– Sim – respondeu em um tom leve. – Mas você sabe por que, não sabe? Consegue imaginar o motivo?

– Porque ele é o meu pai? – Alice arriscou, buscando respostas no rosto de Oliver. – Porque você precisava de alguma coisa envolvendo ele que só eu posso contar?

Oliver desviou o olhar por um instante. Ofereceu um sorriso e falou:

– Bem, vamos debater os detalhes disso mais tarde, tudo bem? Por agora… – e a deixou ir à sua frente enquanto eles seguiam andando – Por agora, devemos prestar muita atenção ao lugar onde estamos. Furthermore vive esperando as nossas distrações. Sempre há um antigo truque, uma velha armadilha, sempre um perigo mais inteligente ou mais idiota do que você imagina. É uma terra estranha e se perder aqui seria um terror – explicou. Em seguida, com um tom mais entristecido, prosseguiu: – Provavelmente por isso seu pai não conseguiu sair.

– Certo – Alice falou espantada. – Claro.

Foi só mais um lembrete, mas foi suficiente. Alice tinha passado três anos se perguntando onde Pai estaria e como estaria, e agora aqui estavam eles, tão, tão próximos.

E, ao mesmo tempo, tão distantes.

Alice havia sonhado em reencontrar seu pai como algumas pessoas sonham com fama e glória. Havia ensaiado os movimentos mil vezes, imaginado cada sorriso, cada lágrima, cada abraço. E, ainda assim, de alguma forma era muito

mais fácil sonhar com Pai estando longe, porque estar tão perto assim dele só a enchia de medo. E se tudo desse errado nessa jornada? E se ela arruinasse tudo com um simples erro e Pai ficasse perdido de uma vez por todas? Seria infinitamente mais difícil viver com a perda se Alice tivesse de se culpar por ela.

Era como se as preocupações fossem um manto amarrado em volta de sua garganta, mas, independentemente do medo ou do fracasso, Alice faria a sua parte. Agora era impossível voltar.



Ela não sabia aonde estavam indo, mas, quanto mais longe chegavam, mais escuro ficava; e, quanto mais escuro ficava, mais frio também ficava; e, quanto mais frio ficava, mais silencioso também ficava; e, quanto mais silencioso ficava, mais havia o que ouvir.

– Eita! – Oliver exclamou. – Seu estômago está roncando muito!

Alice sentiu o enrubescer subir por seu pescoço.

– Não é culpa minha – afirmou. – Não é culpa minha se preciso me alimentar.

– E como está se sentindo? – ele quis saber.

Oliver tinha parado completamente, e Alice também. Não havia nada além da escuridão em volta deles; necas de pitibiriba ao alcance da vista.

– Acho que estou me sentindo bem. – Mas seu estômago cantarolou mais uma nota e ela suspirou. – Para dizer a verdade, estou me sentindo meio fraca.

– Acha que está totalmente vazia?

Alice arqueou uma sobrancelha para Oliver.

– Vazia – ele falou outra vez. – Quão vazia você se sente?

– Muito.

– Bem, fico feliz. É um momento excelente para se sentir assim.

– Nossa, Oliver Newbanks! Que coisa mais grosseira de se dizer! Minha fome não deve ser motivo nenhum de felicidade.

– Fome não é um, mas dois – ele falou. – Vazio não é três, mas quatro.

Estava sussurrando com as luas, olhos apontados para as estrelas, mãos erguidas na escuridão, em busca de alguma coisa.

– Que história é essa? – ela perguntou de olhos arregalados. – O que você está fazendo?

Mas a resposta logo veio.

Oliver estava puxando uma corrente vinda do céu. Puxou uma vez com muita força, emitindo um barulho que soava como uma tesoura.

Uma lâmpada se acendeu.

Uma lâmpada solta, sem nada, bem ali, bem diante dela, suspensa a menos de

três metros do chão – Alice não a alcançaria, nem com a ajuda de um banquinho – bem no meio do nada.

Ela ainda estava boquiaberta com aquela lâmpada quando Oliver olhou em sua direção.

– Pronta? – perguntou.

– Sempre estou – ela respondeu. – Mas para quê?

E foi nesse momento que ele a pegou pela cintura e a lançou na direção do céu.

Alice pensou que talvez devesse gritar – gritar parecia a coisa certa a fazer –, mas não parecia uma opção sincera. A verdade era que ela simplesmente não sentia medo e, além do mais, aqui em cima era muito mais quentinho. Ela voou direto para cima, leve como uma lâmpada, e foi só quando parou e deu meia-volta que entendeu por que acender aquela primeira luz fora tão importante. Era assustadoramente escuro no meio das nuvens.

Olhou em volta em busca de Oliver, mas um instante depois ele já estava ao seu lado, os dois com os pés firmemente plantados no ar.

– Legal, não foi? – ele comentou.

"Legal" não era a palavra que Alice estava procurando. Não era desconfortável, não, mas certamente era esquisito. A nuvem sobre a qual os dois se encontravam parecia bastante insubstancial – e Alice temia escorregar e cair a qualquer momento –, mas, quando ela comentou isso com Oliver, ele só deu de ombros e disse:

– Enquanto você estiver com fome, eu não me preocupo. Sempre foi mais fácil flutuar de barriga vazia.

E ele exibia um sorriso otimista.

Continuava com as mãos estendidas, tocando as nuvens, que mais pareciam algodão umedecido, deslizando os dedos pelos fios embaralhados. De vez em quando, Oliver era bruto demais e firmava a mão num nó teimoso da fibra das nuvens, transformando tudo em chuva. Isso parecia alegrar Oliver de um jeito único, quando a água formava uma pequena poça em sua mão para ele beber.

– Ei! – Alice chamou, puxando-o pela camisa. – Pensei que tivesse dito que não podíamos comer nada em Furthermore!

– Isso não é comer – Oliver respondeu, lambendo os dedos. – Isso é aproveitar.

Alice começava a perceber que, quanto mais tempo eles passavam em Furthermore, mais à vontade Oliver ficava. (Também era verdade que ele continuava muito nervoso e excessivamente cauteloso, mas, de alguma forma, mesmo com todos os muitos medos, parecia mais feliz.) Era bem diferente daquele garoto mal-humorado que ela conhecera há poucos dias, e Alice se viu surpresa ao descobrir que estava aprendendo a gostar de Oliver. Naquele momento mesmo, ela não conseguia evitar o sorriso que brotava em seu rosto ao

vê-lo tão distraído.

Embora Alice fosse uma garota inteligente e interessante, as dificuldades dos últimos três anos a haviam isolado do pessoal da sua idade. Agora era sua chance de recomeçar e deixar de lado as decepções dos tempos de colégio e ela não conseguia conter sua animação. Afinal, agora tinha 12 anos, ou seja, estava bem crescidinha. E se crescer significasse fazer novos amigos? Bem, agora Alice sabia que não se importaria em envelhecer.

As nuvens começavam a se reunir em volta deles, suaves e calorosas e pastosas. O ar tinha cheiro de maçãs e pão recém-assado, e Alice jamais imaginara ser capaz de se sentir tão segura no céu.

Olhou para baixo para ver o quão alto estavam flutuando, mas não conseguia ver nada. À sua volta havia nuvens e mais nuvens e, *ah!*, poderia simplesmente deitar-se aqui, pensou. Seria tão confortável e ela teria o melhor sono de sua vida, sem dúvida, sem dúvida. Aliás, já tinha comentado sobre como as nuvens eram suaves e quentinhas? Não lembrava. Estava tão cansada. Tão à vontade. Tão sonolenta. Tão…

– Alice! – Oliver chamou subitamente. – Alice, não!

E a sacudiu com força, o pânico na voz dele fez o corpo dela arrepiar todinho.

– O que foi? – ela arfou, olhando em volta. – O que aconteceu?

– É impossível dormir sem sonhar – ele explicou em tom de urgência. – Nunca, nunca, durma. – E Oliver parecia tão agitado que ela simplesmente não sabia o que dizer. – Eles vão tentar mantê-la aqui, mas você *não pode ficar.* Entendido?

– Não – Alice, ainda visivelmente assustada, respondeu. – Eu realmente não entendi. Quem vai tentar me manter aqui? Por quê?

– Você não sabe, mesmo? Não sabe nada sobre Furthermore?

– É claro que não sei – Alice respondeu toda na defensiva. – Só ouvi rumores de Furthermore e a maioria deles não fazia o menor sentido. Fora isso? – Ela olhou em volta. – Bem, a gente está em cima das nuvens, Oliver. Francamente, não tenho como entender o que acontece aqui.

Oliver quase abriu um sorriso.

– As pessoas estão tão preocupadas em entender as coisas que fazem sentido, mesmo elas sendo as menos interessantes… – E sacudiu a cabeça antes de concluir: – Fazer magia é muito mais interessante do que fazer sentido.

– Mas a gente faz magia. – Alice supôs. – Magia é tudo o que a gente faz, não é? A gente passa a vida toda colhendo magia.

– Sim – Oliver concordou. – A gente faz magia. E o que criamos com ela? Transformamos em moeda. Fazemos leis. Construímos casas, assamos pães, consertamos ossos. Usamos a magia com tanto cuidado que parece que ela

simplesmente não existe.

– E você acha que deveríamos agir de outra maneira em Ferenwood?

– Não – Oliver apressou-se em responder. – Não exatamente. Mas acho que há muito a apreciar nas peculiaridades de Furthermore. Há coisas curiosas nessa terra, que usam magia de um jeito muito descuidado. – E sorriu para si próprio. – Confesso que às vezes gosto do caos. Ele funciona como uma boa forma de nos distanciarmos daquela vida segura e entediante que levamos em Ferenwood.

Alice levou uma mão ao rosto, mão fria em um rosto frio, trocando um calor que não existia, e manteve-se em silêncio por um instante.

As opiniões de Oliver a deixaram incomodada e preocupada e, pela primeiríssima vez, ela se pegou questionando se não tinha cometido um erro enorme ao ter vindo a este lugar.

Entenda, Alice não concordava com Oliver.

Ela gostava do vilarejo seguro e previsível e, para uma garota que sempre desejara uma boa aventura, não dava muita atenção ao caos. Aliás, jamais sequer tinha pensado em usar sua magia de forma descuidada, sem pensar nas consequências ou no bem-estar dos outros. O povo de Ferenwood simplesmente não funcionava assim; era um povo gentil e atencioso, que vivia feliz e tranquilo. Produzir uma magia sem lei, ela percebia, tornaria fácil demais ferir outra pessoa. E, apesar de demorar demais para perceber, ela enfim estava chegando a uma conclusão muito importante.

– Oliver – ela chamou bem devagarinho.

– Sim?

– Em Furthermore, tem gente que quer matar a gente?

– Tem – ele confirmou. – É claro que tem.

Alice sentiu uma pontada arrancando o ar de seus pulmões.

– Por que você acha, Alice, que em Ferenwood os Anciãos mantêm Furthermore em segredo? Esse território é como areia movediça. Uma vez que você pisa, não quer mais deixar você sair.

– Nunca?! – ela gritou.

– Nunca.

– Mas por quê?

– Eu *realmente* queria poder contar para você, mas demoraria tempo demais para explic…

Oliver foi silenciado por um olhar direto e ameaçador vindo de Alice.

– Ah, está bem – ele concordou, demonstrando ares de derrota. – Podemos dedicar alguns, *poucos!*, momentos para conversar sobre isso. E acho que é melhor começar do começo se você não tem a menor ideia do que acontece no meio. – Olhou em volta em busca de alguma coisa para se apoiar, mas não

encontrou nada além de céu, então começou a andar pela curta extensão da nuvem. – Você conhece a velha cantiga, não conhece? Sobre Furthermore e Ferenwood?

A canção, Alice conhecia. Então, ela assentiu e prontamente recitou:

Ao longe há mais que Ferenwood!
Até onde a vista alcança
No mar um leve mergulho
e até o joelho ele alcança
depois da praia dorminhoca
O tempo é uma régua pesada e dura
Você vai encontrar atrás da porta
Aventura, aventura!
(ele perdeu os cabelos da cuca)

Era uma canção infantil que Alice conhecia desde sempre. Palavras sem sentido, diziam-lhe. Não passavam de palavras divertidas reunidas para ajudar as crianças a dormir. Foi só agora, enquanto Alice repetia as palavras em voz alta, que ela percebeu o segredo em meio à cantiga aparentemente bobinha.

E ficou em silêncio ao terminar de recitar os versos, quando Oliver assentiu, percebendo o que ela tinha acabado de notar.

– Muito tempo atrás… – ele explicou. – Bem, bem no início, Furthermore e Ferenwood eram unidas, apesar de serem verticalmente separadas pelo mar. Era uma terra chamada de Anymore. Nessa época, as coisas eram diferentes. Anymore abriu suas fronteiras ao mundo não mágico.

Os olhos de Alice se arregalaram. Ela jamais soubera disso.

– O povo mágico se casou com o povo não mágico e, por algum tempo, as coisas funcionaram bem. Mas… sabe como é… Não podemos sobreviver sem magia, e o povo não mágico não entendia isso. Essa mistura fez algumas crianças nascerem com talentos e outras, não, mas essa característica não foi perceptível logo de cara. Os pais não mágicos quiseram seus filhos fora de Anymore, que voltassem para casa, e as coisas quase nunca terminavam bem. Para piorar a situação, dar à luz bebês mágicos era muito difícil para as mães não mágicas. Muitas delas morriam no parto. Foi uma época muito sombria, muito infeliz.

– Nossa, Oliver! – Alice exclamou com a mão no coração. – Que história mais terrível!

O garoto assentiu.

– E eu detesto contá-la, então vou dar uma acelerada. Você conhece a origem

de Feren e Further?

Alice fez que não com a cabeça.

Oliver mostrou-se solene ao explicar:

– Eram irmãs gêmeas. A mãe morreu no parto e elas foram criadas por um pai mágico e deprimido. Mas as duas meninas carregaram essa dor do pai de maneiras diferentes. Feren, que havia herdado a magia do pai, queria evitar que aquele tipo de situação voltasse a acontecer, e a saída, para ela, era cortar os laços com o povo não mágico. Further, que não havia herdado nenhuma habilidade mágica, queria honrar sua mãe não biológica e manter os laços entre os povos. Foi o início de uma revolução no território. As duas se tornaram representantes de uma controvérsia alimentada durante décadas. Guerras surgiram. As pessoas tomaram lados. Anymore dividiu-se para formar a Ferenwood e a Furthermore que hoje conhecemos.

Alice ficou tão impressionada que não conseguiu permanecer em pé, então se sentou sobre as pernas e soltou o corpo para trás, apoiando-se em um pedaço de nuvem.

– E o que aconteceu depois?

– Nunca mais voltaram a se falar – Oliver relatou. – Os dois lados perderam tantas vidas e tanta magia durante a guerra que enfim chegaram a um acordo, a uma lei duradoura: eles jamais se meteriam nas questões mágicas da outra parte, enquanto suas terras existissem.

– Uau! – Alice exclamou.

– Furthermore manteve-se fiel aos desejos de seus fundadores e lida com todo tipo de visitante, mágicos e não mágicos igualmente. Mas a característica confusa de Furthermore atrai o tipo errado de visitante. Poucos vêm a Furthermore atrás de pastagens decentes. – Oliver franziu a testa. – E não ajuda o fato de esta terra ter sido imprudente com sua magia. É um lugar profundamente instável e turbulento e seu povo foi dividido em centenas de vilarejos menores, cada um com suas próprias regras e governantes, e mesmo entre esses vilarejos as leis são confusas e contraditórias. É uma terra cheia de inconsistências porque a confusão combina com o espírito desse povo. Mas eles usaram a magia mais rápido do que a terra era capaz de produzi-la e, em seu desespero por mais, estão dispostos a fazer coisas terríveis.

– Que tipo de coisa terrível? – Alice questionou.

Oliver fez uma pausa antes de responder:

– Bem… Em Ferenwood, a gente vive da terra, não vive? A gente se torna mais mágico por causa das frutas e plantas e castanhas que comemos, não é?

Alice assentiu.

– Bem… Então… – O garoto raspou a garganta. – Em Furthermore, eles se

alimentam de mais do que apenas frutas e plantas e castanhas.

Alice se levantou com um salto.

– Eu sabia! – exclamou. – É por isso que eles comem animais, não é? Não é? Ai, que horror!

– Receio que a situação seja muito pior do que isso – Oliver falou baixinho.

– Como assim? – A garota questionou. – O que você quer dizer com isso?

– Furthermore está sempre sedenta por magia, Alice. E nós… Quero dizer, você e eu… Nós somos… – Ele hesitou. – Bem… Eles poderiam consumir a gente.

Confusa, ela o encarou.

– Ah, vá! Qual é?!

– Consumir, Alice. Eles querem devorar a gente. Eles comem pessoas se isso significar obter magia. E ainda preferem comer visitantes! – acrescentou. – Dizem que essa atitude gera mais compaixão. Eles só comem pessoas do seu próprio povo em situações de desespero. E, para evitar essas situações de desespero, tomaram algumas medidas proativas.

Alice arfou e ficou boquiaberta.

Envolto em pensamento, Oliver mordiscou o polegar.

– Acho que Furthermore é bem parecida com uma série de teias de aranhas complicadas. Cada vila tem um jeito distinto de pegar sua presa, que é… bem… você sabe. – E arqueou a sobrancelha. – Isso dificulta permanecermos vivos aqui.

– Que horror! – a garota gritou. – Ai, eu não consigo imaginar! Não posso nem imaginar… Minha nossa! – desesperou-se, levando a mão ao peito. – Eu não estou conseguindo respirar, estou? Tenho certeza de que não estou conseguindo respirar.

É claro que Alice estava errada. Ela se mantinha completamente capaz de respirar, mas sentia medo, então, por pelo menos um momentinho, ficou sem fôlego. E foi nesse momentinho, enquanto tentava ajeitar a respiração para evitar que seu estômago se rebelasse, que descobriu que odiava Furthermore mais do que já odiara qualquer outro lugar em sua vida. Agora estava morrendo de medo por Pai e não conseguia nem imaginar quais horrores ele já havia enfrentado.

Oliver estendeu a mão na direção ela.

– Bem… Podemos parar por aqui?

Alice segurou a mão dele e, quando se levantou, sacudiu as saias e olhou em volta, analisando a escuridão. Não podia mais confiar em ninguém. Tinha certeza de que essa noite aveludada escondia segredos infinitos.

– Oliver… – chamou baixinho.

– Hum? – ele respondeu enquanto procurava alguma coisa no bolso.

– Como você sabe de tudo isso? De toda essa história de Furthermore e Ferenwood? Eu não me lembro de ter aprendido nada disso.

As palavras atraíram a atenção do garoto.

– Não – ele respondeu, olhando para cima. – Eu não aprendi nada disso em Ferenwood. Foram meus amigos de Furthermore que me contaram.

– Você tem amigos em Furthermore? – Alice espantou-se. – Mas eu pensei que…

– Ué?! Há pessoas boas e ruins em todos os lugares, sabia? – Oliver deu de ombros e voltou a procurar alguma coisa no bolso. – Já vi muitos corações aqui cheios dos segredos mais lindos. Nem todo mundo em Furthermore gosta de comer pessoas, sabia?

– Mas…

– Sinto muito, Alice, mas agora precisamos seguir viagem. Já usamos boa parte do nosso tempo e usar mais do que isso seria desperdiçar. Juro que vou responder a mais das suas perguntas quando tivermos mais tempo.

– Tudo bem – ela sussurrou, olhando para as mãos dadas dos dois. Mas aí: – Posso fazer só mais uma perguntinha?

Oliver suspirou e sorriu.

– Sim.

– Pai está em grande perigo?

O sorriso de Oliver vacilou e ele não respondeu de imediato. Desviou o olhar antes de falar e, quando abriu a boca, disse apenas:

– Foi muito bom você ter vindo, Alice. Nós precisávamos de você.

– Nós?

– Sim – Oliver respondeu. – Seu pai e eu.

Alice se viu tomada pelo choque.

– Você viu Pai? – perguntou, agarrando a camisa de Oliver. – Você viu? – E quase explodiu em lágrimas. – Ah, você viu Pai, por favor, me diga que você viu Pai…

– Eu… – Oliver começou, mas logo engoliu em seco. – É que… quero dizer, sim, eu vi.

– Como ele estava? Com uma aparência saudável? Pai falou alguma coisa para você?

– Sim – Oliver respondeu. As estrelas brilhavam forte atrás dele; o céu estava superescuro. – Ele falou comigo, mas… só uma vez.

– E? – Agora Alice estava impaciente. Aterrorizada. Horrorizada. Tão feliz. – O que ele disse?

Oliver olhou para baixo.

– Ele me disse para encontrar você.

Alice encarou Oliver em silêncio, impressionada, até as nuvens praticamente sacudirem e as luas piscarem e as estrelas balançarem no céu. O ar estava mudando e Oliver logo percebeu.

O garoto estava com pressa para seguir viagem, mas Alice continuava entorpecida, ainda tentando processar tudo aquilo que não conseguia entender.

Pai tinha pedido que ela viesse.

Ah, isso fazia seus joelhos tremerem. Fazia Alice sentir mais saudade de Pai do que nunca. Mais a cada momento.

Mas foi então que Oliver puxou um frasco do bolso e a curiosidade trouxe Alice de volta para o presente.

– Para que é isso? – ela quis saber.

– O céu guarda alguma coisa de que precisamos – ele anunciou. – Então, temos que dar a ele algo que ele queira.

– E o que o céu poderia querer? – Alice abraçou-se a si mesma e tentou afastar um calafrio enquanto falava. De repente, ficou com frio. – Isso parece uma grande besteira.

– Não seja boba – ele falou surpreso. – Tudo requer alguma coisa.

E, com isso, tirou a rolha do frasco e jogou o conteúdo para cima. Era escuro demais para Alice conseguir enxergar.

– É poeira – Oliver explicou, respondendo à pergunta silenciosa de sua companheira de viagem. E apontou em volta deles: – Essa parte do céu nunca vai tocar o chão. É um prisioneiro muito solitário, enclausurado aqui para sempre, sempre olhando para a terra, sempre alheio a toda a animação.

Alice jamais pensou em um céu solitário. Era uma ideia nova para ela, uma ideia que ela queria explorar, mas aí o vento estourou como se fosse um raio, e os dois olharam na direção do barulho. Um livro grande e marrom e encadernado em couro estava pendurado no ar. Oliver o puxou para longe do céu, segurando a mão de Alice no processo. Sem nem piscar ou emitir qualquer aviso (ou falar qualquer coisa que pudesse acalmar), ela e Oliver caíram outra vez na direção da terra. O livro os tornava pesados e, embora os dois tivessem caído a uma longa distância e pousado com uma forte pancada, só se feriram levemente e ficaram sem fôlego. Alice abriu os olhos e encontrou-se abraçada ao companheiro. Apressou-se em se soltar, cambaleando para os lados enquanto se levantava.

Precisou de alguns instantes para conseguir usar a cabeça. E o mais estranho de tudo: ela não estava morta.

– Por que isso aí que aconteceu não matou a gente? – indagou, olhando para o céu. – Caímos uma distância enorme.

Oliver deu de ombros, limpando a poeira de suas calças.

– Morrer depois de uma queda em Furthermore seria tragicamente tedioso. Eles jamais aceitariam algo assim.

– Certo – falou Alice, que se perguntava se Oliver não estaria um pouco pirado.

Quando os dois se levantaram, voltaram os olhos ao prêmio.

Um livro de bolso, Oliver tinha dito.

Mas não era um livro de bolso. E Alice disse isso a ele.

– Como assim? – Oliver perguntou. – É claro que é um livro de bolso. O que mais poderia ser?

– Um livro de bolso é um livro bem pequenininho – ela disse, batendo com o dedo no livro. – E isto aqui não é um livro pequenininho.

– Um o quê? – Oliver questionou, franzindo a testa. – Veja, eu não tenho a menor ideia de que tipo de bobagem estão ensinando aos jovens hoje em dia… – Oliver abriu na primeira página. – Mas isto aqui é, sim, um livro de bolso.

Então era.

Era um livro. No qual cada página tinha um bolso diferente.

Impressionada, Alice estendeu a mão para tocar um dos bolsos, mas Oliver afastou o livro.

– O que você está fazendo? – perguntou horrorizado.

– Eu só queria…

– Ninguém pode simplesmente enfiar a mão em um dos bolsos!

– Por que não?

– Como assim, por que não? – Oliver parecia sentir uma vergonha enorme de Alice. – Que tipo de modos ensinaram a você?

– Ei! – Alice esbravejou, batendo os pés no chão. – Isso não é justo. Eu tenho muitos bons modos.

– Ah, é? E sua mãe lhe ensinou a ir enfiando a mão no bolso das outras pessoas, então?

– Não – Alice respondeu com o rosto já enrubescendo. E falou mais baixinho: – Eu nem me dei conta de que eram bolsos de outras pessoas.

Oliver abrandou a expressão.

– Você já viu um livro de bolso antes?

Alice fez que não com a cabeça.

A voz de Oliver saiu gentil quando ele prosseguiu:

– Pelo que percebo, as aulas que sua mãe deu para você não foram muito abrangentes.

– Não eram nada abrangentes – Alice concordou, toda cabisbaixa.

– Sinto muito, Alice.

E ele realmente soava como quem sentia. A garota ergueu o olhar.

– Os livros de bolso são cheios de bolsos de outras pessoas – ele explicou de maneira didática. – E não se deve tocar na propriedade de outras pessoas sem permissão.

– Parece certo – ela concordou.

Oliver assentiu.

– Mas e aí, como conseguimos permissão? – a garota quis saber.

– Bem, temos que pedir, obviamente.

– A todos eles?

– A alguns – ele falou, fechando cuidadosamente o livro.

– Então você não vai me deixar ver o livro? – Alice perguntou. – Prometo que não vou roubar nada do bolso de ninguém. Só estou curiosa.

– Tenho que devolvê-lo a um amigo – Oliver explicou. – Então, vamos esperar até estarmos na presença dele. Além do mais, aqui tem muito pouca luz e não é seguro quando o sol nasce.

Alice o encarou.

– Você nunca me disse isso.

– Eu tentei, não tentei? Mas, enfim, agora que temos o livro de bolso, podemos voltar nossa atenção para outros assuntos. Ainda há algumas coisas das quais precisamos para a nossa jornada, então é melhor começarmos a agir.

Alice saiu correndo tão ansiosa que quase tropeçou em suas saias. Seguiu andando perto demais de Oliver e várias vezes pisou em seu calcanhar. A garota agora estava com medo de Furthermore e seus perigos escondidos – e tinha motivos para isso. Se precisasse escolher entre aqui e sua casa, ela sem dúvida escolheria a casa. Mas aqui tudo era interessante – tão diferente, tão surpreendente e aterrorizante – que, de alguma forma, viciava. Afinal, Alice conhecia a perda e a solidão e a tristeza que invadem até os ossos, mas jamais conhecera ninguém que quisesse devorá-la, e um pedacinho dela também indagava como funcionava essa história. A verdade era que, agora que Alice tivera tempo de processar todo o choque, ela se encontrava bastante… animada com a ideia. Nossa jovem amiga havia feito pouquíssimos elogios durante a vida e, por mais estranho que pareça, ela estava contente por saber que alguém achava que ela seria uma boa refeição. Que ela era sinônimo de mágica de alta qualidade. Não era? Isso só podia significar que ela era feita de alguma coisa forte e substancial. Não era?

É claro que não. Por outro lado, pouquíssimos adultos conseguiram entender a mente dos jovens, e eu francamente não tenho a ambição de ver o meu nome entre os desses pioneiros. De todo modo, Alice agora estava mais fascinada do que nunca por Furthermore e queria saber tudo sobre a vida nessa terra estranha. Oliver, todavia, mostrava-se relutante em dividir os detalhes.

– Mas onde foi que você morou? – ela perguntou quase correndo em um esforço para acompanhar o ritmo do colega. – Lá era legal? Sua mãe ia visitar?

Oliver deu aquela risada esquisita e incrédula que repuxava a pele de seu rosto e enrubescia seu nariz.

– Minha mãe? Ir me visitar? Fala sério, Alice.

– Mas ela não ficava com saudade?

Oliver arqueou a sobrancelha para a colega.

– Duvido. Além do mais, *você* por acaso iria querer que sua mãe a visitasse durante um desafio?

Alice enrubesceu.

– Bem, considerando que eu jamais receberia um desafio, minha resposta não tem a menor importância, tem?

Oliver parou, mordiscou o interior da bochecha e foi compassivo a ponto de sentir vergonha do que tinha dito.

– Desculpa – pediu. – Eu tinha esquecido.

– Claro, eu mesma também quase tinha esquecido.

– Você ainda está com o seu cartão?

Alice assentiu enquanto seus dedos tocavam o pedaço de papel enfiado no bolso da saia.

– Acho que você ainda não o abriu – Oliver constatou.

– Não. Mas, ah… Acho que precisamos encontrar Pai – ela respondeu, desviando o olhar.

Oliver chegou a abrir a boca para falar, mas expirou pesadamente e decidiu não tocar mais no assunto.

Então foi Alice quem enfim rompeu o silêncio.

– Então, o que mais precisamos encontrar?

Oliver analisou os pés descalços da colega e respondeu:

– Sapatos.

– Sapatos? – Alice apertou o passo, assustada, para alcançar Oliver, que já tinha começado a andar outra vez. – Mas eu nunca uso sapatos.

– Também precisa de uma aprovação antes de deixarmos Sonolência. Então, vamos arrumar uma régua para você, é claro, porque todo visitante precisa ter uma régua. E aí vamos ter que enchê-la, o que…

Alice ficou congelada.

O garoto continuou falando, mas Alice nem ouvia mais. E ele precisou de um instante para se dar conta de que ela não estava a seu lado. Quando enfim olhou para trás, encontrou Alice plantada onde estava, olhos arregalados, maravilhada.

– O que foi? – Oliver olhou em volta em busca de algum sinal de perigo. Tentava não se preocupar, mas Alice tinha o péssimo hábito de deixá-lo preocupado. – Qual é o problema?

– Por quê? – ela falou.

– Por que o quê?

– Por que eu preciso de uma régua?

– Porque sim – Oliver respondeu. – Apesar das muitas inconsistências de Furthermore, seguir as regras é muito importante aqui.

– Mas…

– Sério, Alice – Oliver insistiu, franzindo a testa. – Por favor, não tente brigar comigo por causa disso. Podemos até discutir a questão dos sapatos, mas a régua é muito importante. Quem visita Furthermore tem que sempre carregar uma régua consigo.

– Mas por quê?

– Bem… Porque ela mede o tempo que passamos aqui.

Ele enfiou a mão na bolsa e puxou uma régua simples, de madeira, que parecia muito uma coisa que Alice já vira antes.

Alice a puxou da mão de Oliver, inspecionou-a e rapidamente lembrou-se da régua de Pai, a única coisa que ele levara ao deixar sua casa. Alice jamais esqueceu. Como poderia esquecer? Pai sempre tomava todo o cuidado com aquela régua. Guardava-a em um retângulo de veludo vermelho, enfiada na primeira gaveta da penteadeira e olhava toda noite para ter certeza de que ela ainda estava lá. A única vez que Alice a pegou para brincar, Pai alertou com muita veemência que aquilo não era nenhum brinquedo.

E avisou que a régua era especial.

Alice sempre se perguntava por que motivo uma régua seria especial, mas, agora, examinando a de Oliver, ela finalmente começava a entender. Pelo que lembrava, a régua que pertencia a seu pai era bem parecida com a de Oliver: madeira escurecida, delgada e com marcações na beirada. Mas a maior diferença entre as duas também era a mais curiosa: a de Oliver era muito, muito mais pesada do que a de Pai.

– Hum – Oliver assentiu. – Sim, fica bem pesada quando está cheia.

– Cheia de quê?

– De *tempo*, obviamente. O tempo é a única coisa que é realmente regulada nesse território – ele explicou. – Furthermore é muito, muito detalhista com o tempo. É fundamental preencher e medir a duração de qualquer visitante porque

Furthermore gosta de ficar de olho em todos que passam por aqui.

– Tempo – Alice ecoou com uma vozinha delicada, ainda mantendo os olhos concentrados na régua em sua mão. – Que curioso.

– Sim. Eles não gostam de perder tempo aqui. Por anos, Furthermore deixou os visitantes passarem tanto tempo quanto desejassem, mas eles gastavam tanto tempo *pensando* e *questionando* e *decidindo* que agora o tempo é estritamente regulado. – E então, percebendo o semblante de Alice, acrescentou: – Estudos já provaram que reflexão e questionamento levam a um processo de tomada de decisão consciente. É uma epidemia.

Alice ficou boquiaberta, tamanha sua surpresa.

– Você está querendo dizer que Furthermore não gosta que os visitantes tomem decisões conscientes?

– É claro que não gostam – Oliver confirmou, puxando a régua da mão da garota. – É muito mais fácil devorar pessoas burras.

– Como é que é?!

– Se você força os visitantes a tomarem decisões apressadas, eles acabam fazendo escolhas ruins mais rapidamente, o que, por sua vez, é mais eficiente no sentido de arruiná-los. Mas a lentidão não faz muita diferença. Eles fazem um belo cozido usando você como ingrediente se perder tempo. É uma armadilha simples. Você perde de um jeito ou de outro, então teremos que ser rápidos e inteligentes.

Alice soltou a régua, mas com relutância. Distraída. Estava cansada de se chocar com as explicações de Oliver, mas agora se encontrava perdida em seus próprios pensamentos.

– Sabia… – Alice divagou baixinho – que Pai deixou Ferenwood com nada além de uma régua?

– Sim, eu sei.

– Então ele sabia… – Alice falou, confirmando suas suspeitas. – Antes de sair, Pai sabia aonde estava indo.

– Devia saber – Oliver supôs. – Ele já tinha vindo aqui muitas vezes antes, então sabia como funcionava. Aliás, foi em grande parte por causa das anotações e do conhecimento dele sobre Furthermore que eu soube o que fazer enquanto estive aqui. Devo muito a seu pai.

Era informação demais para Alice processar.

Por que Pai teria voltado a Furthermore depois de tantos anos? O que queria aqui?

Ela há muito tempo suspeitava que Pai fosse diferente de todos os outros em Ferenwood – seus pensamentos eram mais elaborados, sua mente mais inteligente, seus olhos mais brilhantes. Mesmo assim, Alice jamais pensou em

Pai como um homem de segredos e agora se perguntava se realmente o conhecia bem.

Ela mordiscou o lábio e afastou seus pensamentos, deixando de lado a sensação de desconforto. Amar Pai significava amá-lo por completo – suas janelas abertas e seus cantos empoeirados – e ela se recusava a amá-lo menos por causa de segredos desconhecidos. Alice também tinha seus segredos, não tinha? E começava a perceber que parte do processo de crescer era tornar-se mais dócil, e que às vezes os segredos envolviam coisas doces para manter as pessoas seguras.

– Então… – Oliver falou enquanto ajeitava a bainha de sua túnica. – Vamos arrumar um par de sapatos?

Alice olhou para seus próprios pés.

Terrível, eu sei, mas ela nunca ligou muito para sapatos. Só os tinha usado no inverno e, na ocasião, eram botas de linho decoradas com flores de algodão, suaves e flexíveis e confortáveis. Mas agora não era inverno e Alice não conseguia se imaginar usando sapatos.

– Tenho mesmo que usar sapatos? – perguntou a Oliver.

– O caminho à nossa frente é longuíssimo – ele explicou, esforçando-se para parecer solidário. – Recomendo muito que calce alguma coisa.

– Bem – Alice falou, mordiscando o lábio. – Está bem. Se usar sapatos ajudar a encontrar Pai, então acho que… Ah!

Ela hesitou, lembrando-se de algo importante.

– O que foi? – Oliver quis saber.

– Eu não tenho nenhum finque comigo. – E baixou a voz para questionar: – Aliás, eles aceitam finques aqui? Como fazemos para comprar coisas em Furthermore?

– Sabe, não tenho a menor ideia – Oliver respondeu, sorrindo. – Eu só peço para as pessoas me darem as coisas quando eu quero algo.

– Mas isso é roubar!

– Para mim, isso é pedir.

– Ai, Oliver! – Ela falou, estreitando os olhos. – Você é terrível!

– Mas enfim – ele agora adotava um tom mais animado. – Eu por acaso trouxe um pouco de dinheiro. Só um minuto.

Oliver enfiou a mão na bolsa e procurou ali dentro. Pegou algumas moedas vermelhas (pareciam botões, só que mais pesados) e as segurou por um instante antes de parti-las no meio, liberando a magia contida nelas. Um finque continha só uma onça de magia, mas três finques eram três vezes esse tanto, e muita coisa podia ser feita com três onças de magia. Mexendo as mãos rapidamente, Oliver transformou os finques em um par de sapatos simples, o que, desnecessário

dizer, era uma tarefa bastante complexa para um menino de 13 anos. A maioria das pessoas, hoje em dia, não perdia tempo produzindo coisas do nada; a maioria trocava seus finques (vermelhos) e parapicaretas (azuis) e tintões (verdes) por produtos já prontos, feitos por artesãos experientes.

Alice ficou admirada.

E ainda mais impressionantes eram os sapatos. Sapatilhas simples de bailarina, feitas de seda azul-escura e com uma bela fita que mais parecia lindas gavinhas. Oliver poderia ter usado a mágica para fazer qualquer tipo de sapato para Alice, mas escolheu sapatilhas de propósito; eram os sapatos de dança que Alice jamais tivera, e ela ficou profundamente lisonjeada com aquele gesto.

Aliás, para uma garota que não dava a mínima para sapatos, Alice ficou surpresa ao perceber que realmente gostava das (quase amava as) sapatilhas. Porém, seu orgulho a impediu de contar toda a verdade a Oliver. Então, ela sorriu e agradeceu, declarando muito educadamente que eram sapatos perfeitamente bons (quando de fato eram ótimos) e muito discretos (quando na verdade eram um luxo). Por sinal, Alice já tinha contado tantas mentirinhas pequenas desde que chegara a Furthermore que já nem se dava conta de como era fácil contar algumas mais. Tinha se tornado tão fácil inventar algumas histórias e contar pequenas fabulações que a verdade havia se tornado cinza; Alice não tinha como saber que sua única proteção contra Oliver (e todas as outras almas que não eram dignas de confiança) tinha falhado há muito tempo.

Então, alegre, ela calçou as sapatilhas azuis, dançarolou um bocadinho muito ansiosa e seguiu Oliver rumo à escuridão.

***Sonolência era tediosamente escura*.** Digo isso não apenas por ser verdade, mas porque, neste momento da história, não há nenhum cenário sobre o qual comentar. Alice e Oliver deixavam as luzes da cidade de Sonolência para trás. Daqui, não havia nenhuma fogueira visível, nenhuma lâmpada flutuando e iluminando o céu. Era escuro. Frio.

E muito silencioso.

Alice e Oliver seguiam andando em um silêncio amigável, cada um absorto em seus próprios pensamentos. Seguiam rumo a algum lugar – a um lugar onde Alice adquiriria uma régua e outros itens de necessidade básica – mas nenhum dos dois parecia, pelo menos neste momento, interessado em discutir o assunto. Alice seguia seu caminho, cutucava a escuridão com um dedo na esperança de cavar um buraco nela. Buscava uma luz, buscava respostas, buscava Pai. Sua necessidade desesperada por ver Pai a havia trazido aqui, a havia feito vagar pela escuridão, andar cegamente por um mundo que desconhecia.

Pai havia partido com um propósito.

Agora Alice sabia e, de certa forma, isso mudava tudo. Será que Pai a tinha deixado de propósito? Ou deixado Mãe de propósito? O que isso tudo significava? Por que ele deixaria sua casa para ir a um território que poderia consumi-lo? Por que correr esse risco?

Para que correr esse risco?

A cabeça de Alice estava cheia com tantas perguntas que agora lhe faltava espaço para prestar atenção. Não percebeu Oliver ou seus passos acelerados ou o sorriso torto no rosto dele. Ela não tinha como saber o que ele estava pensando – então também não devo contar a você, mas acho que já conhecemos um ao outro o suficiente para guardar nossos segredos. Então vou lhe dizer uma coisa: Oliver se sentia aliviado. Havia contado a Alice uma mentira enorme não muito tempo atrás e agora tinha certeza de que saíra ileso. Qual foi a mentira? Isso não vou revelar. Porém, Oliver percebera que Alice não era mais imune a seus charmes.

Não nos esqueçamos disso.

Alice, alheia a tudo, continuava envolvida com seus pensamentos, distraída apenas pelo primeiro vislumbre de luz ao longe: um raio único, pulsando, que se tornava maior conforme os dois se aproximavam. Ela deu tapinhas no braço de Oliver e os dois logo ficaram alertas; ele recuperava a atenção enquanto ela

ficava outra vez curiosa.

Então, Alice voltou-se para Oliver:

– O que…?

– É a travessia da fronteira – Oliver respondeu apressadamente.

– Fronteira? Pensei que eu fosse arrumar uma régua.

Oliver assentiu e Alice quase conseguia ver a silhueta dele na luz.

– Sim, você vai receber uma régua junto à autorização – ele explicou. – Sonolência é o ponto de entrada de todos os visitantes. A verdadeira Furthermore ainda está por vir.

Os olhos e a boca de Alice se abriram ao mesmo tempo.

– E o que eu tenho que fazer para receber essa tal autorização?

Oliver hesitou antes de responder:

– Não tenho a menor ideia. É diferente para cada pessoa. Mas logo vamos descobrir, não vamos? – Ele apontou para a frente e a luz se tornava cada vez mais forte, agora quase os cegando. – Só um pouquinho mais adiante.

Alice apertou o passo, protegendo os olhos da luz. Era quase impossível enxergar a essa altura; a claridade era quase dolorosa. Aliás, Alice estava pensando que não sabia quanto mais disso suportaria quando, de repente, a luz tornou-se mais fraca.

Ela precisou tentar focar os olhos várias vezes. Piscou e piscou até os múltiplos halos desaparecerem e ela enfim ter certeza do que estava vendo.

Uma única porta branca se sustentava erguida no chão. No centro, havia uma enorme campainha. E, acima da campainha, letras douradas dizendo:

PRESSIONE AQUI PARA AVENTURA

Alice olhou para Oliver em busca de um sinal de afirmação, e ele fez que sim com a cabeça. Cuidadosamente, muito cuidadosamente, ela empurrou um dedo para a frente e apertou o botão. Um bipe ecoou tão suave que parecia estar dormindo.

Um instante depois, a porta desapareceu, sendo instantaneamente substituída por uma pessoa e uma mesa, uma atrás da outra.

A pessoa usava várias camisas, de vários tons de rosa-porquinho, e Alice não sabia dizer se a pessoa era de fato uma pessoa (ou se era uma coisa), mas não teve tempo de chegar a conclusão alguma antes de a criatura começar a falar:

– Nome? – perguntou a coisa toda rosada.

(No fim das contas, era mesmo uma pessoa, dessas que usam uma cartola azul.)

Alice se assustou e apressou-se para a frente. Notou uma placa com um nome

sobre a mesa:

TED AVENTURA
CONTROLE DE IMIGRAÇÃO
VILAREJO DE SONOLÊNCIA

– Nome? – Ted perguntou outra vez.

– Alice Alexis Queensmeadow – ela rapidamente falou.

E tentou sorrir.

– A negócios?

– A negócios? – Alice respondeu nervosamente. E olhou para Oliver. – Eu, hum, eu, eu estou aqui procurando…

– Uma árvore frutífera – Oliver completou para ela, dando um salto para a frente e abrindo um sorriso enorme para Ted. – Alice perdeu a árvore frutífera que tinha na cidade de Magriça e agora está desesperada atrás dela. Ela cuidou dessa árvore desde que brotou, sabe?

Ted piscou várias vezes para Oliver e, sem dizer nada, empurrou os papéis de um lado para o outro.

– Broto… – enfim murmurou. – Sim, claro, tenho isso anotado aqui.

– E pode estar certo de que ela traz consigo todos os documentos necessários – Oliver acrescentou com outro sorriso.

Ted assentiu mais uma vez, com a cabeça pesada em virtude da persuasão de Oliver.

– Então, se puder fazer a gentileza de entregar a ela a régua e preencher com… Ah, digamos, o equivalente a seis meses de tempo… Aí poderemos seguir nosso caminho. – Oliver deslizou sua própria régua sobre a mesa. – Eu preciso que a minha também seja preenchida outra vez, obrigado. O mesmo da última vez estaria ótimo.

– O mesmo da última vez – Ted falou. – Hum-rum.

Ted começou a trabalhar, rapidamente batendo carimbos em papéis e fuçando nas gavetas de sua mesa. E Alice se pegou, pela primeira vez, impressionada com a habilidade de Oliver. Pensava que sabia do que ele era capaz, mas nunca o tinha visto em ação. Não assim. Era realmente extraordinário, pensou. E, embora parte dela se sentisse culpada por lançar mão de um truque para chegar a Furthermore, outra parte percebia que as coisas simplesmente funcionavam assim. Esta era, conforme Oliver havia descrito, uma terra de truques e enigmas, e eles dois tinham de entrar no jogo se quisessem sobreviver.

– Sua régua – Ted de repente falou.

Alice sentiu-se flutuando enquanto dava um passo adiante. A régua que Ted

empurrou sobre a mesa era diferente daquela de Oliver; a de Alice era de madeira clara, um pouco mais curta (mas mais espessa) e parecia ter sido recolhida de uma lata de lixo. Estava repleta de rabiscos – claramente usada até a morte –, mas, para a garota, aquilo não fazia diferença. Sua régua parecia usada e muito amada e fácil de segurar. Era sólida. Cheia de tempo. Ela a virou e encontrou uma breve inscrição na madeira:

Alice Alexis Queensmeadow
Quebre em três em caso de emergência

– Em caso de emergência? – ela indagou, olhando para Ted. – O que isso significa?

Ted a encarou.

– Perdão? – Alice tentou outra vez. – O que…

– Seu tempo termina quando a madeira perder o peso – Ted explicou, parecendo sequer tê-la ouvido. – Então, esteja de volta aqui antes de isso acontecer.

– Tudo bem – Alice concordou. – Mas o que acontece se eu não voltar antes disso?

Ted piscou os olhos.

– Você vai ser presa por roubo.

– O quê? – Alice arfou.

Ted piscou outra vez.

– Agora vou lhe fazer uma série de perguntas de rotina.

– Mas… – Alice engoliu em seco. – Está bem.

– Você é uma visitante com alguma deficiência ou condição médica? – Ele leu as palavras em um calhamaço de papel, para o qual apertava os olhos. Então, chegou mais perto de sua luminária.

– Eu… Eu… não.

– Está viajando com algum item especial? – ele quis saber, e tomava pequenas notas na página conforme Alice respondia.

– Não – Alice falou. – Quero dizer, acho que não…

– É uma visitante com 75 anos ou mais?

Ao ouvir isso, Alice franziu a testa.

– É óbvio que não. Eu acabei de completar 12.

Ted apertou um botão em sua mesa e uma onda de confete explodiu sobre sua cabeça, caindo na aba de seu chapéu. (Agora Alice entendia por que ele usava aquele chapéu.)

– Parabéns – ele disse. – Está viajando com alimentos ou presentes?

Nesse momento, Ted olhou-a direto nos olhos, e Alice pôde perceber parte da teimosia daquela criatura escapando do controle de Oliver.

– Nã… Não – ela respondeu, lançando um olhar de preocupação para seu colega de viagem. – Nem alimentos, nem presentes.

Oliver apertou a mão de Alice e, um instante depois, os olhos de Ted estavam outra vez vidrados. Ele não fez mais perguntas.

– Não se esqueça de levar seus panfletos de visitante – Ted aconselhou, empurrando algumas brochuras pela mesa. – E lembre-se de ler a lista de itens permitidos e proibidos porque recentemente atualizamos os…

– Tudo bem, combinado – ela se apressou em dizer, enfiando os panfletos no bolso sem sequer olhar para eles. – Mas o que foi que você disse sobre eu ser presa? O que quis dizer?

Ted chegou a abrir a boca para responder, mas Oliver logo puxou Alice.

– Muitíssimo obrigado. A gente se vê em breve! – despediu-se de Ted e rapidamente enfiou sua régua na bolsa.

– É melhor não conversar muito com Ted agora – Oliver sussurrou para Alice. – Quando mais ele tenta pensar, mais facilmente consegue se livrar da minha persuasão, e não podemos correr esse risco.

– Está bem – ela sussurrou em resposta, distraidamente enfiando a régua no bolso da saia. – Mas, Oliver, o que ele quis dizer com essa história de eu ser presa?

– Explico direitinho para você mais tarde, prometo – ele garantiu. – Mas agora precisamos correr porque o sol está prestes a acordar. Precisamos ir direto ao vilarejo de Quietude, e vai ser um tanto trabalhoso chegar lá.

– Mais trabalhoso do que tudo até agora? – ela arriscou.

– Muito mais.

– Quão mais?

– Muito.

Ela olhou para ele.

Ele olhou para ela.

Os dois olharam para a frente.

O céu, veja bem, estava se abrindo no meio.

– ***Corra***! – Oliver gritou, e Alice sabia que era melhor nem perguntar por quê.

O céu estava mesmo se abrindo no meio, bem diante deles, e, embora ela não tivesse a menor ideia do motivo de isso estar acontecendo, sabia que a resposta para essa pergunta não seria nada boa. Contudo, o mais estranho não era por que eles estavam correndo diante do perigo, era por que estavam correndo *na direção* do perigo. Havia tantas perguntas que Alice queria fazer, mas ela agora se esforçava para acompanhar os passos largos das pernas longas de Oliver e já estava sem fôlego.

– Oliver – ela falou, arfando. – Por que o céu está se abrindo no meio? O que está acontecendo?

– Como assim? – ele perguntou. – O dia chegou ao fim. O hoje está se vestindo para amanhã.

– Isso é a coisa mais besta que alguém já me disse – ela arfou.

– Por que é tão estranho assim? – ele questionou, também arfando. – Você não troca de roupa todos os dias?

– Bem, sim – veio a resposta. – Mas eu sou uma pessoa.

– Ah é? – Oliver olhou torto para ela. – E desde quando só as pessoas podem se importar com a aparência?

Ele rangeu os dentes enquanto eles corriam os próximos trinta metros, arfando ainda mais do que antes. E já estava quase totalmente sem fôlego quando disse:

– Alice, se você tiver planos de sair viva de Furthermore, precisa mudar seu modo de pensar. – E arfava, e arfava. – Essa cabeça pequena só vai levá-la a Lugar Nenhum e, quando chegar, você vai estar perdida para sempre.

– Você me acha uma menina de cabeça pequena? – ela perguntou, batendo a mão no peito, o coração martelando a cada passo. – *Eu*?

Ele não respondeu, mas provavelmente porque já não conseguia mais respirar. Ele arquejava mais e mais a cada segundo, assim como Alice, mas Oliver levava o livro de bolso, que parecia muito pesado; ela tinha certeza de que o esforço dele era maior do que o seu próprio. Mas, muito embora os dois corressem o mais rápido que conseguiam, parecia impossível chegar ao horizonte. Alice não sabia ao certo o que Oliver estava tentando fazer.

– Quando eu disser para pular… – ele começou, esforçando-se para conseguir respirar. – Precisamos pular. Está bem?

E olhou para ela.

– Sim – ela confirmou, também tentando recuperar o fôlego. – Sim, combinado.

O céu estava mais à frente, as cortinas da noite afastavam-se e feixes dourados e sedosos saíam de trás dela. Era um céu infantil, inocente como um dia que nasce.

– PULE! – Oliver berrou. – PULE, ALICE, PULE!

E pular foi o que ela fez.

O vento logo os pegou, envolveu-os e acalmou as respirações forçosas, e, quando era a hora certa – e raramente era –, os dois foram jogados no centro do céu.

E despencaram de Sonolência para Quietude.

Dois batimentos depois, em Quietude eles estavam. Alice e Oliver, sentados, com as pernas estendidas. O vento havia deixado seus pulmões e as dores se espalhavam por suas juntas e Alice tinha tanto com que se preocupar, mas não tinha tempo para se preocupar.

Quietude tinha parado o relógio.

A neve do inverno e as folhas do outono e as chuvas da primavera haviam congelado onde estavam. As gotículas de garoa brilhavam suspensas, como se o ar usasse brincos, e mil brincos ao mesmo tempo. Flocos de neve prendiam-se no céu como glitter e cola. As folhas do outono tinham caído das árvores, mas nunca chegado ao chão, então flutuavam no vento leve, ornamentos dependurados em uma brisa de feriado, acastanhadas e alaranjadas e avermelhadas e amareladas, presas em um momento que jamais seria esquecido.

Alice olhou para cima e olhou em volta e ficou impressionada. Com lábios entreabertos e olhos atentos e o peso do corpo apoiado nas mãos, absorveu tudo aquilo. Era silencioso e tão calmo e delicado. O céu era uma lavanda esfumaçada e o sol era uma nuvem amarela bufando ao longe, levando um brilho dourado e misterioso a tudo em que tocava. As casas tinham telhados quadrados e triangulares e coloridos; as calçadas cinza uniam-se às ruas feitas com a mais negra das pedras. Os pássaros permaneciam empoleirados nas colunas, sem cantar, e tudo era muito doce e muito, muito pequeno. De onde estava, Alice conseguia enxergar quilômetros à sua frente, e não havia uma única pessoa por perto. Até ela se levantar.

E arfar.

E dar um passo para trás.

E o cenário mais estranho do mundo surgir diante dela.

Alice não conseguia entender por que tudo estava tão diferente tão de repente, mas era como se seus movimentos – mesmo os mais leves – tivessem perturbado a terra de Quietude, e agora ela estava diante de todos os seus ocupantes: um mar de cidadãos havia se levantado em um protesto silencioso.

Havia mulheres, mulheres por todo o lado.

E usavam ternos. Um terno laranja aqui, outro verde acolá, roxo em um canto, vermelho em outro. Formavam um arco-íris de mulheres perfeitamente paradas, sentadas em banquinhos e diante de mesas e sobre caixotes, nas calçadas e

degraus e selins de bicicletas. Centenas delas.

E todas, cada uma delas, encaravam Alice.

– Oliver? – Alice conseguia senti-lo ao seu lado, mas tinha medo de quebrar o contato visual com as mulheres. Então sussurrou: – Oliver… O que a gente faz agora?

Ele disse alguma coisa tão baixinho que Alice não conseguiu entender.

– O quê? – ela perguntou, olhando na direção dele.

As mulheres ficaram boquiabertas. Olhos arregalados e queixos caídos apontados para Alice.

– Desculpa – ela falou. – Eu não queria…

E elas arfaram. Rostos horrorizados. Silêncio assustador.

Alice começava a ficar nervosa. Aparentemente, falar não era autorizado em Quietude. Nada de palavras, nada de movimentos, nenhuma perturbaçãozinha que fosse. (Tudo isso era apenas uma suposição, obviamente, pois Alice não sabia nadinha de nada sobre Quietude. Aliás, não sabia de nadinha de nada sobre o que era e o que não era autorizado por aqui, afinal, Oliver [como de costume] não ajudava. Ele não a tinha alertado nem um pouquinhozinho que fosse sobre o que esperar em Quietude e, se eles fossem devorados por um grupo de mulheres furiosas – uma possibilidade agora, pensou Alice – ele não poderia culpar ninguém além de si próprio.)

Agora, antes de falarmos sobre o que Alice fez, eu queria que você me desse a oportunidade de defender as ações dela. Em retrospectiva, percebo que sua decisão não foi muito construtiva, mas ela não teria como passar todo o resto da eternidade parada (afinal, Alice tinha de pensar em Pai). Então, devo dizer uma coisa: na minha opinião, a decisão dela foi – pelo menos naquele momento – um tanto realista:

Alice deu um passo para a frente.

Alguém gritou. Alguma coisa se estilhaçou. Ela imediatamente percebeu que havia cometido um erro, mas, em sua pressa para corrigi-lo, cometeu mais um monte de erros. Cambaleou para trás, tentando desfazer o que tinha feito, mas, quanto mais ela se mexia, mais as mulheres de Quietude ficavam agitadas e logo elas gritavam agudamente, todas elas, berravam e uivavam e puxavam seus próprios cabelos, suas próprias roupas. Unhavam o próprio rosto e arrancavam sangue, lágrimas, perdidas em seu torpor, engasgando com o pranto. (Alice também teve vontade de chorar, mas por motivos um tanto diferentes.)

Agora as mulheres começavam a se levantar, mas muito lentamente. Seus olhos, claramente em prantos, em momento algum desviaram do rosto de Alice, e aquela imagem era tão monstruosa que o coração da garota quase pediu para sair pela garganta. Os movimentos das mulheres eram tão cuidadosos, tão lentos

e metódicos, que só pioravam a situação. Seria uma morte lenta, pensou Alice, uma tortura cuidadosa, uma agonia que não seria solucionada com um grito desesperado. O terror a havia tomado tão por completo que ela sentia medo até mesmo de respirar.

– Alice, corra!

Oliver agarrou a mão da colega e pernas pra que te quero!

Os dois avançaram por Quietude, assolando toda a compostura que o vilarejo havia tão cuidadosamente preservado. Correram em meio às folhas que então caíram no chão; passaram pelas gotas de chuva, que explodiam em seus rostos e escorriam por seus pescoços; avançaram pelos flocos de neve que se prendiam em seus cabelos e suas roupas.

As mulheres vinham atrás.

– Mais rápido! – Oliver gritou. – Precisamos ir mais rápido!

E, embora Alice quisesse chutar o pé dele e dizer que estava correndo o mais rápido que podia, ela também estava na infeliz posição de ser incapaz de respirar, então decidiu guardar suas grosserias para um momento mais oportuno. Ela se forçava para a frente, uma perninha depois da outra, tentando subir na alta colina que levava à única rua que atravessava Quietude. E tentava não se concentrar no fato de que os dois estavam prestes a morrer. E teve de admitir que não era boa nisso.

As mulheres de Quietude vinham logo atrás. Gritavam de dor, sem dúvida agonizando por todo o exercício que se viram forçadas a fazer, e Alice chorou – mas só um pouquinho – porque estava tão desesperadamente cansada e porque achava que devia parar de correr, ou então seus pulmões explodiriam. Porém, as mulheres de Quietude estavam pouco se lixando para os pulmões de Alice, então as pernas e os pulmões da garota teriam de seguir firmes, custasse o que custasse.

A mão de Oliver segurava firme a de Alice, e ele quase a arrastava pela rua principal agora. Ela não tinha ideia de como seu colega conseguia fazer tudo aquilo *e ainda* carregar o livro de bolso, mas não estava em condições de perguntar nem de oferecer ajuda, principalmente depois de perceber que a pedra preta que cobria a via era bastante escorregadia, então ela tinha de dar tudo de si para conseguir permanecer em pé. Eles deslizavam ao correr, escorregando e cambaleando e segurando-se um no outro em uma tentativa de salvar a própria vida.

Agora as mulheres estavam silenciosas feito a neve, quase os alcançando, e eles não tinham percebido. Alice olhou para trás e conseguiu ver. Elas corriam na ponta dos pés, erguiam os joelhos até quase alcançar o peito, e tinham uma aparência tão ridícula que a garota se pegou quase rindo. De agonia. Contudo,

por mais ridículas que parecessem, elas sabiam o que estavam fazendo; as mulheres conheciam bem o caminho, enquanto Alice e Oliver lutavam para sobreviver a ele. Os dois vacilavam e escorregavam, constantemente se ajeitando, mas em momento algum conseguiam se estabilizar.

Tudo parecia perdido.

As pernas de Alice pareciam derreter e, se em algum momento Oliver lhe disse alguma palavra, ela não conseguiu ouvir. Sua respiração, dura e forçosa, era tudo o que Alice conhecia, e as pancadas em seu peito tinham subido para a cabeça e descido pelos braços e ela estava tão cega de dor que não conseguia enxergar nada.

Alice queria desistir.

E quase desistiu.

Mas balançou a cabeça e se esforçou para conseguir focar. Desistir seria fácil. Morrer seria simples. Mas nada disso resolveria seus problemas, e as duas opções deixariam Pai perdido para sempre. Ela tinha de encontrar uma forma de mantê-los vivos.

Ah, e Oliver também.

De repente, Alice teve uma ideia: tudo o que eles tinham corrido, toda a energia que haviam gastado – isso poderia ser bem utilizado, não poderia? Não havia tempo para refletir e chegar a uma conclusão, então Alice agarrou a camisa de seu colega, chutou-o atrás dos joelhos e derrubou os dois de costas. Antes que Oliver sequer tivesse chance de gritar, eles estavam voando. Deslizando como dois pinguins pela rua lustrosa, movimentando-se com tanta agilidade a ponto de parecer que tinham asas.

Para cima e para a esquerda e para baixo e para a direita, a rua fazia curvas e oscilava e afundava e subia e eles seguiam o caminho, montanhas-russas humanas prontas para vomitar quando parassem.

A rua finalmente terminou e, com ela, a única esperança que Alice tinha de escapar. Ela e Oliver haviam sido lançados no limite de Quietude, e à frente não havia nada além de um gramado que se estendia por quilômetros. Não havia saída, aparentemente, e sem dúvida não havia tempo para celebrar o golpe de mestre da garota.

Nos poucos momentos que eles perderam para recuperar o fôlego, as mulheres de Quietude se dedicaram a descansar seus corpos. Centenas de mulheres com ternos coloridos e furiosas e com rostos sangrando esperavam para atacar duas crianças zonzas, confusas e cansadíssimas.

Elas não tinham nada a perder.

Nem uma gota de energia. Nem uma gota de poder.

Nem um simples…

– Alice – Oliver arfou. – Ah, Alice, que ótimo, que ótimo! – ele exclamou. – Tudo de melhor a você por ter nos trazido para o outro lado, sua menina incrível!

E então Oliver pegou um parapicareta da bolsa, usou o dente para partir na metade, virou-se de costas por um instante e jogou com força na direção das agressoras.

Tudo ficou em câmera lenta.

Os pedaços da moeda giraram quase sem velocidade, mas a simples presença de magia deixou as mulheres frenéticas, de olhos vidrados. Conforme a magia se aproximava, elas salivavam com seus rostos distorcidos pela tortura e ansiedade, mas essa ansiedade se transformou em raiva quando os restos dos parapicaretas congelaram e se estilhaçaram no ar. As mulheres gritaram e recuaram, enfiando as unhas nos olhos enquanto milhares de fios coloridos caíam do céu e se entrelaçavam à terra, criando um bela e aterrorizante barricada.

Alice não conseguia acreditar que algo tão simples havia funcionado. Também se perguntava de onde Oliver tirava tanta magia e quanta magia mais ele ainda guardava.

Oliver soltou o corpo no chão.

– Alice – falou. – Minha nossa, Alice! Você foi incrível. As coisas poderiam ter dado tão errado, mas você se saiu tão bem.

– Poderiam ter dado *errado*? – Alice o estudava em choque, mesmo enquanto soltava o corpo no chão. – Você quer dizer que tudo poderia ter sido *pior* do que aquelas mulheres quase matarem a gente? Oliver, você ficou doido, é?

Ele negou com a cabeça. Agora estava apoiado nas mãos e nos joelhos, tentando respirar.

– Você não tem ideia de quão pior poderia ter sido – falou. – A primeira vez que encontrei as mulheres de Quietude… – E riu, arquejando. – Eu tentei fazer a linha sedutor.

– Ai, Oliver! – Alice exclamou, constrangida. – Sério?

Ela tossiu duas vezes e torceu para as câimbras na perna passarem.

– Tentei, sim – ele confirmou, sentando-se. Agora sua respiração estava um pouco melhor, ainda irregular, mas se ajustando. – E foi a rejeição mais clara que já recebi. Fiz meu melhor, mas foi impossível persuadir um número tão grande de mulheres a acreditar em qualquer coisa que eu dizia.

– E como você conseguiu escapar? – ela perguntou enquanto também tentava encontrar uma posição mais confortável.

– Bem, na primeira vez, eu só escapei por acidente. Estava quase para morrer. Elas me deixaram só com a roupa íntima e me colocaram em um caldeirão ao fogo…

Alice ficou espantada e cobriu a boca com as duas mãos.

– … porque fazia muito tempo desde que elas tinham feito a última refeição.

– Elas iam mesmo comer você – ela gritou, soltando as mãos. – Ainda não consigo acreditar…

– Sim – Oliver confirmou. E, com um dedo em riste, prosseguiu: – Mas, enquanto estavam ocupadas tentando acender o fogo, uma das mulheres tropeçou nas minhas roupas e pisou em algumas moedas de parapicaretas que tinham caído no chão e sem querer liberou magia. Elas ficaram loucas. Extremamente alegres. Tudo o que querem é magia, afinal de contas… É justamente por isso que querem comer a gente. Mas eu não tive tempo de escapar antes de elas pedirem mais. Mais magia. Tudo o que eu tinha. Elas tomaram cada finque que conseguiram encontrar, e ainda não foi suficiente. E aí iam me devorar de um jeito ou de outro.

Horrorizada, Alice mexia a cabeça. Oliver prosseguiu:

– Por sorte, toda a procrastinação delas me deu tempo para pensar em um plano melhor. Eu tinha um último parapicareta preso atrás da orelha e decidi usá-lo. Elas estavam em um número muito maior e seria inútil tentar travar qualquer batalha, e, como eu tinha só mais um parapicareta, o que não é magia suficiente para fazer muita coisa, tive de pensar rápido. Uma barreira temporária parecia ser justamente aquilo que me ajudaria a escapar. – Oliver apontou para a barreira que havia criado. – Isso aí vai desaparecer em algum momento, mas vai continuar existindo por mais algumas horas. – E riu. – Minha nossa! Entrar e sair de Quietude se provou um feito bastante caro, não foi? Mas acho que posso dizer com alguma confiança que nossas vidas valeram o gasto.

Oliver continuava rindo. Estava todo alegre, com um sorriso que ia de uma orelha a outra, sentindo-se triunfante demais para notar os olhos atentos de Alice.

Usar magia para solucionar um problema parecia trapaça. Afinal, nem todo o mundo tinha parapicaretas à disposição, e Alice ficou nervosa, agora que pensava no assunto, ao se dar conta de que precisava de mais do que apenas coragem para sobreviver em Furthermore.

Ela fechou a boca.

Havia algum tempo que vinha pensando nos finques e parapicaretas de Oliver, com frequência refletindo sobre o uso casual de magia e sua habilidade de encantar e manipular. Essas eram habilidades que Alice jamais desenvolvera, e não por falta de vontade. Ela obviamente teve algumas aulas básicas de como aproveitar e transformar magia contida, mas tudo não passava de teoria. Jamais havia interagido com tanta magia bruta e, nas ocasiões em que teve alguns finques no bolso, eram preciosos demais; ela os usava com muito cuidado, pensando muito antes de gastar. Jamais conhecera ninguém que tivesse

condições de jogar dinheiro por aí, como Oliver fizera nas últimas horas, e não conseguia sequer imaginar como era viver com esse tipo de luxo.

Pensar mais sobre dinheiro deixou Alice indescritivelmente triste. Ela ainda tinha muito a aprender na vida, mas já tinha vivido o suficiente para saber que dinheiro era importante e, embora não entendesse muito de finanças, era capaz de compreender que alguns parapicaretas a mais no bolso costumavam facilitar a vida. Mil vezes se viu indagando se ter dinheiro a ajudaria a encontrar Pai mais rápido e pensar nisso agora fez seu coração se repuxar.

Alice mordiscou o lábio enquanto analisava Oliver, tomando o cuidado de realmente estudá-lo. Olhou atentamente as roupas simples que ele usava – aquelas às quais ela não havia dado atenção antes – e, dessa vez, percebeu as costuras cuidadosas, o tecido resistente e o corte perfeitamente ajustado. Atentou-se às mãos dele, suaves e sem qualquer marca, às unhas limpas e curtas e polidas. Seus olhos deslizaram por seus cabelos brilhantes, pela pele castanha e luminosa, pelo brilho saudável em seus olhos azul-violeta. Alice começava a perceber em Oliver alguma coisa que não havia notado antes.

– Oliver – chamou baixinho. – Você é *muito* rico?

Oliver piscou rapidamente.

– O quê?

– Você tem muito dinheiro? – repetiu, ignorando o rubor nas bochechas.

– Muito dinheiro? – ele ecoou surpreso e de olhos arregalados. – Não. Acho que não. Não mais do que a maioria das pessoas, acho.

Alice mordeu a parte interna da bochecha e engoliu tudo o que quase falou. *Muito mais do que eu*, quase falou. *Eu nunca na vida toquei em um parapicareta*, quase falou.

– Ah – foi o que realmente falou.

Oliver adotou um semblante dolorido, as bochechas quentes por uma verdade que nenhum dos dois queria reconhecer, e Alice ficou surpresa ao perceber que o desconforto dele a incomodava. Ou melhor, deixava-a constrangida. Por isso, mudou de assunto.

– A cidade de Quietude parece tão pequena se comparada a Sonolência – comentou, olhando para a barricada colorida que Oliver recentemente criara. – Onde a gente está agora? Por que ninguém está tentando nos devorar?

– Sim, claro! – Oliver falou alto demais, aliviado por ter outro assunto para conversar. – Bem, as vilas de Furthermore são todas construídas de maneiras diferentes. – E assentiu. – Algumas são grandes, outras são pequenas, algumas são muito, muito altas. Mas Quietude não é exatamente uma vila… e não é para ser. Quietude é a casa de só uma pessoa.

– Uma pessoa? – Alice o ecoou. – E todas aquelas mulheres que tentaram

comer a gente?

– Ah, veja bem… As mulheres de Quietude não passam de uma medida de segurança – ele explicou. – Elas estão ali para proteger o território de visitantes indesejados. Mas a pessoa que viemos encontrar aqui não tem interesse em devorar ninguém. Aliás, ele é um dos meus poucos amigos próximos em Furthermore.

– Quem é? – ela quis saber. – Quem vamos encontrar?

Oliver a olhou nos olhos enquanto a lua brilhava atrás dele.

– O Tempo.

Alice passou mais um instante sentada, esperando Oliver dizer que estava brincando, mas ele puxou a trança dela e falou:

– Cabeça pequena, Alice. Não vai nos ajudar.

Ela fechou uma carranca e empurrou a mão de Oliver para longe de seus cabelos.

– Eu não sou nenhuma cabeça pequena – ralhou. – Só é difícil para mim acreditar que vamos realmente conhecer o *Tempo*.

E quase virou os olhos.

Oliver arfou – e superalto.

Estava de olhos arregalados, horrorizado e baixou a voz, apenas sussurrando:

– Ouça bem… Nunca mais deixe essas palavras saírem da sua boca! Aqui, em Furthermore, a gente nunca desacredita de nada. Descrença suficiente vai acabar fazendo você terminar lá.

– Lá onde?

– Em Descrença – ele falou todo arrepiado. – É uma cidade horrorosa.

Alice teve medo de perguntar por que, então apenas assentiu e não disse mais nada, guardando sua descrença para si mesma.

Depois que seus pulmões estavam um pouco mais descansados, os dois caminharam com suas pernas ainda exaustas pela noite de Quietude, onde os pássaros eram livres para cantar e os grilos livres para dançar e os sapos felizes em coaxar. Andaram pela grama que alcançava seus joelhos e pelas lagoas silenciosas. Oliver tropeçou e sorriu para ninguém em particular enquanto Alice se distraía analisando a floresta escura no horizonte, indagando o tempo todo aonde todo o mundo tinha ido, se alguém já estivera aqui e qual seria a aparência do Tempo e se o Tempo seria gentil e o que aconteceria se o Tempo envelhecesse. O que eles fariam se o Tempo morresse? E aí ela teve um pensamento que de forma alguma era relevante, pois, em um momento de silêncio, lembrou-se de que estivera com fome – muita fome – não muito tempo atrás. Estranho. Agora ela não sentia mais fome.

Comentou isso com Oliver.

– Não é estranho, não – ele revelou. – Vai chegar uma hora em que você nunca mais vai sentir fome.

– Sério? – ela falou. – Mas por quê?

– Porque quanto mais tempo você passa em Furthermore, mais se distancia de Ferenwood.

– Continuo sem entender.

Oliver hesitou. Inclinou a cabeça para o lado.

– Lá em casa, em Ferenwood, temos que dormir todas as noites e comer várias vezes durante o dia, não temos?

Alice assentiu.

– Então, em Ferenwood, a vida sem essas duas coisas seria impossível – Oliver continuou sua explicação.

– Mas em Furthermore não?

Oliver fez que não com a cabeça.

– Em Furthermore, você dorme para sonhar e come para saborear.

Alice hesitou, refletindo sobre aquelas palavras.

– Então, quando eles comem gente… Eles comem pelo sabor? – ela quis saber.

Oliver foi pego de surpresa pela pergunta, então riu e tossiu ao mesmo tempo.

– Bem… Não – alegou. – Não exatamente. Eu já ouvi dizer que os humanos têm um sabor específico, que os seres mágicos dão um toque especial às refeições. – Esse comentário fez Alice arrepiar. Com o indicador em riste, Oliver prosseguiu: – Mas eles comem pessoas porque suas almas estão vazias, não seus estômagos. Aqui, fome e exaustão não existem como existem na nossa terra. A infraestrutura de Furthermore foi construída com tanta magia que até mesmo o ar que respiramos funciona diferente… Ele torna comer e dormir coisas desnecessárias. São apenas luxos. Foi uma decadência irreversível que, em termos de magia, faliu esse território. Agora as pessoas podem se esbaldar com jantares e sonhos somente em busca de prazer. Porque fazer isso por qualquer outro motivo é considerado um desperdício de…

– … de tempo – ela concluiu para ele.

Oliver parou de andar e olhou para Alice. Assentiu lentamente.

– Sim. – E ofereceu um discreto sorriso. – Você parece estar entendendo as coisas.

– Você acha, mesmo? – ela perguntou. – Porque me parece que não.

– Não?

– Não – Alice respondeu. – Não acho que eu esteja entendendo nada. Ainda não tenho a menor ideia de por que precisamos encontrar o Tempo, nem ideia de para que esse livro de bolso serve, nem a mais leve noção do que tudo isso tem a ver com encontrar Pai. – Ela suspirou antes de prosseguir: – Oliver, eu nunca na minha vida estive mais confusa.

O garoto pareceu preocupado, mas um instante depois suas preocupações

desapareceram. Ele abriu um sorriso que o deixou encantador; e depois seguiu andando, assobiando uma melodia que Alice não conseguiu reconhecer.

Finalmente.

Eles estavam diante de uma porta presa a casa nenhuma (isso parecia ser recorrente em Furthermore), e Oliver se mostrava nervoso. Alice não entendia por que – afinal, não passava de uma porta, e muito parecida com aquelas que eles viram no Controle de Imigração, embora a de agora fosse maior, muito mais alta e de um vermelho vivo e brilhante como uma maçã, com uma maçaneta feita de ouro. Era uma linda porta, mas seus segredos deviam estar guardados em algum lugar que Alice não conseguia ver, porque do outro lado não havia nada além de árvores.

Ela dedicou um instante a inspecionar aquela porta.

– Alice, onde… Alice, onde você está indo, sua doida? – Oliver falou.

– Só quero dar uma olhada – ela respondeu. – Só me parece justo poder ver no que estamos nos enfiando, não acha?

Oliver lançou as mãos aos céus como se estivesse se sentindo derrotado. E aí apoiou o corpo no batente, cruzou os braços e assentiu, como se quisesse dizer: "Sim, por favor, vá dar uma boa olhada".

E foi justamente isso que Alice fez.

Agora eles se encontravam bem no limite da floresta, cercados em todos os lados por árvores muito, muito altas, cujas copas densas, formadas por folhas triangulares, tinham um tom de verde tão forte que Alice precisou se esforçar para enxergar seus contornos. Mas, quando ela pisou na floresta, Oliver entrou em pânico.

– Aí não – ele a censurou, quase implorando. – Não… Alice…

– Por quê? – Ela o encarou. E Oliver estava com um semblante… sério! – Qual é o problema?

– Na floresta, não – ele pediu baixinho. – Por favor, Alice.

– Ah, tudo bem. – Alice cedeu e tentou não revirar os olhos, pensando em como estava sendo tolerante e elegante com Oliver. Ela deu meia-volta para sair, mas aí…

Bem, foi esquisito.

Alice não conseguia se movimentar.

E, como não queria deixar Oliver alarmado, não disse nada, mas tinha certeza de que era apenas sua saia presa em algum graveto ou algo assim. Certamente

essa era a sensação.

Talvez se ela puxasse com um pouquinho mais de força?

Hum.

Não, também não funcionou.

Alice tentou outra vez.

Enfim raspou a garganta.

– Oliver – chamou-o bem alto. – Parece que estou presa.

– Como assim, presa?

No mesmo instante, Oliver já estava diante dela, mais pálido do que uma lua de cera, mas tomando todo o cuidado para manter certa distância.

– Ah, não é nada com que se preocupar – ela garantiu. – De verdade. – E tentou sorrir. – É só que… – E puxou outra vez. – É só que parece que eu não consigo… – E puxou mais uma vez. – Que eu não consigo me soltar. – E suspirou. – Pode ver se tem alguma coisa prendendo a minha saia, por favor?

Oliver ficou ainda mais pálido. Às vezes, ele virava uma tartaruguinha, com o pescoço enfiado no peito.

– Eu falei para você não pisar na floresta – foi tudo o que conseguiu sussurrar.

– Oliver, por favor – Alice pediu, agora irritada. – Não seja um…

Acredito que ela não tenha tido tempo de terminar sua fala. Tempo nenhum, não, porque Alice de repente se pegou gritando. A situação era muito constrangedora, de verdade, porque a provação chegou ao fim em um instante.

Alice caiu no chão, aos pés de Oliver, e se ajeitou toda cheia de pressa, limpando a terra da saia e virando-se rapidamente para tentar ver seu agressor.

Mas o rosto de Oliver ficou petrificado.

Ele olhava para alguma coisa com um ar de choque que a garota jamais teria esperado. Alice pensava que nada em Furthermore podia surpreendê-lo. Pensava que ele já tinha visto de tudo. Aparentemente, não era bem assim.

Era uma raposa.

Um origami de raposa. Uma folha de papel dobrada, dando vida a um animalzinho real, vivo, enganosamente adorável.

Ela andava de um lado para o outro e fazia barulhinhos de raposa e corria e brincava; e, quando o origami trotou em sua direção, Alice simplesmente não sentiu medo nenhum.

Oliver estava tão assustado que quase subiu em uma árvore, mas Alice deu um passo adiante e estendeu a mão, pronta para alisar a raposinha de papel. O animal também se aproximou, usou o focinho para acariciar a mão de Alice, que riu e riu e tocou o topo da cabeça do bicho, impressionada com a maneira como o papel compunha uma pelagem rústica.

– Qual é o seu nome? – ela sussurrou, abaixando-se para cumprimentá-lo. Ou

cumprimentá-la. Alice não sabia. – É menino ou menina?

A raposa pulou em volta de Alice e mordiscou sua saia, puxando-a. Para uma raposa sem dentes, ela até que mordia bem forte. Mesmo assim, Alice não se sentia em perigo. A nova amiga raposa a segurou no lugar até a garota finalmente voltar a acariciar sua cabeça.

– Poderia me soltar? – Alice pediu.

Lentamente, o animal assentiu e deu um passo para trás e fez uma reverência.

– Você me entende – Alice constatou impressionada.

A raposa voltou a fazer que sim com a cabeça.

– Alice – Oliver a chamou com uma voz aguda e trêmula. Ele agora fuçava com ares de urgência em sua bolsa. – *Por favor*, podemos seguir nosso caminho?

– Você sabe alguma coisa sobre raposas de papel? Já viu uma antes?

Espantado, Oliver ergueu o olhar, segurando os mapas em uma mão e o caderno em outra, e negou com a cabeça.

– Furthermore é composta por centenas de vilarejos – explicou, agora folheando as páginas do caderno. – E eu só visitei 68 deles.

Fez uma pausa, correu o olhar pelas páginas, suspirou desapontado e enfiou o caderno de volta na bolsa.

Alice ficou surpresa ao ver Oliver tão ansioso.

– Não sei de onde surgiu essa raposa – Oliver prosseguiu. – Mas ela não é daqui, e seu pai… Bem, seu pai nunca falou sobre raposas de papel no diário dele, então não deve ser bom sinal. Não, não pode ser bom sinal…

– No diário dele? – Alice ecoou surpresa. – Você está dizendo que esse caderno é dele?

Mas Oliver não estava ouvindo. Tinha aberto alguns pergaminhos contendo mapas e os virava de cabeça para baixo e de cabeça para cima, tocando em miniaturas de portas e abrindo janelas minúsculas e não encontrando nada do outro lado. Chegou a dar uma boa sacudida nos mapas para ver se algo novo cairia, mas foi em vão. Ele parecia cada vez mais preocupado, o que Alice, abençoada seja, achava bastante divertido.

– Não está certo – Oliver dizia, cutucando partes diferentes do mapa com o indicador. – Não era para ser assim. Aqui não diz nada sobre raposa nenhuma.

Ele balançou a cabeça com força, com mais força, e fechou os pergaminhos que com tanta pressa abrira.

– Oliver – Alice tentou outra vez. – É o diário de Pai que você tem aí?

O maxilar de Oliver se repuxou.

– O quê? Isso aqui? Ah… Sim. Bem, era parte do meu desafio, entende, ajudar…

– Posso ver? – ela pediu, dando um passo à frente. – Por favor? Eu adoraria

poder ver o que Pai escreveu.

Oliver agarrou sua bolsa com tanta força que ele quase vibrava ali parado.

– Receio que não seja possível – respondeu. – Os Anciãos colocaram restrições mágicas muito firmes nos itens que me emprestaram para a minha jornada. Então, se eu entregar alguma coisa a alguém, eles vão saber.

– Ah – Alice lamentou toda abatida.

Ela sabia como os desafios funcionavam e podia imaginar que os Anciões fariam algo assim. Mas, mais importante: Alice ainda operava acreditando que podia confiar em Oliver. Achava que saberia quando ele estivesse mentindo.

Então, ela acreditou nas palavras dele.

Oliver pareceu visivelmente aliviado, mas Alice, que mais uma vez encontrava-se distraída pela raposa de papel, aparentemente não percebeu.

Ele raspou a garganta.

– A gente, hum… É melhor a gente ir.

– Mas ela é tão fofinha! – Alice exclamou. – Não podemos levá-la conosco?

A garota precisava de algo a que se apegar nessa terra estranha e estava orgulhosa por ter descoberto algo que Oliver desconhecia. Queria contribuir com alguma coisa importante para essa aventura e ainda não estava pronta para deixar a raposa para trás.

Mas Oliver já negava com a cabeça.

– Não se deixe enganar por Furthermore – avisou enquanto guardava os mapas na bolsa. – Por favor, Alice. Lembre-se do motivo que nos trouxe até aqui. Se não nos limitarmos a seguir o meu plano original, pode ser que jamais encontremos o seu pai.

Qualquer coisa que a fizesse se lembrar de Pai era suficiente para colocar Alice de volta nos trilhos.

– É claro que lembro por que estamos aqui – falou rapidamente, bochechas ardendo. – Não precisa me lembrar.

Oliver assentiu e até pareceu um pouco arrependido de ter falado o que falou.

Nada de distrações, Alice reprimiu-se. Nada de distrações. *Concentre-se em Pai*, pensou. Esperando ajuda. Ferido em algum lugar.

E isso foi tudo de que ela precisou.

Ofereceu um sorrisinho para a raposa (que logo voltou para a floresta) e posicionou-se ao lado de Oliver diante da porta vermelha. Eles estavam ali para encontrar o Tempo. Estavam ali para salvar Pai.

Ela respirou fundo.

– Está pronta? – Oliver perguntou.

– Sempre estou – ela respondeu.

E os dois bateram à porta.

Os dois juntos, os dedos dela e os dedos dele. Oliver explicou que esses eram modos importantes em Furthermore. Quando duas pessoas faziam uma visita, as duas deviam bater à porta.

– Se não for assim, parece enganação, não parece? – ele disse, sorrindo. – Pensar que só uma pessoa veio tomar um chá quando, na verdade, são duas!

Alice arqueou uma sobrancelha. Não disse nada, mas pensou: *Oliver está cada vez mais esquisito*.

Eles bateram à porta do Tempo até Oliver dizer que tinham batido o suficiente e que era hora de esperar.

– Quanto? – Alice quis saber. – Quanto temos de esperar?

– O tempo necessário – ele respondeu. – Esperamos até o Tempo chegar.

Dez minutos depois, Alice estava mal-humorada.

Achava tudo aquilo um tanto ridículo. Esperar o Tempo. Ah, ela tinha certeza de que estava enlouquecendo. Tentou lembrar-se da última vez que dormira, mas não conseguiu.

Que dia era hoje? Há quanto tempo eles tinham deixado suas casas? Será que Mãe e os irmãos enfim haviam notado sua ausência?

Alice sentia-se tão indiferente com relação à sua casa que tinha dificuldade em acreditar que Mãe sentiria sua falta. Porém, ela subestimava o espaço que tomava nos corações e mentes daqueles que conhecia e não tinha como saber de que forma sua ausência afetava seus entes queridos. Tampouco tinha tempo para pensar muito nisso. Em Furthermore, seus dias eram mais vertiginosos do que nunca e, embora sentisse saudade de casa, não sentia saudade daqueles períodos enormes e vazios de solidão. Aqui pelo menos Alice tinha Oliver – um amigo diferente de qualquer outro que ela já tivera – e uma aventura constante para ocupar sua mente.

Por falar nisso, a porta enorme e vermelha enfim tinha se aberto.

E atrás dela havia um menininho.

Ele usava macacão jeans e uma camiseta de um vermelho vivo e os olhava através de óculos grandes demais para seu rosto, tomando o cuidado de analisar Alice muito mais demoradamente.

Ela e Oliver não disseram nada.

– Ótimo – o menino enfim declarou em um suspiro. Soava como se tivesse vivido a vida de um idoso. – Excelente você tê-la trazido.

E então deu meia-volta e foi embora, passando por uma porta e entrando em um mundo cujo fim Alice não conseguia ver.

Oliver fez um movimento para segui-lo, e Alice lançou um olhar todo cheio de ansiedade.

– Não se preocupe – Oliver falou, segurando a mão dela. – Ele é meu amigo. E eu já estive aqui antes.



Eles seguiram o menino por uma casa tão escura que Alice já começava a se

perguntar se teria ficado cega. Aliás, era tão impossível enxergar qualquer coisa além do menino que a escuridão realmente parecia intencional.

Tempo gostava de privacidade, aparentemente.

Os três andaram na ponta dos pés por corredores e subiram escadas e passaram por portas até finalmente chegarem a uma sala muito iluminada. Ali dentro, depararam-se com uma mesa muito antiga e cadeiras muito antigas (conforme você deve saber, os jovens são muito bons em identificar coisas antigas) e cada centímetro do cômodo era coberto com números. Presos às paredes e mesas, emoldurados e dependurados como fotografias, nos estofados das cadeiras; livros e livros sobre números formavam pilhas no chão e nos parapeitos e nas mesinhas de centro e de canto. Era bizarro.

O menino convidou os dois a se sentarem, e aí, para surpresa de Alice, ele mesmo se sentou atrás da enorme mesa, entrelaçou os dedos e anunciou:

– Alice, é um prazer finalmente conhecê-la.

– Ai! – ela exclamou toda espantada. – Também é um prazer o conhecer, senhor… hum… senhor Tempo.

– Não precisa ser tão formal – ele afirmou, recostando-se à cadeira. – Pode me chamar de Tim. E por favor… – sorriu e apontou para si mesmo, focando-se em sua própria aparência. – Perdoe a minha idade. Ela muda a cada hora.

Alice tentou sorrir.

– Obrigado por voltar aqui para me encontrar – ele falou a Oliver. – Sei como é complicado negociar com a minha equipe de segurança, mas só posso ser útil a você quando estou parado. – Virando-se para Alice, ele falou: – Espero que minhas amigas não a tenham assustado muito. Algumas pessoas acham aqueles ternos extremamente intimidadores.

– De maneira nenhuma – ela respondeu com uma voz trêmula. – Achei os ternos encantadores.

Mas Alice estava distraída. Tim tinha cabelos escuros e pele oliva, o que a fazia lembrar-se de Pai. A pele de Pai não era de um castanho tão lindo quanto a de Mãe, mas só um tom ou dois mais claros, e o coração de Alice pesou com a emoção quando ela se recordou do rosto de seus pais.

– E então… – Tim falou enquanto se virava na direção de Oliver com ar de negócios. – Trouxe o livro?

Oliver assentiu e colocou o livro de bolso sobre a mesa.

– Muito bem, muito bem – Tim elogiou, parecendo vagamente desapontado. – Obrigado por devolvê-lo.

Alice lançou um olhar com dez mil interrogações para Oliver. Ele ainda não tinha explicado o que eles estavam fazendo ali, e ela começava a perceber que seu colega raramente dava explicações – ou só as dava quando já era tarde

demais.

Tim pareceu compreender.

– Oliver me fez uma visita na última vez que esteve em Furthermore – explicou. – Eu respeitosamente pedi que, diante da altíssima probabilidade de ele falhar em sua missão, me devolvesse o livro de bolso. E agora cá está ele, fiel à sua palavra.

Tim entrelaçou novamente as mãos sobre a mesa e dedicou um momento a sorrir para Oliver de um jeito gentil, paternal, que, verdade seja dita, era desconfortante de testemunhar, afinal, Tim tinha o rosto e o corpo de uma criança de 7 anos e parecia não estar em posição de ser paternal com ninguém.

– Mas por que Oliver esteve aqui antes? – Alice perguntou. – Para que ele precisava do livro de bolso?

– Bem – Tim falou surpreso. – Para encontrar o bolso do seu pai, obviamente.

– Do meu… Ai, espere aí! – ela falou surpresa. – O bolso do meu pai está aí?

– Sim – Oliver apressou-se em confirmar. – O livro de bolso me trouxe a Tim da última vez que estive aqui. Eu precisava entregar a ele o conteúdo do bolso do seu pai.

– Oliver! – Alice gritou horrorizada. – Você simplesmente entregou as coisas de Pai a outra pessoa? Como pôde fazer isso?

Oliver ajeitou-se na cadeira.

– Não – respondeu. – Não foi isso… Eu não…

– Seu pai deixou Oliver em uma situação complicada – Tim gentilmente explicou. – Oliver só estava tentando ajudar a consertar a situação.

– O quê? – Alice olhou em pânico para Oliver. – Por que você não me contou isso antes? – gritou. – O que foi que Pai fez? Foi algo horrível? Ele por acaso… devorou alguém?

(Tim ficou todo arrepiado com a última frase, mas não nos demoraremos nisso agora.)

– É claro que não – Oliver respondeu. – Mas ele demorou demais para tomar uma decisão. Lembre-se, Alice, já falamos sobre isso. Demorar é uma ofensa grave.

Ela ficou impressionada. Precisou de um minuto inteiro para encontrar sua voz e, quando a encontrou, disse:

– Essa é uma das regras mais ridículas que já vi em toda a minha vida.

Visivelmente ofendido, Tim raspou a garganta e estudou um canto descascado de sua mesa e beliscou o lábio inferior. Enfim baixou os dedos e fingiu um tom de compaixão ao dizer:

– Na verdade, é bem simples. Em Furthermore, não desperdiçamos tempo, dividimos tempo nem perdemos tempo. E receio que seu pai tenha usado mais

tempo do que tinha. E, como o que ele tomou pertencia a mim, eu era o único com permissão para fazer uma busca nos bolsos dele. – Tim fez uma pausa. – Mas não encontrei muito o que reaver ali. Não tive escolha senão tomar a régua dele.

As mãos de Alice caíram sobre as coxas enquanto ela permanecia sentada de coluna ereta e encarava, sem nem piscar, o rosto redondo e alerta de Tim. A boca dele se repuxou; as mãos dele se repuxaram. Ele mais parecia um relógio velho.

De repente, Alice entendeu.

– Era disso que Ted estava falando? – perguntou lentamente. – Sobre ser preso? – E deslizou o olhar de Tim para Oliver. – Pai foi preso por usar tempo demais?

As sobrancelhas de Tim saltaram e seus óculos enormes deslizaram pelo nariz.

– Sim, eu diria que foi isso – afirmou, ajeitando os óculos. – Eu diria que sim, sim.

– Minha nossa! – Alice começou a agitar as mãos enquanto se dava conta da seriedade do problema. – Ah, ah, *ai*…

– Sei que não vai ajudar muito a reconfortá-la… – Oliver falou em um tom gentil. – Mas gostaria de dar uma olhada no bolso dele?

Alice baixou suas mãos agitadas e assentiu.

Oliver lançou um olhar para Tim, buscando garantir que não haveria problema, e Tim fez um sinal de aprovação. Oliver então ofereceu um sorriso caloroso a Alice, abriu o livro de bolso e a garota já estava em pé e olhando por sobre o ombro de Oliver no mesmo segundo que Tim precisou para espirrar. As páginas velhas e empoeiradas do livro de bolso haviam lançado no ar uma camada de centímetros de poeira e, enquanto Tim aproveitava o momento para assoar seu narizinho infantil, Oliver inclinou-se com todo o cuidado na direção do livro. A lombada rangeu e chiou como uma escada velha sobre a qual passavam animais selvagens e, embora Oliver fizesse de tudo para ser discreto, era impossível não perturbar a paz do livro de bolso.

Alice também não ajudava.

Ela estava tão impressionada – tão, tão encantada – que estendeu a mão para tocar o livro.

Na verdade, para agarrar o livro.

Alice pressionou um dedo firme contra a página e Oliver saltou da cadeira, tão aterrorizado que chegou a derrubar o livro. Tim fez um gesto negativo com a cabeça, suspirou e espirrou mais duas vezes em seu lenço. Mas o pior de tudo – *o pior de tudo* – foi o livro ter gritado com Alice.

Oliver recolheu o livro do chão. E, lançando um olhar de censura para Alice, levou-o a um lugar onde ela não conseguisse alcançar. E, por mais que tentasse

abrir na página ofendida, a página ofendida não se abria para ele.

– Ora, ora, seja bonzinho – Tim enfim falou, levando o lenço ao bolso. – Não precisa ter um ataque. Ela só estava curiosa.

– Eu não sabia que um bolso podia ser tão bravo – Alice comentou.

– Esses bolsos pertencem a pessoas de verdade – Oliver explicou. – Algumas delas são apegadas às roupas que ainda estão usando. Acredito que a mulher que você cutucou estava dormindo.

Oliver tentou conter um sorriso. Sua busca pelo bolso de Pai estava demorando mais do que Alice esperava, o que só a deixava ansiosa.

– O bolso de Pai também está com ele? – perguntou, esperando que ninguém percebesse o desespero em sua voz.

Oliver negou.

O coração de Alice afundou.

Tim ofereceu uma explicação:

– Os bolsos normalmente são catalogados depois que foram perdidos. Abandonados. De vez em quando, alguém quer indexar o conteúdo de um bolso importante que ele ou ela ainda está usando, mas a maioria prefere privacidade. Um livro de bolso é, em geral, o melhor lugar para encontrar as coisas que deixamos nos lugares errados. – Tim apoiou a mão no ombro de Oliver e sorriu para Alice. – Muito inteligente de sua amiga procurar, não acha?

Alice não sabia o que fazer.

Oliver, vendo a confusão no rosto dela, fez seu melhor para explicar:

– Também temos livros de bolso em Ferenwood. E, quando cheguei a Furthermore, minha primeira ordem do dia foi tentar encontrar um livro de bolso porque eu esperava que os pertences de seu pai tivessem sido catalogados.

Muito inteligente, pensou Alice. De todo modo, ela não se atreveria a dizer isso em voz alta. Não queria admitir, mas começava a ficar ressentida por Oliver conhecer tanto de Furthermore. Ela também queria ser inteligente. *Ela* queria salvar o dia. Afinal de contas, querido leitor, era o pai *dela*. Onde estavam todas as suas boas ideias?

– Como todos os bolsos têm a referência de data, tempo e local da descoberta, eu sabia que, muito embora não pudesse ter acesso aos conteúdos do bolso do seu pai, eu saberia pelo menos *onde* ele perdeu o bolso – Oliver explicou. – Onde ele estava. Um pouco de sorte e muita persuasão me ajudaram bastante em minha busca. No fim, minha descoberta me trouxe a Tim, que se tornou um grande amigo. E me ensinou muito sobre Furthermore.

Tim mais uma vez pareceu um pai orgulhoso.

Alice sentiu-se entorpecida, mais inútil a cada instante.

– Ah – foi tudo o que disse.

Oliver virou mais uma página do livro e aí, finalmente:

– Ah, achei. – Deu um tapinha leve (muito, muito leve) na página aberta e o livro gemeu, mas dessa vez baixinho. – Aqui está. É este aqui.

E ali estava.

O bolso de Pai.

Alice o reconheceu no mesmo instante. Era o único bolso de uma jaqueta jeans desbotada; ela se lembrava disso porque Pai usava essa peça da última vez que ela o vira, há quase três anos.

– Oliver – Alice sussurrou, mantendo os dois olhos no livro e as duas mãos no colo. – Por favor, me diga o que está acontecendo. O que aconteceu com Pai depois que ele foi preso? Conseguiu se libertar? Está escondido em algum lugar?

Tim lançou um olhar para Oliver.

Oliver desviou o olhar.

Alice mordiscou o lábio; a emoção havia ensopado seu coração e agora lhe faltavam maneiras de secá-lo.

– O que foi? Qual é o problema?

– Minha menininha querida… – Tim falou em um tom sério. – Seu pai está na prisão.

Alice ouviu sua respiração falhar.

– E a sentença dele é muito longa – Oliver complementou.

– Ah, sim – Tim reafirmou. – Foi composta de muitas palavras.

Alice virou-se para Oliver; seus olhos se enchiam de lágrimas rapidamente.

– Então, quando você disse que sabia onde Pai estava, era disso que estava falando? Você sabia que ele estava preso?

Oliver fez que sim com a cabeça.

– Da última vez que estive aqui, tentei tirá-lo de lá do jeito certo. Pensei que, se seguisse as regras, conseguiria libertá-lo. – E balançou a cabeça. – Mas agora sei que o único jeito de o tirar da prisão é arrancando-o de lá.

Alice engoliu as lágrimas e tentou ser corajosa.

– Então temos de fazer uma coisa ilegal?

Oliver assentiu outra vez.

– Bem – falou Alice, recompondo-se. – Prossigamos, então. – E deslizou o olhar de Oliver para Tim. – O que fazer? O que precisaremos fazer?

Nenhum dos dois tinha uma resposta rápida.

Tim finalmente reclinou o corpo para a frente, estudou os dois garotos e falou:

– Oliver, você nunca contou a Alice para que precisava dela? Ela não sabe por que está aqui?

– É claro que sei por que estou aqui – Alice rebateu. – Estou aqui para ajudar a encontrar o meu pai.

Tim arqueou uma sobrancelha.

– É certo que sim – ele falou. – Mas você não perguntou *por que* Oliver precisava da sua ajuda? Da *sua* ajuda, especificamente?

– Bem, sim, eu perguntei, mas… – Alice interrompeu-se e olhou para Oliver, cujo rosto agora mais parecia um tomate de tão vermelho. – Bem, Oliver disse que foi Pai que me chamou. Foi Pai quem disse a Oliver para me encontrar. Não sei por que exatamente Pai me chamou – admitiu, balançando as mãos. – Mas isso não importa, importa? Pai me quer aqui. Pai pediu a minha ajuda.

Tim tirou os óculos e suspirou. Alice olhou para Oliver e outra vez para Tim, mais ansiosa a cada instante.

– Oliver – Tim falou, a decepção pesada em sua voz. – Eu não esperava que você armasse um esquema desses. Deveria ter sido sincero com ela sobre suas esperanças e expectativas nessa jornada.

– Quais esperanças? – Alice quis saber, virando-se freneticamente para Oliver. – Quais expectativas? O que está acontecendo?

Oliver estava quase roxo. Recusava-se a olhar diretamente nos olhos de Alice, não importava o quanto ela o encarasse, e Alice de repente se viu tomada pelo terror; sentiu o pânico agarrar sua garganta e, apesar de seu esforço para gritar palavras furiosas para Oliver, ela mal conseguia falar.

– Alice, querida – Tim disse a ela enquanto colocava outra vez os óculos. – Oliver nunca encontrou seu pai. Os dois não trocaram nem uma palavrinha sequer.

Alice quase caiu da cadeira.

– Mas… Mas ele disse que…

– Receio que Oliver tenha mentido para você.

– Não! – Alice arfou, olhando desesperada para Oliver. – Não é possível. Entenda, eu fiz uma promessa eterna…

Tim já negava com a cabeça.

– Oliver nunca viu seu pai… menos ainda em Furthermore – garantiu com firmeza. – Ele nunca chegou tão longe assim.

Alice, pobrezinha, começava a ficar toda exasperada.

– Tirar o seu pai da prisão é uma boa ideia – Tim prosseguiu. – O problema é que ninguém sabe ao certo onde fica a prisão. Há dezenas e dezenas de prisões, cada uma em uma vila e todas são vigiadas e muito seguras. São feitas com o propósito de serem quase inacessíveis. Você não entende? Não é tão simples quanto… Alice? Alice…?

A mente da garota girava.

Oliver tinha mentido para ela. O que significava que Oliver *vinha mentindo* para ela. Há quanto tempo? Quantas mentiras teria dito? E como conseguiu

enganá-la assim? E como ela poderia confiar nele a partir de agora? Como ela…?

Tim deu tapinhas na mesa para atrair a atenção de todos.

– Jovenzinha… – falou duramente. – Está me ouvindo? Eu disse que preciso dos seus panfletos de visitante. Espero que tenha os panfletos consigo – E franziu a testa. – Deve tê-los recebido na imigração. Você passou pelo Controle de Imigração, não passou? A situação se torna infinitamente pior se você estiver aqui sem a sua régua.

– Não – Alice conseguiu esboçar. – Quero dizer, sim. Sim, eu estou com a minha régua. E com os panfletos.

Ela procurou nos bolsos, puxou algumas brochuras coloridas e as empurrou sobre a mesa. Estava zonza de medo e não conseguia mais olhar para Oliver.

Tim ajeitou os óculos e pegou a primeira (e mais fina) das brochuras, intitulada:

– O QUE SABER ANTES DE VISITAR –

Um guia rápido e simples de Furthermore

Quando Tim abriu o caderno, ele se espalhou sobre a mesa e pelo chão até ter mais do que três metros de extensão, cada centímetro coberto com garranchos maiúsculos e mais do que ocasionalmente marcados por pontos de exclamação. Alice achou tudo aquilo opressor e se sentia grata por não ter se importado em ler os outros panfletos…

– EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DE FURTHERMORE –

Como entender as línguas que você não fala

– GUIA DE DESTINOS –

As dez principais vilas para visitar neste ano

e

– COMPRE COMO UM MORADOR –

Os segredos para encontrar os melhores presentes da cidade

… afinal, tudo parecia informações para turistas e Alice não se considerava uma turista. Ela se considerava uma heroína corajosa de um conto improvável.

– Ah – Tim falou, apontando para uma parte do texto. – Aqui… Está vendo? Abaixo da lista de itens permitidos e proibidos. Foi atualizada recentemente.

Ele olhou para Alice e chegou mais perto, abrindo espaço para ela conseguir

ver melhor.

> O tempo é permitido até se tornar proibido, isto é, até expirar, o que quer dizer: até deixar de ser válido segundo os termos e condições sob os quais foi adquirido (tais termos e condições foram acordados ao recebimento de 1 [UMA] Régua Padrão de Furthermore, cuja aquisição se faz necessária a todos os visitantes de até 62 anos a contar deste momento [ver seção 172-5.42]) e, assim sendo, a aquisição ilegal de tempo será punida pela Lei de Todas as Terras, e a punição não deverá ser menor do que 5 [CINCO] anos de Prisão em Isolamento e Escravidão (doravante PIE), uma sentença vinculada pelas Leis do Exílio e cuja duração pode variar. Emenda: Em um esforço para enfatizar a severidade do Roubo de Tempo, a PIE deve doravante ser levada a cabo pelas Leis da Cor Complexa.

Alice viu seu corpo cair na cadeira. Tinha certeza de que seus ossos haviam se soltado; aliás, por um instante chegou a pensar tê-los ouvido – cotovelos colidindo com punhos estalando contra os nós dos dedos –, mas simplesmente não era isso. Era Tim. Tim estava outra vez batendo na mesa, tentando chamar a atenção dela.

Alice sacudiu o corpo na cadeira.

– Alice? Alice… – Tim dizia. – Entendeu o que acabou de ler?

– Entendi. – Sua voz saiu firme, mas ela não conseguiu olhar no rosto de Tim. – Pai foi escravizado por desperdiçar tempo.

– Sim, minha querida, mas é mais complicado do que isso. Furthermore reforçou todas as sentenças de prisão com a Lei da Cor Complexa.

Alice piscou os olhos.

Tim se aproximou.

– Você sabe o que isso quer dizer?

Ela lançou mais um olhar tenebroso na direção de Oliver em um esforço para fazê-lo falar, mas o garoto estava decidido a continuar olhando para o chão.

Que covarde, Alice pensou.

Aquilo a fez odiá-lo, saber que ele sabia de tudo isso e nunca lhe contou. Alice pensava que eles tinham superado os obstáculos, que agora eram iguais e que ele dividiria com ela todas as verdades. Em vez disso, ele a tinha engando, ele a tinha levado a confiar nele e mentido o tempo todo. Alice se sentia mais tola do que nunca. Oliver tinha fingido ser seu amigo e tudo era uma grande farsa, não era? *(Não, não era, mas falaremos sobre isso mais adiante.)* Alice estava furiosa e magoada e ferida e não continuaria com esse plano. Seu orgulho não permitiria.

– Alice? – era Tim outra vez.

– Não – Alice finalmente falou com um pouco mais de raiva do que pretendia. – Eu não sei o que é a Lei da Cor Complexa. Por acaso deveria saber? O nome não parece tão horrível quanto todo o resto que acabei de ler.

– Mas é – Tim afirmou. Seus óculos haviam deslizado pelo nariz outra vez, e ele voltou a arrumá-los. – É aterrorizante. Não está entendendo? Eles tiraram todas as cores dele.

– O quê?! – Alice se mostrava espantada.

E sentiu Oliver tremer.

– A cor dele, minha querida. A cor dele.

– Mas eu não estou entendendo – ela alegou. – Como eles puderam…

– Você deve entender melhor do que qualquer outra pessoa, afinal, vem de Ferenwood – Tim prosseguiu. – As leis funcionam da mesma forma em Furthermore: viver da terra nos dá cor. É a magia que consumimos que nos faz brilhar. Sem ela… bem… – Ele apontou para o rosto de Alice. – Você certamente conhece melhor do que ninguém os efeitos de ter pouca magia.

Alice se sentia como se tivesse tomado um tapa na cara.

Ela sempre soube o que as pessoas pensavam dela; ouvia os cochichos pela cidade. O povo de Ferenwood tinha pele e cabelos e olhos tão coloridos quanto a própria cidade; era a magia nas frutas e plantas que eles comiam que lhes dava sua tonalidade. Ser colorido era a marca dos seres mágicos, e Alice, que não tinha cor, certamente também não tinha magia. E, depois de sua recente apresentação na cerimônia da Entrega, a garota tinha certeza de que havia provado que todas as suspeitas eram verdadeiras.

Ela baixou a cabeça, envergonhada. Nem se deu ao trabalho de tentar refutar as palavras de Tim.

– Então agora Pai se parece comigo? – indagou baixinho. – Ele não tem mais cores?

– É um pouco diferente disso – Tim explicou. – Uma vez que um interno é levado para o confinamento solitário, todas as cores lhe são arrancadas, restando apenas uma versão em escala de cinza dessa pessoa. O indivíduo passa a não ter nenhum brilho, nem nos olhos, nem nas bochechas. Mas você, Alice, você existe em todas as suas cores, e não em escala de cinza. O toque acastanhado em seus olhos, talvez o rosa bem leve em suas bochechas, essas são cores de verdade, apesar de estarem presentes de forma tão limitada. Mas, em Furthermore, as prisões são construídas apenas em escalas de cinza. Atualmente, seu pai não tem cor nenhuma, o que o torna incompatível com o mundo real. Se ele tentasse voltar para casa como está agora, as demandas físicas de uma existência em cores o esmagariam. É uma medida de segurança que torna a fuga impossível.

Um único soluço escapuliu pelos lábios de Alice antes de ela cobrir a boca com a mão. Eram tantas notícias horríveis ao mesmo tempo que ela nem sabia por onde começar.

Pelo menos agora entendia por que Oliver precisava tão desesperadamente dela. Ele queria resolver *seu próprio* desafio usando o talento *dela*. O talento que Alice jamais dividira com ninguém. Aquele que ela devia ter apresentado, e não apresentou, na Entrega.

O talento que ela detestava.

Ah, ela podia matá-lo. Por mentir para ela. Por traí-la. Por fazê-la pensar que ele realmente se importava com ela ou com Pai ou com a dor que ela havia enfrentado na ausência de Pai. Oliver não dava a mínima para nada disso, pensou Alice. Só se importava em concluir seu desafio.

Ah, como ela poderia confiar outra vez nele?

Não poderia. E não confiaria.

– Alice? – Era Tim outra vez. Tim, a única pessoa disposta a contar toda a terrível verdade. – Você entendeu? Entende agora por que é tão desesperadamente necessária?

– Eu entendo – ela respondeu delicadamente. – Mas tem uma coisa que ainda não entendi.

– Sim?

Alice não sabia como expressar aquela ideia com delicadeza.

– Por que eles simplesmente não devoraram meu pai? – questionou. – Por que o levaram para a prisão?

Tim de repente pareceu claramente desconfortável. E falou todo sem jeito:

– Bem… Você não deve achar que todos nós somos iguais, senhorita Queensmeadow. Nem todos aprovamos essa ideia de comer visitantes, sabia? Aliás… – Ele ergueu o polegar. – Aliás, ainda outro dia dei início a uma petição para pouparem os mais novos, cuja magia é mais pura e, portanto, mais cobiçada…

– Tudo bem – Alice falou friamente. – Mas por que ele ainda está vivo?

Tim raspou a garganta.

– Bem, entenda, é a lei que garante isso. A lei diz que os prisioneiros devem ser usados ao máximo antes de… antes de serem vendidos ao maior apostador.

– Certo. – Alice assentiu. – Então, só para esclarecer: vocês nos escravizam, nos fazem trabalhar até quase a morte, nos vendem e só depois nos devoram?

– Nossa, senhorita Queensmeadow, ao descrever com essas palavras, você nos faz parecer desumanos.

Alice se levantou cuidadosamente, recolheu seus panfletos, sua dignidade e seu coração partido, enfiou tudo nos bolsos e virou-se para Oliver.

– Nosso acordo termina aqui, Oliver Newbanks. Você pode voltar para casa agora. Eu vou encontrar Pai sozinha.

E, com essas palavras, ela deu meia-volta, correu para fora da porta e desceu as escadas e avançou pelo corredor e saiu outra vez, deixando para trás um Oliver espantado e um Tim desencorajado. E não chorou mais do que seis lágrimas antes de engolir todas as outras.

E aí correu.

Correu até onde aguentou depois de passar pela porta vermelha de Tim, correu direto a caminho da floresta, da qual Oliver a tentara manter distante (Alice pouco se lixava para o que Oliver pensava), até chegar ao limite da mata e não conseguir ir além. Foi ali, no meio do nada (não confundir com a terra de Lugar Nenhum) que Alice caiu de joelhos e se abraçou e sentiu a mágoa.

Pai era um escravo na prisão.

Essa era uma notícia que o coração jovem de Alice não sabia enfrentar. Por três longos anos, ela se sentiu perdida e agoniada, esperando e desejando que Pai voltasse para casa. Sempre rezou para um dia saber o que havia acontecido com ele, mas agora que esse dia chegara, ela se sentia arrependida. Seu coração ficou apertado, seus pulmões murcharam, e Alice enfrentou a dor em busca de ar. Sentia-se infinitamente impotente diante da escravidão de Pai, mas estar nervosa lhe dava algo a fazer, então ela segurou essa raiva com as duas mãos e recusou-se a deixá-la ir embora. Ah, havia tanta coisa para sentir raiva.

E, por falar nisso: *Oliver era um mentiroso*.

Em seguida, outra verdade partiu o coração de Alice. Ela havia confiado nele, sido amiga dele, e Oliver mentiu. Manipulou-a. Escondeu informações de Alice, várias informações, manteve em segredo os detalhes mais fundamentais da prisão de Pai. Oliver devia ter dito a Alice por que exatamente precisava dela; devia ter garantido a participação voluntária dela em seu plano. Mas ele tomou uma série de decisões idiotas e míopes.

A culpa era todinha dele.

Agora, cá entre nós, querido leitor, vou me atrever a compartilhar minha humilde opinião de que a idiotice de Oliver era um argumento frágil para Alice abandonar seu colega viajado e bem informado em um momento tão crítico da história. Se Alice alimentasse qualquer senso de autopreservação, teria esperado um momento mais seguro (ou um lugar mais seguro) para deixá-lo para trás. Todavia, Alice e Oliver tinham mais em comum do que imaginavam: os dois tinham espíritos apaixonados, agitados, e ambos eram culpados de crimes cometidos por ignorância infantil.

Alice não tinha nem a maturidade nem o autoconhecimento necessários para se maravilhar com a capacidade de Oliver de ser um mentiroso tão talentoso e

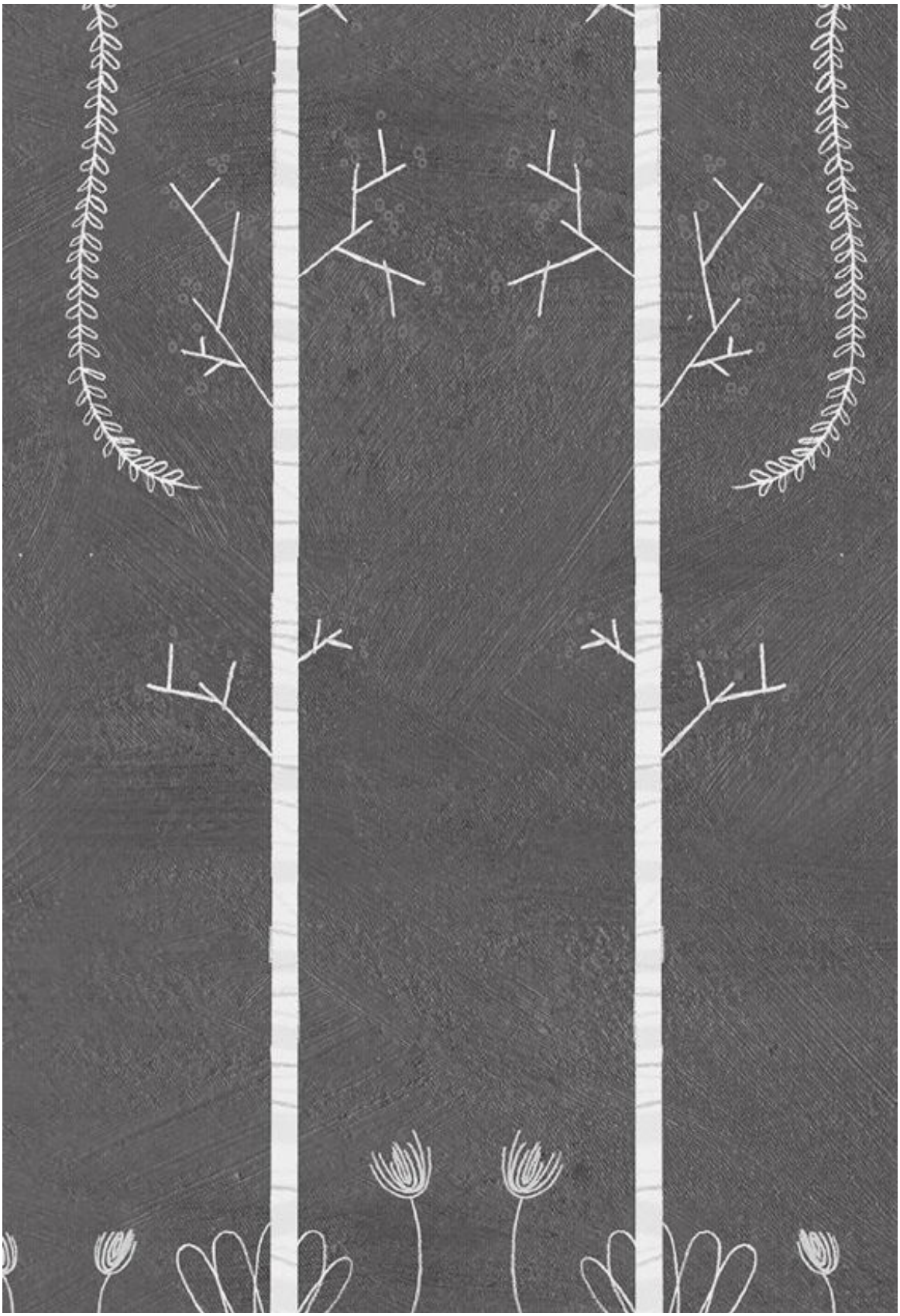
consistente; ela não achava que as habilidades dele poderiam ser um sintoma de algum problema maior. Portanto, ela não tinha como saber que as mentiras de Oliver eram motivadas não por crueldade, mas por medo. Medo da rejeição, do abandono, da solidão interminável. Alice conhecia muito pouco sobre a vida pessoal de Oliver – simplesmente porque nunca perguntou.

Oliver tampouco tinha se esforçado para entender Alice. A jovem vida do garoto sempre fora segura e entediante e previsivelmente confortável; ele jamais conheceu o peso do sofrimento e da pobreza. Oliver não entendia que um coração partido que não recebesse cuidados por muito tempo deixava de bater. E Alice, cujo coração vivia seriamente partido já há alguns anos, precisava desesperadamente de alguém para desafogar sua dor. Nesta noite, ela escolheu Oliver. Naquele momento, a própria raiva era uma magia: ela dava a Alice uma energia, uma adrenalina e um senso distorcido de autoestima que, por um tempinho apenas, a fariam tomar algumas decisões nada inteligentes.

Abandonar Oliver era a primeira delas.


Continue firme!
Não há tempo
a perder!





Oliver Newbanks era uma mistura de terror e angústia. Havia avançado para fora da casa de Tim e agora corria em meio a um pânico cego, procurando sua amiga em todos os lagos e todas as colinas, mas ela não estava em nenhum lugar ali por perto. Se Oliver pelo menos tivesse uma ideiazinha que fosse de onde procurar Alice, não teria nenhuma dificuldade para encontrá-la, afinal, ela não estava fazendo o menor esforço para desaparecer. Muito pelo contrário. Alice havia se transformado em um verdadeiro espetáculo quando passou a acreditar que ninguém estava olhando.

Estava sentada no meio da floresta – a cabeça descansando em uma mão, as saias puxadas até os joelhos – e no processo de transformar toda a mata em um tom eletrizante de azul. A essa altura, já havia mudado a cor das árvores várias vezes, mas não conseguia chegar a uma conclusão sobre qual tonalidade funcionava melhor. E então ela olhou para as árvores e se permitiu dar um gritinho enquanto pensava: “Ah, essas folhas ficariam melhor em cor-de-rosa, não ficariam?” E aí fez os troncos das árvores também ficarem rosados. Brincar com magia sempre a fazia sentir-se melhor.

Estimado e esperto leitor, tenho certeza de que a essa altura você já se deu conta, não?

Sei que não guardei muito bem o segredo – e talvez simplesmente não devesse tê-lo guardado –, mas fico feliz por você já ter deduzido, pois quero finalmente poder dizer uma coisa com toda a franqueza: apesar de Alice protestar para que a realidade fosse outra, seu dom nunca foi o da dança. Sua verdadeira habilidade mágica era ser um pincel ambulante.

Alice era capaz de trocar a cor de qualquer coisa num estalar de dedos. Podia transformar uma pessoa azul e uma coisa verde e um lugar amarelo e, muito embora devesse sentir orgulho dessa habilidade, Alice não sentia. Detestava-a. Negava-a tão veementemente que chegou a se convencer de que aquilo não era um talento de verdade. Porque Alice – *aquela Alice, a menina sem cor* – podia mudar a cor de tudo, menos a sua própria.

A garota tinha certeza de que essa magia só podia ser uma piada.

De todo modo, movimentar-se para produzir cores sempre acalmava seu coração e, quando ela enfim recuperou as energias, limpou as mãos e fuçou nos bolsos em busca dos panfletos que não tinha lido antes. Já bastava de depender

de Oliver para tomar todas as decisões e lhe dizer onde ir. Alice concluiu que era capaz de se virar sozinha, especialmente agora que conhecia algumas noções de Furthermore. Além do mais, ela tinha informações bem ali, em suas mãos, bastava estudá-las.

Contudo, não conseguia se concentrar.

Suas mãos estavam trêmulas e seus pensamentos turvos e a verdade era que ela sentia medo. Tivera a esperança de ser corajosa – a esperança de que ela seria mais forte do que seus medos –, mas estava ferida por dentro; e, embora sua raiva a mantivesse em pé, não conseguia mantê-la firme, e Alice podia escorregar a qualquer momento.

Estava cansada e preocupada e consumida pelos pensamentos de Pai, de como teria sido a vida dele ao longo dos últimos anos e de como ela conseguiria chegar a ele. Pai estava correndo perigo, agora Alice sabia disso, mas também sabia que Furthermore faria de tudo para mantê-lo longe dela. Esse não seria um desafio comum, ela agora percebia, e, de repente, a gravidade de tudo pesava sobre Alice. Ela não sabia mais se era forte o suficiente para salvar alguém – nem sequer a si própria.

Distraidamente deslizou as mãos pelo rosto e esfregou-as nos olhos. Pegou os panfletos, colocou-os no chão e segurou-os outra vez. Queria descansar, mas não havia tempo para isso. Queria se banhar, mas tampouco havia tempo para isso. Sentia-se esfarrapada e suja e precisava desesperadamente de um banho, mas tinha que pensar em Pai. Pai, que ela tanto amava. Pai, que a deixara quando ela mais precisava. Pai, que se perdeu e não conseguiu encontrar o caminho de volta para ela. Nem um dia se passava sem que Alice pensasse nele. Nem um dia se passava sem que Alice precisasse dele.

Ela sentia uma saudade tão brutal que chegava a doer. Sentia saudade de tudo de seu pai, deles dois juntos, de como a vida costumava ser. Sentia saudade de brigar com ele todos os dias.

Pai dizia que ela era linda e ela o chamava de mentiroso e eles discutiam até Alice ceder. Ele nunca a deixava ganhar, nunca deixava Alice convencê-lo de que ela estava certa. Ele lutava mais por ela do que ela lutava por si própria.

Alice fechou os olhos.

– Já chega – Pai falou, negando com a cabeça. Andava de um lado a outro da sala. Estava nervoso: bochechas vermelhas, olhos apertados, sobrancelhas franzidas. – Detesto ouvi-la falar desse jeito de si mesma. Você é uma tela em branco, Alice. Ninguém está tão preparado para as cores do que você.

Alice lançou um olhar frustrado e exausto para ele.

– Quando, então? – questionou. – Quando é que eu vou ter as minhas próprias cores? Quando vou parecer com você e Mãe?

– Alice, meu amor – ele falou, estendendo a mão para tocá-la. – Por que você precisa se parecer com o restante de nós? Por que tem de mudar? Nós que mudemos o nosso jeito de ver. Não mude o seu jeito de ser.

– Mas como? – ela perguntou, seus dedos minúsculos fechados em volta dos dedos dele. Então, puxou-o para mais perto. – Como posso fazer isso, Pai?

– Você é uma artista. – Ele sorriu. – Pode pintar o mundo com as cores que tem dentro de você.

As memórias repuxaram as articulações de seu corpo; ela fechou os punhos, sentiu a dor no coração.

Era um momento de fraqueza que ela se permitiu ter. Alice achava que merecia. Há muito tempo chegara à conclusão de que a vida era uma jornada. Ela seria forte e seria fraca, e isso não era problema nenhum.

Mordeu o interior da bochecha, deixou o queixo cair contra o peito, passou todos os dez dedos das mãos por seus cabelos embaraçados e permitiu-se sentir fraca.

Mas aí…

Bem, foi estranho, ela tinha acabado de notar que ultimamente não vinha pensando em seus cabelos brancos. Certamente não tanto quanto pensava antes. Antes de vir a Furthermore, Alice raramente fazia qualquer coisa sem se lembrar de seus cabelos cor de nada e de sua pele cor de nada. Mas aqui, não. Aliás, agora ela achava uma bobeira incomodar-se com o fato de não ter cor. Que importância tinha sua aparência agora que ela tinha um objetivo?

Alice ajeitou o corpo.

E daí que Oliver era mentiroso? E daí se ela falhou na Entrega? E daí se estava perdida em uma terra estranha e sem a menor ideia de como voltar para casa? Pai precisava dela e essa necessidade não dava a mínima para as aparências. Alice agora tinha uma missão e não podia olhar para trás. Ela lutaria por Pai com mais forças do que ele mesmo era capaz de lutar.

E nada a atrapalharia.

Alice só conseguiu dar um passo adiante antes de a raposa encontrá-la outra vez.

O animal parecia ter surgido do nada e de repente se sentado à frente dela, com seu rabinho de papel balançando sob a luz fraca. Parecia calmo e dócil e baixava a cabeça toda vez que Alice o olhava. Sua vontade era pegá-lo e levá-lo para casa.

Em sua cabeça, Alice ouvia o fantasma da voz de Oliver alertando-a para tomar cuidado. Ela quase conseguia enxergar o medo no rosto dele, o aviso em seus olhos. Mas não dava mais a mínima para os conselhos de Oliver e estava decidida a provar que era capaz de tomar decisões mais inteligentes sem ele.

Baixou-se diante da raposa de papel e acariciou o queixo dela (ou seria *dele*?); o papel áspero e acobreado transmitia uma sensação estranha e era caloroso. O animalzinho parecia gostar de ser alisado, então Alice o acarinhou atrás das orelhas e ele esfregava o focinho na mão dela.

– Olá, Raposa – ela cumprimentou.

Raposa pulou para trás, mordeu as saias de Alice e usou seu focinho de papel para farejar os pés dela.

Alice riu e sentiu as feridas em seu coração pouco a pouco cicatrizarem.

Entendeu aquilo como um sinal. Talvez a raposa fosse justamente aquilo que faltava em Oliver. Talvez a raposa tivesse sido enviada especialmente para *ela*.

E se aquele animalzinho estivesse tentando levá-la a Pai?

Alice já sabia o que Oliver diria sobre sua teoria, e até mesmo a condescendência imaginária dele a deixava furiosa. Então, ela tomou uma decisão repentina.

– Raposa – chamou. O animal saltitou e colocou a língua de papel para fora. – Raposa, você vai me levar ao meu pai?

A raposa assentiu ansiosa.

Alice bateu palmas de alegria.

– Ah, você sabe do que eu estou falando, não sabe? – perguntou.

A raposa assentiu outra vez.

– Então você vai me ajudar? Vai me ajudar a salvar Pai?

Mais uma vez, o animal fez que sim.

Alice gritou de alegria e abraçou a raposa.

– Obrigada! – agradeceu. – Ah, obrigada!

A raposa saltitou e choramingou outra vez e já seguia pela floresta, virando-se de costas a cada poucos passos para ter certeza de que Alice a estava seguindo. A garota não sabia o que a aguardava, mas estava toda animada porque agora, pela primeira vez, assumia o controle da situação e tomava suas próprias decisões. Tinha certeza de que estava agindo certo, de que andaria por Furthermore de um jeito que nem Oliver conseguia. Ele nunca tinha atravessado Furthermore, então o que sabia sobre salvar Pai? Alice estava segura de que a raposa era o grande segredo.

O otimismo a guiou pela próxima meia hora.

Fosse lá onde aquela raposa vivesse, era longe de onde as duas se encontraram e, quanto mais longe as duas chegavam, mais estranha a paisagem ficava. Alice imaginou que ainda estava em Quietude, mas não tinha certeza. Por apenas um breve momento, pegou-se desejando que Oliver estivesse por perto para dizer aonde estavam indo, mas ela logo livrou-se desse impulso e concentrou-se na certeza de que a raposa a ajudaria a encontrar Pai.

Mas a verdade era que Alice começava a ficar preocupada.

A grama já sumia do chão, tornando-se mais esparsa e mais seca conforme o caminho avançava. A noite havia se transformado em dia, e o sol ressurgiu no céu. O calor espalhava-se por tudo e, embora Alice sentisse seu instinto lhe dizendo alguma coisa, a negação a impedia de se concentrar nesse aviso.

Em trinta e quatro minutos, Alice se viu zonza, um pé se arrastando atrás do outro e nenhum deles conhecendo o caminho. Ela piscou uma vez, duas vezes, tantas vezes antes de o horizonte se tornar vertical e tudo ficar de lado. *Que estranho*, pensou, que estranhíssimo seus pés continuarem se movimentando mesmo quando ela não queria que eles se mexessem. Aliás, ela não só queria que eles parassem de se movimentar, queria que eles fizessem o oposto de se movimentar, mas não havia ninguém para dar ordens a seus pés, pois sua mente continuava ausente justamente quando ela mais precisava.

Sua garganta estava terrivelmente seca.

Ela correu a língua pelos lábios e o céu pareceu se aproximar e engoli-la, tão quente a ponto de queimar os dentes. A terra debaixo dos pés de Alice rachava, toda seca.

Ah, como estava calor!

Horrivelmente, sufocantemente calor.

Alice se arrastou por quilômetros, estremecendo com a luz ofuscante do que parecia ser um verão infinito, e se perguntou, em um momento de lucidez, se Oliver estaria preocupado com ela.

Ela não tinha ideia de onde estava.

Tentou olhar em volta, mas, assim que virou a cabeça, estava no chão. Fina feito uma panqueca, grudada à terra; encontrava-se fisicamente inválida. Era sufocada por seus olhos, por seus lábios, pela extensão de seu rosto, o peso impossível de seus ossos, a pele que a comprimia demais. Alice era humana demais, tinha dimensões demais para esse mundo, e só percebeu que seus olhos estavam fechados quando chegou à conclusão de que seria melhor abri-los.

Com uma força de vontade esmagadora, empurrou as pálpebras. Arfou e arquejou, sua visão achatada nas laterais e, quando piscou, mais uma vez, e três e quatro vezes depois disso, viu-se de ponta-cabeça olhando para um sol de papel grampeado em uma fiação reluzente. Alice não tinha como saber disso, mas tinha chegado à vila de Impressão, uma cidade de duas dimensões, incapaz de abrigá-la.

Sentou-se, levou um braço para a frente para se equilibrar e ouviu o farfalhar e o amassar de alguma coisa muito errada. Seus olhos se fecharam, se abriram e se concentraram em um mundo totalmente feito de papel. Nuvens de papel paradas ao lado de um sol de papel, com a parte inferior presa com fita ao topo de canudos listrados de vermelho e branco. Uma meia-lua amassada, dobrada e redobrada, prendia-se ao cenário de fundo, construído com papel azul. Árvores de papel, altas e não altas, corpulentas e não corpulentas, erguiam-se, e animais passavam em paralelogramas verdes. As casas eram formadas por retângulos e triângulos grampeados, as chaminés bufavam lenços de papel na direção do céu. As colinas eram grudadas umas sobre as outras em tons diferentes de verde e pessoas, que mais pareciam adesivos, andavam de lado com movimentos enrijecidos.

Era confuso. Impressionante. Alice ficou sem ar, tamanha sua empolgação. Seu espanto. Ela não tinha ideia de que estava em perigo. Como poderia estar? Ansiosa, apoiou-se em um braço para se levantar, mas caiu para a frente, agora com o braço amolecido. E, quando olhou para si mesma, teve a mais estranha das sensações.

Ouviu o mais estranho dos barulhos.

Alice provavelmente estava gritando, mas, se você perguntar a ela sobre isso hoje, ela vai negar, e eu não sei por quê. Suponho que seja por uma questão de orgulho. Não a culpo por gritar, se ela realmente gritou. Seu drama teria sido por um bom motivo. A raposa, lembra-se dela?, ainda estava com Alice, mas agora era o braço de Alice que estava na boca do animal, que tentava desesperadamente puxá-la para dentro de seu mundo de papel. A garota estava prestes a entrar no vilarejo de Impressão e ainda sofria os efeitos de estar tão perto de uma vila capaz de fazê-la ter um colapso. Encontrava-se a instantes de ser arrastada ali para dentro e de se tornar para sempre uma pessoa de duas dimensões e lutava com todas as forças para sobreviver.

Era a Raposa contra Alice.

Alice puxou e puxou, mas era difícil saber com que força lutar, porque ela não sentia nada. Parte de si não parecia completamente real. Parecia ser da espessura de uma folha de papel. Ela só conseguia mais ou menos sentir a dor de ser puxada em direções diferentes, porque alguma parte dela de repente havia se tornado outra coisa e Alice não sabia o que era. Não tinha se dado conta de que a raposa tinha conseguido puxar um de seus braços inteiro para dentro da cidade bidimensional, e só foi depois de ouvir alguma coisa rasgando que ela se deu conta de como aquilo tudo era tão errado.

Tecnicamente, Alice venceu a luta.

A raposa saiu choramingando, então Alice devia ter vencido a batalha. Por que, então, Alice agora gritava tão mais alto? (Mais uma vez, ela negaria isso.) Qual era o motivo do grito? E, já que estamos dedicando um momento a perguntas, eu gostaria de saber por que, naquele mesmo instante, Alice se sentia tão arrependida.

Bem, vou dividir com você o que eu penso.

Tenho para mim que Alice queria não ter fugido de Tim e Oliver. Aliás, acho que ela desejou jamais ter deixado Ferenwood. Creio que queria que Furthermore sequer existisse e que ela jamais tivesse completado 12 anos e que jamais tivesse mostrado o talento errado na Entrega.

Ah, e tenho para mim também que Alice estava tomada por todo tipo de arrependimento.

Ela correu cegamente, ferozmente, avançando por um caminho impossível de

gravidade impossível, um pé atingindo o chão com mais força do que o outro no calor insuportável de um sol impossível.

Alice sentia muito.

Sentia muito por tudo. Sentia muito por Mãe não a amar e sentia por Pai tê-la deixado para sempre e por ter pensado que o salvaria. Correu até tropeçar, até cair com os joelhos e o rosto no chão, até lágrimas escorrerem sem parar de seus olhos. Somente naquele momento Alice entendeu o verdadeiro sentido da palavra perda.

Só naquele momento ela descobriu que tinha perdido um braço inteiro.

Alice não sangrava e essa foi a primeira coisa que notou. A segunda foi que seu braço direito havia sido arrancado na altura do ombro. E só agora que começava a usar outra vez a cabeça, percebeu a terceira coisa: parte de seu corpo havia se transformado em papel.

Onde deveria haver sangue, existiam fiapos de papel, e onde deveria haver ossos, existia uma estranha brisa. E, embora ela sentisse a vontade impulsiva de fechar o braço, fechar o punho, sacudir-se para se libertar da histeria e dizer a si mesma para parar de chorar *(Está tudo bem, eu estou viva, vou sobreviver,* ela diria), Alice não conseguia fazer nada além de olhar para onde antes havia uma coisa importante. E aí, meus caros amigos, ela percebeu a quarta coisa: suas pulseiras tinham sumido.

A perda de um braço e do equivalente a um braço de pulseiras (essas últimas, obviamente, significavam uma perda maior) era demais para digerir, especialmente assim.

Assim: a cabeça doendo por causa da pancada, as pernas com cãibras por causa da corrida; ela ainda tentando se levantar e se manter em pé, ainda se movimentando, agora arfando, duas pernas curtas tentando não ceder, dois pés batendo na terra, pancadas fortes como as pancadas de seu coração. Ela estava sem equilíbrio, instável com apenas um braço, mas não parava, não pensava, recusava-se a reconhecer essa situação, mesmo que por um instante, não até a terra se transformar outra vez em grama e o céu cair de lado e a noite se transformar em dia e ela voltar ao ponto de partida, sempre andando para a frente, só para voltar atrás.

Alice enfim caiu no chão.

Rolou na grama enquanto a adrenalina evitava um ataque de pânico e aproveitou esse momento para se deliciar com o crepúsculo sob o qual havia retornado. Logo acima de sua cabeça estava a porta enorme de Tim e, bem à frente dela, um vazio enorme, com uma represa. Os grilos cricrilavam prazerosamente e os sapos coaxavam porque a melodia dos grilos era cativante; a grama alta dançava com a brisa quente e abafada e a lua descansava acima de uma nuvem, iluminando tudo. De alguma forma, mesmo nesse momento tão horrível, a noite de Quietude ainda era relativamente bela e terrivelmente encantadora. E Oliver Newbanks apareceu diante dela, parecendo ter surgido do

nada.

Oliver Newbanks, que aparentava estar recuperando o fôlego. Oliver Newbanks, que olhava de olhos arregalados para Alice, cujo peito chiava. Oliver Newbanks, com o suor brotando na testa. E ele apenas falou com uma voz leve:

– Alice?

Então ela só sussurrou, também com voz leve:

– Oliver?

– Alice – ele repetiu, agora com mais urgência, olhos apertados e brilhando. Sua voz saiu tão grave a ponto de quase falhar quando ele perguntou: – Você está bem?

E ela negou com a cabeça. Não. Não, Alice não estava nada bem.

A lua se erguia rapidamente e, com ela, um véu de penumbra obscurecia Alice parcialmente. Então Oliver se aproximou e só nesse momento viu o que tinha acontecido com a garota. Deu um passo para trás, cobriu a boca com a mão e gritou:

– *Minha nossa,* Alice!

Ela não sabia o que dizer.

Por isso negou outra vez com a cabeça. *Não*. Aliás, ela simplesmente não sentia nada. Ainda não tinha processado o choque de perder um braço, portanto não sabia ao certo como reagir. Deveria sentir medo? Deveria ser forte?

– Vai crescer outra vez? – ela perguntou.

Os olhos de Oliver ficaram tão arregalados que Alice conseguiu ver toda a borda da íris.

– Não – ele respondeu com cuidado. – Os efeitos de Furthermore, quando incidem, são sempre definitivos.

E foi nesse momento que Alice começou a sentir.

As palavras de Oliver atingiram o canto de seu cérebro; era uma dor perfurante que explodiu atrás dos olhos e a deixou sem fôlego. Alice se viu desesperada e dolorida, *dolorida* onde o braço costumava ficar e de repente não havia nada que ela quisesse mais no mundo do que ter dois braços. De repente, ela só conseguia pensar em ter dois braços. De repente, havia um quatrilhão de trilhões de milhares de coisas que ela queria fazer com os braços e de repente não podia, *de repente ela não podia,* e aquilo era pesado demais. A dor perfurante pegou fogo e lançou uma chama na garganta, o que deixou seu coração em choque, batendo em um ritmo terrivelmente irregular. E, em menos de um instante, ela estava tão absolutamente estilhaçada que não conseguia ficar calma tempo suficiente para se forçar a gritar.

Alice olhou para Oliver.

– …temos que encontrar um pintor – ele ia dizendo.

– Como? – A palavra raspou sua garganta e saiu quase muda.

Alice já tinha perdido o pai, todo um braço e um conjunto de pulseiras, então por que não perderia a voz?

– Sim – Oliver falou. – É o único jeito. – Agora ele estava em pé, de braços cruzados, andando de um lado a outro. – O problema é que não sei como encontrar um. Só ouvi boatos, sabe? – Ele olhou para ela. – E o caminho até lá nos faria desviar do nosso rumo, obviamente, e custaria uma quantidade imensa de tempo. – Ele resmungou e desviou outra vez o olhar. – Mas é claro que o custo seria recompensado.

Oliver parecia estar falando sozinho.

– Espere. – A voz de Alice saiu rouca outra vez. – Como assim?

Oliver parou de andar e ergueu um olhar surpreso.

– Precisamos arrumar o seu braço, oras! – respondeu.

– Mas eu pensei que você tivesse dito que…

Ele negou ferozmente, balançando a cabeça.

– Não, não… O braço não vai crescer outra vez. Mas podemos encontrar alguém para pintar um braço novo para você.

Alice estava prestes a fazer mais perguntas, mas a esperança repentina havia tomado grande parte de seu corpo, então ela não conseguia mais pensar. Fez os barulhos mais esquisitos. Barulhos assustados, chiados que deixavam claro que ela se esforçava para não chorar.

– Alice – Oliver falou baixinho. – Pode me contar o que aconteceu? – Ele ofereceu um lenço, e ela aceitou. – Aonde você foi? Quem fez isso? Como conseguiu voltar?

E então Alice contou a história. Contou que havia confiado na raposa, que não deveria ter confiado. Contou sobre o mundo de papel que encontrou, que a raposa arrancou seu braço enquanto ela tentava escapar.

Oliver ficou desolado.

Alice, envergonhada.

Cada um se viu convencido de que tinha culpa e ambos estavam certos em pensar assim; eles haviam ferido um ao outro, e essas feridas não curadas só os levaram a sentir mais dor. A verdade, colocada de forma simples, era que os dois tinham culpa pelo que havia acontecido. Oliver por sua relutância em confiar em Alice e por não tê-la feito sentir-se uma verdadeira parceira nessa empreitada; e Alice por tomar decisões descuidadas, motivadas pela raiva e pela mágoa.

Contudo, os corações jovens são mais fortes do que a maioria. Eles logo se recuperariam.

– Vamos indo? – Oliver arriscou. – O tempo é uma coisa ardilosa. Nunca podemos usar em excesso.

Seus olhos estavam tensos, faziam todas as perguntas que ele não conseguia verbalizar. Oliver estava preocupado, Alice sabia, com a possibilidade de ela abandoná-lo outra vez.

Então, quando ela assentiu, ele abriu um sorriso e o alívio fez seus ombros relaxarem.

– Aonde vamos? – Alice quis saber. – Consertar o meu braço? Como chegaremos lá?

Oliver pareceu arrasado ao olhar para ela e Alice pensou que ele sentisse muito por ela; mas o motivo não era exatamente esse. Oliver sentia mais do que muito por Alice. Seu coração crescera dez vezes desde que ele a conhecera e as horas que os dois passaram longe um do outro quase acabaram com ele. Alice estava ferida e Oliver acreditava que a culpa por essas chagas era sua – a situação era resultado de seu egoísmo e de sua imbecilidade. E não sabia se conseguiria se perdoar.

– Francamente, eu não sei – ele admitiu baixinho. E olhou para o horizonte. – Mas não saber é só temporário quando temos nossas mentes para encontrar uma saída. E nós vamos encontrar um jeito.

Alice concordou.

Ela tinha mais de mil perguntas e preocupações, mas conseguiu engoli-las todas. Neste momento, apostaria nessa reconciliação, e o resto… O resto ela esperava que viesse ao seu tempo.

Oliver se ajoelhou diante de Alice e sorriu. Uma única lágrima escorreu por sua maçã do rosto e a brisa soprou em sua túnica. Ele fechou os olhos.

– Me perdoe, Alice – sussurrou. – Por favor, me perdoe.

E, como ela era uma garota com mais coração do que mágoa, ela o perdoou com a condição de que ele também a perdoasse.

Simples assim.

Oliver segurou a única mão de Alice e a levou a seu peito. E então os dois, ela e ele, juntos, afundaram no chão.

Quando voltou a abrir os olhos, Alice sentiu nas costas o calor escaldante de um sol que lhe era familiar. Todo o seu corpo enrijeceu e Oliver, que agora prestava muita atenção, não entendeu o medo da amiga.

– Desculpa pelo que aconteceu – ele disse. – Essas saídas de emergência às vezes são meio desconfortáveis.

– Saídas de emergência? – Alice ecoou distraidamente.

Oliver assentiu.

– Se quiser ir para o vilarejo mais próximo com a maior rapidez possível, você sempre sai por baixo. Mas as transições podem ser um pouco difíceis. – Ele deu uma risadinha. – Certa vez, eu fui parar em uma massa de ovelhas mortas e passei dias com lã na boca, além de horas tossindo bolas de pelo.

– Oliver, precisamos dar o fora daqui. Agora. – O chão debaixo deles era escaldantemente quente e Alice começava a ver algumas coisas reconhecidas à sua volta. – Foi aqui que a raposa me trouxe. Estamos perto da entrada da vila de papel. Tenho certeza de que estamos.

Oliver congelou, as palavras grudaram em sua garganta; por sorte, seu choque durou apenas um instante. Ele segurou a mão de Alice e começou a correr, mas, ainda enquanto os dois ganhavam velocidade, Oliver foi derrubado e caiu de lado no chão. Alice gritou em pânico e tentou ajudá-lo, mas foi abruptamente puxada para trás, jogada de cara na terra e arrastada pela bainha da saia. Ela chutou e gritou e conseguiu se libertar duas vezes antes de voltar a ser segurada, mas o medo finalmente a paralisou.

A raposa de papel havia voltado e, dessa vez, tinha trazido seus amigos.



Quatro raposas de papel os encurralavam. Das quatro, três eram feitas de um papel pardo normal (leia-se: sem graça), e essas três seguravam Oliver no chão. A única raposa feita de um papel cobre vibrante era aquela parada diretamente sobre o corpo de Alice. Era a “sua” raposa. Aquela mesma de antes.

– Alice! – Oliver gritou. Ela o ouvia lutando. – Alice, você está…

Porém, a voz de Oliver logo foi abafada. Alice arriscou olhar na direção do amigo e então notou que uma das raposas havia enfiado a cauda na boca dele.

A garota sentiu o coração acelerar. O calor era sufocante e o suor brotava em sua testa. A raposa a olhava nos olhos enquanto Alice fazia o possível para permanecer calma. Sabia que devia dizer alguma coisa, mas não sabia nem o que, nem por onde começar. Essa era uma raposa de papel, afinal, e Alice desconhecia qualquer mágica capaz de fazer os animais falarem.

Mesmo assim, ela precisava tentar.

– O que você quer comigo? – perguntou.

A raposa a encarou por apenas mais um instante antes de usar a pata para agressivamente apontar para os bolsos de Alice.

– O que é? – a garota sentou-se e a raposa deu alguns passos para trás.

Alice bateu sua única mão no bolso e tirou o que encontrou: quatro panfletos de visitantes, seu cartão preto e a régua desgastada. E mostrou tudo para a raposa.

– O que você quer? Qual deles?

A raposa assentiu para os papéis, pegou um dos panfletos com a boca e emitiu um choramingo estranho, indicando com a cabeça para que Alice segurasse aquela brochura. Mesmo sem entender o que exatamente estava acontecendo, a garota ficou aliviada ao perceber que pelo menos sua vida não estava sob perigo imediato. Puxou o panfleto da mandíbula de papel da raposa e deu uma olhadela no título:

– EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DE FURTHERMORE –

Como entender as línguas que você não fala

Alice inspirou duramente. Deslizou o olhar de onde a raposa estava para o panfleto e sentiu o coração acelerar – mas, dessa vez, não ficou com medo. Ficou animada. Com uma ansiedade grande o suficiente para afastar todos os seus medos, ela abriu a brochura. No entanto, essa ansiedade logo desapareceria.

Todas as páginas estavam em branco.

Chateada, ela baixou a cabeça. Talvez a raposa (ou talvez Ted?) tivesse cometido um erro. (Ou, bem, podia ter sido um problema na hora da impressão.) Fosse lá o motivo de sua falta de sorte, Alice se sentia decepcionada. Já tinha começado a fechar a brochura quando uma voz gentil e bonita falou:

– Deixe aberta.

Alice congelou.

– Senhorita Queensmeadow, por favor. Olhe para mim.

Nesse momento, Alice teve certeza de que estava doida. Mas permita-me esclarecer, querido leitor, que ela estava em plena posse de suas faculdades. A raposa definitivamente estava falando com ela e…

Posso ser muito sincera? Não sei se entendo por que Alice ficou tão chocada. A raposa, como a maioria dos animais (de papel ou não), é totalmente capaz de falar. O fato de nos esforçarmos muito pouco para entender a língua da raposa é culpa exclusivamente nossa.

Enfim… Onde estávamos? Ah, sim…

– Senhorita Queensmeadow, por favor. Olhe para mim – falou a raposa.

Espantada, Alice ergueu o olhar.

– Você está correndo perigo, senhorita Queensmeadow. Precisa sair daqui imediatamente.

– É claro que estou correndo perigo – Alice concordou. – Vocês já tentaram me matar duas vezes até agora!

A raposa acenou uma negação.

– Eu não estava tentando matar, estava tentando *esconder* você. Peço sinceras desculpas pelo que aconteceu com o seu braço…

Alice bufou.

– … mas pensei que você estaria mais segura no meu mundo. Vá embora, senhorita Queensmeadow. Volte para o lugar de onde veio.

– E por que eu faria isso? Por que você se importa com o que pode me acontecer?

– Eu sei por que você está aqui. Todos nós sabemos. E sabemos que não perdeu nenhuma árvore frutífera na cidade de Magriça.

Alice ficou boquiaberta.

– Sua jornada em busca de seu pai é muito nobre, mas ele não tinha o direito de se meter em nossos problemas, assim como você não tem.

– O que quer dizer com isso? – Alice questionou. – Como foi que Pai se meteu nos problemas de vocês?

A raposa inclinou a cabeça.

– Nossas terras há muito tempo concordaram em não interferir nos assuntos mágicos uma da outra. E o seu pai, que é publicamente conhecido por suas associações com os Anciãos de Ferenwood, foi encontrado aqui, em Furthermore, fazendo perguntas demais sobre nossa magia e como a usamos.

– Mas ele foi preso porque desperdiçou *tempo*…

– Sim – a raposa confirmou. – Ele de fato foi preso por roubo. Mas também foi acusado de espionagem.

– Como é que é? – Alice sentiu o sangue deixar seu rosto.

– Tome cuidado – alertou a raposa. – Furthermore sabe que você está aqui para encontrá-lo e esta terra não vai devolver um espião tão facilmente.

– Mas ele não é… Ele não pode ser…

– Vá para casa, senhorita Queensmeadow. A não ser que você também queira

ser considerada responsável pelas ações dele.

– Mas… Se vocês acham que meu pai é um espião… – A voz de Alice falhou. – Por que estão tentando me ajudar?

– Você é inocente. – A raposa jogou a cabeça para trás. – E não concordo que deva ser ferida por estar procurando um ente querido. Além do mais, não aprovo essa ideia de comer criancinhas. É um ato bárbaro.

Alice não sabia o que dizer.

– Você não tem muito tempo, senhorita Queensmeadow. – A raposa ficava cada vez mais ansiosa e já começava a andar em volta de Alice. – Todo mundo aqui está à sua espera. Vá para casa. Agora. Antes que seja encontrada.

– Quem? – Alice ficou curiosa. – Quem está me esperando…?

De repente, um farfalhar ecoou ao longe, e a raposa olhou em volta. Olhou outra vez, agora toda nervosa, para Alice.

– Quebre em três em caso de emergência.

– O que…?

– Confie em um amigo que se parece com você.

– Do que você está…?

– Nós sabemos – a raposa falou. – Nós todos sabemos.

Alice sentiu o terror beliscar sua nuca. Não sabia exatamente como explicar, mas estava certa de que alguma coisa estava prestes a dar terrivelmente errado.

– Por favor – sussurrou. – Eu só quero encontrar meu pai. Não podem me ajudar?

– Receio que não. É melhor você voltar para casa.

Com isso, a raposa deu meia-volta para ir embora.

– Espere! – Alice agarrou a pata da raposa.

O animal parou e olhou para a mão de Alice.

– Pode soltar o meu amigo? – a garota pediu.

A raposa estreitou os olhos.

– Você pode seguir livremente seu caminho, senhorita Queensmeadow, mas acredito que o garoto tenha que vir com a gente.

– O quê?! – Alice exclamou atônita. – Mas eu pensei que você reprovasse o hábito de comer criancinhas…

– Eu desaprovo o ato de comer criancinhas *boazinhas*. Mas seu amigo é um idiota traidor, cuja longa lista de infrações poderia preencher muitos troncos das nossas árvores. – A raposa ergueu a cabeça. – Em Furthermore, os mentirosos não são recompensados.

– Mas… ele não queria fazer mal algum.

– Os mentirosos têm as maiores línguas, senhorita Queensmeadow. Uma iguaria que todos nós adoramos. E estamos famintos há tanto tempo, entenda,

que fica difícil nos privarmos de uma refeição fresquinha e recém-preparada quando ela é bem merecida. Tenho certeza de que você entende.

Com isso, a raposa fez uma demorada reverência, soltou a mão de Alice e foi na direção de Oliver.



Alice se levantou e guardou seus pertences no bolso da melhor forma que podia usando apenas uma mão. As quatro raposas já estavam ocupadas carregando Oliver para longe, e agora que a boca dele estava livre, Alice conseguia ouvi-lo.

Ela correu adiante, horrorizada, mas decidida, e puxou a régua de seu bolso avançando como se fosse uma adaga na direção das criaturas de papel. Tentava acertar as raposas, chutando e gritando enquanto elas choramingavam e desviavam do caminho. Não conseguiu causar muitos danos aos animais (que, apesar de serem criaturas de papel, mostravam-se oponentes formidáveis), mas sua raposa amigável parecia tão ofendida pela traição que Alice quase sentiu pena dela. Felizmente, essa sensação de culpa não demorou a ficar para trás. Ela não se importava com sua vida ter sido poupada – nenhuma raposa devoraria seu amigo, independentemente das mentiras que ele havia contado.

Mas as raposas não seriam facilmente derrotadas.

Elas se lançavam para a frente mais rapidamente do que Alice conseguia empurrá-las para trás. A garota conseguiu dar algumas pancadas com a régua, mas seu único braço se cansava rapidamente e, embora Alice tentasse proteger o corpo de Oliver, as raposas não mostravam qualquer sinal de que estavam dispostas a desistir. Alice havia subestimado o poder da fome animal; essas criaturas haviam se deparado com a promessa de uma refeição e não a deixariam de lado. Oliver tentou várias vezes se defender, mas as raposas golpeavam com tanta força – rosnando e mordendo – que Alice tinha medo de elas arrancarem a cabeça dele.

– Saída por baixo! – ela gritou, agachada em cima das costas de Oliver. – Saída por baixo, por favor!

Mas nada funcionava. (Oliver, para seu crédito, tinha tentado desesperadamente convencer as raposas a soltá-lo, mas seu talento foi vencido pelo medo; seus momentos eventuais de sucesso não eram fortes o suficiente para enfrentar todas as quatro raposas). Enquanto isso, Alice se via cada vez mais tomada pelo pânico. Tateando, deixou a régua cair, quando seu braço perdeu força, e só precisou de um segundo de hesitação…

E foi lançada para trás.

Caiu pesadamente sobre seu único braço; a cabeça atingindo o chão com

força. Precisou de alguns segundos para piscar e afastar a vertigem, mas apertou o maxilar para tentar abafar a dor forte. Estava decidida a não desistir. Ainda conseguia ouvir Oliver gritando e lutando, dando chutes e socos em todas as direções possíveis, e estava prestes a sair correndo, segurando a régua com bastante força, quando sentiu o chão tremer. Uma das raposas havia batido a cabeça no maxilar de Oliver, emitindo um estalo forte, e o garoto agora estava paralisado.

As raposas se agruparam em volta do corpo amolecido, disputando para ver quem daria a primeira mordida, e Alice sentiu seu cérebro deixar o corpo.

– NÃO! – ela berrou.

Cambaleou enquanto lançava-se para a frente, caindo de joelhos, seus gritos agonizantes ecoando pela paisagem estéril. Inclinou-se na direção do chão quente, sentiu a luz ofuscante dessa cidade esquisita e a dor forte do medo e da perda abrindo uma porta de ferro em seu peito e, de repente, tudo se transformou.

A terra, o céu, as raposas e até mesmo Oliver. Tudo desapareceu.

Alice havia reduzido a cor de tudo à sua volta – o grande, o infinitesimal e tudo o que havia entre eles – a uma única tonalidade de preto, e estava tão totalmente alheia à magnitude do que tinha acabado de fazer que foi somente depois de ouvir as raposas confusas e em frenesi, colidindo umas com as outras, que se deu conta de que havia apagado o sol. Alice formava um total contraste com a noite pintada. Examinou seu único braço – o branco de sua pele brilhava como neon na escuridão – e, pela primeira vez na vida, Alice Alexis Queensmeadow sentiu-se poderosa.

Ouviu as raposas choramingando ao longe, todas as quatro, sem coragem de lutar às cegas. Quando enfim teve certeza de que os animais tinham mesmo ido embora, Alice fechou os olhos, respirou fundo e, com uma simples ação mental, restabeleceu as cores que havia distorcido.

E, no mesmo instante, avistou Oliver.

Ele estava deitado de costas, braços e pernas deslocados, quadril cheio de sangue – mas, ainda bem, continuava respirando. Alice correu até seu amigo, soltou a régua no chão e o puxou para perto.



Ela o sacudiu, mas ele não acordava. Bofeteou-lhe, mas ele não respondia.

– Oliver, por favor! – gritou.

Mas ele não se mexia.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Alice e, por mais que lutasse valentemente para se apegar à esperança, não sabia como enfrentar *essa situação*.

O pânico havia tomado conta dela.

Alice estava dando mais uma sacudida em Oliver quando seu olhar repousou na régua que ela havia descuidadamente soltado no chão. As palavras na madeira clara a encaravam.

Quebre em três em caso de emergência

Se isso não fosse uma emergência, então Alice não sabia o que seria.

Ela não hesitou. O desespero não lhe deixava qualquer outra opção. Pegou a régua, prendeu-a debaixo do pé e a quebrou duas vezes, transformando-a em três pedaços, e gritou:

– Socorro! Socorro! É uma emergência!

E aí tudo ficou mais lento.

O cenário diante dela começou a embaçar e, um instante depois, tudo congelou. As abelhas ficaram suspensas no ar; os pássaros deixaram de gorjear. Somente Alice estava livre para se mexer.

E, então, ela se levantou.



Um estalo, um sibilo e um ponto de exclamação depois, três portas alaranjadas, extremamente finas, altas e brilhantes surgiram diante dela, cada uma com um letreiro diferente:

ENTRE PARA CONSERTAR SEU BRAÇO
ENTRE AQUI PARA SALVAR SEU AMIGO
ABRA AQUI PARA ENCONTRAR O SEU PAI

E logo abaixo de cada frase, com letras menores:

ESCOLHA SOMENTE UMA PORTA OU TENHA UMA MORTE DOLOROSA

É um grande testemunho da docura do coração de nossa querida Alice o fato de ela não ter sentido qualquer agonia ao tomar essa decisão. Alice Alexis Queensmeadow soube imediatamente o que tinha de fazer.

(Decidiu salvar Oliver, obviamente.)

Não seria mais intimidada pelos truques e joguinhos de Furthermore. Não se importava com o que as portas diziam. Ela teria seu amigo e seu pai. (E talvez também seu braço.)

Alice encontraria um jeito.

Então, marchou até a porta escolhida, virou a fechadura com toda a convicção e tropeçou – do jeito mais constrangedor possível – ao passar pelo batente. Com um nó repentino no estômago e a sensação desconfortável de ter o coração na garganta, Alice caiu, gritando, em um céu esquisito. Virou de ponta-cabeça só para virar de cabeça para cima só para se ajeitar para sua terrível morte, e foi o barulho dos gritos de alguém que rapidamente silenciou o grito da própria Alice.

Oliver vinha caindo como uma bala pelo céu e colidiu tão forte com Alice que a cabeça dela quase quebrou o nariz dele. Ela o ajeitou da melhor maneira que conseguiu e segurou sua mão, apertando-a com força enquanto o alívio e a alegria se espalhavam por seu corpo. Alice só se deu conta do quanto se importava com Oliver quando quase o perdeu.

– Não se preocupe – foi a primeira coisa que ela disse. – Vai dar tudo certo.

E Oliver abriu um sorriso para ela.

Depois de ter certeza de que ele estava inteiro, Alice rapidamente explicou tudo o que tinha acontecido com a raposa e a régua e as portas de emergência, tomando todo o cuidado para não comentar nada sobre a mudança de cores que ela promovera. (Ainda não se sentia pronta para falar sobre isso.) A cabeça de Oliver girava com o peso de todas essas informações novas e assustadoras, mas, de alguma maneira, apesar dos horrores que os dois haviam testemunhado, um sorriso enorme iluminou suas bochechas. (Alice tinha escolhido *ele*, entenda. Alice tinha escolhido *salvá-lo*, e Oliver estava eufórico. Era muito doce da parte dela.)

Mas agora a menina pensava em outras coisas.

A questão era que eles já estavam caindo pelo céu há algum tempo e não haviam chegado ao fundo de nada até agora – e isso começava a deixar Alice

ansiosa. Para piorar as coisas, ela tinha de se esforçar muito para evitar que a saia cobrisse seu rosto (e com apenas um braço, minha nossa!) e estava ficando cansada.

– Oliver – ela chamou.

– Sim? – ele respondeu.

– Quando você acha que chegaremos ao fundo?

– De quê?

– De… – Alice olhou para o vazio que os cercava. O céu azul, algumas nuvens e nada de sol. – Disso aqui – ela completou, apontando com o queixo para nada específico. – Quando a gente chega ao fundo disso aqui?

– Não tenho a menor ideia – ele respondeu com sinceridade.

E foi nesse momento que eles tocaram o chão.

Alice e Oliver pousaram com duas pancadas, uma depois da outra. O impacto fez seus dentes tremerem e machucou seus joelhos.

– Bem… – Alice falou enquanto se levantava do chão, vertiginosa e zonza. Apertou os olhos para ver o cenário à sua frente. – Pelo que entendi, você nunca esteve aqui, certo?

Oliver fez que não com a cabeça.

Os dois estavam em uma alameda estreita, ladeada por cercas vivas três vezes mais altas do que Oliver e tão cheia de rosas e lírios e peônias e lilases (e gardênias e frísias e jacintos) que os dois quase nem conseguiam respirar. As flores eram impressionantes, mas o cheiro doce era tão inebriante que chegava a enjoar e, quanto mais os dois andavam, mais difícil ficava tolerar.

– Bem – Alice falou. – Acho que estamos prestes a morrer, né?

– Você fala em tom de brincadeira… – Oliver respondeu, arqueando uma sobrancelha. – Mas é totalmente possível.

Alice ofereceu um sorriso desanimado ao amigo.

– Bem, então talvez devêssemos usar a saída de emergência.

Oliver deu risada.

– A gente não pode usar a saída por baixo para atravessar toda Furthermore, Alice. A gente só pode usar uma vez a cada cinco vilarejos.

– E como é que você sabe disso? – Alice questionou, erguendo as mãos em sinal de derrota. – Eu não sei esse tipo de coisa. – Ela suspirou, depois murmurou: – Eu estava mesmo me perguntando por que não funcionou comigo.

Oliver ofereceu um olhar de compreensão ao dizer:

– Para ser justo, eu usei o diário do seu pai para me guiar. Estaria perdido sem ele.

Alice suspirou, chutou um pouco de terra e seguiu em frente. Falou bem baixinho:

– Acho que agora fiz nós dois desviarmos do curso, não fiz? – E ergueu o olhar antes de concluir: – Eu fiz uma bagunça enorme.

– De maneira nenhuma – Oliver respondeu, sorrindo. – Sei que pode não parecer, mas você está se saindo excepcionalmente bem em Furthermore. A maioria das pessoas não chega tão longe assim.

– Oliver – ela falou, visivelmente constrangida. – Eu tentei sobreviver sozinha por cinco muitos e saí sem um braço! O resultado disso nos forçou a tomar um caminho desconhecido, que terminou comigo sendo atacada por um bando de raposas que quase arrancaram a sua cabeça e me forçaram a partir minha régua em três pedaços. – Ela levou a mão ao quadril. – Não acho que isso me torne boa em sobreviver a este lugar.

– Bem… – ele hesitou. – Não, talvez você não seja nenhuma especialista, mas…

– Ah, deixe pra lá, Oliver. Eu sou péssima quando estou sozinha e nós dois sabemos disso.

Ele mordiscou o lábio. Sua boca se repuxou.

E Alice não conseguiu evitar: começou a rir.

E Oliver também.

Os dois riram e riram até lágrimas escorrerem por suas faces e, por apenas um momento, nenhum dos dois se incomodou com a alameda cheia de flores que eles estavam percorrendo ou com os perigos aos quais sobreviveram ou com aqueles que viriam a encontrar. Era um momento de descontração e, embora fosse possível que tivessem inalado o cheiro de muitas flores e por isso estivessem achando tanta graça de tudo, era mais provável que tivessem descoberto um dos maiores truques da vida: o riso era um bálsamo que tornava mais leves até os momentos mais difíceis.

– Você está certa – Oliver dizia. – Deveríamos continuar juntos de agora em diante.

– Sim, por favor – Alice concordou, ainda achando graça. – Não tenho mais nenhum interesse em enfrentar tudo sozinha. E espero que você pelo menos tente me impedir se eu decidir abandoná-lo outra vez.

– Fico contente por ouvir isso – Oliver falou com os olhos brilhando. – Fico muito feliz.

Alice sorriu.

Oliver sorriu em resposta.

Alice não tinha um braço e, de alguma forma, isso não fazia diferença; ela estava muito mais feliz agora do que quando tinha os dois.

– Alice – Oliver falou quando as risadas cessaram.

Ele olhava para a única mão da amiga.

– Eu?

– Você quebrou mesmo a sua régua em três pedaços?

Alice confirmou com a cabeça e, depois de puxar os três pedaços do bolso, mostrou-os a ele.

Oliver de repente pareceu ansioso.

– Sabe… Quebrar a régua assim… é… bem… fico extremamente grato, mas…

– O que foi, Oliver? – Alice estreitou os olhos. – Qual é o problema?

– É só que… a sua régua é um contêiner. Se você a quebra, o conteúdo se espalha… E você perde todo o tempo que recebeu. E… se você perde todo o seu tempo, terá de viver com tempo emprestado… e, se for pega tomando tempo emprestado, vai ser presa por roubo.

O queixo de Alice estava totalmente caído.

– Então por que aqui dizia para eu quebrar a régua em caso de *emergência*?

– Por motivos egoístas, imagino. Você resolveria sua emergência em tempo de ser levada por Roubo de Tempo.

– Então eu vou ser presa?

Oliver não respondeu.

– Oliver!

– Provavelmente? – Ele parecia angustiado. – Talvez? Não sei, Alice. Não tenho experiência nesse assunto. Só sei na teoria.

Alice gemeu.

– Eu sinto muito, de verdade. Mas pode ser que eu esteja errado.

Alice suspirou derrotada e olhou para o horizonte. O tempo havia se voltado contra ela, e ela não sabia quanto ainda lhe restava.

– Talvez – ela falou, tentando não soar esperançosa demais. – Talvez, se eu for presa, você possa usar a sua opção de emergência para me ajudar?

Oliver negou com a cabeça.

– Bem que eu queria, mas todos os tibins são diferentes. O meu não é o mesmo que o seu.

– Tibim? – Alice indagou. – É assim que chamam?

– Sim. Furthermore gosta de fingir que suas regras são justas e voltadas ao perdão, então cada visitante recebe um pouco de ajuda em sua jornada por essas terras. Mas a ajuda é diferente para cada pessoa e isso sempre é decidido no Controle de Imigração. Quando ela é emitida, fica registrada em sua régua. E é chamada de tibim.

Alice franziu a testa.

– Como eles sabem que tipo de ajuda vou precisar antes mesmo de a minha jornada começar?

Oliver arqueou uma sobrancelha.

– O que você acha?

– Mas Oliver… – ela falou toda confusa. – Usar magia para prever o futuro… eles não teriam como…

– Não teriam como? Furthermore faz o que quer.

– Mas *acontecimento* é o tipo mais instável e impreciso de magia. Certamente até mesmo Furthermore saberia que é melhor não se apoiar em uma magia que só oferece imagens esparsas do futuro.

– Você tem uma imagem muito otimista dessa terra se acha que eles não recorreriam a táticas e jogos baixos – Oliver falou. – Lembre-se: Furthermore não tem o menor interesse em ser justa. Os moradores daqui podem nos pegar a qualquer momento, Alice. Podem nos matar agora mesmo se assim quiserem. Você não entende? Só estamos vivos porque *eles* querem que estejamos.

– Não faz sentido.

– Faz todo o sentido. Furthermore não quer matar e conquistar suas refeições sem rebuliço ou fanfarra. Assim seria fácil demais, tedioso demais. – Oliver balançou a cabeça. – Não, esta é uma terra que gosta de brincar com sua comida.

– Mas, Oliver – Alice falou cuidadosamente. – Você acha que eles poderiam estar nos torturando um pouco mais do que costumam torturar a maioria das pessoas?

O menino arqueou a sobrancelha todo surpreso.

– O que a leva a dizer isso?

– Uma coisa que a raposa falou para mim. – Alice desviou o olhar. – Ela contou que Pai se tornou suspeito de espionagem. Eles acham que ele é um espião de Ferenwood que veio bisbilhotar a magia daqui.

– Caramba! – Oliver deixou um assobio escapulir. – Essa é uma informação completamente nova para mim. Minha nossa! Isso explica muita coisa.

Alice olhou para cima.

– Você acha?

Ele assentiu.

– Os primeiros diários do seu pai nunca expressaram tanto medo quanto eu senti nas minhas jornadas. Faria total sentido seu pai tê-los irritado de algum jeito e, como resultado, nós dois estarmos em uma espécie de lista de suspeitos detestáveis… e o nosso caminho ser intencionalmente mais traiçoeiro. – Ele hesitou. – E é por isso que estou ainda mais preocupado por você ter usado seu tibim.

Alice mordeu o lábio.

– Usar o tibim é tão horrível assim? Você já usou o seu antes?

– Nunca. Na última vez em que estive aqui, quase usei, mas nunca confiei

nele. Não gosto de aceitar ofertas de ajuda de Furthermore.

Alice mordeu o nó de um dedo. Ficava mais ansiosa a cada instante.

– Bem, eu não tinha escolha, tinha? E o que o seu tibim diz dessa vez?

Oliver nem precisou olhar. Já tinha memorizado.

– "Confie em um amigo que se pareça amigo". E eu não tenho ideia do que significa isso. Provavelmente não faz sentido.

Mas Alice acabava de lembrar uma coisa.

– Oliver – ela disse. – A raposa…

– Sim?

– A raposa disse exatamente isso para mim. Logo antes de ela ir embora. Primeiro, falou para eu quebrar a régua em três em caso de emergência e depois falou para eu confiar em um amigo que pareça amigo. – Alice franziu a testa. – Num primeiro momento, também pensei que fosse bobagem, mas agora acho que a raposa estava…

– Dizendo a você os nossos tibins? – Oliver ficou boquiaberto. – Essas informações deveriam ser confidenciais.

Alice balançou a cabeça.

– Tudo o que a raposa disse foi "nós sabemos, todos nós sabemos". Também disse que sabia que eu estava aqui em busca de Pai.

Agora Oliver parecia convencido.

– Sem dúvida eles estão de olho em nós. Conhecem nossos tibins e sabem que eu menti no Controle de Imigração. Minha nossa… essa raposa foi muito útil, não foi? Talvez eu até passasse a gostar dela, se ela não tivesse tentado me abocanhar.

– Eu também – Alice falou baixinho. – Fora isso, a raposa foi muito gentil. Tudo foi muito esquisito. Era uma raposa estranha. – E aí, após refletir um pouco mais, concluiu: – Eu me pergunto… O que *você* acha que Pai estava fazendo aqui?

Era uma boa pergunta, mas talvez Alice devesse tê-la feito antes. A questão era que a garota não tinha pensado no que Pai estivera fazendo aqui porque não queria acreditar que Pai saíra de casa com um propósito. (Alice, você já deve ter notado, tinha o péssimo hábito de ignorar assuntos desagradáveis [*ver também:* a fervente negação de seu verdadeiro dom mágico], independentemente das consequências.) Ela ainda alimentava a esperança de que Pai tivesse caído em uma armadilha ou sido enganado ou forçado a viajar a Furthermore; não entendia por que ele a deixaria voluntariamente nem o que esperava fazer aqui, em uma terra tão distante de Ferenwood.

– Bem… – Oliver começou, mexendo as mãos. – É que… É que poderia ter sido por várias razões, não?

– Mas por que ele estaria bisbilhotando a magia de Furthermore? Você não acha que ele realmente era um espião, acha?

– Não – Oliver respondeu firmemente. – Definitivamente não acho que ele fosse espião. Mas devo dizer que acho Furthermore mais do que um pouco paranoica.

– Mas por que ele viria aqui, então? Por que visitantes vêm a um lugar como Furthermore? – Alice quis saber. – O que atrairia alguém a este lugar?

– Férias? – Oliver falou alto demais. – Talvez a vontade de viajar um pouco…

– Oliver, por favor – Alice o interrompeu. – Você não pode mais esconder as coisas de mim. Eu sou capaz de enfrentar a verdade, seja lá o que ela for. – E o encarou. – De verdade, eu dou conta.

– Francamente, Alice. – Ele suspirou antes de prosseguir: – Os motivos do seu pai eu realmente não conheço. Só tenho minhas suposições.

– E quais são?

Oliver encolheu o ombro.

– Os visitantes só vêm a Furthermore quando querem alguma coisa que não podem obter de outra forma. É uma terra que trabalha com o perigo e com a ausência de leis. Se o que você quer não existe em nenhum outro lugar, é provável que exista aqui. Mas *chegar* aqui é incrivelmente complicado. É uma viagem perigosa, e os riscos são altos demais para desejos e necessidades de menor importância. Não… – Oliver negou com a cabeça. – As pessoas só vêm a Furthermore quando precisam desesperadamente de alguma coisa muito importante. Algo que justifique todos os riscos. – Ele olhou para cima, para os olhos de Alice. – Então me diga: há alguma coisa que seu pai queira mais do que qualquer outra coisa no mundo?

Alice hesitou e pensou cuidadosamente antes de responder:

– Acho que não. Confesso que não sei.

Oliver negou outra vez com a cabeça.

– É inadmissível que ele tenha vindo aqui sem um bom motivo. Pense, Alice. Você está negligenciando alguma coisa extremamente óbvia.

– O quê? – ela perguntou.

– Você.

– Eu?

– Sim – Oliver confirmou. – Você está subestimando o quanto seu pai a ama.

– O quê? – O coração de Alice saltava no peito. – Você acha que Pai veio aqui por causa de *mim*?

– O que eu acho é que seu pai quer, mais do que qualquer coisa no mundo, que você seja feliz – explicou Oliver.

Alice piscou seus olhos, que ardiam de emoção, e desviou o olhar.

– E o que seu pai acha que vai fazê-la feliz? – Oliver perguntou. – Qual é o desejo que você mantém escondido dentro do coração?

Oliver sabia a resposta.

É claro que sabia.

Sabia qual era o desejo secreto no coração de Alice desde que a conhecera; era parte de seu talento. E o segredo mais bem guardado de Alice era mais do que a verdade de sua real habilidade. Também era seu mais profundo desejo. Sua fantasia para sempre.

– Cor – ela falou, sua voz falhando. – Eu quero ter cor.

– E você não acha que seu pai, conhecendo a sua dor, viria aqui por você? – ele falou baixinho. – Em busca de uma solução? Furthermore usa magia de jeitos que Ferenwood jamais usou. É um lugar de experimentação infinita e possibilidades infinitas. Faz sentido ele vir procurar aqui, especialmente considerando que ele já tinha vindo aqui antes.

O coração de Alice foi lançado ao caos.

Ela não conseguia falar e, mesmo se conseguisse, não saberia o que dizer. Pensar que Pai tinha se colocado diante de tamanho perigo – que ele tinha arriscado tanto – por causa *dela*? Seria impossível descrever a dor e a alegria presentes simultaneamente no coração de Alice. Então, ela ficou em silêncio, agradecida por não precisar falar. Porque, assim que ela abriu a boca para responder, Oliver lhe fez uma grande gentileza e mudou de assunto.

– Mas, enfim… – disse, olhando para o horizonte. – Eu realmente espero que ainda consigamos encontrá-lo.

– O que você quer dizer com isso? – Alice perguntou duramente, esquecendo seu momento de vulnerabilidade. – Por que motivo não conseguiríamos encontrar Pai?

Oliver encostou a mão atrás da cabeça e continuou olhando para o horizonte.

– Eu tive de percorrer 68 vilarejos apenas para descobrir informações básicas da prisão de seu pai. E, quando não consegui encontrá-lo, pensei que precisássemos recomeçar seguindo o mesmo modelo… Mas acabei percebendo que dessa vez precisaríamos ser melhores. Foi tanto trabalho só para descobrir uma pista de onde seu pai foi parar que fiquei com muito medo de fazer qualquer coisa diferente. Eu não queria perder o rastro dele. Mas, desde que deixamos Tim, estamos percorrendo caminhos pelos quais jamais viajei, e não sei o que isso significa para nós.

– Bem, eu não quero perder Pai – Alice falou nervosa. – Talvez devêssemos retomar o plano original, Oliver, acho que seria…

– Não – ele respondeu. – Absolutamente. Vamos encontrar seu pai, sim, mas primeiro precisamos arrumar isso aí. – Ele olhou para onde o braço dela

costumava ficar e falou com uma voz suave: – Trata-se de uma emergência. Não é uma perda de tempo. Em caso de ferimento ou perigo físico, Furthermore é conhecida por arcar com os custos. Seu pai não vai sofrer pelo nosso atraso. Eu garanto.

– Tem certeza? – Alice perguntou ansiosa. – Por que eu ainda tenho um braço e não sei se preciso de dois. Eu preferiria encontrar Pai.

– Alice – Oliver a chamou com um sorriso no rosto. – Você é muito, *muito* esquisita.

Ele a observava com um sorriso que ia de uma orelha à outra, e foi então que Alice se deu conta de como Oliver havia mudado tanto em tão pouco tempo. Ela não era capaz de explicar por que exatamente, mas agora sabia que as coisas tinham mudado entre eles. Oliver havia se tornado seu amigo de uma maneira absoluta e descomplicada. Ela não brigava mais com ele e ele não mentia mais para ela.

A amizade entre os dois havia mudado de estação.

E agora, depois de tudo o que haviam enfrentado, Alice não conseguia imaginar-se voltando à sua vida em Ferenwood sem Oliver. Não conseguia pensar em dormir com os porcos e brigar com Mãe e dividir o quarto com seus irmãozinhos e viver tentando encontrar formas de passar o tempo sozinha. Como ela esqueceria as alegrias de uma aventura com Oliver? Como seria sua vida quando eles enfim voltassem para casa?

Estranho, Alice não tinha pensado nisso até agora.

E a ideia a deixava um tiquinho assustada.

– Uma nova aventura nos aguarda – Oliver gritou, correndo.

– Fico feliz por você estar animado – Alice riu enquanto corria para alcançá-lo. – Mas ainda não tenho a menor ideia de onde encontrar um pintor para arrumar o meu braço. O que vamos fazer agora?

– Vamos descobrir – Oliver sorriu. – Furthermore é uma terra de truques e enigmas, então precisamos usar as únicas ferramentas que temos.

– E quais ferramentas são essas?

Oliver abriu um sorriso enorme para responder:

– Nossos cérebros, ora bolas.

Alice e Oliver vagaram por um bom tempo antes de as cercas florais enfim abrirem espaço para uma grande clareira. Colinas verdinhas e infinitas se estendiam ao longe, pontuadas por flores selvagens. Uma luz dourada e suave atravessava a teia formada pelos galhos das árvores, criando um ar de doçura que a terra de Furthermore não merecia. Mais curioso, todavia, era o lago enorme e cintilante pouco além das colinas. Um longo píer de madeira levava até o meio da água, onde o caminho então se dividia em dois. Pontes distintas seguiam pelos dois lados do rio – uma ia para a esquerda, a outra para a direita, mas aonde esses caminhos chegavam? Isso Alice não conseguia ver.

– Uau, que esplêndido! – Oliver exclamou impressionado enquanto olhava em volta. – E muito mais interessante. Eu tinha certeza de que estávamos em outro vilarejo.

– E não estamos?

Oliver assentiu na direção do lago.

– Sua porta de emergência nos jogou dentro de uma interseção. – Ele olhou para Alice. – Este é o Ponto de Virada dos Viajantes.

– Então temos que escolher por qual caminho seguir?

– Sim.

– E… eu imagino que não será nada fácil – Alice supôs.

Oliver deu risada.

Eles não conversaram enquanto subiam as colinas, mas Alice estudava o cenário idílico como se ele fosse algo a temer. Pássaros faziam piruetas no ar e ovelhas baliam suas aflições e flores caíam e balançavam no vento como se hoje fosse apenas mais um dia perfeito. Porém, Alice não acreditava nisso.

E, quando os dois enfim, relutantemente, viram-se no final do píer, bem no meio do lago, não sabiam qual caminho tomar.

– Então – Alice falou. – Direita ou esquerda?

– Errado – ele respondeu.

Alice arqueou a sobrancelha.

– Temos quatro escolhas, e não duas – Oliver prosseguiu. – Para cima, para baixo, para a esquerda e para a direita.

– Para baixo? – Alice ecoou impressionada. – Você quer dizer… para dentro do lago?

– E para cima na direção do céu. Sim.

– Ah, pelo amor de Feren! – ela exclamou, sentando-se.

Alice não tinha a menor ideia de qual caminho seguir, mas não disse nada, afinal, sua vaidade não lhe permitiria admitir. A essa altura, Oliver apostava nos cérebros dos dois para andar por Furthermore e, como agora Alice era a pessoa mais inteligente que ela própria conhecia (sem contar Pai, obviamente), ela não queria perder esse título para seu amigo. A garota queria provar seu valor. Queria se mostrar útil.

(Queria ser mais inteligente do que Oliver.)

E aí ela teve um ataque repentino de inspiração.

– Talvez a resposta esteja nas brochuras! – gritou, já puxando os papéis para fora do bolso. E logo abriu *O que saber antes de visitar* sobre o píer.

Oliver ficou todo ansioso enquanto Alice analisava os papéis. Lançou olhares céticos e alegou que jamais se apoiaria em brochuras para atravessar Furthermore e que "tudo não passa de bobagem, de qualquer jeito, não serve para nada além de confundir a gente". Mas ela nem lhe deu atenção. Continuou folheando e logo a ansiedade de Oliver abriu caminho para a aquiescência e, momentos depois, ele estava sentado ao lado dela. Os dois analisaram as páginas na esperança de encontrar uma única palavra útil e, embora tenham demorado quase dez minutos, enfim acharam a resposta em letras maiúsculas enormes:

AVISO DE CONSTRUÇÃO: TODAS AS INTERSEÇÕES

SAÍDAS PARA CIMA E PARA BAIXO FECHADAS PERMANENTEMENTE PARA REPAROS!!! NÃO TENTE SAIR POR BAIXO SEM PERMISSÃO. NÃO TENTE SAIR POR CIMA DE SEGUNDA A SEXTA OU AOS SÁBADOS. E DEFINITIVAMENTE NÃO SE ATREVA AOS DOMINGOS!!!! SE SAIR FOR NECESSÁRIO, DIREITA E ESQUERDA ESTÃO EM CONSTRUÇÃO, MAS OPERANDO. SIGA COM CUIDADO!!!! NOTA: SAÍDA POR BAIXO PROIBIDA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS DAS 2 ÀS 6 DA TARDE.

– Bem, não ajudou muito, ajudou? – Alice falou, suspirando.

– Como assim? – Oliver ostentava um sorriso enorme. – Aqui diz que as saídas para cima e para baixo estão fechadas! Limita nossas opções, não limita? Agora só temos que escolher entre esquerda e direita.

– Bem, sim – Alice concordou. – Mas vamos para a esquerda ou para a direita?

– Ah… – Agora o sorriso desaparecia dos lábios de Oliver. – Isso eu não sei.

– Vamos para a esquerda – ela propôs, decidida. E se levantou. – Todo mundo sempre vai para a direita, e se tantas pessoas seguem pela direita, ela deve ser

errada, imagino.

– Está bem, então – Oliver concordou, parecendo orgulhoso de sua companheira. E também surpreso, mas mais orgulhoso do que surpreso. – Esquerda, então. Esquerda, aqui vamos nós.

– Esquerda, aqui vamos nós! – Alice vibrou.

E assim foi. Eles seguiram pela ponte à esquerda e correram o mais rápido que conseguiam…

... até colidirem com uma muralha.

E caírem para trás com um, dois gritinhos, e pousarem dolorosamente sobre seus traseiros. Oliver gemeu. Alice resmungou.

– Minha cabeça – ele lamentou.

– Meus olhos – ela choramingou. – Não consigo ver nada.

– Alice?

– Oliver?

– Sim?

– Está tudo bem com você?

– Está, sim – ele falou.

– Ah, que bom. Comigo também.

Os dois passaram um instante em silêncio.

– Bem… Eu não consigo ver nada – Oliver enfim admitiu.

– Não. Eu também não. E o cheiro é de terra – Alice falou.

– E madeira – Oliver complementou. – O cheiro é de terra e madeira.

– É mesmo, né? – Uma pausa. – Cadê você?

Alice não tinha ideia de onde eles tinham pousado. Levantou-se e deu passos cuidadosos, estendendo seu único braço, tentando encontrar alguma coisa familiar. Ela e Oliver respiraram aliviados quando colidiram um com o outro. Ele rapidamente segurou a mão de Alice, apertando bem forte enquanto seguia adiante, farejando e tateando e ouvindo atentamente em busca de um sinal do que estava por vir.

Eles seguiram por mais uma grande área da muralha composta de madeira velha e mofada – estranho, a madeira parecia úmida – até enfim se depararem com uma porta. O coração de Alice deu um salto feliz de alívio, e Oliver riu nervoso antes de… eles hesitarem.

Alice queria virar a maçaneta, mas Oliver disse que tinham de bater antes.

– É assim que funciona em Furthermore – ele a lembrou. – É falta de educação entrar sem ser convidado por uma porta que não seja a sua. Sempre temos de bater.

– Mas e se ninguém atender? – ela indagou. – E se batermos para sempre e ninguém vier?

– Bobagem – Oliver garantiu, desdenhando-a. – Não existe nenhuma porta em

Furthermore que não morra de vontade de ser aberta.

Alice respirou fundo.

– Está bem – cedeu. – Se você tem tanta certeza.

– Certeza absoluta.

Os dois ficaram em silêncio por um instante.

– Está pronto? – Alice perguntou.

– Sempre – Oliver respondeu.

E, juntos, os dedos dele segurando os dela, eles bateram à porta feita de madeira embolorada e tentaram não pensar muito no que poderia esperá-los lá do outro lado.



Depois de apenas um instante, a porta se abriu com um rangido. Madeira esfregando-se em madeira, já não parecia caber mais no batente. Era tão velha e deformada que mais parecia nunca antes ter sido aberta.

Alice ficou toda arrepiada.

Centímetro a centímetro, a luz se espalhou pela penumbra do cômodo onde eles estavam, até toda a extensão estar tomada pela luminosidade e Alice e Oliver terem de apertar os olhos para ver quem estava do outro lado.

Ela piscou e piscou até uma figura surgir em seu foco, mas logo Alice se pegou confusa. Era ou uma coruja ou um homem muito velho, ela não sabia ao certo. Só sabia que a criatura pareceu toda feliz ao vê-los. Alice sabia disso porque a primeira coisa que aquele ser fez foi explodir em lágrimas.

– Ilustres convidados de Esquerda – ele falou, aos prantos. – Sejam muito bem-vindos à nossa terra. Ah, ilustres convidados! – e chorava. – Abençoados sejam por conceder sua graça em nossa casa. Abençoados sejam por escolher Esquerda quando poderiam ter escolhido Direita. Abençoados sejam… – Sua voz falhava. – Pois há tanto tempo desejamos visitantes. Esperamos e dançamos pela chance de conversar com outras pessoas. Esperamos e esperamos o momento de receber um novo amigo. Ah, ilustres convidados!

Ele parecia inclinar o corpo quase em reverência, mãos nos joelhos, chorando. (Alice agora podia ver que de fato era um senhor, e não uma coruja, e ficou tão espantada, tão tocada, tão hesitante que simplesmente não sabia o que fazer.)

Ela olhou para Oliver.

Ele encolheu os ombros.

– Por favor – o senhor falou (depois de se recompor). – Por favor. – E apontou na direção da luz. Posicionou-se ao lado da porta e deu espaço para os dois entrarem. – Entrem na terra de Esquerda. A terra da minha casa. Uma terra… –

prosseguiu com um orgulho repentino, enchendo o peito de ar. – …uma terra não mais ignorada, não mais negligenciada. Ah, que alegria! Ó, que alegria! Que dia! Que dia!

Oliver cuidadosamente deu um passo adiante e passou a cabeça pela porta. Alice ouviu-o arfar, e então ele olhou para trás, olhos arregalados, e fez um esforço para sorrir.

– Está tudo bem – sussurrou.

Alice segurou a mão estendida de Oliver e o acompanhou para fora da porta. Ela não sabia se se sentia mais nervosa ou mais animada, ou se era uma animação nervosa, mas, ah, ela não sabia onde eles estavam e isso não importava, porque ali era bonito e peculiar. O senhorzinho estava explodindo de alegria e Alice achava que jamais tinha visto alguém tão feliz ao vê-la.

Amigos, eles tinham acabado de sair de um tronco de árvore.

Ali os troncos das árvores eram altos como gigantes altos demais para serem gigantes. As árvores eram grandes como as montanhas e os troncos, largos como as copas, árvores cheias de folhas tão verdinhas que Alice quase não suportava olhá-las. Eles estavam muito, muito acima do nível do chão, mas na terra de Esquerda claramente existia um chão: muitos milhares de metros lá embaixo, uma área verde parecia se estender para sempre; ela via florezinhas amarelas pontilhando a grama alta e selvagem. Mas o mais interessante não era a teia de árvores interconectadas e nem as muitas pessoas ocupadas com suas vidas em uma floresta superiluminada. Bem, quero dizer, era – era tudo isso, mas era também mais do que isso. Lá, as casas eram feitas de cascas de ovo, a maioria das cascas inteiras ou com um quarto faltando, cada uma pintada com um desenho geométrico diferente. Eram coloridas e firmes e se dependuravam nos galhos com uma corda branca e grossa. Dentro de cada uma existia um pequeno mundo, cada qual era uma casa que abrigava corações e mentes; e ficou imediatamente claro para Alice – e para Oliver – que o povo de Esquerda era feliz.

Mas a experiência havia ensinado Alice a desconfiar.

O homenzinho os esperava debaixo de um pavilhão formado por galhos. Havia sombra suficiente para protegê-los do sol, mas a luz ocasionalmente passava por uma fenda e os lembrava de como tudo era escuro sem ela.

Alice e Oliver cuidadosamente se equilibraram ao descerem de um galho e seguirem seu novo guia. Ele parou de forma abrupta, pulou surpreso e virou-se para encará-los.

– Minha nossa! – exclamou. – Eu esqueci os meus modos. – Negou com a cabeça e fez uma leve reverência. – Por favor, perdoem o deslize. É que estou tão feliz em vê-los que me esqueci de tudo que não fosse minha própria

animação. – Ergueu a cabeça e olhou-os nos olhos. – Eu me chamo Hortelôncio. E é uma grande honra e privilégio conhecer vocês dois.

Alice e Oliver se apresentaram e foi então que ela notou que Hortelôncio usava roupas que ela jamais vira nenhuma outra pessoa usando: uma camisa cor de mostarda com um colete azul vivo, um blazer vermelho forte com riscas de giz e calças de veludo verde oliva. Também usava botas cor de chocolate tão lustrosas que a garota jurou ouvi-las brilhar. Hortelôncio também levava na mão uma bengala delicada e superalta, presumivelmente para ajudá-lo a andar.

Tantas roupas em um único homem. Alice ficou impressionada.

Ela só tinha visto Pai usar túnicas largas e calças de linho. (E ocasionalmente a jaqueta jeans, quando estava frio.) Mas Hortelôncio não usava apenas camisa, colete, calças e blazer; também vestia uma espécie de malha – um cachecol, talvez? – em volta do pescoço, e havia enfiado um lenço no bolso da jaqueta. Aquilo levou Alice a se perguntar se ele espirrava muito.

Mas nada disso importava. Afinal, Hortelôncio era o senhor mais doce e mais bem-arrumado que ela já conhecera. Ele explicou que era seu trabalho guardar a Porta de Visitas e sempre estar pronto para receber convidados; contou que era só isso que fazia, o dia todo. E que tomava o cuidado de estar preparado (e parecer apresentável) para o dia quando a terra de Esquerda enfim recebesse um visitante.

Revelou que esperava há 56 anos.

Hortelôncio acompanhou-os ao deixarem um galho e subirem em outro e, durante todo o tempo, anunciava bem alto para quem quisesse ouvir que Alice e Oliver eram os ilustres convidados que enfim haviam chegado. Os dois amigos ouviram algumas pessoas arfando, alguns gritos e, ocasionalmente, alguém desmaiando. (Oliver tinha o péssimo hábito de rir nervosamente quando isso acontecia.)

Todos em Esquerda usavam roupas elaboradas. Algumas das mulheres vestiam ternos bem parecidos com os de Hortelôncio, e, embora tivessem um bom corte e cores bonitas, a verdade era que Alice odiava ternos tanto quanto odiava calças, então, sério, ela só gostava das togas. Algumas mulheres (e até mesmo um ou três cavalheiros) usavam as mais lindas togas – saias fluidas e parte superior intrincada – e faziam coisas interessantíssimas com os cabelos. Alice olhou para suas roupas surradas e tocou seus cabelos embaraçados e sem brilho e, por apenas um instante, foi boba suficiente a ponto de sentir-se triste por não estar um pouco mais apresentável. Imaginou que ela e Oliver certamente pareciam muito esquisitos. Que dupla de visitantes mais sujinha os dois formavam! Não fossem os sapatos azuis que Oliver produzira para Alice, ela não teria nada de que se orgulhar, porque aqueles sapatos azuis eram as coisas mais

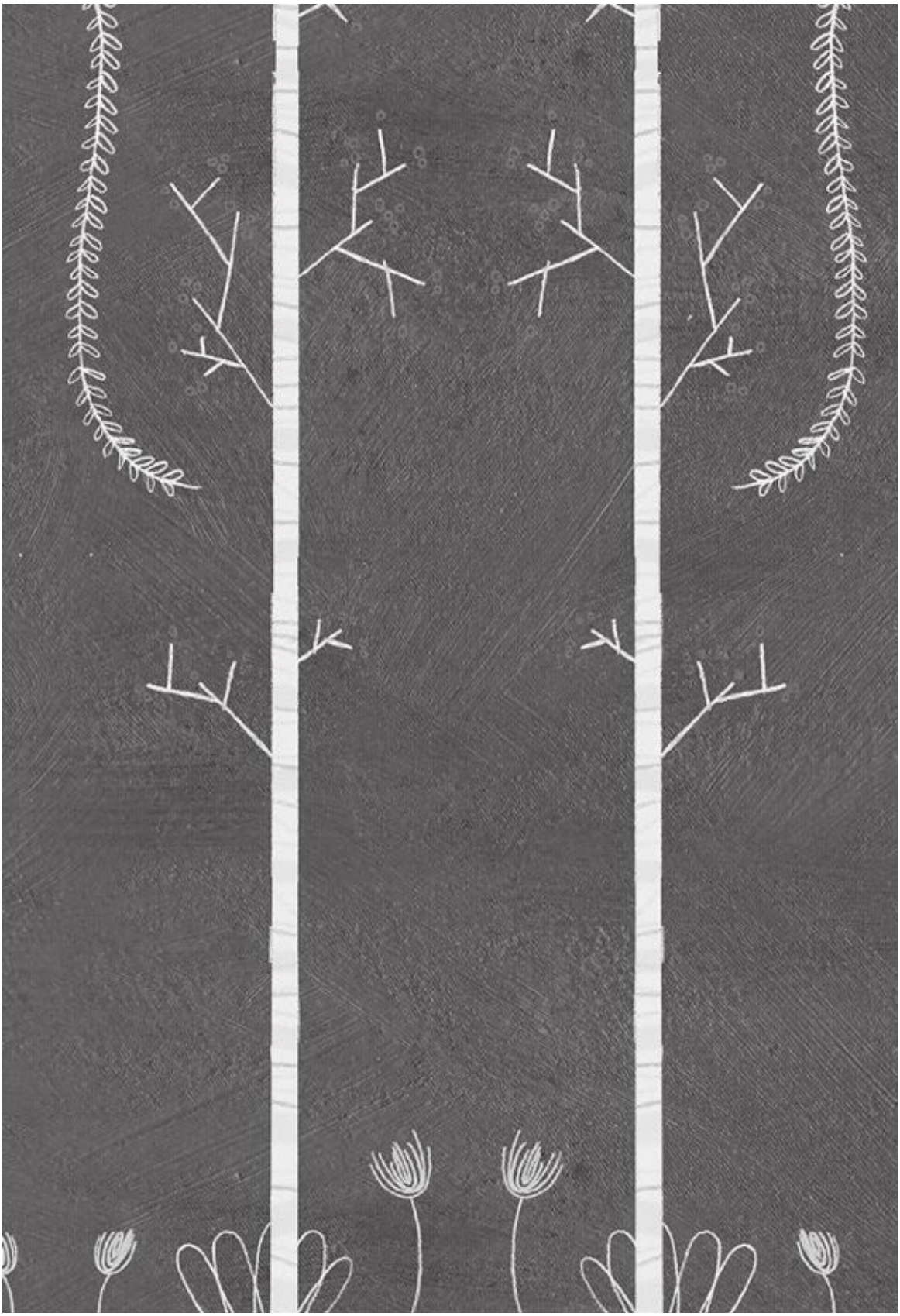
lindas que ela possuía. E, por mais que ela tivesse corrido, pulado e quase morrido, os sapatos continuavam novinhos em folha. Oliver havia feito uma mágica muito habilidosa.

Aliás, por falar em Oliver, ele agora estava ocupado se surpreendendo. Observava tudo à sua volta com olhos brilhando e atentos, realmente encantados com a terra de Esquerda. Alice pensava que seu amigo tinha visto de tudo em Furthermore – pensava que ele jamais ficaria tão impressionado quanto ela ficou assim que chegou –, mas claramente estava errada. Oliver tinha se acostumado às coisas que já vira, mas, fora de sua zona de conforto, ele se tornava tão vulnerável quanto a própria Alice. E foi então que ela se deu conta de que agora eles teriam de adotar uma postura ainda mais vigilante. Sem o cuidado constante de seu companheiro, teriam de se concentrar mais para não se tornarem vítimas das reviravoltas de Furthermore. Alice respirou nervosamente e apertou a mão de Oliver, que apertou a sua em resposta.

Nenhum deles era especialista, e aqui, na terra de Esquerda, eles se encontrariam diante de um desafio completamente novo.


Oliver diz que
eu sou terrível
na abertura
dos capítulos





Horteloncio não queria que eles fossem embora, nunca.

Havia passado 56 anos à espera de visitantes, o que significava que tivera 56 anos para planejar tudo o que Esquerda poderia fazer quando os visitantes enfim aparecessem.

Alice só se deu conta disso quando eles chegaram à casa de Hortelôncio. As casas dependuradas eram muito espaçosas e robustas, apesar do exterior de casca de ovo, o que levou Alice a se perguntar de onde vinham aqueles ovos. Que tipo de criatura era capaz de botar um ovo tão grande? Ela achou melhor não pensar nisso. Mas também não queria pensar nos enormes pergaminhos que Hortelôncio tirava de um tronco perto de sua casa. O problema era que Alice não podia fazer muita coisa para evitar que isso acontecesse.

– Começaremos com uma celebração, obviamente – Hortelôncio anunciou enquanto o pergaminho se desenrolava e caía aos seus pés. – E será de fato um dia grandioso. Um banquete para todos, até para os pequenos! Teremos dezenas de bolos e todas as frutas frescas e jarros de ponche de fadas e pamonha doce. Chamaremos uma banda de músicos! Vamos cantar em todo amanhecer e dançar todas as noites!

(Alice e Oliver estavam sentados no sofá minúsculo e cor de abóbora de Hortelôncio, os dois em silêncio.)

– É claro que primeiro teremos de alimentar as rainhas – Hortelôncio dizia. – Que, por sua vez, vão alertar as princesas, que vão alertar as gemeocesas, que vão…

– Hortelôncio? – Alice chamou, discretamente raspando a garganta.

– Sim, minha ilustre – ele respondeu, soltando imediatamente o pergaminho. – O que de bom posso lhe fazer?

Alice abriu um sorriso cheio de incerteza, pois não estava acostumada com aquele tipo de atenção e lançou:

– Ficamos muito, muito gratos por toda a sua gentileza e contentes por estarmos na terra de Esquerda…

– Realmente, é o lugar mais bonito – Oliver disse, sorrindo enquanto olhava em volta.

– Ah, obrigado, senhor – Hortelôncio agradeceu todo enrubescido. – Muitíssimo obrigado!

– Mas receio que não possamos ficar muito tempo – Alice avisou com todo o cuidado. – Seria possível deixarmos de lado as festividades?

Hortelôncio ficou mortalmente parado por alguns instantes antes de começar a assentir muito agitado.

– É claro – concordou. – É claro. Perdoem-me, meus ilustres, eu não devia ter suposto que quisessem celebrar tanto.

Alice sorriu aliviada.

– Vou fazer as adaptações necessárias em nosso cronograma – Hortelôncio falou, ainda assentindo. – Posso garantir que, com o planejamento correto, vocês dois se divertirão muito e também celebrarão muito durante o período de 10 anos. – Agora Hortelôncio ostentava um sorriso dolorido. – Acham que vai dar tudo certo? Será difícil, sim, e teremos muitos dias bem agitados, mas tenho certeza de que juntos podemos fazer dar certo.

Alice deslizou o olhar de Hortelôncio para Oliver e de Oliver para a casa de casca de ovo e da casa de casca de ovo para o mundo lá fora. E começou a entrar em pânico.

Cada centímetro de seu corpo começou a entrar em pânico.

E ela não sabia o que fazer.

Oliver parecia não saber tambem.

Eles não disseram nada, nenhum dos dois. Alice ficou ali, sentada como uma pedra, solidificando-se de dentro para fora, e Hortelôncio pareceu não perceber. Ela era toda terror e preocupação e medo e não sabia como eles sairiam dessa situação, realmente não imaginava. Repassou mentalmente as palavras de Hortelôncio, várias e várias vezes.

Quantas rainhas havia? Quantas princesas? Quantas gemeocesas? E, mais importante: quão furiosas as gemeocesas ficariam se Alice e Oliver tentassem escapar? E de onde, *de onde em nome de Feren* vinham essas cascas de ovo?

Alice não sabia se queria encontrar as respostas para as suas próprias perguntas. Porém, sabia que eles precisavam de um plano.

Hortelôncio os deixou sozinhos por um tempo (foi cuidar de preparar a banheira para eles se banharem, segundo disse) e Alice e Oliver continuavam sentados no pequeno sofá na casa de casca de ovo, olhando um para o outro como se fossem capazes de extrair respostas um do cérebro do outro. E, por falar em cérebro, usar seus cérebros havia se provado uma ideia péssima e Alice deixou isso bem claro para Oliver.

Ele pareceu não se incomodar.

– Ora, não se preocupe com Hortelôncio – Oliver falou, acenando com a mão enquanto se levantava. – É para isso que estou aqui, lembra? Sempre posso persuadi-lo a nos deixar ir embora. Hortelôncio não me preocupa.

O alívio tomou conta de Alice tão rapidamente que ela teria de se sentar se já não estivesse sentada.

– Bem, por que você não disse alguma coisa *antes?* – ela ralhou e soltou o corpo no sofá; todos os seus músculos tensos agora relaxando. – E por que não tentou convencer Hortelôncio enquanto ele ainda estava aqui?

– Porque não tenho a menor ideia de aonde ir se partirmos agora – ele se justificou. – Precisamos de um lugar seguro para ficar até descobrirmos como encontrar um pintor. E talvez Hortelôncio possa nos ajudar.

Alice soltou um leve ruído, sinalizando estar de acordo antes de deixar seu corpo se derreter no sofá. Estava tão cansada e cheia de medos e preocupações que quase podia sentir o que era ser uma verdadeira adulta. De todo modo, precisava desesperadamente de uma pausa e se sentia grata pela oportunidade de

baixar a guarda por mais um instante.

Mas Oliver não permitiria que isso acontecesse.

– Em pé, em pé, *em pé!* – ele falou abruptamente. – Agora não é hora de preguiça, Alice. Temos de nos lembrar de prestar atenção extra enquanto estivermos aqui, especialmente agora que sabemos que somos mais vigiados do que a maioria das outras pessoas.

Alice lançou um olhar de mau humor para Oliver e se levantou.

– Não acho que Hortelôncio seja motivo de preocupação – ele prosseguiu. – Mesmo assim, precisamos ficar de olhos abertos e ouvidos atentos a qualquer coisa que pareça interessante ou suspeita. Talvez se ouvirmos com muita atenção consigamos descobrir alguma informação nova. Enquanto isso, vou ver o que posso fazer para encontrar um pintor.

Não havia muito a fazer.

Alice suspirou. Permanecer otimista requeria um tremendo esforço. Tudo já tinha dado terrivelmente, horripilantemente errado e, a cada minuto que eles passavam procurando alguém que não fosse Pai, Alice ficava mais ansiosa. Estava sendo esmagada pela culpa de seu próprio egoísmo – e, se eles não encontrassem um pintor logo, ela insistiria em deixar de lado o plano de arrumar seu braço. Sua prioridade era Pai, acima de todas as outras coisas e ela não podia correr o risco de perdê-lo outra vez.

Alice e Oliver precisavam desesperadamente de um banho.

Hortelôncio os guiou por um galho musgoso que levava ao tronco de uma árvore ali vizinha. Eles subiram até chegarem ao galho mais alto, que há muito havia sido podado. A copa da árvore agora era uma área longa, reta e oblonga de madeira polida e, no topo, descansavam dezenas de banheiras de porcelana polida.

Damas e cavalheiros vestidos com a mesma formalidade de Hortelôncio aguardavam a chegada de Alice e Oliver com toalhas, roupões, buquês de flores e potes e mais potes de alguma substância aquecida.

Alice estava ansiosa por se sentir outra vez limpa – tão ansiosa que já desatava os nós de suas saias. Oliver, sempre cavalheiro, viu Alice se despindo e ficou todo agitado, raspando a garganta e enfiando as mãos nos bolsos e estudando muito cuidadosamente um tronco de árvore. Infelizmente para Oliver, Alice não sentia o mesmo desconforto, pois não o viu todo enrubescido e agitado. Ela detestava roupas e sentia-se feliz por enfim poder se livrar delas.

Alice prontamente seguiu uma mulher sorridente até uma banheira e se permitiu relaxar; estava prestes a se banhar e, só por esse momento, ela se daria ao luxo de desfrutar de alguma coisa em Furthermore. Alice tomaria um banho e isso seria lindo. Mal podia esperar.

A mulher que auxiliava Alice apresentou-se como Ancilly e a garota logo concluiu que gostava do rosto sorridente e cor de mel e dos cabelos bagunçados e vermelhos de Ancilly. A mulher a ajudou a tirar o resto das roupas e a entrar na banheira, e ali a garota ficou, usando seu único braço para puxar os joelhos na direção o peito. Alice tremeu quando uma brisa a atingiu.

E então: deleite, puro e inabalado.

Amigos, não se tratava de um banho de água morna, mas de um banho de leite morno: espesso e sedoso de um jeito que fazia até os ossos de Alice cederem. Ancilly despejava panelas e mais panelas de leite aquecido na banheira, até o líquido espumar na altura dos ombros de Alice, que soltou o corpo e deixou seus membros derreterem. E, enquanto ela pensava na beleza desse momento, Ancilly trouxe os buquês. Separou as flores das hastes e cuidadosamente colocou-as na banheira. As flores flutuaram na superfície: um arco-íris decorando uma experiência maravilhosa. Alice fechou os olhos, desfrutando de cada minuto. A

fragrância a acalmava e o leite morno a acalmava e as cores a acalmavam e logo Alice se viu envolta em um casulo de prazer e foi imediatamente lembrada do porquê Furthermore era tão perigosa. Sabia que podia ficar ali, naquela banheira, para sempre, então sabia que precisava ser mais cautelosa a cada instante.

Daqui a pouco, pensou. Daqui a pouquinho ela seria cautelosa.

Mas agora – neste exato momento – Alice relaxaria.



Pouco depois, Ancilly retornou com uma toalha aquecida e logo Alice estava seca e limpa e com o perfume da luz do sol. Ancilly rapidamente vestiu a menina com um roupão e começou a passar um pente em seus cabelos.

A mulher balbuciava algumas notas enquanto tirava os nós. E, quando terminou de desatar os nós, enquanto trançava os cabelos de Alice, cantou uma canção doce e triste. Sua voz era grave e quase um sedativo – quase um murmúrio – e Alice, que já estava quase entorpecida por todo aquele relaxamento, só conseguiu entender as últimas palavras.

No céu
No céu
Eu caí um dia
No céu
No céu
No céu
Eu caí um dia
E aprendi a voar

Alice tinha quase caído no sono. Abriu os olhos, toda espantada, bem na hora certa, sempre assustada com o aviso de Oliver de que era impossível dormir sem sonhar. Porém, a canção de Ancilly era tão linda e melancólica que o coração de Alice se transformou em gelatina. Nossa jovem amiga estava aquecida e indolente e chegou a bocejar enquanto as mãos leves de Ancilly prendiam flores em seus cabelos. A explosão inesperada de cores criada pelo contraste com seus cabelos brancos deixou Alice muito, muito feliz.

Ela agradeceu Ancilly profusamente e a mulher enrubesceu, acenando de modo a recusar os agradecimentos.

– Por favor, minha ilustre – falou. – É um tesouro tê-la aqui. Se puder esperar um instante, retribuirei com um presente.

Então Alice esperou. Sentou-se em uma cadeirinha e pensou em quão agradável era estar limpa e como era estranho ter apenas um braço e como era frustrante querer usar o braço perdido só para lembrar-se de que ele não estava mais ali. Esses pensamentos a mantiveram ocupada até Ancilly voltar, e a paciência de Alice logo seria recompensada com uma coisa extraordinária. Nas mãos de Ancilly estava o vestido mais lindo que Alice já vira em toda a vida.

A peça era uma verdadeira explosão de luz. Claramente havia sido desenhado por um verdadeiro artista e produzido com os melhores materiais; e certamente era mais bonito do que qualquer coisa que a própria Alice já fizera. As muitas camadas de saias e o corpete compunham uma cascata de cores: rubi misturando-se ao crepúsculo, dourados tornando-se verdes, azuis e ameixas e framboesas tingindo a bainha. As camadas eram reunidas delicadamente, mil folhas de seda finíssima ornamentadas e brilhando como as asas de uma borboleta. As saias eram cheias e robustas, mas, mesmo assim, não pesavam, pareciam etéreas. Alice tinha certeza de que seria capaz de flutuar com esse vestido. De que seria capaz de sair voando nesse vestido.

– Ancilly – Alice chamou, segurando a peça junto ao peito. – Você que fez?

– Ah, não, minha ilustre – explicou em resposta, fazendo uma reverência. – Esse vestido foi criado pela melhor costureira da terra de Esquerda. Em Esquerda, é tradição presentear nossos visitantes somente com nossos melhores presentes. – A voz dela falhou, como se estivesse prestes a chorar. – Estamos tão orgulhosos, minha ilustre… Tão gratos por você conceder a graça de visitar nossa humilde casa. Esquerda costuma ser muito negligenciada.

– Ai, Ancilly, o prazer é todo meu – Alice respondeu.

E, muito embora as palavras fossem sinceras, a garota não conseguiu evitar a culpa. Sabia que tinha de ir embora – e logo – e, para fazer isso, teria de decepcionar toda uma vila. Aquilo partia o seu coração, mas ela sabia que não havia outra opção.

Ancilly ajudou-a a colocar o vestido (Alice notou que não tinha mangas, ou seja, era perfeito para ela, que só tinha um braço) e dedicou um momento a admirar os detalhes da peça enquanto guardava nos bolsos fundos das saias seus panfletos, o cartão preto e os pedaços da régua partida. Penas decoravam a gola, criando a ilusão de que Alice tinha asas; cada ponto costurado era uma obra de arte e a garota não conseguia não admirar os adornos. Jamais em sua vida usara algo tão elegante. Ela girava e rebolava a cada passo, a seda flutuando e fluindo com os movimentos de suas pernas. E aquilo a fez sentir falta dos momentos tranquilos que ela antes ressentia, aqueles momentos dedicados a dançarolar sozinha na floresta, o coração batendo sincronizado com os barulhos do mundo.

Alice começou a chorar.

Tudo na peça era tão, tão lindo. Ela ficou realmente emocionada e não conseguiu acreditar, nem por um minuto, que Ancilly pudesse devorá-la. Afinal, Oliver dissera que existiam pessoas boas e ruins em todos os lugares e, *essas pessoas*, pensou Alice, essas devem ser pessoas boas.

O que a levou, ainda enquanto admirava o vestido, a perguntar:

– Ancilly, se vocês têm uma costureira aqui em Esquerda, por acaso teriam também um pintor?

Ancilly pareceu surpresa.

– Creio que não, minha ilustre. Por que pergunta?

Alice acenou na direção de onde costumava haver um braço.

– Eu queria reparar o dano aqui. E me disseram para encontrar um pintor. – Suspirou. – Você por acaso não saberia onde eu conseguiria encontrar um, saberia?

Ancilly fez que não.

Alice ficou decepcionada. Sabia que era trabalho de Oliver convencer os outros a dar informações, mas Ancilly dava a impressão de ser alguém em quem Alice podia confiar. Além disso, ela e Oliver tinham pouquíssimas opções. Já estavam estourando sua cota de tempo e tinham que encontrar um pintor *logo*.

Então, Alice tentou outra vez:

– Existe alguém aqui que talvez possa saber onde eu consigo encontrar um pintor? Talvez a costureira?

Ancilly ficou toda rija. E Alice apressou-se em acrescentar:

– Talvez… Talvez os artistas de Furthermore se conheçam…

Mas ela tinha dito a coisa errada.

O calor de Ancilly imediatamente se tornou gelado e ela se virou de modo que Alice não pudesse ver seu rosto. Quando a mulher voltou a falar, suas palavras saíram duras:

– A costureira talvez soubesse onde encontrar um pintor, mas foi empurrada do galho há muito tempo.

Alice ficou toda assustada.

– Empurrada do galho? O que isso quer dizer?

– Ela se foi.

– Mas eu pensei que ela tivesse feito esse vestido... – Alice arriscou. – Como pode ter morrido?

– Ela trabalhou por muitos anos, fazia roupas de todas as formas e tamanhos, preparando as peças para o dia em que nossos visitantes chegassem. Tínhamos de estar prontos. – Ancilly ficou em silêncio antes de prosseguir: – Mesmo que não tivéssemos certeza de que alguém viria.

Alice tocou o braço da mulher.

– Nossa, Ancilly! Eu sinto mui…

– Por favor, queira me dar licença, minha ilustre.

A mulher se levantou em um movimento ágil e imediatamente começou a recolher os itens de banho. E não disse mais uma palavra sequer a Alice.

A garota ficou entristecida – certa de que havia feito algo que tinha ofendido Ancilly – e tentou se desculpar.

– Eu realmente sinto muito – tentou dizer. – Eu não queria… Mas Ancilly já tinha começado a cantarolar muito alto e a fingir que não ouvia Alice. Toda desanimada, a garota desviou o olhar.

E aí ouviu Ancilly cantar.

Era a mesma música de antes. Alice reconheceu a melodia e, dessa vez, prestou mais atenção.

Eu caí no céu um dia
E dor nenhuma senti
Eu caí no céu um dia
Mas na verdade não caí
Vi uma mulher me estendendo a mão
E ela me disse para não temer
Vi uma mulher falando comigo
Ela disse que ajuda eu iria receber
Ah, eu não sabia
O que era verdade, o que era mentira
Ela parecia estranha para mim
Mas quando apontou
Para o céu
Eu soube onde devia estar
No céu
No céu
Eu caí um dia
No céu
No céu
No céu
Eu caí um dia
E aprendi a voar

De volta, na casa de casca de ovo, Oliver a esperava.

Naquela noite (e durante a estadia dos visitantes), Hortelôncio havia deixado sua casa para eles, e Alice sentia-se imensamente grata por esse sacrifício. Aliás, ela não conseguiria contar quantas coisas Hortelôncio havia feito para eles desde que chegaram.

Parecia um abuso passar tanto tempo aqui na terra de Esquerda, mas quando Alice decidiu ser sincera consigo mesma, foi capaz de admitir que um pouco de descanso era necessário. Saltar de uma vila para a outra começava a cansá-la e ela queria estar em sua melhor forma quando finalmente encontrasse Pai.

Soltou o corpo no sofá, ao lado de Oliver, e já tinha começado a contar sobre Ancilly e o caso peculiar da costureira quando percebeu que ele a observava de um jeito muito esquisito.

– O que foi? – ela perguntou. – O que aconteceu?

– Nada – veio a resposta. – É só que, bem, você está… diferente.

– Ah, é? – Ela deslizou o olhar por seu próprio corpo. – Acho que é porque estou limpa. E por causa desse vestido incrivelmente maravilhoso, é claro.

Ela riu e olhou com admiração para as saias. Alice e Oliver já tinham ficado impressionados com os presentes que haviam recebido. A Oliver, foram dados cordões e cordões das mais refinadas pérolas, com os quais ele agora adornava o pescoço e o peito, criando a ilusão de usar um babador feito de colares.

Ele inclinou a cabeça.

– Talvez.

– Bem, você continua igual – Alice falou para ele, fitando-o. – Como consegue estar sempre limpo?

O garoto sorriu e ignorou a pergunta. E pediu:

– Conte mais sobre a costureira.

Quando Alice terminou de contar a história, Oliver estava de olhos arregalados. Tão absorto em pensamentos e cheio de perguntas que mal conseguia ficar quieto. Aliás, ele já tinha se levantado e andava de um lado para o outro da sala.

– Essa é uma notícia muito, muito intrigante – admitiu. – Muitíssimo intrigante.

– E a canção – Alice falou. – Tão esquisita, né?

Do outro lado da sala, Oliver a olhou nos olhos.

– Muito esquisita. Parece que Ancilly estava tentando dizer alguma coisa sem *realmente* dizer alguma coisa.

– Pois é, também tive essa impressão. E fiquei curiosa por saber o que ela queria dizer com tudo aquilo.

– Eu também – Oliver falou todo hesitante. – Mas devo dizer que não consigo entender de que jeito os segredos da costureira poderiam nos levar a um pintor.

– Eita! – Alice exclamou, já arfando por quase estabelecer uma ligação. – Os dois são artistas. Talvez *eles* se conhecessem?

Oliver franziu a testa.

– Possivelmente. Improvável, mas possível.

Ela suspirou.

– Mas aquela música… – Oliver falou. – Tão bizarra.

– E tão *triste* – Alice complementou. – E pensar que a costureira foi empurrada do galho! Ah, eu queria tanto saber como foi que isso aconteceu.

Oliver arqueou uma sobrancelha.

– Então você acha que a música narra uma verdade? Acha que a costureira voou para longe?

– Se com *voar para longe* você quer dizer *caiu e morreu*, então, sim, acho que é verdade – Alice respondeu.

– O fim da linha, então? Perdoe-me o trocadilho. – Ele tentou esconder um risinho. – Mas imagino que uma costureira morta não teria muito a dizer.

– Bem, é tudo o que temos por agora – Alice admitiu, sentindo-se derrotada.

Soltou o corpo no sofá e ajeitou os pés. E aí, muito, muito baixinho – tão baixinho a ponto de quase esperar que Oliver não a ouvisse – falou:

– Torço para que não tenhamos cometido um terrível erro quando escolhemos arrumar meu braço antes de encontrar Pai.

Oliver sentou-se ao lado dela no sofá e falou com uma voz cuidadosa:

– Alice…

Ela murmurou alguma coisa em resposta.

– Alice – ele insistiu. – Por favor, olhe para mim.

Ela o encarou, embora relutante. Os olhos de Oliver agora tinham um impressionante tom violeta. Tão luminosos em contraste com sua pele…

– Encontrar um jeito de arrumar o seu braço nunca será um erro. Por favor, entenda isso – garantiu.

A garota desviou o olhar.

– Mas e se nunca mais encontrarmos Pai por minha causa?

– Isso não vai acontecer.

– Mas…

– Não vai acontecer – ele insistiu.

– Está bem, então – Alice cedeu e suspirou. – Mas espero que descubramos logo qual é o próximo passo a ser dado. Não podemos nos dar ao luxo de ficar aqui muito tempo mais.

– Eu sei – Oliver afirmou com uma breve risadinha. – E é terrível, mesmo. Sob quaisquer outras circunstâncias, acho que nos divertiríamos na terra de Esquerda. Quero dizer… Sei que não devemos acreditar que algo bom vá vir de Furthermore, sei mesmo, mas aqui eles são tão, tão bonzinhos com a gente. Vou me sentir mal ao deixá-los, especialmente porque passaram 56 anos à espera de um visitante. – Ele balançou a cabeça. – Já consigo imaginar o rosto de Hortelôncio todo cheio de sofrimento.

– Eu também – Alice admitiu baixinho. – Estava pensando a mesma coisa mais cedo. E não acho que eles sejam capazes de nos comer, você acha? Não acha que eles são bondosos?

Oliver assentiu.

– Li o coração de Hortelôncio assim que chegamos aqui, e sabe qual é o maior segredo dele? O maior desejo dele?

Alice pensou que pudesse adivinhar, mas deixou Oliver contar mesmo assim:

– Ele queria ter a chance de abrir aquela porta – o menino expôs. – O maior segredo, o desejo mais ardente de Hortelôncio era ter um visitante no vilarejo de Esquerda.

– Ai, agora eu me sinto péssima! – Alice exclamou. – Mas que escolha nós temos?

– Eu entendo. Mas precisamos seguir o nosso caminho. Afinal, o nosso lugar é Ferenwood, e não Furthermore. – As palavras fizeram Alice sorrir. Oliver logo prosseguiu: – E, por mais que eu adore uma boa aventura, estou superansioso por voltar para casa. Acho que já tive o suficiente de Furthermore para passar um bom tempo sem precisar voltar aqui.

– Eu também. Eu também – Alice admitiu. Ela olhou para baixo e tocou a única pulseira que lhe restava. – Mas quero que Pai também volte para casa. Não quero ir embora sem ele.

Oliver assentiu apenas uma vez e falou:

– Eu sei.

– E você? – Alice perguntou, animando-se. – Do que você mais sente saudade em casa?

– Eu? – Oliver falou todo surpreso. Inclinou a cabeça como quem não tinha pensado nisso antes. – Ah, não sei. Talvez do conforto de não estar à beira da morte todo dia.

Alice deu risada e perguntou:

– Mas falando sério… Você e seus pais têm uma relação próxima? Eles não sentem saudades quando você fica longe? – Acho que não. – Ele deu de ombros. – Não sei direito. Eu não conheço de verdade os meus pais e acho que eles também não me conhecem.

– Como assim?

– Meu talento… Meu talento é ao mesmo tempo uma bênção e um fardo. Aprendi desde muito cedo a manipular meus pais para que eles fizessem exatamente o que eu queria, transformei-os no tipo de pais que queria que fossem. Só descobri muitos anos depois que a ideia de pais perfeitos de uma criança de 5 anos está muito longe do ideal. Mas aí já era tarde demais. Quando parei de interferir e deixei os dois assumirem o controle, eles não sabiam mais assumir o controle. Mal me conheciam… Eu tinha roubado os anos mais fundamentais das nossas vidas juntos. Eles mal tinham memórias de me ver crescendo. E o problema não era só com meus pais. Eu fiz isso com todo o mundo. Eu nunca quis que isso acontecesse, mas eu era um pouco… Eu era incapaz de entender as consequências das minhas ações. Foi quando meu pai ficou doente, ele teve a doença da baratinha do fígado, que percebi como era frágil e que um dia o perderia. Fiquei arrependido por nunca ter dado a ele a chance de me ensinar o que sabia. A chance de ser meu pai como *ele* escolhesse ser.

Oliver deu uma risadinha sem achar graça antes de prosseguir:

– Quando completei 10 anos, eu já havia destruído sozinho todos os relacionamentos importantes da minha vida. – E hesitou antes de concluir: – Eu não tenho a menor ideia de que tipo de pai e mãe eu teria se não os tivesse transformado tão cedo.

Alice respirou profunda e tremulamente.

– Nossa, Oliver! – exclamou, e segurou a mão dele. – Essa é a história mais triste que já ouvi na vida!

– Às vezes eu tenho a sensação de que toda a minha vida não passa de uma grande história que conto a mim mesmo. Mentira em cima de mais mentira, cutucando e puxando as pessoas até elas serem exatamente o que quero que sejam. – Soltou um suspiro. – Odeio isso.

– Bem, e por que você não para? – Alice arriscou.

– Parar o quê? – Oliver questionou.

– De transformar todo o mundo. Por que, então, não para de manipular as pessoas? Sei que isso não vai mudar o passado, mas certamente vai transformar o futuro. Nunca é tarde demais para conhecermos nossos pais.

– Imagino que não – Oliver falou, agora muito sério.

– Mas você quer?

Ele balançou a cabeça.

– Não é que eu não queira. É só que… Sei lá. – E baixou a voz para admitir: – Eu tenho medo.

– De quê? – ela indagou.

– Você não entende? – Oliver fechou os olhos. – Ninguém vai gostar de mim se eu não os enganar para gostarem de mim.

Nesse momento, ele olhou nos olhos de Alice para admitir:

– É por isso que fui tão horrível com você na escola. Não era porque eu achasse você feia. De verdade, não acho isso. Era porque eu sabia que você não gostava de mim e eu não conseguia convencê-la a gostar de mim. Aí não entendi por que meu poder de persuasão não funcionava com você… Eu não sabia nada da sua promessa eterna, e aquilo me dava medo. Ali estava a única pessoa em toda Ferenwood que não vacilava com as minhas mentiras e que não gostava de mim. E isso confirmava todos os meus medos: se eu deixasse as pessoas livres para serem quem eram, elas me abandonariam. Meus pais não me amariam.

– Mas, Oliver… – Ela apertou forte a mão dele. – Eu não gostava de você porque você era uma das pessoas mais grosseiras que eu já tinha conhecido. Você era um bestiota arrogante e grosseiro e um rebelde horrível.

Oliver bufou e se levantou para sair.

– Espere! – ela apressou-se em pedir, agarrando a túnica de seu amigo. – Tem mais coisa, eu garanto.

Oliver olhou duramente para ela.

– Tem mais coisa e são coisas legais – Alice corrigiu-se.

Oliver cedeu e se sentou outra vez no sofá.

– Está bem, então. Continue – pediu.

– Bem… Veja só no que você se transformou! É a pessoa mais gentil e mais amiga e leal do mundo! Quem poderia não gostar de você agora? Seus pais adorariam o filho deles! Sentiriam um baita de um orgulho. E, só para deixar claro, eu o acho maravilhoso e pode acreditar que isso é verdade. Sem nenhum truque envolvido!

Oliver ficou vermelho, aquele vermelho bem pimentão.

– Você me acha mesmo maravilhoso?

Alice abriu um sorriso enorme para o amigo e assentiu.

Oliver desviou o olhar e murmurou alguma coisa que ela não conseguiu decifrar, mas agora ele estava sorrindo, com um semblante todo abobalhado. E Alice também sorria, parecendo ainda mais abobalhada do que Oliver e, enquanto os dois ficaram ali sentados, sem nenhum deles ser bestiota, Alice se deu conta de que Oliver era seu melhor amigo.

Foi um momento do qual ela jamais se esqueceria.

Oliver finalmente raspou a garganta.

– Agora que eu contei todos os meus segredos, será que você vai me contar os seus? – ele arriscou.

Alice mordiscou o lábio e olhou para baixo. Nervoso, seu coração começou a saltitar.

– Você já conhece os meus segredos, Oliver. Eu queria não ter que os repetir.

– Alice – ele chamou todo cuidadoso. – Não estou entendendo. Por que você não aceita que tem um talento incrível? Por que esse talento a incomoda tanto?

Pronto. Aí estava.

A maior decepção de todas para Alice.

O talento que ela não queria, aquele que ela desejava jamais ter, o que ela se convencera de que não era seu, e tudo isso por que ele não funcionava para o que ela mais queria. Alice tinha vontade de contar toda a verdade a Oliver, mas tinha medo de que as palavras a fizessem chorar e tudo o que ela desesperadamente *não* queria era chorar. Mesmo assim, já tinha passado da hora de tocar nesse assunto, e Oliver havia conquistado o direito de saber.

– Então… – ela começou, assentindo. – Eu mudo as cores das coisas.

Um calafrio percorreu o corpo da menina; seu estômago já dava voltas. Alice não falava disso desde muito tempo antes de Pai ir embora.

Oliver segurou a mão dela bem apertado.

– Eu posso mudar a cor de qualquer coisa. Do céu, do sol, da grama e das árvores e dos bichinhos e das folhas. De qualquer coisa que eu quiser – contou com delicadeza. – Posso transformar o dia em noite e a noite em dia. Posso mudar a cor do ar que respiramos, da água que bebemos…

– Mas não muda – Oliver constatou. – Você simplesmente não faz. E não sei por quê. Tanto talento… Tanto talento e…

Alice negou duramente com a cabeça, interrompendo-o:

– Tanto talento… e eu não consigo nem mudar *a minha* própria cor. – Ela olhou para cima, encarou-o com olhos bárbaros, desesperados. – Eu sou capaz de transformar você. – E encostou o dedo na bochecha dele, transformando aquele rosto bronzeado em vermelho e depois em verde. – Posso deixá-lo de dez tons diferentes de azul em um piscar de olhos. – E baixou a mão. – Posso transformar a cor de todo mundo, mas não posso transformar esta pele aqui –

prosseguiu, arrastando os dedos por seu próprio rosto. – Não consigo transformar meus olhos. Não consigo nem mesmo me tornar parecida com a minha família. Tem ideia de como é difícil? Ter esse poder de mudar tudo, menos a mim mesma?

– Alice…

– Eu não tenho cor, Oliver. – Agora sua voz era um sussurro. – Não tenho pigmento. Não me pareço em nada com as pessoas que amo.

– Mas, Alice… – ele insistiu. – As pessoas que você ama não estão nem aí para a sua cor, nem se você tivesse a cor de uma girafa.

Alice concentrou-se no tapete debaixo de seus pés e quase sorriu.

– Pai provavelmente não liga. Pai provavelmente me ama acima de qualquer coisa.

– E a sua mãe, ela também te ama – Oliver falou.

Mas Alice já negava com a cabeça.

– Não sei – duvidou, mordiscando o lábio. – Mãe ficou superanimada quando descobriu o meu talento. Foi Pai quem contou para ela, muito embora eu tivesse pedido para ele não contar. – Alice hesitou antes de prosseguir: – Mas, depois que Pai se foi, alguma coisa aconteceu com Mãe. Alguma coisa mudou dentro dela, que deixou Mãe meio malvada. – Pausou, lembrando-se de algumas situações. – Ela me fez treinar todos os dias na frente do espelho. E me fez treinar para que eu mudasse de cor. Mas nunca funcionou, e Mãe logo desistiu de mim. Mas aí ela começou a se lembrar do quanto gostava das ferenjas…

Oliver ficou boquiaberto. Alice prosseguiu:

– … e começou a me fazer sair para colher ferenjas. – Desviou o olhar. – Colher ferenjas é a única coisa na qual sou boa.

– Mas eu sempre pensei que as ferenjas fossem invisíveis! – ele exclamou de olhos arregalados. E, em seguida, sussurrou: – E pensei que o Código de Permissão de Alimentos e Vigilância Sanitária de Ferenwood proibisse as ferenjas.

– Elas não são invisíveis, não – Alice falou, arranhando o próprio rosto. – São só excelentes camaleõezinhos. Misturam-se a praticamente qualquer cor de fundo, por isso são difíceis de encontrar. – Ela encolheu o ombro. – Mas eu só precisava encontrar uma delas e aí deixava todas de uma cor que eu conseguisse ver. Assim eu conseguia colher dezenas de uma só vez.

Oliver estava visivelmente impressionado.

– E eu não sabia que o Código de Permissão de Alimentos e Vigilância Sanitária de Ferenwood proibia o consumo de ferenjas – Alice acrescentou toda nervosa.

Oliver ficou tão impressionado que teve de se levantar.

– Bem… Sua mãe parece ser bem medonha. – E, em seguida, cobrindo a boca com a mão: – Perdão. Eu falei mais do que devia. Não é o meu espaço e…

– Tudo bem – ela disse com um sorriso trêmulo. – Mãe vai ficar melhor quando Pai for para casa. Ele sempre a deixava mais boazinha. Mas acho que decepcionei Mãe depois que Pai se foi. Talvez de todas as formas. E agora a única pessoa que realmente me ama está presa em algum lugar, sofrendo em um mundo que quer mantê-lo para sempre, e eu faria qualquer coisa para tê-lo de volta. Qualquer coisa, mesmo. – Alice tocou a seda de suas saias. – Sabe, Pai costumava me dizer que eu era bonita.

Os olhos de Alice estavam cheios de medo, então ela sabia que era hora de parar. Levantou-se com toda a elegância que conseguiu, pediu licença e disse a Oliver que precisava tomar um pouco de ar.

Ele não disse uma palavra sequer enquanto Alice passava.

Quando ela chegou ao lado de fora, suas dificuldades foram facilmente esquecidas. Aqui, na terra de Esquerda, havia mais encantos aos olhos do que em qualquer outro lugar. O sol começava a se pôr, e o céu havia adotado uma tonalidade árida e esfumaçada de azul; âmbares e dourados e violetas mesclavam-se no horizonte e dançavam como em um caleidoscópio pelas árvores, derramando formas espetaculares de luz pela terra. Tudo era de um verde vívido e de um marrom intenso e o ar estava cheio de frescor; uma respiração funda e as lágrimas se recolheram, guardando-se cuidadosamente para outro dia.

Alice fechou os olhos e deixou a brisa envolvê-la.

Ela era mais forte do que Mãe.

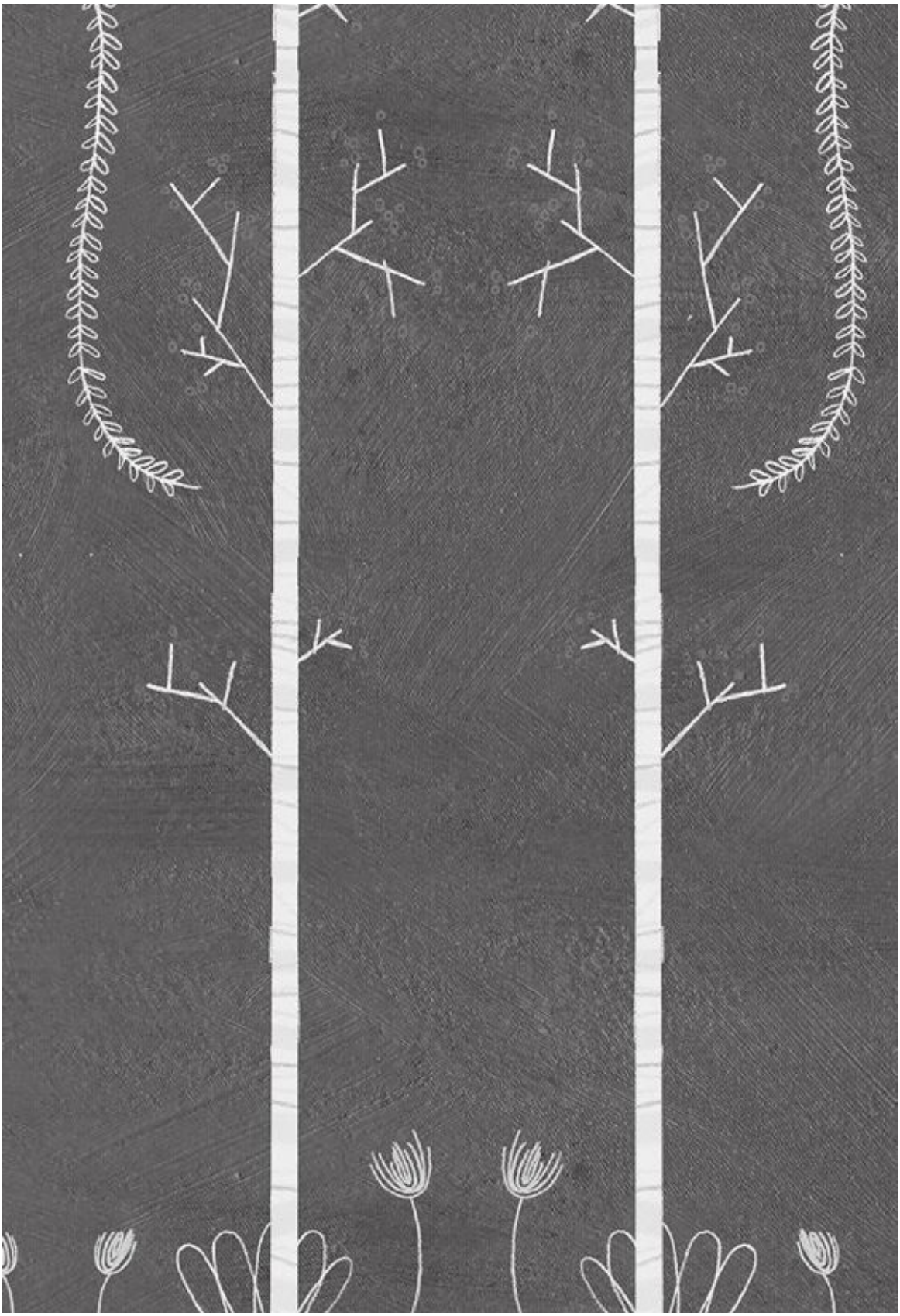
E, se não fosse, a partir de agora seria. Seria forte o suficiente para lutar por Pai e não desmoronar sem ele. Precisava ser inteligente, continuar viva, continuar lutando. Seu amor por Pai a enchia de coragem. Seu amor por Pai a deixava melhor.

Seu amor por Pai a deixava pronta.

Mais
capitulos
adiante







– ***Há algo que queiram saborear?*** – Hortelôncio perguntou aos dois.

Ele havia enfiado a cabeça para dentro da casa de casca de ovo para saber como Alice e Oliver estavam se sentindo. Os garotos encontravam-se sentados juntos no chão, esboçando uma lista de todas as coisas que fariam com Pai quando enfim o levassem para casa. Criar essa lista foi ideia de Oliver. Foi a primeira coisa que ele propôs a Alice quando ela entrou outra vez na casa. Imaginou que Pai iria querer saber o que tinha acontecido durante sua ausência e, como muitíssimas coisas tinham acontecido durante sua ausência, os dois deveriam fazer uma lista.

– Alice, ele vai querer ver as novas represas e as árvores de peixes e, ah, temos que mostrar para ele os barcos que foram parar no jardim de Penélope, não podemos esquecer. – Oliver já estendia o braço para pegar a folha de papel. – E os pés de moedas perto do riacho? Eles cresceram tanto nesse tempo! Não acha que seu pai gostaria de ver?

Ela estava tão emocionada que mal conseguia falar.

Então os dois estavam sentados ali, ela e ele, fazendo planos para o dia em que Pai chegasse, quando, de repente, Hortelôncio lhes perguntou se queriam saborear alguma coisa.

– Saborear? – Alice indagou, deixando a coluna ereta. – Como assim?

Hortelôncio, ainda parado à porta, explicou:

– Bem, nós temos um cardápio bastante generoso e saboroso à sua disposição. Talvez não seja tão apetitoso quanto aqueles aos quais estão acostumados… – Ele enrubesceu. – Mas temos um filé-mignon divino que eu humildemente recomendo para seu prazer gustativo. – E fez uma leve reverência. – Foi preparado especialmente para vocês por nosso *chef* residente, temperado com a perfeição do sal-gema e folhas de chá, disposto em uma cama de cuscuz apimentado e servido com risoto de trufas. Mas, é claro, se não for do seu gosto, temos diversos sanduíches e cortes assados e variedades de presuntos para escolher…

– Minha nossa! – ela exclamou, olhando para Oliver. – Acho que não conheço nada disso.

Hortelôncio ficou paralisado, com palavras inteiras grudadas em sua boca. Para seu crédito, descongelou-se muito rapidamente e falou:

– Há algo mais que eu possa oferecer a meus ilustres visitantes?

Alice pensou por um instante e falou:

– Teria tulipas?

– Nós… – Hortelôncio pareceu um pouco confuso, mas parecia sentir mais medo de decepcioná-la, o que fez Alice sentir-se péssima. – Bem, minha ilustre visitante, temos, hum, temos muitíssimas flores, mas acredito que nenhuma delas se abra a essa hora.

– Meu caro Hortelôncio – Oliver falou. – Por favor, não se preocupe com as flores. Alice só estava brincando. – E lançou para ela um olhar que dizia: "Deixe que eu cuido da situação". – Talvez fosse melhor pularmos o prato principal desta noite e irmos direto para as sobremesas. Foi uma longa jornada, e uma coisinha doce seria legal.

– Ah, que ótima ideia, meu ilustre! – Hortelôncio estava tão animado que chegou a pular. – Ótima ideia! Vou trazer uma grande seleção de bolos e tortas e *muffins* para vocês se deliciarem! – Cada centímetro de seu rosto sorria de ansiedade por fazer qualquer coisa que os deixassem felizes. – Há algo mais que eu possa providenciar, meus ilustres convidados? Talvez, depois de terminar de comer, queiram um tempinho para sonhar?

Essas últimas palavras atraíram a atenção de Alice, e ela assentiu antes mesmo de perguntar os detalhes.

– Parece maravilhoso – animou-se. – Eu adoraria sonhar.

– Ótimo, minha ilustre. Retornarei em um instante.

E, com mais uma reverência e mais um sorriso, Hortelôncio se foi.

Tomada por uma enorme animação, Alice imediatamente virou-se para Oliver.

– Sinto tanta falta de sonhar! Eu amo sonhar, sabe? É a minha parte preferida de dormir.

Oliver deu risada.

– Não acredito que você esteja mais animada para dormir do que para se deliciar com as sobremesas.

– Ai… – Alice falou distraída. – Acabo de lembrar que gostaria perguntar uma coisa. O que exatamente é filé-mignon?

Oliver ficou congelado, sua boca formava um "o" perfeito.

– Nada com que você precise se preocupar – respondeu todo apressado. – Nada, mesmo.

Alice nunca tinha se dado conta do prazer que o simples ato de acordar de manhã podia significar. Ela e Oliver não tinham permanecido em nenhuma cidade tempo suficiente para se dar ao luxo de dormir (ou sonhar), e agora, pela primeira vez no que parecia ser muito, muito tempo, ela abriu os olhos embaçados e bocejou para a alvorada, espreguiçando o braço e as duas pernas o máximo que conseguia.

Estava aturdida e confusa e ainda um pouco sonolenta, mas mais feliz do que jamais estivera em Furthermore e sentindo-se pronta para encarar o início de mais um dia infinito.

Levantou-se e foi ao toalete particular de Hortelôncio (o qual ele havia autorizado os dois a usar) e lavou o rosto com água fresca, parando para saborear as gotas que caíram em seus lábios.

Hortelã, constatou.

Alice havia passado a noite toda sonhando. Sonhos confusos, sem dúvida inspirados por seus dias em Furthermore. Ela corria de ponta-cabeça, seus pés batiam no teto de casas que ela não reconhecia, perseguindo um homem que ela pensava ser Pai. O problema era que, toda vez que Alice se aproximava desse homem, Oliver aparecia em uma janela e arrancava seu braço, e ela perdia o paradeiro de Pai mais uma vez. Agora, Alice já tinha lembrado três vezes para não ficar brava com Oliver por ele ser um incômodo tão grande nos sonhos e, enquanto lembrava pela quarta vez, saiu do toalete e o encontrou esperando na porta.

– Bom dia – cumprimentou-o com um sorriso.

– Bom dia – Oliver respondeu, mas estava com uma aparência horrível. Muito sonolento e com cara de enjoado. – Dá licença, Alice – pediu, apontando para o banheiro. – Posso entrar? Não estou me sentindo muito bem.

– Ai, Oliver, posso ajudar de algum jeito?

Ele fez um esforço para negar com a cabeça.

– Acho que vou ficar aqui um tempinho e esperar essa sensação passar. – Esfregou a mão no rosto. – Juro que nunca mais como torta – concluiu, tentando rir.

Alice olhou com solidariedade e assentiu para o amigo. Enquanto ela tinha comido apenas alguns bocadinhos, Oliver saboreara quase metade de tudo o que

Hortelôncio havia trazido. Ela pediu a Oliver várias vezes para maneirar – e provavelmente por isso ele não devorou todos os dez bolos, sete tortas, quinze *muffins* e quatro pudins – e agora sentia-se em paz por tê-lo avisado. Não sabia que Oliver gostava tanto dessas comidinhas decadentes, embora esta manhã ele certamente estivesse arrependido. Alice deu tapinhas no ombro do amigo e o deixou passar.

Enquanto Oliver permanecia trancado no toalete, ela arrumou o resto da casa. Esperava que aquele fosse o último dia deles dois ali, então queria deixar tudo arrumadinho para Hortelôncio. Queria que a casa ficasse tão organizada quanto estava quando eles chegaram. Enrolou os sacos de sonhar que Hortelôncio havia lhes emprestado (eram sacos pequenos, com travesseiros costurados nas laterais, muito macios e aconchegantes) e reorganizou todos os papéis deles, tomando o cuidado de separar a lista que ela e Oliver haviam feito para Pai. Enfiou a lista no bolso de seu novo vestido de seda (que, para um vestido, havia se provado muito confortável) e então sentou-se no sofá laranja-abóbora e esperou Hortelôncio e Oliver.

Mas logo se cansou de esperar e decidiu sair da casa. Era um belo dia, exatamente como ela esperava. O sol começava a nascer agora, e a terra de Esquerda já mostrava seu esplendor. Os habitantes iam de um lado a outro, dependurando as roupas para secar e comprando os pães que acabavam de sair do forno e parando para conversar com vizinhos sobre um assunto fascinante ou outro assunto. A imagem de tudo aquilo a fazia sentir mais falta de casa do que nunca.

– Bom dia para você, ilustre visitante!

A voz vinha de um Hortelôncio ansioso e sorridente, que parecia surpreso por encontrá-la acordada tão cedo.

– Bom dia para você também, Hortelôncio – Alice respondeu com um sorriso tão largo quanto o de seu anfitrião.

– Sonhou bem? – ele quis saber. – Gostou das sobremesas?

– Sim para as duas perguntas – ela respondeu toda alegre. Depois complementou mais baixinho: – Mas acho que Oliver deve ter comido demais.

Hortelôncio ficou de olhos arregalados por um instante antes de dar uma risada sincera.

– Mas que notícia excelente, minha ilustre! Fico feliz por saber que passaram bem!

Alice não teve coragem de contar a ele que Oliver não tinha passado tão bem assim.

– Sem dúvida – ela afirmou. – Obrigada mais uma vez.

– Vocês são mais do que bem-vindos! – Hortelôncio dava pulinhos, todo

animado. – Bem, não posso mais guardar para mim, minha ilustre!

– Guardar o…?

– Temos EXCELENTES notícias, minha ilustre. EXCELENTES NOTÍCIAS!

– Ah, é?

– Sim, sim! Hoje será o dia MAIS excelente, minha ilustre! Ontem, tivemos a noite MAIS empolgante e hoje teremos a manhã MAIS empolgante. As notícias são INCRÍVEIS!

– Que… ótimo – Alice falou educadamente. Ela não sabia dizer por que, mas a ansiedade de Hortelôncio a estava deixando desconfortável. – Eu realmente espero que coisas boas aconteçam na terra de Esquerda.

– Elas vão acontecer! As melhores coisas! As melhores das melhores coisas!

– Bom, que legal. É melhor eu voltar para…

– Você – Hortelôncio falou, apontando o dedo para ela. – Você fez uma coisa muito ruim, minha ilustre. Uma coisa muito, muito ruim. Mas a sua atitude ruim foi a melhor notícia para a terra de Esquerda. A melhor notícia!

Alice engoliu em seco, forçando-se a falar mesmo enquanto uma onda de pânico se espalhava por seu corpo.

– Acho que não sei do que está falando, Hortelôncio – ela conseguiu dizer.

Hortelôncio riu e riu mais um pouco.

– Você desrespeitou a lei! Roubou tempo! Horas e horas, você roubou! Fomos notificados ontem à noite de que temos uma criminosa entre nós! – Na terra de Esquerda! Consegue acreditar? Nossa visitante, uma criminosa! Ai, ai! Você nos tornou famosos, minha ilustre! Não recebíamos nenhum contato dos Anciãos há 56 anos. E agora, cá estamos nós, com uma visitante que trouxe todas as atenções à nossa terra! Que dia, mas que dia!

– É por *isso* que você está feliz? – Alice quase sofreu um colapso, tamanho o seu alívio. E falou discretamente: – Bem, certamente fico contente por ter sido útil.

Hortelôncio baixou a voz e se aproximou:

– Agora, vamos fazer de tudo para evitar que os Anciãos a prendam, mas não podemos manter vocês dois escondidos por muito tempo. Precisamos dar um jeito nas coisas, e rápido. Então, venha comigo, venha comigo… muito a fazer!

Alice recusou-se a se movimentar.

– O que você quer dizer com isso? Aonde vamos?

– Preparar o banquete, oras bolas! – celebrou Hortelôncio, que seguiu explicando com uma voz grave: – Em outras condições, só prepararíamos o banquete no final da sua estadia. Mas agora que sabemos que você desrespeitou a lei, não há motivo para esperar. Além do mais, sua prisão só complicará as coisas. Mas, se cuidarmos direitinho de tudo antes de as autoridades chegarem,

todos vão ficar superfelizes! As rainhas não fazem uma boa refeição há muito tempo, e você e seu amigo certamente são capazes de satisfazer esse enorme apetite. As gemeocesas vão ficar extasiadas!

Alice pegou-se congelada, enjoada de medo, e assentiu da melhor forma que podia antes que Hortelôncio – o gentil e velho Hortelôncio – saísse correndo, esperando que ela o seguisse. A pele de Alice estava ensopada com o suor frio e com um medo repentino, horrível, avassalador, e ela já sentia a garganta começando a fechar. Por que havia se permitido sentir-se segura em Furthermore, isso ela não sabia, mas agora Alice tinha certeza de que só restava uma coisa a fazer.

Correr.

Alice correu de volta à casa com toda a velocidade que seus pés alcançavam, coração batendo forte na esperança de conseguir encontrar Oliver e sair pela porta antes de Hortelôncio retornar. Bateu à porta do banheiro, gritou várias vezes o nome do amigo, mas ele não respondia. Alice não tinha escolha senão quebrar mais uma regra muito importante de Furthermore e abrir a porta sem permissão. ‘

E ainda bem que ela fez precisamente isso!

Oliver estava deitado no chão, quase inconsciente, com o corpo todo amolecido e extremamente pesado. Parecia já bem perto da morte. De repente, a conversa de Alice com Hortelôncio colocou tudo em perspectiva: não era que Oliver tivesse exagerado tanto assim. Hortelôncio havia tentado *envenená-los* como um preparativo para o iminente banquete oferecido ao povo de Esquerda. Queria vê-los fracos e suscetíveis; queria tê-los drogado. E Alice precisou usar todas as suas forças para não entrar em pânico.

Então, deu um tabefe na cara de Oliver.

Ele piscou e abriu os olhos.

– Oliver – ela chamou (ainda tentando, mas sem sucesso, evitar o pânico). – Oliver, por favor… Por favor, acorde. Por favor, acorde…

– Sinto muito, Alice – ele falou com uma respiração dificultosa. – Acho que não estou… – E engoliu em seco. – Não estou muito bem.

– Sim, sim, eu sei, meu querido amigo, mas você precisa se levantar – ela insistiu. – Por favor, por favor, tente se levantar porque precisamos ir embora. Precisamos ir embora neste instante.

– O quê? – Oliver piscou outra vez para ela. – Por que, Alice? Qual é o problema?

Aterrorizada, Alice hesitou antes de dizer:

– Eles querem comer a gente.

Oliver abriu violentamente os olhos. Sabia que era melhor nem perder tempo perguntando o motivo. Talvez em outro momento, em outro estado de espírito, ele fosse capaz de convencer Hortelôncio a não os devorar, mas agora estava passando terrivelmente mal e sem forças, e Alice sabia que não podia pedir a ele para salvar a vida dos dois.

Pela segunda vez, ela teria de salvá-lo.

E, de algum jeito, mesmo agora, durante um dos momentos mais aterrorizantes de sua vida, ela sentiu uma onda de verdadeira afeição por Oliver, porque sabia que ali ele havia decidido colocar a própria vida na(s) mão(s) dela e segui-la.

– Vamos – Oliver falou.

E, em um ato de enorme determinação, conseguiu se colocar em pé.

Alice dependurou a mochila do amigo no ombro *dele,* e puxou o braço pesado dele sobre o ombro *dela,* permitindo que Oliver se apoiasse no corpo muito menor *dela*. E, embora em qualquer outro momento isso pudesse parecer impossível, o peso dos dois agora pouco importava; eles eram pura adrenalina da cabeça aos pés e seus movimentos eram puro instinto.

Mesmo assim, Alice teve a sensação de que uma eternidade se passou antes de chegarem à porta. Em sua cabeça, cada movimento lento dos dois trazia Hortelôncio mais para perto e cada barulho repentino significava que Hortelôncio estava bem ali, pronto para atacar. De fato, Alice estava tão concentrada em ultrapassar Hortelôncio que sequer tinha pensado aonde os dois iriam para ultrapassá-lo; não pensou, até chegarem à porta e Oliver dizer:

– E agora, Alice, aonde vamos?

Mas ela não sabia.

Estava em um verdadeiro estado de pânico. Olhou para a esquerda, olhou para a direita. Eles se viram cercados por todos os lados pelos corpos agitados que habitavam a terra de Esquerda, e não havia nenhum outro lugar aonde ir, ninguém em quem confiar. As casas de casca de ovo dependuravam-se em quase todos os galhos até onde a vista alcançava e, para ela, sem dúvida se eles tentassem se esconder ali acabariam facilmente encontrados. Por um momento, Alice chegou a considerar tornar tudo preto outra vez – afinal, a técnica havia funcionado com as raposas – mas eles não estavam em uma terra plana, o que tornava tudo ainda mais perigoso. Alice e Oliver teriam de correr por uma série de copas de árvores, e seria perigoso demais correr às cegas. Um passo errado e cairiam para a morte.

Mas talvez.

Talvez Oliver e Alice pudessem ficar parados. Talvez ficassem ali e esperassem na casa, tentassem ser gentis com Hortelôncio até criarem um plano verdadeiro… Até Oliver se sentir melhor e convencer aquele povo a jantar outra pessoa. Talvez eles conseguissem pensar com mais clareza dentro de algumas horas. Afinal, Hortelôncio queria planejar um *banquete*. Eles não seriam devorados nos próximos cinco minutos.

Talvez Alice tivesse se precipitado; estava ansiosa demais, em pânico. Certamente era isso. Aliás, agora ela tinha certeza de que o melhor a fazer era

ficar. Sair correndo por aí, sem nenhum plano racional, simplesmente não os favoreceria em nada, ela pensou. Então, respirou fundo e olhou outra vez para a casa de casca de ovo, pronta para contar sua ideia a Oliver.

O problema foi que, quando Alice olhou para trás, lá estava Hortelôncio, parado bem ao lado da porta de sua casa, ostentando um sorriso no qual ela não confiava mais. Ele trazia um enorme saco de linho em uma das mãos. E, na outra, uma faca de açougueiro gigantesca.

Alguma coisa dentro de Alice gritou, mas ela não disse uma palavra sequer.

Os olhos de Hortelôncio continuaram grudados nos dela e, quando ele voltou a falar, sua voz repentinamente soava aguda demais, feliz demais, toda errada.

– Aonde estão indo, meus ilustres?

Em qualquer outro momento, eles talvez corressem, passassem por Hortelôncio e voltassem para a casa da qual tinham saído, mas agora Oliver mal conseguia ficar em pé, que dirá correr. Alice deslizou o olhar pelo chão da floresta em busca de opções, mas encontrou pouco alento na queda de trezentos metros abaixo deles. Oliver havia comentado que cair em Furthermore era frustrante demais para ser mortal, mas Alice estava certa de que essa queda não tinha nada diferente do comum. Afinal, se fosse seguro cair tão longe, por que a costureira havia sido empurrada do galho?

Em uma fração de segundo, todos esses pensamentos correram de um lado a outro na mente de Alice, mas essa última pergunta a lembrou algo que ela havia quase esquecido. Uma coisa que Ancilly dissera… Uma coisa que Ancilly cantara.

Eu caí no céu um dia
E dor nenhuma senti
Eu caí no céu um dia
Mas na verdade não caí

Seria possível? Estaria Ancilly tentando ensinar a ela uma maneira de escapar?

Bem, Alice não tinha a menor ideia, mas confiar em Ancilly era sua única opção naquele momento, pois Hortelôncio já segurava a faca de açougueiro dentro da distância de corte. Alice encontrava-se sem opções e tentava pensar numa maneira de ganhar tempo, mas ainda não tinha perdido as esperanças. Então, respirou profundamente e sussurrou:

– Caia, Oliver, caia.

E eles caíram.

Ela e Oliver se seguraram um no outro enquanto caíam e, em sua cabeça, Alice já se desculpava por ser o motivo que o levaria a morrer. Ela era metade esperança, metade terror, dividida verticalmente bem no meio sobre suas chances de sobrevivência. Queria acreditar que havia algum mérito na canção de Ancilly, mas como acreditar? Neste momento, Alice estava caindo em direção à sua própria morte. Ainda pior: isso não se parecia em nada com voar. Estava mais para ser o caminho da morte. Mas pelo menos essa morte seria menos brutal, pensou Alice, que não tinha o menor interesse em ser devorada.

Então, aqui estavam eles: caindo em direção à morte.

Nenhum gritou (afinal, gritar parecia inútil) e tudo o que Alice viu foram os olhos de Oliver, arregalados e amedrontados e entristecidos, então ela fechou seus próprios olhos, usou seu único braço para abraçar a si mesma e orou por uma saída relativamente rápida e indolor. Porém, por mais dramático que eles tentassem tornar esse momento – músculos tensos, sussurros de adeus a seus entes queridos –, Alice notou que sua morte iminente começava a parecer um pouquinho atrasada.

Enfim abriu os olhos e percebeu que a morte de Oliver também estava um pouquinho atrasada. Os dois de fato continuavam caindo e de fato existia um chão lá embaixo, mas alguma coisa esquisita também estava acontecendo: quanto mais eles caíam, mais lentamente caíam, e logo simplesmente não estavam mais avançando na direção do solo, mas flutuando, flutuando suave e regularmente até lá embaixo.

Os dois pousaram com os pés retinhos no chão da floresta. Alice e Oliver estavam tão surpresos por continuarem vivos que passaram os primeiros instantes apenas olhando um para o outro.

– Está tudo bem com você? – Alice finalmente perguntou. Oliver estava em pé e parecia superacordado. – Está se sentindo bem?

Ele assentiu.

– Acho que meu enjoo tomou um baita susto com tudo o que aconteceu e resolveu fugir de mim.

– Bem, agradeça aos céus por esse presentinho – Alice falou, agora sentindo seus joelhos fraquejarem.

E se soltou no chão.

– Você não acha que eles vão pular atrás da gente, acha? – Oliver questionou.
Assustada, Alice olhou para cima.
– Imagino que não…
– Mas pode ser que pulem – avisou uma voz que Alice não reconheceu.

Alice deu um salto para trás e topou a cabeça no peito de Oliver. O coração dele batia tão acelerado quanto o dela; ele se posicionou ao lado da amiga e os dois olharam para a desconhecida.

A voz vinha de uma mulher, uma mulher do tipo que Alice jamais vira antes – exceto no espelho, talvez. Era pálida como a luz da lua, excepcionalmente alta e usava um manto feito inteiramente de folhas douradas: amarelo vibrante, mostarda clara, limão e mel e açafrão e luz do sol. As folhas formavam camadas como um conjunto de asas sobrepostas, criando a ilusão de uma coisa ao mesmo tempo monstruosa e linda.

A cauda do vestido da desconhecida arrastava-se atrás dela, engolindo seus braços e pernas; somente suas mãos – mais pálidas do que as de Alice – ainda podiam ser vistas. O capuz do manto, também criado com folhas, não escondia seu rosto; ela o usava apenas até metade da cabeça, e as madeixas longas e incrivelmente amarelas – quase indistinguíveis ao lado do capuz – caíam por sobre os ombros. E seu rosto, pálido feito o de um fantasma, era iluminado apenas por dois olhos igualmente dourados.

– Pode ser que pulem – repetiu. – Então, é melhor vocês virem comigo.

Havia alguma coisa aterrorizante naquela mulher – cintilante e linda e pairando diante deles –, mas também havia outra coisa nela, algo em seus olhos. A desconhecida havia sentido uma dor verdadeira antes e Alice de algum jeito sabia que isso era verdade.

Então, a garota voltou a pensar em Ancilly.

Ancilly, cuja canção havia salvado a vida deles.

Vi uma mulher me estendendo a mão
E ela me disse para não temer
Vi uma mulher falando comigo
Ela disse que ajuda eu iria receber

– Quem é você? – Alice enfim conseguiu perguntar.

– Meu nome é Isal – ela se apresentou. E não piscava os olhos. – Vocês querem morrer?

– Não – Oliver respondeu rapidamente. Alice ouviu o coração de seu amigo

acelerar. – É claro que não queremos.

– Então venham comigo – ela convidou, dando meia volta.

Enquanto andava, deixava para trás um rastro de folhas douradas, como um caramujo que não consegue evitar desenhar um mapa de suas viagens. Mas Isal não era nenhum caracol, é claro, e Alice invejava a força silenciosa daquela mulher. Alice *queria* segui-la.

Além do mais, eles não tinham nenhuma outra escolha.

Os dois marcharam atrás de Isal, olhando de soslaio um para o outro, olhares que faziam mais do que lembrar um ao outro que eles não estavam sozinhos. Seguiram Isal até as profundezas do labirinto de árvores, mas a caminhada veio com seus desafios. O chão da floresta era ziguezagueado com troncos de árvores gigantes, cujas copas compunham a terra de Esquerda. As raízes que cobriam o chão da mata eram monstruosamente enormes e os troncos estavam entre os maiores e mais altos que Alice jamais viria. E eram mais grossos do que a maioria das casas. E ela e Oliver faziam seu melhor para andar em meio às raízes, que mais pareciam montanhas. E foi então que Alice se sentiu grata pelo manto claro de Isal – sem ele, os amigos já teriam se perdido da mulher há muito tempo.

Por fim, os três chegaram a uma pequena clareira onde um chalé dilapidado parecia ter sido empurrado, sem qualquer cerimônia, contra o tronco de uma árvore maior do que ele próprio. A casa era simples; o exterior, caiado, de uma cor sem graça. Havia duas janelas em uma parede não obscurecida pela árvore, mas o vidro parecia sujo e amarelado, como se a antiga janela jamais tivesse sentido uma brisa.

A grama alta e selvagem tomava as laterais da casa e o telhado parecia parcialmente desmoronado, bem no meio, e Alice podia entender por quê: cinco árvores perenes haviam se plantado no topo do chalé, quase sufocando a chaminé de tijolinhos à vista, enquanto tufos de grama e raízes agarravam o telhado como se fossem seu proprietário. A casa parecia ter sido plantada ali. Era como se ela tivesse crescido junto à própria floresta.

Isal abriu a porta principal e virou-se para encará-los.

– Podem entrar.

Mas Alice e Oliver hesitaram.

– Quem é você? – Oliver perguntou.

A mulher deu um passo para dentro do chalé.

– Meu nome é Isal – ela respondeu.

– Sim, mas isso não ajuda muito a gente, ajuda? – Oliver rebateu.

Ela pareceu confusa.

– Sua companheira está usando uma peça minha, e você ainda assim não sabe

quem eu sou? – Isal explicou a Oliver.

– A costureira – Alice sussurrou.

A mulher assentiu para ela.

– Sim – confirmou antes de virar o rosto com um olhar entristecido. – Eu era a costureira. Não sou mais.

Alice estava espantada demais para falar. Havia tanto a temer – tanto com que se preocupar naquele momento –, mas a garota não conseguia não ficar impressionada com a mulher à sua frente. Isal, mesmo em sua solidão, mesmo em sua tristeza, era elegante demais para ser real. Era tudo que Alice esperava um dia ser: forte, corajosa, altiva. E agora a costureira vivia *aqui*. Uma pedra preciosa, mas enterrada na floresta.

Exilada.

Alice sentiu certa afinidade com aquela desconhecida, mas não conseguiria encontrar palavras para explicar o porquê.

Isal deu um passo adiante e tocou nas penas do vestido de Alice.

– Eu me lembro dessa peça – falou com uma voz delicada. – Precisei de dois anos para reunir lírios do mar suficientes para terminar a gola. – E baixou a mão. – Ancilly avisou que vocês viriam.

– Ela avisou? – Alice espantou-se. – Mas…

– Ela foi minha discípula muitos anos atrás. Muito antes de eu ser empurrada do galho – Isal contou.

– Então eles a empurraram mesmo do galho? – Oliver falou horrorizado.

A mulher finalmente piscou.

– Há 56 anos – revelou. – Quando recebemos nosso último visitante. Uma menina nova, não muito mais velha do que você. Eu tentei avisá-la. Sabia que, no fim, ela seria oferecida em sacrifício para as rainhas. – Isal desviou o olhar antes de prosseguir: – Eu não concordava com os métodos das rainhas e minhas ações não agradaram. Fui considerada traidora e empurrada do galho.

Os olhos de Alice estavam impossivelmente arregalados.

– Então eles acharam que você morreria? – Oliver perguntou.

Isal assentiu.

– Mas existe muita magia na base das árvores, e elas não querem fazer mal a ninguém. Estou segura aqui.

– Eles sabem? – Oliver indagou, apontando para o céu, para a terra de Esquerda. – Eles sabem que aqui embaixo é seguro?

– Eles suspeitam que pode ser – a mulher explicou. – Mas não têm certeza. Portanto, precisamos nos apressar. Não sabemos se eles virão atrás de vocês. Por favor, entrem, eu posso ajudar.

– Mas você disse que está aqui há todo esse tempo… – Alice falou nervosa. –

E ainda não foi descoberta? Como podemos confiar que sua história é verdadeira? E se você estiver trabalhando com todos os outros? E se entrarmos na sua casa para você nos colocar direto no forno?

Isal ofereceu um sorriso estranho, um sorriso entristecido, e tirou o capuz. Seus cabelos dourados, agora não emoldurados pelo amarelo de seu manto, davam a impressão de ter menos luz. Pouca cor. Ela parecia tão pálida quanto a própria Alice, palidez contra palidez. Todas as cores haviam desaparecido da sua pele. E, quando Isal voltou a se pronunciar, falou apenas com Oliver:

– Talvez você devesse confiar em uma amiga que parece ser uma amiga.

Oliver não conseguiu disfarcar o choque.

– Como você descobriu? – quis saber. – Como descobriu o meu tibim?

Isal estudou-o cuidadosamente.

– Furthermore só de vez em quando é tão útil quanto finge ser. Todos os tibins são criados com um propósito, em conjunto com os cidadãos de Furthermore e de acordo com os acontecimentos de seu caminho por esta terra. Assim que você chegou, seu futuro foi medido, hipóteses foram levantadas e eu recebi uma notificação do meu papel em sua jornada. Agora que está aqui, tenho a tarefa de lhe oferecer um conselho que vai ajudá-lo no resto de sua jornada. Uma vez que a ajuda é recebida, a minha parte é dada como concluída.

Alice e Oliver ficaram impressionados.

– Nós nunca podemos falar dos nossos papéis em tudo isso – Isal prosseguiu. – Mas, como renunciei minha lealdade a Furthermore há muito tempo, não vejo mal algum em contar para você. Porém, negar um tibim é uma ofensa moral, e não uma ofensa legal, então tenho o dever, em nome da honra, de ajudá-los. – Ela empurrou a cabeça um centímetro para a frente e deixou seu olhar repousar nos semblantes espantados de Alice e Oliver. – Ninguém jamais me encontrou, sabe…

– Sim – Oliver afirmou, olhando em volta. – Posso imaginar.

– Não – retrucou Isal. – Você não entende. Um tibim ligado a mim não é nada generoso. Esquerda é uma terra há muito tempo esquecida, e eu, Isal, sou a mais esquecida de todas. – Ela fez uma pausa e estudou cuidadosamente os dois garotos. – Atribuir um tibim a mim significa que os Anciãos em momento algum tentaram ajudar. Aliás, é provável que esperassem que vocês já tivessem fracassado muito tempo atrás. O fato de serem inteligentes o suficiente para me encontrar significa que vocês estão próximos de alcançar o que desejam. Mas tomem cuidado em seu caminho. Os Anciãos certamente não estão nada felizes com isso.

Alice e Oliver engoliram seu medo e não disseram nada.

– Agora… – Isal continuou, entrelaçando seus dedos. – Tenho mais do que respostas às suas perguntas. Portanto, devo insistir, pela última vez, que entrem. Se ficarem aqui fora um instante mais, não me responsabilizarei por suas mortes.

Com seus corações acelerados, Alice e Oliver cambalearam atrás de Isal para

dentro da casa. Furthermore era mais malvada e mais complicada do que até mesmo Oliver imaginava. Agora eles tinham certeza de que cada um de seus movimentos havia sido mapeado e coreografado. Os empecilhos pelo caminho haviam sido muito bem planejados contra eles. Os talentos de Alice e Oliver combinados os mantiveram vivos apenas tempo suficiente para irem de uma vila a outra, mas, quanto mais eles ficavam em Furthermore, mais rápido sua sorte acabava e teriam de ser mais espertos do que nunca se quisessem ter alguma esperança de sobreviver ao resto da jornada. Agora os dois eram fugitivos.

E os tibins haviam sido gastos.

Enquanto andava pelo caos organizado da casa de Isal, Alice foi trazida de volta ao presente. A casinha era mais do que uma caixinha de armazenamento glorificada. Cada centímetro da parede era coberto com pinturas a óleo emolduradas – "todas as minhas coisas foram guardadas e empurradas do galho pela querida Ancilly", ela contou –, ao passo que boa parte da área interna havia sido reservada para seus materiais de costura. Alfinetes e agulhas e carretéis de linhas e infinitos rolos de tecidos lindíssimos se empilhavam até o teto. Manequins, caixas de joias e cestos de plumas organizavam-se perfeitamente em fileiras. A casa era pequena, mas colorida e asseada e, assim que eles entraram, Isal tirou seu manto.

Isal conseguia ser linda de um jeito muito peculiar. Usava peças de seda azul-clara que envolviam seu corpo e a faziam parecer um daqueles sonhos dos quais a gente só se lembra vagamente: confuso nas margens e impossível de ser compreendido. Foi a primeira vez que Alice pensou que uma pessoa tão pálida podia ser linda e isso lhe deu uma baita esperança. Isal não se parecia com Alice, de forma alguma, pois a mulher tinha tons profundos de dourado, mesmo em sua palidez. Mesmo assim, a costureira tinha uma aparência muito diferente de todos em Ferenwood.

– Então, vocês estão em busca de um pintor?

– Sim – Oliver respondeu ressabiado. – Como você descobriu?

Isal estreitou os olhos para Oliver como se ele pudesse estar louco.

– Sua amiga está sem um braço.

– Claro – ele apressou-se em dizer. – Claro, sim, claro.

– E vocês têm certeza de que é essa informação que estão procurando? Não há nenhuma pergunta mais importante que gostariam de fazer?

O coração de Alice acelerou. Ela olhou freneticamente para Oliver. Seria essa sua única chance de pedir ajuda? Se sim, não deveriam usá-la para perguntar sobre Pai?

– Oliver – Alice falou. – Você não acha que…

– Essa decisão não é sua – Isal falou bruscamente. E lançou para Alice um

olhar que não era exatamente grosseiro, mas um pouco frio. – Não é seu tibim para você se intrometer.

– Mas…

– Estou seguro disso – Oliver garantiu. – Precisamos consertar o braço dela.

– Oliver, por favor…

– Podemos fazer as duas coisas – ele afirmou, segurando a única mão de Alice. – Eu garanto, Alice. Encontraremos um jeito, mesmo se tivermos de recomeçar. Mas, antes de fazermos qualquer coisa, você vai ter o seu braço de volta.

Alice engoliu em seco. Estava quase chorando.

– Está bem – Isal concordou. Em seguida, apontou para as paredes e continuou: – Sua solução é simples. Escolha qualquer um dos quadros. E entre nele.

Oliver ficou todo espantado.

– É só isso?

Isal assentiu.

Alice e Oliver olharam um para o outro, esboçando sorrisos, o alívio avançando por suas veias.

– Está bem – Oliver concordou, sorrindo de uma orelha a outra. E olhou para as pinturas. – Que tal… Ah, não sei… O que acha desta aqui? – ele perguntou a Alice.

Isal parou diante do garoto.

– Faça uma escolha inteligente. Se o pintor não os deixar entrar na casa dele, vocês vão continuar ali, dentro da pintura que escolherem.

– Como é que é?! – Oliver se espantou.

– Por quanto tempo? – Alice quis saber.

O terror repentino fez seus joelhos cederem.

– O que você quer dizer com isso? – ele exigiu saber. Em seguida, esbravejou, já com o pescoço enrubescendo: – Que absurdo é esse? Por que você não contou para nós, antes de responder, que havia uma pegadinha. Você disse que a solução era *simples*.

– Não é trabalho meu protegê-lo das consequências das suas próprias perguntas – Isal retrucou sem qualquer tom de gentileza. – Você queria saber como encontrar um pintor. Eu expliquei como achá-lo. Minha obrigação está cumprida.

– Mas…

De repente, o chão rangeu e as paredes tremeram; lá fora, um temporal de folhas amarelas atingia o vidro. No mesmo instante, Alice percebeu que aquilo era um sinal. Aquelas eram as folhas que Isal havia deixado para trás, e agora

elas vinham encontrá-la.

– Eles chegaram – a mulher anunciou em um tom leve, olhando para o nada enquanto falava. E, no tempo que Alice e Oliver precisaram para recuperar o fôlego, eles ouviram quatro batidas à porta: um para cada conjunto de dedos, o que significava que havia quatro pessoas esperando lá fora.

Alice sabia que essas pessoas não seriam cordiais por muito tempo.

Isal agarrou seu manto.

– Faça uma escolha inteligente – sussurrou. – Faça uma escolha inteligente e boa sorte.

Tomado por um pânico repentino, Oliver virou o rosto na direção de Alice, e ela percebeu que não havia tempo para pensar. Segurou a mão do amigo, analisou as pinturas em busca da imagem que mais a fizesse lembrar-se de casa e de amor e de Pai, e empurrou as mãos unidas na direção do quadro.

Foi realmente simples assim.

Os corpos de Oliver e Alice foram sugados por uma força que a garota desconhecia e logo os dois se viram puxados e empurrados por um lugar apertado que comprimiu seus pulmões até ela ter certeza de que eles explodiriam e, quando voltou a abrir os olhos, Alice percebeu que ela e Oliver estavam no que parecia ser a velha cela de uma prisão; tinha cheiro de mofo e poeira, e o teto era tão rebaixado que Oliver se viu forçado a permanecer com o corpo inclinado.

Os dois sequer tiveram a chance de entrar em pânico antes de um painel fino na parede se abrir, permitindo a passagem de um feixe de luz. Alice apertou os olhos para ajustá-los à luminosidade.

– O que vocês querem? – uma voz latiu para eles.

Parecia masculina, mas não dava para ter certeza.

– Eu vim para arrumar o meu braço – Alice respondeu tensamente. – Ouvi dizer que você é um pin…

– Qual braço é? – o desconhecido ralhou.

– Meu braço direito.

O homem grunhiu, mas não disse mais nada.

– Por favor – ela pediu. – Por favor, nos ajude a…

O painel se fechou violentamente.

Alice estava quase em prantos, tamanha sua preocupação.

Essa era sua última chance e ela não sabia o que fariam se o pintor não lhes permitisse passar para o outro lado. E, assim que ela começou a se indagar se o pintor os deixaria para morrer na cela, as paredes se abriram e ela e Oliver foram lançados sem qualquer cerimônia na direção de um lugar dominado pela neve.

Assim que limpou os flocos que caíram em seus olhos, Alice tentou analisar as redondezas; mas, por mais que piscasse, não conseguia focar para processar as cores. O problema era que ali simplesmente não existia cor nenhuma.

Era como uma cena tirada de um jornal e tornada real. Os dois estavam no

meio de uma paisagem assustadoramente plana e coberta de neve, sem uma árvore sequer até onde a vista alcançava, e cada tonalidade era uma variação de preto e branco. Comparada a esse mundo, Alice era praticamente um neon, e sua brancura de repente pareceu ter nuanças, ser um tipo específico de cor. Enquanto ela e Oliver pareciam reais e cheios de vida, tudo nesse mundo parecia monótono e insosso e, francamente, um pouco morto. Era como se todas as cores tivessem sido arrancadas, assassinadas, substituídas por um céu cinza, ventos cinza, frio cinza. À frente e atrás deles não havia absolutamente nada, exceto uma única estrutura solitária.

Metade de um globo feita inteiramente de vidro cinza.

Seu conteúdo era vago, mas atraía a atenção: os traços pretos que criavam a mobília posicionados contra o branco branquíssimo da neve criavam uma apresentação simples e impressionante da beleza dos contrastes.

Ainda mais romântico: estava nevando.

Confetes de gelo desprendiam-se do céu, empilhando-se em volta deles e congelando o topo do globo de vidro cinza. A construção mais parecia um ornamento perdido, caído e congelado na neve. Quanto mais Alice olhava para esse cenário em preto e branco, mais começava a apreciar as sutilezas da luz e sombra e, embora ela achasse esse lugar adorável, ele também lhe era inteiramente estranho. Nada disso estava na pintura que ela escolhera – o quadro tinha as belas cores do outono –, o que só podia significar que o acesso ao pintor não havia sido negado.

Não havia sido negado.

Nossa, que choque enorme! Alice pensou que iria gritar.

Então, fez justamente isso. Caiu de costas na neve e gritou de alegria e agarrou o braço de Oliver e falou:

– Isso aqui não é a pintura que eu escolhi… Não é! A que eu escolhi era um campo e era outono e havia folhas no chão e casinhas espalhadas e, ah, Oliver! Nós conseguimos! – exclamou.

Ele se sentou ao lado dela, parecendo solene, mas gentil, e a abraçou na altura do ombro.

– Sim – confirmou. – Eu me atreveria a dizer que sim.

Eles ficaram abraçados, ele e ela, por um bom tempo, apenas apoiando-se um no outro, felizes por estarem vivos, gratos por terem sobrevivido a mais um estágio de Furthermore. Essa coisa de quase morrer o tempo todo já os estava deixando exaustos. Alice prometeu a si mesma que, se eles conseguissem voltar vivos a Ferenwood, ela jamais reclamaria de falta de aventura. Ficaria perfeitamente satisfeita ao dar uma volta na praça da cidade e observar os barcos no jardim de Penélope. Tentou convencer-se de que aquilo seria suficiente para

ela, de que ficaria feliz com uma vida simples e segura em Ferenwood, mas, mesmo agora, nos momentos finais de uma crise, não conseguiu. Porque sabia que não era verdade. Alice queria ir para casa, sim, é verdade, e queria passar mais tempo com Pai e queria comer tulipas e sentar-se à margem do lago, mas, mesmo depois de todas as provações e tribulações de Furthermore – ou talvez justamente por causa delas –, achava que jamais conseguiria voltar a levar uma vida comum. Sabia que jamais recusaria uma aventura.

Soltou-se de Oliver e lançou um sorriso enorme para ele.

– Não fiquem aí com seus traseirões estacionados na neve! – alguém gritou para eles. – Minha nossa! Menina, você vai conhecer a morte aí.

Alice e Oliver viraram o rosto e se depararam com um homem ostentando uma carranca para eles. Parecia-se muito com um humano, mas a distância entre o mundo desse homem e o mundo dos dois amigos era infinita. Alice então percebeu que um homem em preto e branco tem uma aparência espantosamente cinza e parece estar muito mais distante. Era quase como se a criatura existisse em outra dimensão.

Alguma coisa no fundo da mente da menina a incomodava.

Uma conversa.

Algo que Tim havia lhe dito.

– Ei!!! Eu estou falando com vocês! – o homem gritou outra vez, fazendo Alice recobrar a atenção.

Ele apontava com uma bengala para os dois amigos. Alice notou que a criatura tinha uma barba preta desgrenhada e usava um gorro de lã que caía sobre os olhos. E entre os lábios havia um cachimbo apagado. E, enquanto o homem falava, o cachimbo balançava em sua boca.

– Sentada na neve com um vestido de seda… – resmungou a criatura. – Levantem-se, vocês dois. – E usou a bengala para cutucar Oliver. – Entrem.

Alice e Oliver ficaram em pé e olharam para o homem.

– Você é…? – ela começou a dizer.

– É claro que sou. Você por acaso está vendo mais alguém aqui? Agora, apressem-se. Coloquei uma chaleira no fogo e a essa altura ela já deve estar apitando.

Eles seguiram a ordem e acompanharam o rabugento na direção da casa em formato de meio-globo. Depois de alguns passos, os tornozelos do homem começaram a desaparecer. E foi só quando se aproximou que Alice percebeu que ele estava descendo um lance de escadas.

Os dois rapidamente seguiram o desconhecido.

O homem, depois ela, depois Oliver chegaram ao patamar só para subirem outra escada. E, quando chegaram à porta, ela se abriu como um alçapão sobre

suas cabeças.

Alice limpou a neve dos pés depois que subiram e, enquanto entravam na casa de vidro, fez seu melhor para não sujar, de terra ou de água, o chão.

De repente, os amigos estavam parados no meio de uma redoma transparente e olhando para o mundo de neve do conforto de um santuário quentinho e aconchegante.

Conforme prometido, a chaleira já começava a apitar. O homem movimentava-se com facilidade e agilidade para alguém que andava de bengala e, por um instante, Alice se perguntou por que ele carregava aquela bengala. E logo a garota notou que não havia uma cozinha propriamente dita, nem sala de estar, nem quarto, mas um espaço enorme onde tudo ficava junto. Aqui, não existiam segredos, nem portas fechadas, nem paredes, nem janelas.

A mobília era mínima e dispersa: linhas retas e formas simples, almofadas pretas, travesseiros cinzas e um cobertor esfarrapado perfeitamente dobrado sobre a cama. Tonalidades de cinza pontilhavam a visão de Alice; essa casa era um lugar onde cores não existiam e estampas não entravam. Era simples, bem arrumada. O tapete debaixo dos pés dela era macio e cinza e fofo e não tinha uma manchinha sequer.

Alice e Oliver não sabiam o que fazer ali.

Era uma casa estranha para um pintor, ainda mais estranha por não haver nenhum sinal de pintura em lugar algum. Alice raspou a garganta, balançou o corpo para a frente e para trás e esperou o senhor retornar.

Ele veio com passos rápidos e pesados, agora andando com a ajuda da bengala, trazendo duas xícaras de um chá quente que a cada passo respingava sobre os pires. Colocou-as sobre a pequena mesa, em volta da qual um grande sofá e algumas cadeiras se reuniam. Nada de chantilly, nem açúcar, nem por favor, nem obrigado.

– Bem, sentem-se, então – o homem claramente irritado convidou, deslizando o olhar de onde estava Alice para onde estava Oliver.

Tirou o gorro de lã da cabeça, revelando um enorme tufo de cabelos pretos que permaneceram em pé por um instante, antes de caírem sobre o rosto, e então Alice e Oliver tomaram seus assentos. O homem também se sentou.

Ele parecia muito mais novo do que Alice havia inicialmente imaginado. Aliás, ela teve certeza de que o homem simplesmente não era velho. Era só ranzinza mesmo. Tentou observar melhor aquele rosto, mas o homem afundou o queixo no peito e seus olhos agora estavam parcialmente escondidos pelos cabelos. Confusa, a menina recostou-se na cadeira.

Agora ela se lembrava da conversa com Tim. Então olhou em volta, catalogando cuidadosamente todo o cinza. Não havia um ponto sequer de cor em

nenhum lugar, e Alice ficava mais convencida a cada instante.

Essa devia ser a vila da prisão.

Mas como poderia ser? Será que o pintor também era um interno? Ela não sabia ao certo. Não conhecia Furthermore bem o suficiente para saber se isso era possível.

Alice olhou para Oliver e quase disse a ele o que estava pensando (e estava pensando que, se essa fosse a vila da prisão, talvez aquele homem pudesse lhe contar como encontrar Pai), mas tinha medo de ter esperança, então guardou suas teorias para si.

Oliver raspou a garganta.

O pintor cruzou as pernas e recostou-se à cadeira (e Alice então percebeu que ele usava pesadas meias de lã) e olhou os garotos de um jeito que Alice não sabia o que aquela criatura queria. Ela se sentia exposta demais, vulnerável demais, olhos brilhando demais, então virou o rosto.

– Então você veio para tratar o braço, é? – ele perguntou.

Alice assentiu.

– E como foi que deu conta de perder o braço? – o homem quis saber.

Alice piscou para ele, depois ficou outra vez cabisbaixa, agora franzindo a testa.

– Eu, é… Bem, eu cometi um erro – falou, enterrando a ponta do sapato no tapete.

– Que tipo de erro?

– Eu segui uma raposa de papel – Alice revelou baixinho. – Meu braço direito virou papel. – E hesitou. – Daí a raposa arrancou o meu braço.

Alice não sabia por que estava falando com tanta calma e, mais importante de tudo, não sabia por que o pintor a estava deixando tão nervosa, mas sua mão suava e seu coração batia acelerado e suas emoções tentavam lhe dizer alguma coisa que ela ainda não conseguia ouvir.

O pintor deu uma risada bem alta, mas não estava achando graça de nada.

– Você seguiu uma raposa de papel e ela acabou arrancando o seu braço. – Ele suspirou. – Pois é, me parece plausível.

A voz do homem saía rouca por falta de uso, mas havia alguma coisa nele que fazia Alice sentir-se quase febril. Alguma coisa, alguma coisa naquela rouquidão, que a lembrava algo, alguma pessoa que ela não conseguia apontar.

– Qual é o seu nome? – ele quis saber, inclinando a cabeça.

E, só por um instante, os cabelos do homem se afastaram de seus olhos.

Alice pensou que fosse ter um colapso.

– Oliver! – ela gritou. – Oliver…

– Seu nome é Oliver? Que nome mais esquisito para uma menina.

– O *meu* nome é que é Oliver – esclareceu Oliver, todo agitado e olhando ansioso para Alice, a quem perguntou: – O que foi? Qual é o problema?

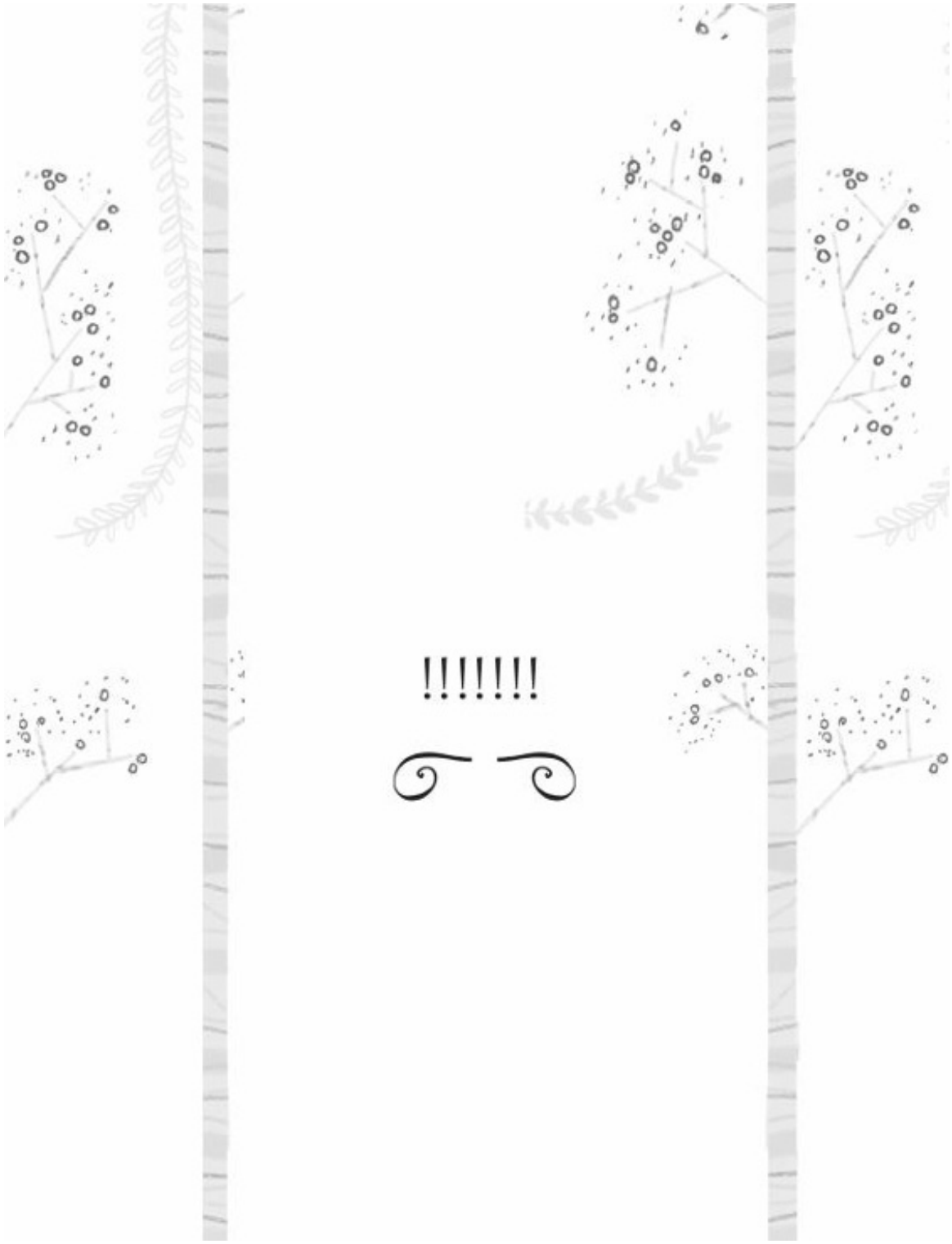
Mas Alice não conseguia formular as palavras. Ela pensava em sílabas, mas sentia que sua garganta estava prestes a fechar.

– Alice? – Oliver chamou em pânico. – Alice, o que você está…?

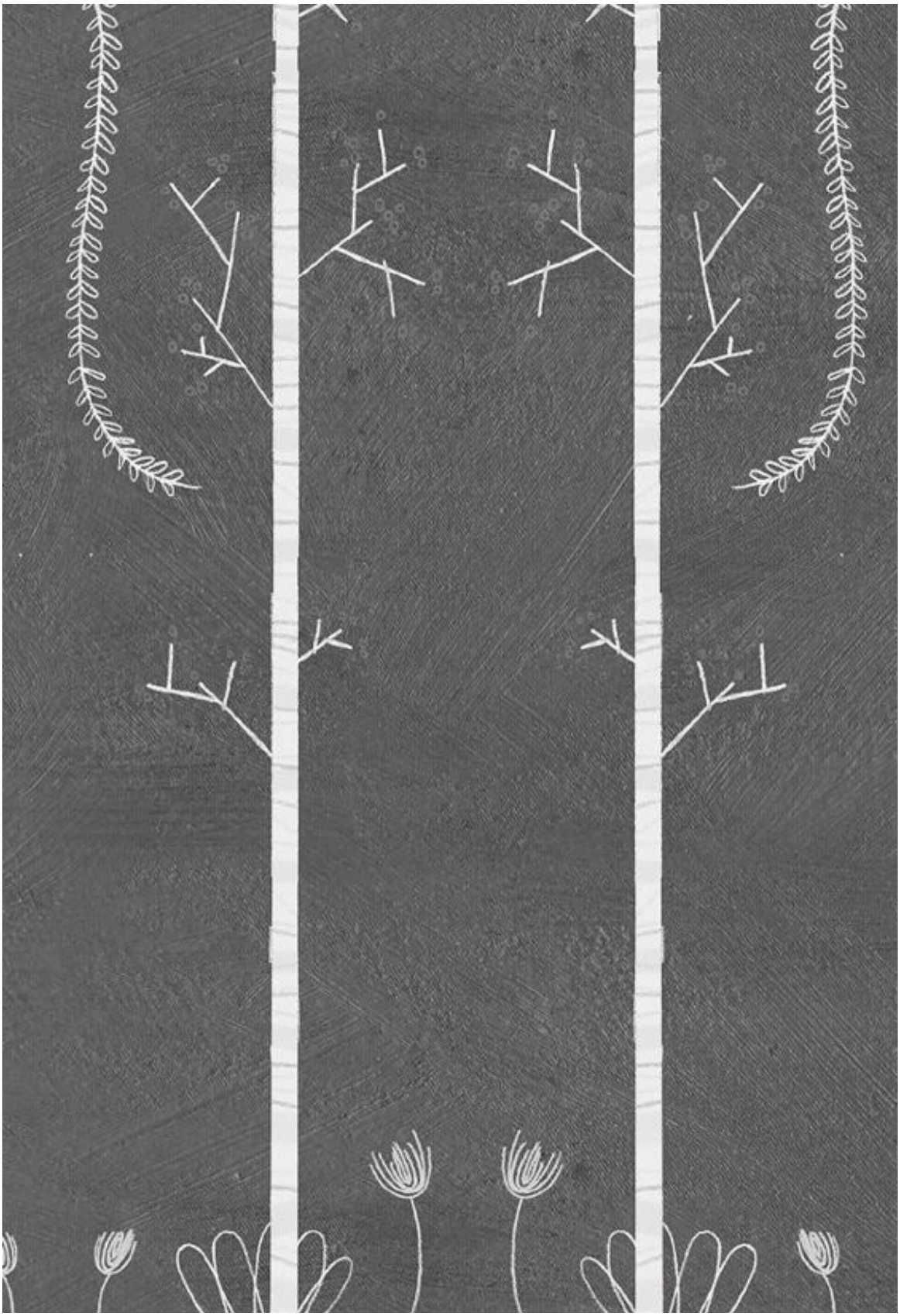
– O nome dela é Alice? – falou o pintor, que já estava em pé.

– *Pai* – ela arfou. – *Pai!*

E aí desmaiou.







Nâo sei precisar quanto tempo transcorreu entre o momento em que ela caiu e o momento em que acordou – Oliver diz que foram pelo menos muitos minutos –, mas, quando Alice finalmente abriu os olhos, eles estavam cheios de lágrimas até a borda.

Alice Alexis Queensmeadow tinha, enfim, encontrado Pai.

Acidentalmente, casualmente (fortuitamente), Alice tinha encontrado Pai e sentia-se instavelmente feliz.

O reencontro foi longo e alegre; lágrimas rolaram, risadas se espalharam, histórias foram contadas por todos. As histórias de Alice e Oliver você já conhece, então não vou perder tempo contando-as outra vez, mas a história de Pai era nova (e certamente nova também para você), então farei o meu melhor para tentar lembrar o que exatamente foi dito. Porém, antes de começar, eu gostaria de tratar de um detalhe que deve estar incomodando.

Estranho, você deve estar pensando, Pai não ter reconhecido Alice.

É muito inteligente da sua parte questionar isso. E, quando Alice me contou como tudo aconteceu, também achei muito suspeito. Mas devemos lembrar que Pai havia ficado trancafiado pelo equivalente a três anos de Ferenwood no coração de uma terra impossível. Pai jamais sonhou – jamais se atreveu a pensar ser possível – que sua filhinha, em primeiro lugar, pudesse conhecer um único detalhe de Furthermore; e, em segundo lugar, pudesse sobreviver tempo suficiente para encontrá-lo quando ele próprio, um homem adulto, mal conseguira sobreviver. Pai jamais sonhou que Alice pudesse aparecer ali. Aliás, quando viu Alice e Oliver pedindo permissão para entrar em sua vila, ele só concordou porque a menina que viu – os cabelos brancos, a pele branca – lembrava muito sua filha.

Alice também não tinha ideia do quanto havia mudado desde a última vez que o vira. A garota agora sentada diante de Pai havia se transformado muito se comparada àquela menininha de 9 anos de que Pai se lembrava. Essa nova Alice era confiante e forte, articulada e cheia de paixão, tinha se tornado o tipo de pessoa que enfrentava dificuldades e sobrevivia com elegância. Pai mal a reconhecia. Apesar de tudo, ele precisou de muito pouco estímulo para se lembrar dela.

Agora, voltemos ao reencontro.

Como você deve imaginar, Alice e Oliver tinham mil perguntas para fazer a Pai. O que aconteceu depois que ele chegou a Furthermore? Por que tinha vindo? Por que não contou a ninguém? O que aconteceu para ele ficar preso? Era mesmo um espião? E assim por diante. No entanto, como essa conversa foi exaustiva, cheia de idas e vindas e pontuada por ondas de lágrimas e abraços silenciosos, vou, por questão de economia, fazer um esforço para resumir tudo o que foi dito em breves parágrafos.

Pai havia de fato sido preso por perder tempo, e de fato a punição foi a escravidão. Foi sentenciado à prisão na vila de Nanquim, na qual ficou isolado desde então. O ambiente era, de certa forma, confortável – Pai tinha sua própria casa e não usava algemas –, mas o que era a vida sem cores? Sem amigos, sem família (nem sequer um colega de cela!), sem nada para ler. Pai vivia desesperadamente deprimido e solitário. Tinha se tornado bruto e irritado e sua amargura o fazia rejeitar todo trabalho para o qual era chamado. Ser pintor, entenda, era a escravidão dele. Como castigo, Pai era forçado a trabalhar à força para Furthermore, pintando novos membros para aqueles que os perdiam. Pai ocasionalmente pintava uma perna no lugar do braço ou um dedo da mão no lugar do dedo do pé, só para manter as coisas interessantes, mas, ainda assim, o trabalho era sempre o mesmo, sempre entediante.

– Você se surpreenderia com o número de pessoas que perdem os membros em Furthermore – ele contou.

Mas a grande história de Pai começou muitas luas antes, em sua própria Entrega e com o desafio que lhe fora atribuído pelos Anciãos de Ferenwood. Pai, como você bem sabe, havia sido enviado para mapear as terras mágicas e, depois de ter vivido e sobrevivido em Furthermore por tanto tempo, achou que não teria problemas para sobreviver mais uma vez.

– O que eu não percebi era que meu cérebro funcionava de maneira diferente quando eu era jovem – explicou. – Fui bem-sucedido porque minha mente era ágil e minhas ideias sobre o mundo, flexíveis. Era mais fácil enfrentar os truques e as armadilhas de Furthermore. – Ele suspirou. – Mas, conforme fiquei mais velho, acabei me acomodando. Era mais difícil pensar de formas diferentes e passei a precisar de mais tempo para entender as coisas. Dessa vez, eu tinha muito mais a perder, e o medo me atrapalhou. Fiquei tenso demais, cauteloso demais. E foi aí então que comecei a cometer muitos erros. – Pai balançou a cabeça. – Eu nunca devia ter voltado a Furthermore. Jamais teria me atrevido se achasse que não valesse a pena.

Oliver, entenda, estivera certo sobre o motivo que fez Pai voltar a Furthermore. Pai não era nenhum espião de Ferenwood.

Seu esforço era todo por Alice. Sempre por Alice.

Essa, meu querido leitor, foi a conversa mais difícil para o grupo enfrentar, afinal, havia muitas emoções na jogada. Alice ficou desolada por ter sido o motivo que levara Pai a se colocar diante de tanto perigo. Em suma, ele jamais quis que a filha mudasse – ele só queria que ela fosse feliz. E a garota ficava de coração partido só de pensar em tudo o que ele havia arriscado por ela. Por sorte, as dores de Alice estavam se curando rapidamente.

E ela estava aprendendo a ser feliz.

Alice sabia que ser diferente sempre seria difícil; sabia que não existia magia capaz de abrir a mente fechada das pessoas ou acabar com as injustiças da vida. Mas também começava a entender que a vida nunca era vivida em termos absolutos. As pessoas a amariam e a desprezariam; elas mostrariam tanto gentileza quanto preconceito. A verdade era que Alice sempre seria diferente – mas ser diferente era ser extraordinário, e ser extraordinário era uma grandíssima de uma aventura. Como o mundo a via, isso já não tinha importância. O que importava era como Alice *se* via.

E Alice escolheria amar a si mesma, diferente e extraordinária como era, todos os dias da semana.

Querido leitor, realmente espero que você goste de um final feliz.

Estamos chegando ao fim da nossa história – aquela parte na qual Pai e Alice e Oliver finalmente voltam para casa. E eu tenho sentimentos conflitantes com relação a esse momento.

Pai, como você deve imaginar, arrumou o braço de Alice em um piscar de olhos, e ela voltou a ser uma menina com todos os membros. Alice, por sua vez, muito habilmente transformou, com sua magia, a vila de Nanquim em uma terra totalmente ensopada de cores, e Pai ficou ainda mais lindo do que antes. Oliver, legal como era, abriu sua caixinha mágica e os três entraram nela, um depois do outro, e logo o grupo estava a caminho de onde tudo começou, em sua terra de Ferenwood.

Muito tempo se passou enquanto eles seguiam a jornada por Furthermore, mas Alice não sabia precisar quanto. Só sabia que era inverno em Ferenwood, o que significava que eles não haviam passado um ano inteiro fora. A neve caiu pela terra na ausência dele, estampando as muitas colinas e vales com uma linda camada cândida. Milhares de árvores tentavam tremer os galhos para se livrar do gelo e, quando apertou os olhos, Alice conseguiu avistá-las à espreita. Chaminés soltavam a fumaça que saía das casas quentinhas e iluminadas, e a cidade estava silenciosa, e os três estavam silenciosos, e Alice expirou com os olhos fechados. Nunca se sentira tão grata por essa cidade ou essa vida e nunca mais deixaria de valorizá-las. Sentia-se feliz por estar em casa e por ter uma casa. E mal podia esperar para ver a reação de Mãe. Mãe, que não sabia que Pai estava de volta.

Alice e Oliver se abraçaram e se despediram e Oliver prometeu voltar no dia seguinte para ajudá-la a construir um iglu e fazer planos para a primavera. Agora que tinha cumprido o desafio apresentado em sua Entrega, ele passaria para uma nova fase nos estudos, mas Alice não tinha ideia do que faria no futuro. Pai ficou surpreso quando ela disse isso.

– Mas, Alice… – ele falou. – Você não disse que recebeu um cartão preto? Por ter fracassado na Entrega?

– Sim – Alice respondeu. E baixou a cabeça. – Eu recebi, sim.

Pai ergueu o queixo de Alice e a olhou nos olhos.

– Isso não é motivo de vergonha. O cartão preto só quer dizer que você tem outra chance no ano que vem. Você não o abriu?

– O quê?! – ela exclamou, quase nem se atrevendo a respirar. – Eu posso tentar outra vez? Eu posso refazer a minha Entrega?

– É claro que pode! – reafirmou Pai, sorrindo. – O que você pensou que aconteceria? Achou que os Anciãos a expulsariam de Ferenwood?

– Bem, sim – ela admitiu. – Pensei que pudessem fazer isso.

– Eu avisei, não avisei? – Oliver falou com um sorriso enorme. – Falei para você abrir antes. Falei que era para abrir o cartão, mas você não me ouviu.

Alice ficou toda corada.

– Está bem. Você estava certo – ela admitiu.

– Fico contente por ter estado certo – Oliver respondeu, sorrindo de uma orelha a outra.

E aí enfim era hora de Oliver ir para casa. Ele abraçou Alice uma vez mais, depois também deu um abraço em Pai e correu da melhor forma que conseguia pela neve.

– Vejo você amanhã! – gritou por sobre o ombro.

– Mal posso esperar! – Alice gritou em resposta.

E aí ela segurou a mão de Pai e resolveu que nunca, nunca mais o perderia.

Alice e Pai ficaram juntos em silêncio do lado de fora da casa, cada um absorto em seus próprios pensamentos. A casa continuava exatamente como Alice a deixara (à exceção da neve, que agora congelava o telhado e formava um manto cobrindo o chão). A chaminé soltava uma leve fumaça contra o pano de fundo formado pela luz do anoitecer e as janelas eram iluminadas pela luz que havia lá dentro. Era uma imagem calorosa e acolhedora.

Mas, de repente, Alice se pegou nervosa.

Ela sabia como Mãe reagiria ao ver Pai outra vez, mas não sabia como Mãe reagiria ao vê-la outra vez – e esse novo desconhecido lhe dava medo. Afinal, Alice havia saído sem se despedir e não podia esperar que Mãe a perdoasse. E as ferenjas? E a limpeza e os reparos da casa? E a vergonha que ela tinha causado à família quando fracassou na Entrega? Mãe certamente estaria soltando fogo pelas ventas. Alice podia garantir que, quando a porta se abrisse, ela encontraria raiva e punição e uma decepção esmagadora, e essa sensação a fez desejar nunca ter voltado.

Por um instante, indagou em silêncio se não deveria sair correndo direto para a casa de Oliver e se esconder até Pai conseguir acalmar as coisas. Mas ela achava que Pai não permitiria isso. De todo modo, Alice não podia mais perder tempo. Pai estava ansioso por entrar, e ela não podia negar a ele um pedido tão singelo. Não depois de tudo o que ele havia enfrentado.

Pai apertou sua mão, lançou um olhar cheio de encorajamento e falou:

– Está pronta, querida? Vamos entrar juntos?

Mas Alice negou com a cabeça. Ela sabia que tinha de enfrentar Mãe sozinha. (Mesmo assim, se Mãe gritasse e esbravejasse horrores, Alice talvez chamasse Pai para salvá-la.)

Então, ela contou seu plano a Pai. Bem, parte do plano.

– Assim vai ser uma surpresa para ela – explicou. – Mãe vai chorar tanto quando vir você!

Pai deu risada e concordou:

– Tudo bem. Se você prefere assim.

Alice assentiu, Pai se escondeu e os dois trocaram uma piscadela antes de ela ir até a porta. Aí, depois de hesitar por apenas um instante, bateu duas vezes. Uma por ela, uma por Pai. (Afinal de contas, essa era a tradição de Furthermore.)

Um instante depois, a porta se abriu.

Mãe continuava igualzinha à da memória de Alice – linda e elegante e desesperadamente triste. Seus cachos verdes haviam se libertado do rabo de cavalo, fazendo seus olhos dourados parecerem maiores e mais solitários. Alice sentiu um peso enorme no coração quando olhou Mãe nos olhos. As duas ficaram paralisadas. Bem, Alice ficou paralisada. Mãe parecia estar congelada.

– Alice? – ela sussurrou.

– Oi, Mãe.

A garota tentou sorrir, mas logo baixou a cabeça e se arrastou para dentro, para que Mãe não pensasse que ela estava sendo deliberadamente insolente. Alice engoliu em seco e se preparou para o iminente ataque de raiva, decidida a ser mais uma vez corajosa por Pai.

Mas aí, queridos amigos, a coisa mais inesperada do mundo aconteceu.

Mãe caiu de joelhos.

Lançou os braços em volta da filha e a puxou bem apertado junto ao peito e chorou, e chorou alto. A dor de Mãe parecia real e febril contra o corpinho de Alice, e a menina quase conseguia *ouvir* Mãe se livrar das amarras: as lágrimas abrindo as costelas para deixar a dor passar.

– Desculpe – Mãe disse aos prantos. – Eu sinto muito, mesmo. Por favor, nunca mais fuja. Por favor, me perdoe.

– Mas, Mãe… – Alice tentou dizer.

– Eu culpei você – Mãe tentou se explicar. – Eu sabia por que Pai foi embora e culpei você e eu sinto muito. Eu realmente sinto muito.

– Você sabia? – disse a menina impressionada. – Você conhecia o motivo pelo qual Pai foi embora?

Os olhos vermelhos e inchados de Mãe voltaram-se para Alice e ela confirmou com a cabeça.

– Ele foi atrás de cores para você. Pensou que… pensou que as cores a fariam feliz. Daí, quando nunca mais voltou, eu passei a culpar você. – Mãe balançou a cabeça. – Eu tratei você tão mal. Por favor, me desculpe, Alice. Não posso suportar perder vocês dois.

– Mas você não perdeu a gente, Mãe – Alice falou com delicadeza. – Nunca perdeu.

A garota deu um passo para trás e deixou Pai entrar, e aí ficou zonza, a cabeça pesada e tomada pelas verdades que havia recentemente descoberto. Para Alice, que só queria ser amada e cuidada, a confissão de Mãe era uma revelação. E uma curiosa lição de vida. Ela e Mãe amavam muito Pai, mas, embora esse amor tivesse levado Alice adiante na vida, ele havia dilacerado Mãe, e esse era um poder que Alice não sabia que seu coração guardava.

Amor, no fim das contas, podia tanto ferir quanto curar.

Estranho.

– Eu disse para você que ela a amava – anunciou uma voz familiar.

Alice ficou tão espantada que quase deu um salto de um metro no ar.

– Minha nossa, Oliver Newbanks! – ela praticamente berrou. – Como se atreve a ficar me espiando?!

(Mas, em segredo, Alice estava feliz por vê-lo.)

– Eu só queria ter certeza de que estava tudo bem – ele afirmou, sorrindo. – Eu sabia que esse seria um momento complicado para você.

O sol começava a se pôr, fazendo o céu parecer pronto para engoli-lo. E fazendo Oliver parecer que brilhava.

– Estou bem, sim – Alice confirmou.

Mas, fora isso, permaneceu quieta, pensativa.

– O que foi? – Oliver perguntou, estudando-a. – Em que está pensando?

– Vou refazer a minha Entrega, sabia? – Ela suspirou. – Na primavera. E finalmente receber o meu próprio desafio.

– É claro que vai. E vai se sair esplendidamente bem – ele confirmou, sorrindo.

Alice examinava os dedos quando disse:

– Bem, pode ser que eu tenha que passar muito tempo longe.

O sorriso de Oliver se desfez. Ele raspou a garganta e falou:

– Certo. Claro.

– Aí… – Alice começou, olhando para o vazio. – Eu estava me perguntando se você poderia ir comigo.

Surpreso, Oliver piscou os olhos. Alice apressou-se em tentar corrigir:

– Quero dizer, você não tem obrigação nenhuma. Em primeiro lugar, é ilegal e, em segundo, sei que você vai estar ocupado com outras coi…

– Eu não perderia isso por nada nesse mundo! – ele exclamou. – Por nadica de nada nesse mundo!

E Oliver sorriu e Alice sorriu em resposta e ela olhou para o céu e se perguntou, enquanto fechava os olhos, como era possível que toda a felicidade que ela sentia coubesse dentro desse mundinho tão pequeno e tão bagunçado. Pai estava em casa e Mãe voltou a ficar boazinha e Alice e Oliver seriam amigos por muito tempo. E, como dizem por aí, isso é tudo.

Ou, pelo menos, isso é tudo que vou dizer sobre esse assunto.

Até a próxima, querido leitor.


Fim

Tahereh Mafi é autora best-seller do *The New York Times* e do *USA Today* com sua série *Estilhaça-me*. Ela nasceu em uma cidade pequena perdida em Connecticut e atualmente vive com seu marido, Ransom Riggs – que também é escritor –, em Santa Mônica, na Califórnia, onde ela acha que o clima é perfeito demais para o seu gosto.

Tahereh costuma ser encontrada com excesso de cafeína no corpo e grudada a um livro. Quando não consegue achar um livro, ela lê embalagens de doces, cupons de desconto e velhos recibos de compras.

Você pode encontrá-la on-line como @TaherehMafi ou em seu site: www.taherehbooks.com



Prêmios e indicações de *Além da Magia* :

- Best-seller do *The New York Times*.
- Selecionado como um dos melhores presentes de Natal pelo *Los Angeles Times* e pela *Publishers Weekly*.
- Melhor livro de 2016 pela Kirkus Reviews.
- Melhor livro de 2016 pela Shelf Awareness.
- Melhor livro de 2016 pela Chicago Public Library.
- Melhor livro infantojuvenil de 2016 pela Amazon.
- Destaque em *Late Night with Seth Meyers*, NPR, TIME e *Entertainment Weekly*.

